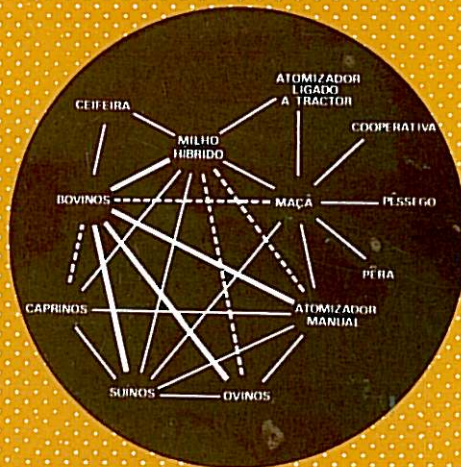


# estrutura agrária e inovação



na

# COVA DA BEIRA



COMISSÃO DE COORDENAÇÃO DA REGIÃO CENTRO  
Rua Bernardim Ribeiro, 80  
3000 COIMBRA

**COMISSÃO DE COORDENAÇÃO  
DA REGIÃO CENTRO**

**ESTRUTURA AGRÁRIA E INOVAÇÃO  
NA COVA DA BEIRA**

Responsáveis pelo Estudo:

- *Ana Pires*
- *Isabel Boura*
- *Jorge Gaspar (Direcção)*
- *Peter Gould (Orientação Metodológica)*
- *Rui Jacinto*

Colaboração:

- Tratamento Informático — *Rosa Reis*
- Realização de Inquéritos — *Anabela Ramos*
  - *António Veloso*
  - *Fernando Pratas*
  - *Graça Xavier*

COIMBRA

JULHO 1983

Desenhos de:

- *Victor Torres* (Cap. 1, 2, 3, 4 e 5)
- *Alberto Matos* (Cap. 5 e 6)

Fotocomposição e Dactilografia de:

- *Carlos Abrantes*

Secção de Offset:

- Fotografia: *Adelino Bandeira*
- Paginação e Montagem: *Adelino Bandeira*
- Impressão: *Joaquim Felício*

Capa de:

- *Victor Torres*

## **0. NOTA DE APRESENTAÇÃO**



A área da Cova da Beira é uma das mais sensíveis do nosso país, não só pela delicadeza de alguns problemas que lhe estão próximos como pelas potencialidades que proporciona, tanto no campo agrícola como no campo industrial.

Num país onde se torna urgente o aproveitamento eficiente das áreas com verdadeira potencialidade agrícola, a Cova da Beira aparece com perspectivas pouco comuns. O projecto que está delineado pode oferecer cerca de 15 000 ha de regadio, onde é possível introduzir culturas que poderão alimentar indústrias vocacionadas para o seu aproveitamento.

Junto da Cova da Beira situa-se aliás a cidade da Covilhã, que durante muitos anos constituiu o principal centro industrial do interior do país. Mas a crise recente que aflige o sector têxtil, e que atinge particularmente aquela cidade, vem dar grande acuidade à necessidade de encontrar formas alternativas de desenvolvimento.

No processo de desenvolvimento da agricultura desta área, além de um conhecimento aprofundado do sector torna-se em especial premente o conhecimento do comportamento dos agricultores face ao projecto e muito particularmente da sua capacidade de inovação e iniciativa. Este é, ao fim e ao cabo, o factor decisivo em qualquer processo de desenvolvimento desta natureza, redundando em malogros os casos em que se pretendeu promover o desenvolvimento atendendo apenas a outros factores de promoção.

Com este estudo, para além do interesse científico que nos parece ter, pretendemos dar o nosso contributo no sentido de ser aproveitado o potencial empresarial da Cova da Beira.

Além de muitas outras colaborações, referenciadas na ficha introdutória, parece-nos dever realçar aqui as que foram dadas no campo da orientação metodológica pelos Profs. Peter Gould, da Universidade do Estado da Pennsylvania e Jorge Gaspar, da Universidade Clássica de Lisboa, e pelos Chefes de Divisão desta Comissão Drs. Rui Missa Jacinto e Isabel Boura.

O PRESIDENTE,

*Manuel Carlos Lopes Porto*

(Doutor Manuel Carlos Lopes Porto)





## **1. INTRODUÇÃO**



A Cova da Beira, designação tradicional de uma bacia tectónica que se desenvolve entre a principal montanha portuguesa (Serra da Estrela), a serra da Malcata e da Gardunha. Apresenta um fundo bastante plano, onde emergem uma série de relevos de pedimento com 200 a 300 metros de altura, encontrando-se localizada no centro interior do País, na proximidade da fronteira com a Espanha (fig. 1.1.). Para além da posição periférica relativamente às áreas mais desenvolvidas do País, as carências que apresenta em

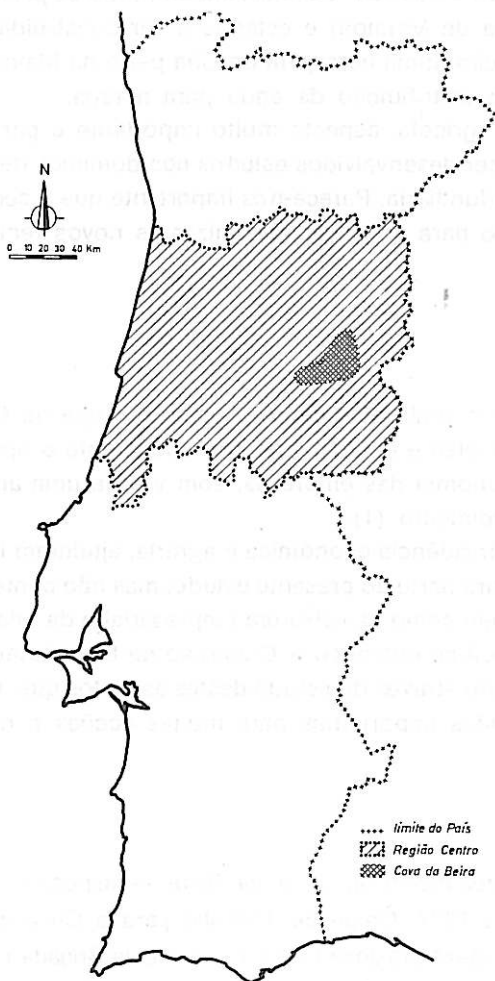


Fig. 1.1 - LOCALIZAÇÃO DA COVA DA BEIRA

certo tipo de infraestruturas e equipamentos, são alguns dos obstáculos ao seu desenvolvimento.

Uma das soluções preconizadas para alterar esta situação materializava-se no projecto de regadio que seria o principal dinamizador desta área. Foi assim que, no final dos anos 50, se começou a estudar o problema, efectuando-se o primeiro reconhecimento agrónomo que levou à demarcação de um território de 15400 ha considerados com aptidão para a irrigação (fig. 1.2.). A área a beneficiar pelo projecto reparte-se por 27 freguesias (fig. 1.3.) pertencentes aos concelhos de Belmonte, Fundão, Covilhã, Penamacor e Sabugal.

Este projecto reveste-se de duas componentes principais: uma hidráulica e outra agrícola. A primeira prevê a sua intervenção nas três principais linhas de água da região: o rio Zêzere, a Ribeira de Meimoa e o Rio Côa. Nestes rios serão implantadas as necessárias barragens de controle dos seus caudais, encontrando-se já concluída a da Capinha (num afluente da Ribeira de Meimoa) e estando a ser construída a do Meimão. Estão ainda previstos a construção duma barragem no Côa perto da Malcata, dos canais principais e de outros para a distribuição da água para a trega.

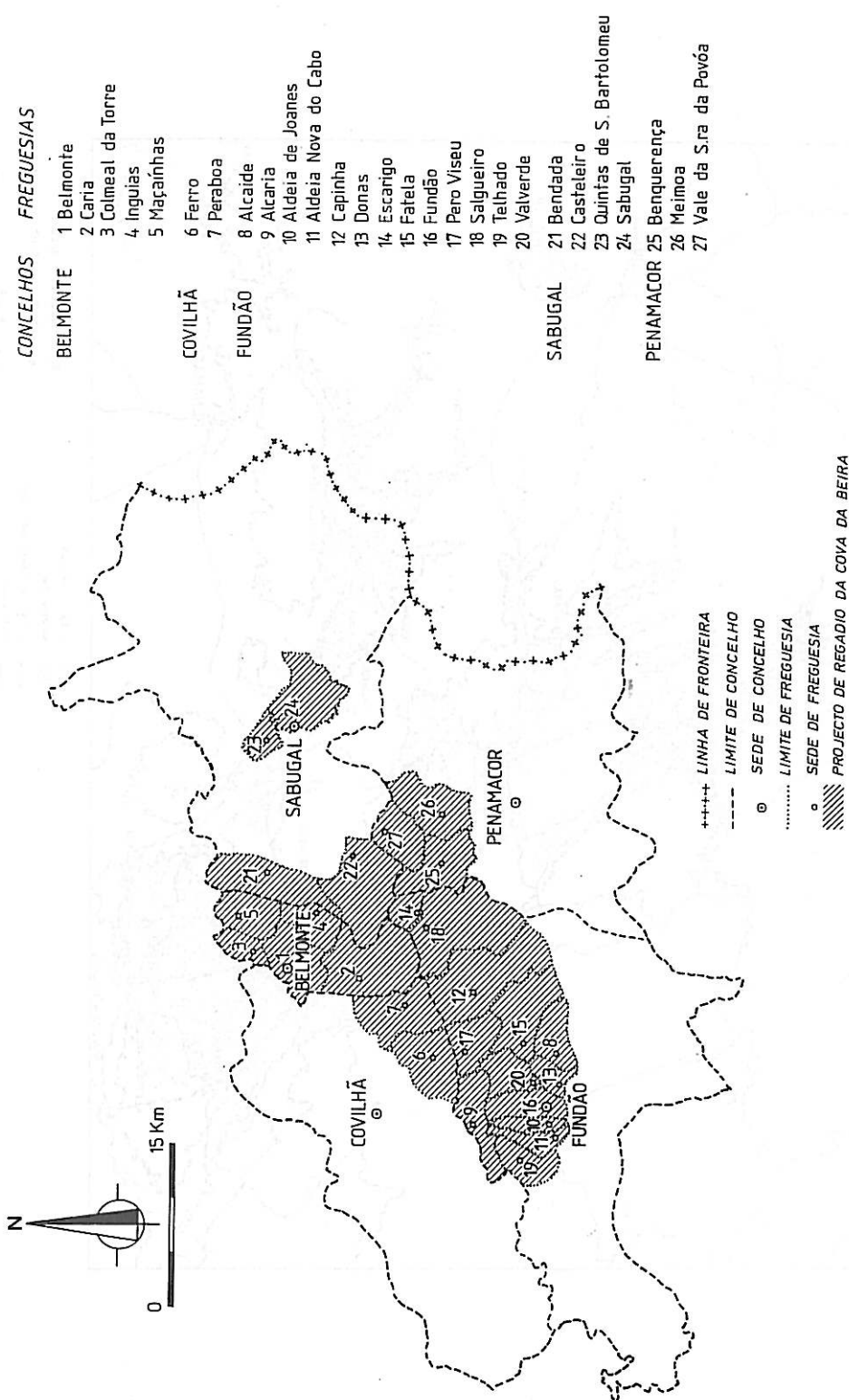
Do ponto de vista agrícola, aspecto muito importante e particularmente sensível, estão neste momento a ser desenvolvidos estudos nos domínios de experimentação agrícola e da reestruturação fundiária. Parece-nos importante que o sector agropecuário seja profundamente estudado para se poder maximizar os novos recursos que passarão a estar disponíveis.

Os estudos até agora realizados sobre o plano de rega da Cova da Beira, privilegiaram os aspectos agrícolas e económicos, nomeadamente o tipo de agricultura praticada, a produção, a economia das empresas, com vista a uma análise da rentabilidade económica do empreendimento (1).

Estes trabalhos, de incidência económica e agrária, ajudaram bastante a análise que desenvolvemos na primeira parte do presente estudo, mas não contemplavam o estudo da difusão das inovações bem como da estrutura empresarial e da relação entre os inovadores. Neste assunto específico entendeu a Comissão de Coordenação da Região Centro poder dar o seu contributo através do estudo destes aspectos que, podendo parecer marginais, fornecem sugestões importantes para muitas acções a desenvolver.

---

(1) Aproveitamento Hidroagrícola da Cova da Beira — aspectos técnicos e económico-sociais, Outubro de 1977, Grupo de Trabalho para a Cova da Beira, MAP-MOP.  
Agradecemos ao Engenheiro José Lopes Courinha, da Brigada Hidroagrícola do Fundão, as informações que teve a amabilidade de nos prestar relativamente à situação actual da área abrangida pelo projecto de irrigação.



**CONCELHOS FREGUESIAS**

**BELMONTE**  
 1 Belmonte  
 2 Caria  
 3 Colmeal da Torre  
 4 Inguias  
 5 Maçainhas

**COVILHÃ**  
 6 Ferro  
 7 Peraboa

**FUNDÃO**  
 8 Alcaide  
 9 Alcaria  
 10 Aldeia de Joanes  
 11 Aldeia Nova do Cabo  
 12 Cepinha  
 13 Donas  
 14 Escarigo  
 15 Fatela  
 16 Fundão  
 17 Pero Viseu  
 18 Saigueiro  
 19 Telhado  
 20 Valverde

**SABUGAL**  
 21 Bendada  
 22 Castaleiro  
 23 Quintas de S. Bartolomeu  
 24 Sabugal

**PENAMACOR 25**  
 Benquerença  
 26 Meimoa  
 27 Vale da S.ra da Povóa

Fig. 1.2 - OS CONCELHOS E AS FREGUESIAS A BENEFICIAR PELO PROJECTO DE REGADIO



Efectuar um estudo segundo esta perspectiva implicava dispor de informação que não se encontrava disponível nas estatísticas oficiais, nem era possível obter junto dos serviços que intervêm mais directamente nas questões relacionadas com o regadio da Cova da Beira, pelo que houve a necessidade de efectuar inquéritos directos junto dos agricultores (2).

Estes inquéritos permitiram o conhecimento das explorações agrícolas por eles dirigidas da difusão de algumas inovações e dos fluxos de comunicação que se estabelecem entre os agricultores, objectivo principal do trabalho.

A amplitude do tema proposto implicava um tipo de inquérito bastante extenso, incompatível com os recursos disponíveis, havendo, por isso, necessidade de o limitar aos aspectos considerados principais. Por este motivo, as inovações estudadas apenas dizem respeito a algumas das culturas praticadas (pomares industriais e milho híbrido) e às máquinas que se utilizam nas explorações (atomizador, motocultivador, tractor, motor de rega, debulhador de cereais e máquina de ordenha) e cuja introdução se processou, como é sabido, em períodos relativamente recentes. A sua análise permitiu definir as áreas mais sensíveis e com maior capacidade de inovação e a sua articulação no interior do território estudado.

A definição da circulação da informação e a estrutura da comunicação estudaram-se a partir das respostas de cada agricultor inquirido, que citava os cinco chefes de exploração cujas opiniões, em seu entender, eram mais respeitadas em assunto agrícolas.

Para descrever a complexidade das relações estabelecidas recorreu-se à *Dinâmica de Poliedros*, pois a sua linguagem apresentava mais capacidade para as descrever.

---

(2) O modelo do inquérito efectuado encontra-se em anexo no final do trabalho.





## **2. A COVA DA BEIRA: CARACTERIZAÇÃO GERAL**



## 2.1. POPULAÇÃO E POVOAMENTO

### 2.1.1. EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO

Para um melhor enquadramento da área e de molde a pôr em evidência alguns aspectos mais específicos da Cova da Beira, estabeleceu-se a comparação dos elementos obtidos para as 27 freguesias da Cova da Beira com o conjunto dos 5 concelhos a que pertencem (Belmonte, Covilhã, Fundão, Penamacor e Sabugal), com os respectivos distritos (Castelo Branco e Guarda) e com o Continente (Quadros 2.1 e 2.2, fig. 2.1).

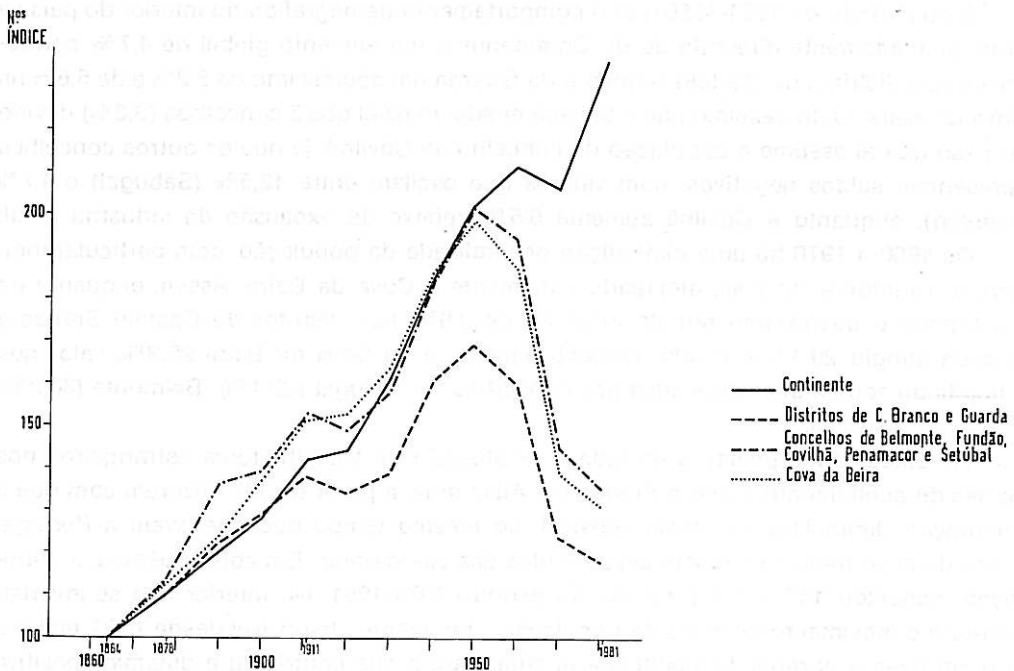


Fig. 2.1 - EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO ENTRE 1864 E 1981

No período que decorre entre 1864 e 1911, o movimento da população é sensivelmente igual, qualquer que seja o nível de análise, embora se note que tanto a Cova da Beira como o conjunto dos 5 concelhos evidenciam no decurso daquele período ritmos de crescimento ligeiramente superiores, tanto em relação aos distritos de Castelo Branco e Guarda, como ao Continente.

A década que se lhe seguiu constitui um período especialmente perturbado. A Primeira Grande Guerra (1914-1918) e, já no final do decénio, a epidemia de gripe pneumónica, bem como a emigração que por todo o país se fez sentir desde os meados do Séc. XIX tiveram significativas consequências na demografia do país. Assim, a população do Continente não aumentou senão 1,5%, valor ligeiramente superior ao registado para a Cova da Beira -1,3%. Já o conjunto dos 5 concelhos, bem como os 2 distritos, observaram no mesmo período (1911-1920) decréscimos sensíveis.

Nas décadas seguintes, as políticas restritivas dos países de imigração, acompanhadas por algumas medidas natalistas do Estado Novo, originaram intensos ritmos de crescimento demográfico, a qualquer dos níveis que assinalámos: Continente, distritos da Guarda e Castelo Branco, 5 concelhos e a própria Cova da Beira. Note-se, entretanto, que o ritmo dos 2 distritos é mais brando nas décadas de 20 e de 40, mantendo-se elevado apenas nos anos 30.

Esta breve análise mostra que a Cova da Beira evidencia até 1950 um dinamismo demográfico muito afim do do Continente e geralmente mais positivo que o dos distritos a que pertence, particularmente nos períodos de crise, reflexo da mais intensa exploração das suas potencialidades agrícolas.

É no período de 1950-1960 que o comportamento demográfico do interior do país se torna marcadamente diferente do do Continente: a um aumento global de 4,7%, corresponde nos distritos de Castelo Branco e da Guarda um decréscimo de 5,2% e de 5,6% na Cova da Beira. O decréscimo não é tão acentuado ao nível dos 5 concelhos (3,3%) devido ao peso que aí assume a população do concelho da Covilhã, já que os outros concelhos apresentam saldos negativos, com valores que oscilam entre 12,5% (Sabugal) e 4,7% (Fundão), enquanto a Covilhã aumenta 6,5%, reflexo da expansão da indústria têxtil.

De 1960 a 1970 há uma diminuição generalizada da população, com particular incidência no interior do país, afectando igualmente a Cova da Beira. Assim, enquanto no Continente o decréscimo populacional foi de 2,6%, nos distritos de Castelo Branco e Guarda atingiu 20,4% e 24,4%, respectivamente, e na Cova da Beira 25,3%, valor que ainda ficou aquém dos verificados nos concelhos do Sabugal (39,1%), Belmonte (30,2%) e Fundão (26,9%).

As dificuldades postas à entrada e legalização de trabalhadores estrangeiros nos países de acolhimento como a França e a Alemanha, a partir de 1973 fizeram com que a emigração diminuísse de forma sensível, ao mesmo tempo que chegavam a Portugal cerca de meio milhão de portugueses vindos das ex-colónias. Em consequência, a população aumentou 15% no Continente no período 1970-1981. No interior não se inverteu contudo o movimento de saída da população, claramente observável desde 1950, embora o ritmo tivesse abrandado significativamente, para o que contribuiu a dinâmica positiva dos principais centros urbanos e de um certo número de vilas sedes de concelho, de que Fundão e Belmonte, na Cova da Beira, são exemplos típicos.

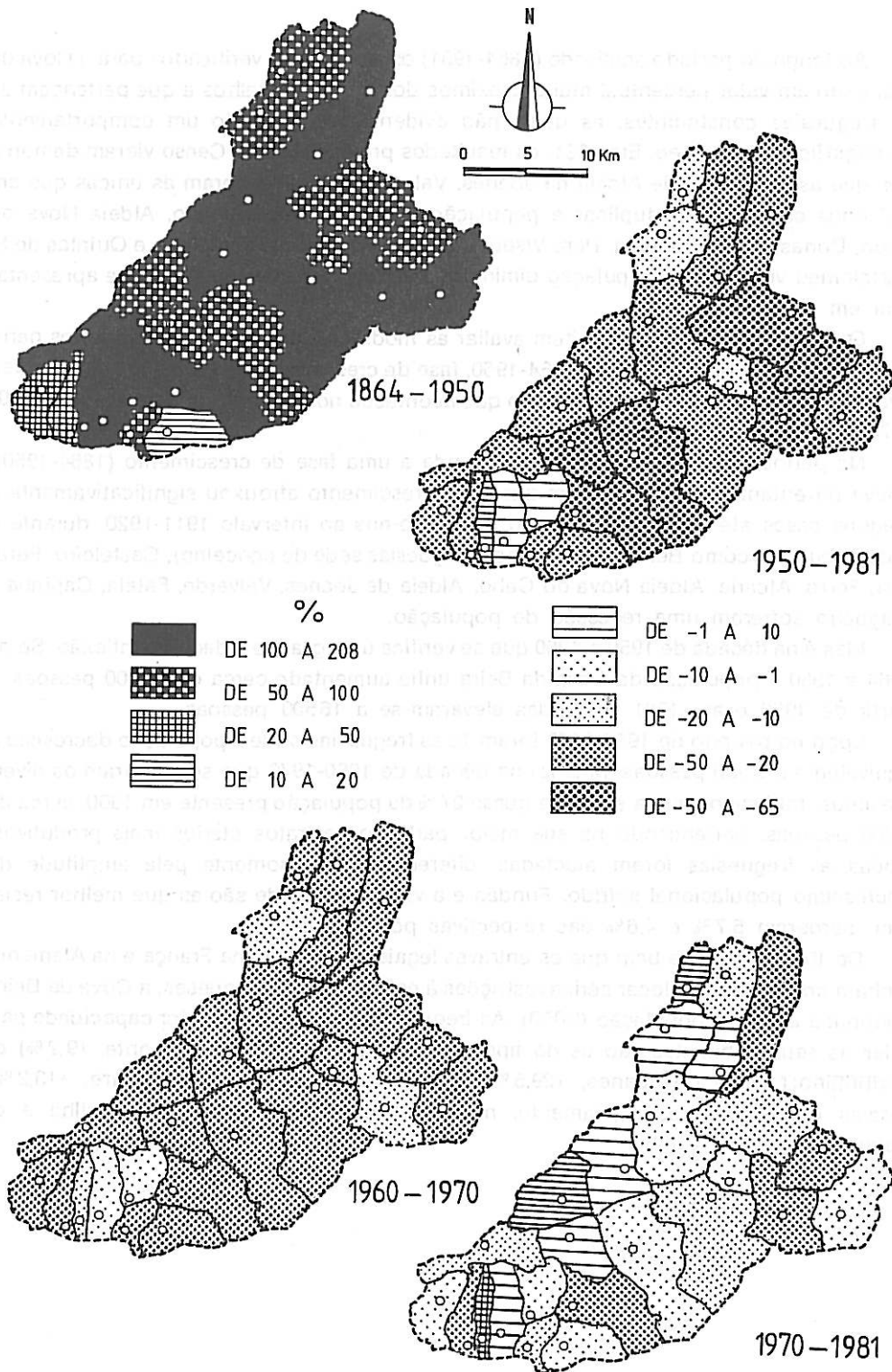


Fig. 2.2 - EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO NAS FREGUESIAS DA COVA DA BEIRA

Ao longo do período analisado (1864-1981) os acréscimos verificados para a Cova da Beira são em valor percentual muito próximos dos 5 concelhos a que pertencem as 27 freguesias constituintes, as quais não evidenciaram contudo um comportamento demográfico homogéneo. Em 1981, os resultados preliminares do Censo vieram demonstrar que as freguesias de Aldeia de Joanes, Valverde e Fundão foram as únicas que em 117 anos conseguiram duplicar a população, enquanto que Telhado, Aldeia Nova do Cabo, Donas, Alcaide, Fatela, Pero Viseu, Capinha, Maçainhas, Casteleiro e Quintas de S. Bartolomeu viram a sua população diminuída para valores inferiores aos que apresentavam em 1864.

Os mapas da fig. 2.2, permitem avaliar as modificações que se operaram nos períodos mais significativos, ou seja, 1864-1950, fase de crescimento, e 1950-1981, fase regressiva, com uma especial atenção para o que aconteceu nos últimos vinte anos 1960-1970 e 1970-1981 (cf. quadro 2.3).

No período que globalmente corresponde a uma fase de crescimento (1864-1950), houve no entanto uma década em que esse crescimento afrouxou significativamente e nalguns casos até se tornou negativo. Referimo-nos ao intervalo 1911-1920, durante o qual freguesias como Belmonte, Sabugal (freguesias sede de concelho), Casteleiro, Peraboa, Ferro, Alcaria, Aldeia Nova do Cabo, Aldeia de Joanes, Valverde, Fatela, Capinha e Salgueiro sofreram uma recessão de população.

Mas é na década de 1950 a 1960 que se verifica uma grande e decisiva inflexão. Se de 1864 a 1950 a população da Cova da Beira tinha aumentado cerca de 24 000 pessoas, a partir de 1950 e até 1981 as perdas elevaram-se a 16 500 pessoas.

Logo no período de 1950-1960 foram 18 as freguesias onde a população decresceu o equivalente a 3 500 pessoas. Mas foi na década de 1960-1970 que se atingiram os níveis máximos, traduzidos numa saída de quase 27 % da população presente em 1960, cerca de 1 200 pessoas, pertencendo na sua maior parte aos estratos etários mais produtivos. Todas as freguesias foram afectadas, diferenciando-se somente pela amplitude do decréscimo populacional sofrido. Fundão e a vizinha Valverde são as que melhor resistem: perderam 5,7% e 4,6% das respectivas populações.

De 1970 a 1981, se bem que os entraves legais à imigração na França e na Alemanha tenham começado a colocar sérias restrições à entrada dos portugueses, a Cova da Beira, continuou a perder população (2 000). As freguesias que denotam maior capacidade para reter os seus habitantes são as do tipo urbano (Fundão, +8,9%; Belmonte, +9,2%) ou periurbano: (Aldeia de Joanes, +29,5%; Ferro, +19,2% e Colmeal da Torre, +13,2%), aldeias que ficam, respectivamente, nas imediações do Fundão, da Covilhã e de Belmonte.

## 2.1.2. POVOAMENTO

Em 1970, último ano para o qual se dispõe de dados da população distribuída por lugares, dos 33875 habitantes da Cova da Beira, 23554 distribuíam-se por 32 lugares, enquanto 10321 residiam em lugares com menos de 250 habitantes ou mesmo isolados.

Da análise do quadro 2.4, construído a partir dos recenseamentos de 1911, 1940, 1960 e 1970 (aqueles onde é possível obter a população discriminada por lugares), verifica-se que em 59 anos o número de lugares com mais de 250 habitantes é, na Cova da Beira, praticamente o mesmo.

Comparando a situação desta área com a dos distritos de Guarda e Castelo Branco (quadro 2.5.) e mesmo da região Centro (3), verificam-se algumas diferenças. Assim, em 30 anos (1940-1970) o número de lugares recenseados com mais de 500 habitantes diminui na Região Centro 7%, enquanto naqueles dois distritos a situação foi muito diversa: na Guarda verifica-se um aumento de 28% enquanto em Castelo Branco diminui 28%. Na Cova da Beira a situação foi muito semelhante à do distrito de Castelo Branco e o número de lugares com mais de 500 habitantes diminui em 31%.

Em 1970 a população que vive isolada ou em lugares inferiores a 250 habitantes constituía 30,5% da população total, enquanto que em 1911 essa percentagem andou pelos 17%. Inversamente, os lugares com mais de 500 habitantes diminuíram em número e a população que neles habita passa de 75% do total, em 1911, para 57%, em 1970.

A diminuição do número das grandes aldeias, tem que ver sobretudo com a redução dos efectivos do proletariado e semi-proletariado rurais. Em contrapartida verifica-se um aumento, pelo menos relativo, de dispersão, o que poderá relacionar-se com a maior importância da empresa agrícola de tipo familiar. De facto, isto confirma-se pela comparação de patrões e isolados nos dois inquéritos agrícolas e também pela comparação de patrões e trabalhadores assinalados nos recenseamentos.

Na Cova da Beira o padrão de povoamento define-se em termos gerais por um conjunto de grandes aldeias relativamente espaçadas, tradicionais reservatórios de mão de obra das grandes explorações (fig. 2.3.). Até ao grande surto emigratório dos anos 60, uma grande parte da população que vivia nestas aldeias encontrava-se numa situação de total ou semi proletarização.

---

(3) «Evolução da população da Região Centro», C.C.R.C., 1982.

Neste relatório considerou-se *Região Centro* o conjunto dos seis distritos: Aveiro, Castelo Branco, Coimbra, Leiria, Guarda e Viseu.



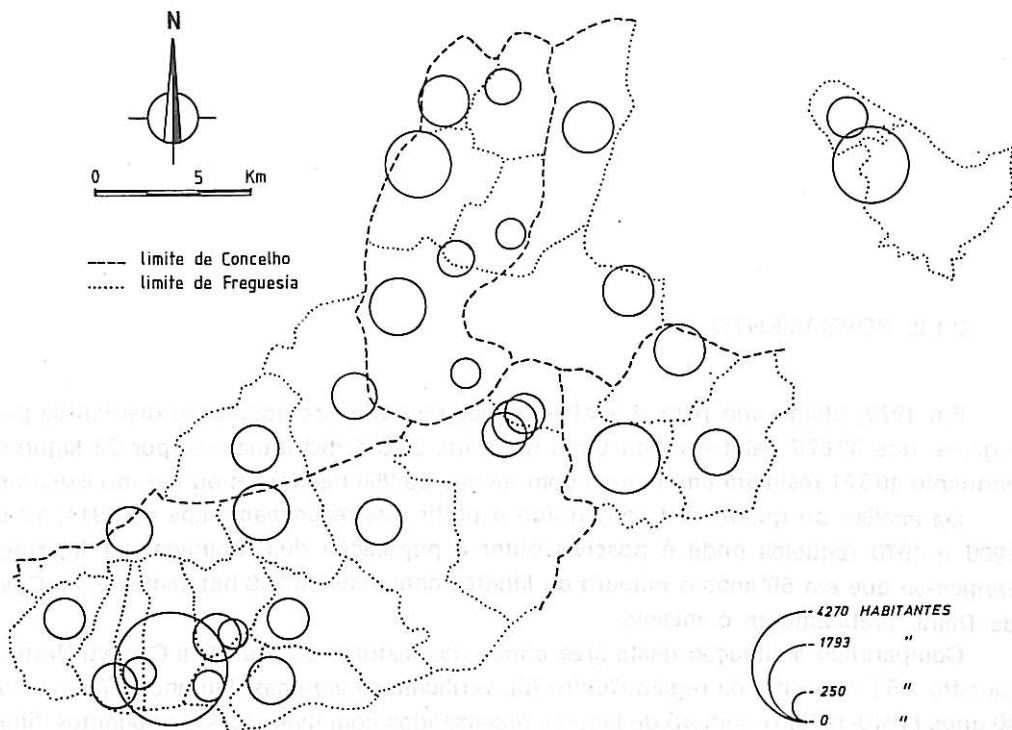


Fig. 2.3 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR LUGARES COM MAIS DE 250 HABITANTES

No topo da hierarquia do povoamento encontram-se as aglomerações com características urbanas, Fundão, Belmonte e Sabugal, as primeiras com tendência para um crescimento pronunciado, baseado na expansão do comércio e serviços e nalgum desenvolvimento industrial. Também é muito significativa a actividade de construção civil, em grande medida apoiada em capitais dos emigrantes.

No seu conjunto, o povoamento da Cova da Beira evidencia desde a segunda metade dos anos 70 numa dinâmica muito intensa, particularmente no sector ocidental, o que se relaciona com o centro urbano da Covilhã e as já referidas aglomerações urbanas do Fundão e Belmonte. Neste sector pode falar-se de uma urbanização difusa, que atinge várias aldeias que denunciam maior acessibilidade àqueles núcleos urbanos: Aldeia de Joanes, Valverde, Colmeal da Torre, Ferro, Aldeia do Carvalho e Teixoso, são os casos mais nítidos, mas o fenómeno estende-se a outras. Essa urbanização difusa sente-se também ao longo das principais vias de comunicação que ligam aqueles centros, afectando sobretudo a pequena propriedade; correspondendo quer à construção de casas de emigrantes, quer ainda às construções de operários industriais ou pequenos comerciantes intermediários, que mantiveram a actividade camponesa.

Na restante parte do território a melhoria das infraestruturas básicas e do equipamento social, que se operou um pouco por todas as aglomerações rurais da Cova da Beira, criando uma maior diferenciação entre os aglomerados e a habitação dispersa, originou uma maior capacidade de retenção de muitas aldeias nomeadamente as sedes

de freguesia. Assim, é de prever que se acentue a concentração da população, naqueles lugares, embora continue o incremento relativo das explorações agrícolas familiares, à semelhança do que se assistiu até 1970.

### 2.1.3. POPULAÇÃO ACTIVA

Também a repartição de população activa por sectores de actividade reflecte os movimentos demográficos atrás referidos. Nos quadros 2.6 e 2.7, apresentam-se os valores respeitantes aos anos de 1960 e 1970 (4) os quais permitem analisar as alterações verificadas naquele intervalo de tempo. Como traço mais saliente verifica-se uma generalizada diminuição da população activa: de 22,6% e 27,3% nos distritos de Castelo Branco e Guarda: de 31,1% no concelho de Sabugal, 30% nos de Belmonte e Fundão, 27,6% em Penamacor e 13% no concelho da Covilhã (fig. 2.4).

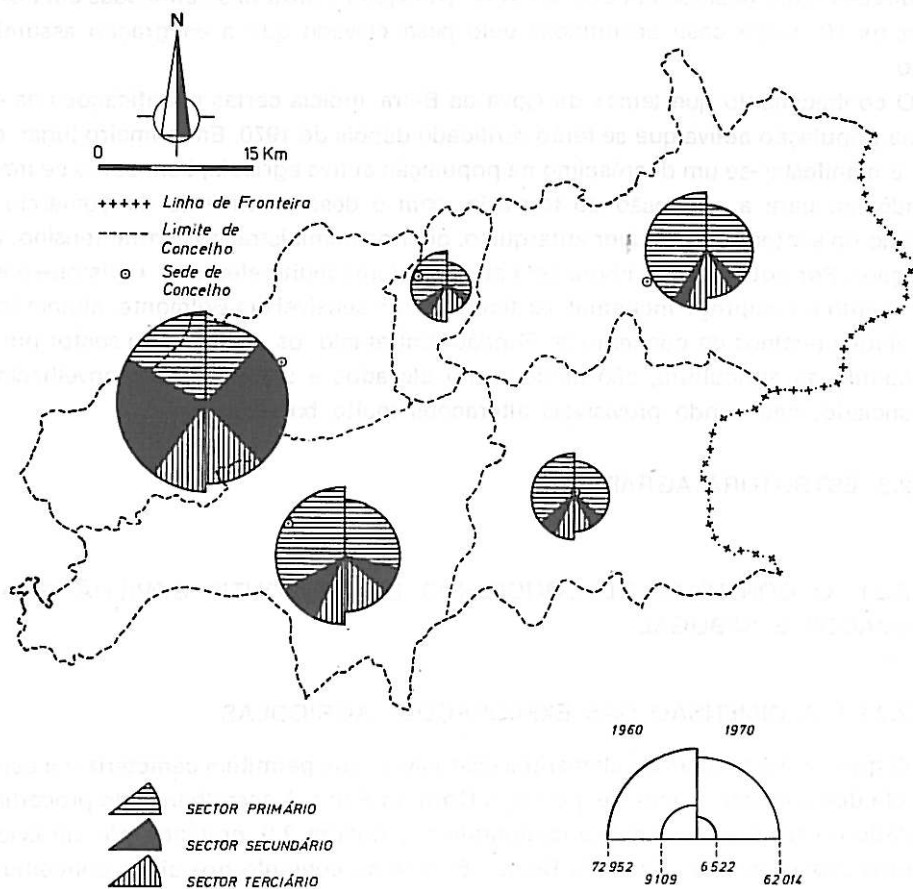


Fig. 2.4 - REPARTIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTORES DE ACTIVIDADE

(4) Para 1981 ainda não se dispõem de dados.

Observam-se também alterações quanto à importância relativa de cada sector de actividade. Assim, o sector primário diminui sempre, quer em termos relativos quer absolutos, ao que corresponde o aumento nos outros sectores que crescem sempre pelo menos em valores relativos, casos da Covilhã para o sector terciário, Penamacor e Sabugal para os sectores secundário e terciário, em que houve decréscimo dos contingentes, mas aumento dos valores percentuais.

Apesar da população activa no sector primário se encontrar em franca recessão, apresenta valores sempre muito elevados, pois ainda em 1970 correspondia a 57% do total para o núcleo da Cova da Beira (concelhos de Fundão e Belmonte), 43,7% no conjunto dos 5 concelhos, 53,9% nos distritos de Guarda e Castelo Branco, quando no Continente se cifrava em 31,5%.

A diminuição da população activa agrícola do núcleo da Cova da Beira (passou de 66,1%, em 1960, para 57%, em 1970), correspondeu um fortíssimo incremento do terciário (de 14,7% para 26,4%) e uma diminuição no sector secundário (de 19,2% para 16,6%). Esta expansão do terciário, que recobriu os serviços (públicos e privados) e o comércio, está directamente relacionada com as transformações estruturais verificadas em Portugal nos anos 60, neste caso acentuadas pelo peso elevado que a emigração assumiu na região.

O conhecimento que temos da Cova da Beira, indicia certas modificações na estrutura da população activa que se terão verificado depois de 1970. Em primeiro lugar, continuou a manifestar-se um decréscimo na população activa agrícola, bem como se manteve a tendência para a expansão do terciário, com o desenvolvimento do comércio e do emprego no sector público, quer autárquico, quer da administração central (ensino, administração). Por outro lado, embora sem atingir valores muito elevados, registou-se algum crescimento no emprego industrial, particularmente sensível em Belmonte, atingindo também alguns núcleos do concelho de Fundão. Entretanto, os efectivos do sector primário, no capítulo da agricultura, são ainda muito elevados e sofrem de um envelhecimento pronunciado, não sendo previsíveis alterações muito bruscas.

## 2.2. ESTRUTURA AGRÁRIA

### 2.2.1. O CONJUNTO DE CONCELHOS DE BELMONTE, COVILHÃ, FUNDÃO, PENAMACOR E SABUGAL

#### 2.2.1.1. A DIMENSÃO DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS

O quadro 2.8 contém os elementos disponíveis que permitem caracterizar a estrutura agrícola dos concelhos onde se inscreve a Cova da Beira. À semelhança do procedimento adoptado relativamente à análise demográfica, o quadro 2.9, pretende pôr em evidência aspectos específicos da «Cova da Beira» (5) face ao conjunto dos cinco concelhos, dos distritos da Guarda e Castelo Branco e do Continente.

---

(5) *Cova da Beira* corresponde neste contexto ao conjunto dos concelhos de Belmonte e Fundão, apesar deste último se estender por outras áreas que não a Cova da Beira.

A diferença de estrutura agrária existente nos distritos de Castelo Branco e Guarda decorre fundamentalmente da dimensão média das grandes explorações (de 20 e mais hectares). Enquanto no primeiro caso esse valor (105,4 ha) é ligeiramente superior à média do Continente (102,4 ha), no segundo é claramente inferior ficando-se pelos 39,7 % hectares. Inversamente, a pequena exploração (menos de 20 ha) é em média ligeiramente maior no distrito da Guarda (3,99), que no de Castelo Branco (3,2) e, em qualquer dos casos, superior à média do Continente (2,5 ha). A disparidade de situações verificadas em distritos espacialmente contíguos evidencia a transição entre a estrutura agrícola característica do Norte e a do Sul do País.

O facto de estarmos perante uma área de transição é igualmente sugerido pelos valores que caracterizam os cinco concelhos. Belmonte, Covilhã e Fundão apresentam como superfície média das pequenas explorações 2,2, 2,8 e 2,3 hectares, respectivamente, valores próximos da média do Continente (2,5 ha), o que não acontece com as médias relativas à superfície das grandes explorações (70,7, 71,3 e 70 ha), bastante distanciadas quer da média geral (102,5), quer da dos distritos da Guarda e Castelo Branco (74,3). Os concelhos de Sabugal e Penamacor se bem que semelhantes quanto à superfície média das pequenas explorações (4,03 e 3,91 ha), próximos do valor encontrado para o distrito da Guarda (3,99), apresentam-se contudo bastante distantes quanto à dimensão média das grandes explorações, que no caso de Sabugal é de 45,1 hectares e no de Penamacor de 127,6 hectares. Fundão e Belmonte, apresentam, quer para as pequenas explorações, valores de superfície média inferiores àqueles que se verificam para o total dos cinco concelhos, dos dois distritos e do conjunto do Continente (cfr. quadro 2.9.).

Mais importante que comparar a dimensão média das explorações, é verificar como esta estrutura se apresenta distorcida. Com efeito, considerando os cinco concelhos, a 925 explorações (3,9% do total), correspondem 69 320 hectares, cerca de 50 % da superfície agrícola utilizada, sendo no concelho de Penamacor que este desvio é maior, pois 175 explorações somam 22 331,13 hectares, isto é, 68,3 % da superfície agrícola total daquele concelho.

Outro aspecto relevante da estrutura das explorações diz respeito ao seu fracionamento. A quase totalidade das explorações (96,1%) além da sua reduzida extensão (3,13 ha em média) apresenta-se excessivamente fraccionada embora, com excepção do concelho do Sabugal, o número médio de blocos por exploração seja menor que para o Continente, oscilando entre 2,8 no concelho do Fundão e 8,2 no concelho do Sabugal. A superfície média destes blocos é no primeiro caso 0,83 hectares e no segundo 0,49.

Também as grandes explorações se encontram divididas, apresentando um número médio de blocos que varia entre 22,79 e 5,85 nos concelhos de Fundão e Sabugal respectivamente, e cuja superfície média é de 1,99 ha e 13,53 ha.

Face ao que se acabou de expôr pode concluir-se que a propriedade se apresenta

---

Recorreu-se a esta solução devido ao facto de que os elementos disponíveis só existirem agregados a nível de concelho. Deste modo, apesar de algumas limitações, é possível por em evidência aspectos específicos da *Cova da Beira* relativamente aos cinco concelhos e aos dois distritos onde se inscreve.

em geral mal dimensionada e que mesmo nos casos em que a sua área atinge valores mais equilibrados a sua excessiva dispersão compromete a exequibilidade das explorações

### 2.2.1.2. OS DIRIGENTES DAS EXPLORAÇÕES

Na Cova da Beira os responsáveis pela gestão das empresas agrícolas são na sua maior parte idosos e com um fraco nível de escolaridade, o que à partida poderá vir a comprometer a eficácia do plano de rega e as mudanças que necessariamente o acompanharão (quadros 2.10. e 2.11.). Com efeito, predominam na Cova da Beira os dirigentes com idades iguais ou superiores a 55 anos, cerca de 53% do número total, percentagem ligeiramente inferior à que se verifica no conjunto dos cinco concelhos (54%), mas claramente superior à média do Continente (45,5%).

Ao considerarmos os dirigentes com 65 e mais anos verifica-se igualmente que a sua percentagem é menor no Continente (21,3%) do que nos distritos e concelhos da Cova da Beira (25,2% e 27%), atingindo mesmo 28% nos concelhos de Belmonte e Fundão.

Como os elementos em que nos temos vindo a apoiar se referem a 1968 poder-se-ia por em causa a actualidade destas conclusões; no entanto, a saída de população, que continuou a verificar-se na década de 70, afectou naturalmente a população activa com idades inferiores a 55 anos, o que leva a supor que a estrutura etária se encontrará neste momento ainda mais erodia ao nível dos estratos mais jovens (fig. 2.5.).

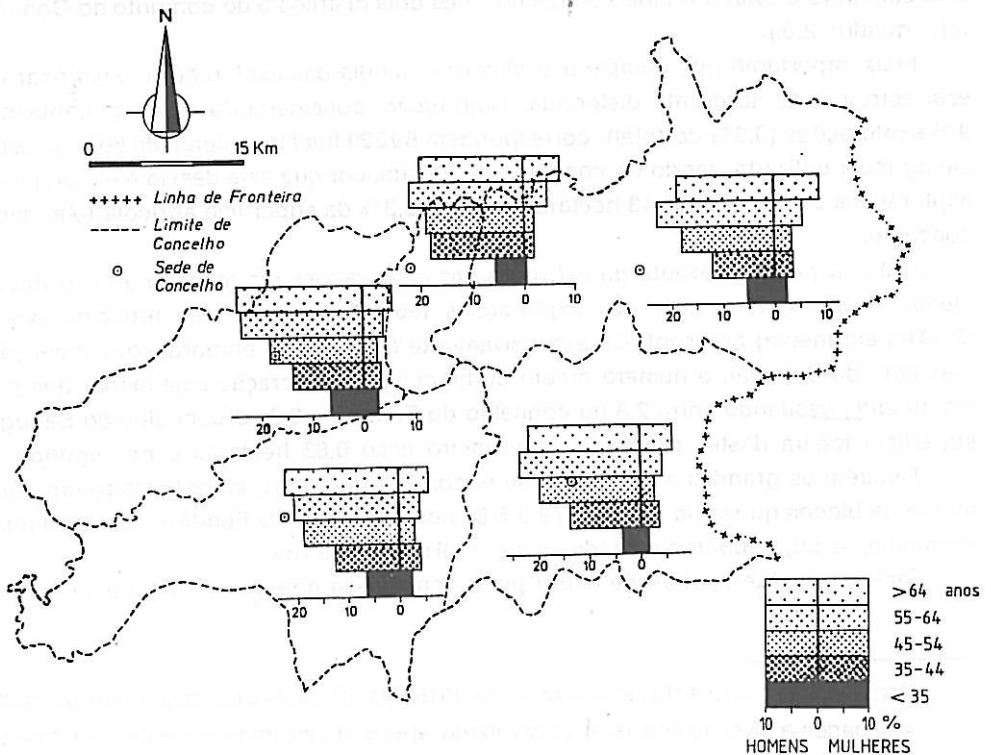


Fig. 2.5 - ESTRUTURA ETÁRIA DOS DIRIGENTES DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS

A fraca expressão que têm as mulheres na chefia das explorações agrícolas constitui outra evidência que se extrai dos quadros que temos vindo a analisar. O facto de muitos homens terem emigrado obrigou a que as respectivas mulheres tivessem que assegurar a gestão das suas explorações. A amplitude deste fenómeno não terá sido porém de molde a alterar substancialmente a situação verificada em 1968. Verifica-se ainda que os elementos femininos ganham maior expressão como dirigentes das empresas agrícolas nos estratos etários mais avançados, o que resulta sobretudo da maior esperança de vida das mulheres.

Também no que diz respeito aos níveis de escolarização a situação que se verificava em 1968 era mais grave na Cova da Beira que no Continente (quadros 2.12. e 2.13.). Com efeito, as taxas de analfabetismo são aí sempre elevadas: no caso dos dirigentes das explorações com menos de 20 hectares essa percentagem eleva-se a 60,5 %, contra 58,6 % no total dos cinco concelhos, 50,4 % nos distritos da Guarda e Castelo Branco e 43,9 % no Continente. Também na direcção das explorações com mais de 20 hectares se encontra um elevado número de indivíduos que não sabem ler nem escrever (35,7 % na Cova da Beira e 28 % no Continente).

Além das elevadas taxas de analfabetismo ressalta ainda (fig. 2.6.), a evidente falta de preparação técnica dos dirigentes das explorações agrícolas, os quais só em número

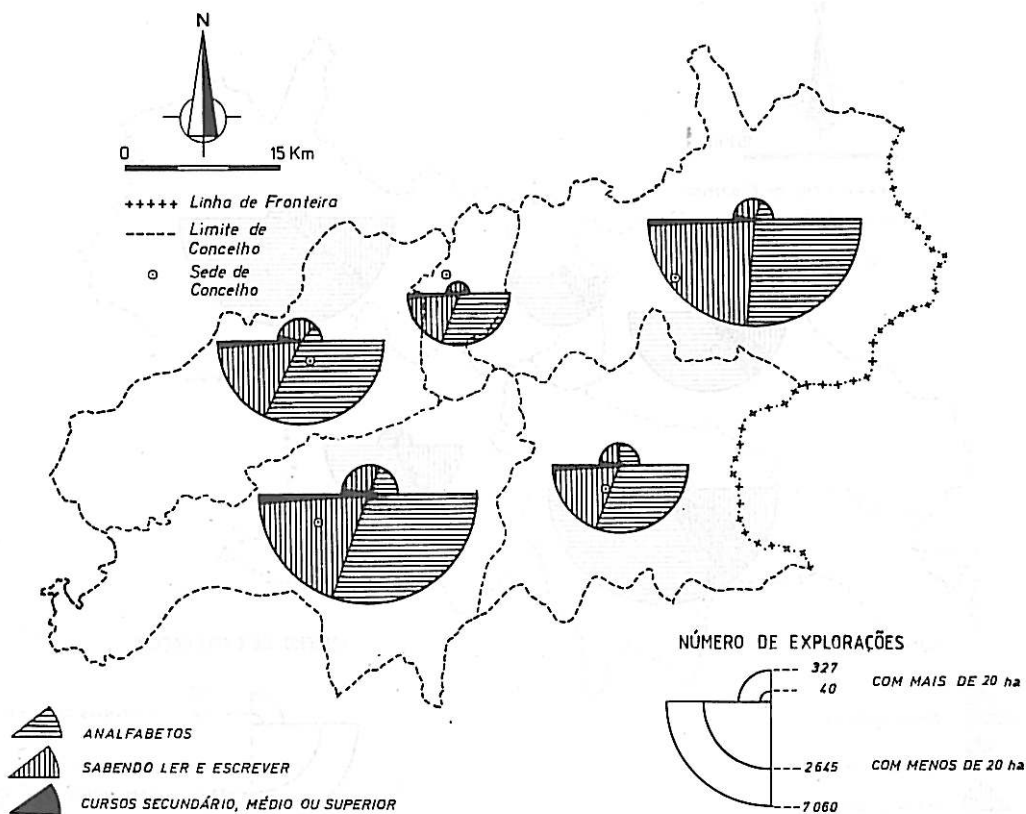


Fig. 2.6 - HABILITAÇÕES LITERÁRIAS DOS DIRIGENTES DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS

reduzido prosseguiram os seus estudos após a escola primária e, quando tal sucedeu, escolheram na sua maioria cursos não relacionados com a agricultura. Apesar do número de dirigentes de exploração com curso médio ou superior na Cova da Beira ser percentualmente inferior ao que se verifica no Continente é no entanto superior ao dos distritos de Castelo Branco e da Guarda e dos cinco concelhos (quadro 2.13.). De facto, os escasos recursos técnicos da área, encontravam-se em 1968 particularmente concentrados nos concelhos de Belmonte e Fundão.

### 2.2.1.3. FORMAS DE EXPLORAÇÃO DA TERRA

A tomada de decisões que envolvam investimentos de capital que permaneçam necessariamente adstrictos à própria terra, como seja a plantação de um pomar ou de uma vinha, depende em larga medida da situação jurídica do produtor relativamente à exploração que dirige.

Num total de 23 700 explorações existentes nos cinco concelhos da Cova da Beira, 16 199 são exploradas por conta própria, isto é 68,4%, contra 63,8%, no conjunto das explorações do Continente (quadros 2.14. e 2.15., fig. 2.7.).

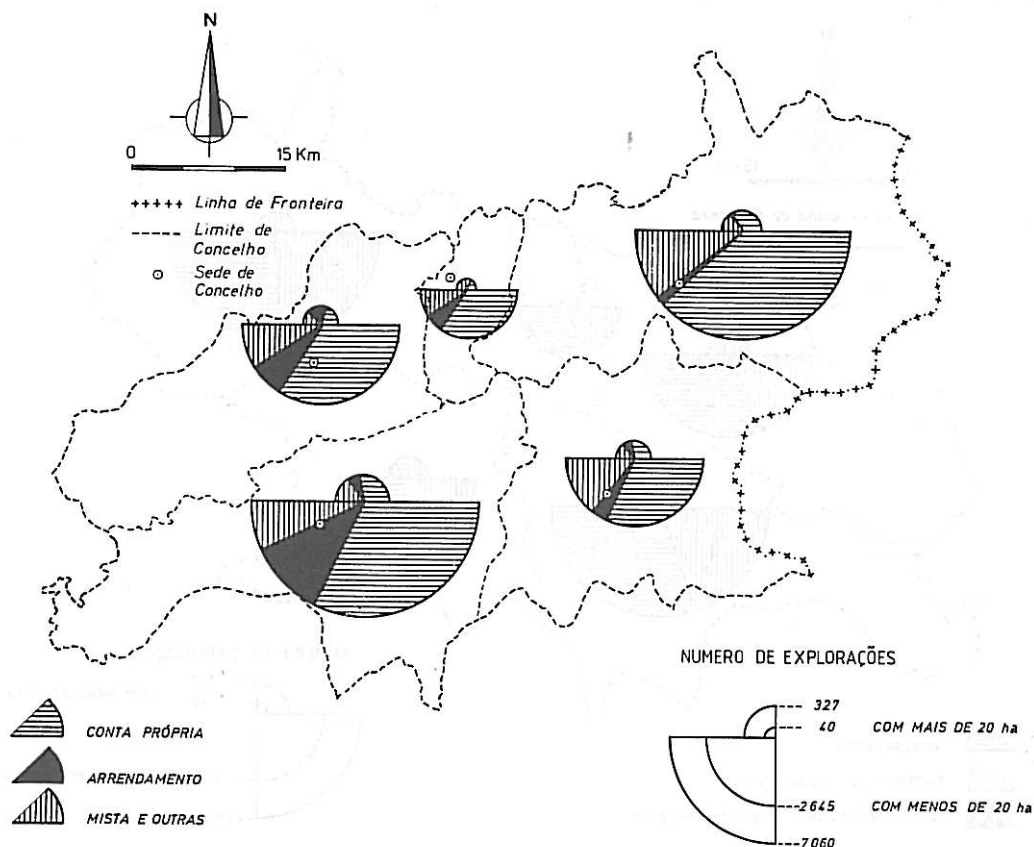


Fig. 2.7 - FORMAS DE EXPLORAÇÃO DA TERRA  
 Número de explorações.

Os cinco concelhos apresentam grandes disparidades, que correspondem a diferentes relações de produção: em Belmonte (50,8%), Covilhã (55,5%) e Fundão (59,5%), a superfície das explorações por conta própria é mais baixa do que no Sabugal (72%) ou Penamacor (67,6%) (fig. 2.8).

Este tipo de verificação torna-se mais nítido ao considerarmos apenas as explorações com mais de 20 hectares. Em Belmonte somente 37,5% são por conta própria, na Covilhã 49%, enquanto no Sabugal esta percentagem atinge os 70%.

Paralelamente, as explorações formadas unicamente por parcelas arrendadas aparecem com maior expressão nos concelhos de Covilhã, Fundão e Belmonte representando 20,1%, 18% e 17,4% das respectivas superfícies agrícolas. No extremo oposto encontra-se o concelho de Sabugal onde a área destas explorações constitui somente 1,9% do total.

As explorações mistas têm no arrendamento a principal componente, o que se depreende da leitura dos quadros referidos. Com exceção do concelho do Sabugal, a superfície total das explorações mistas com mais de 20ha é superior ao total da superfície das explorações menores. Esta verificação sugere que, enquanto nos concelhos de Bel-

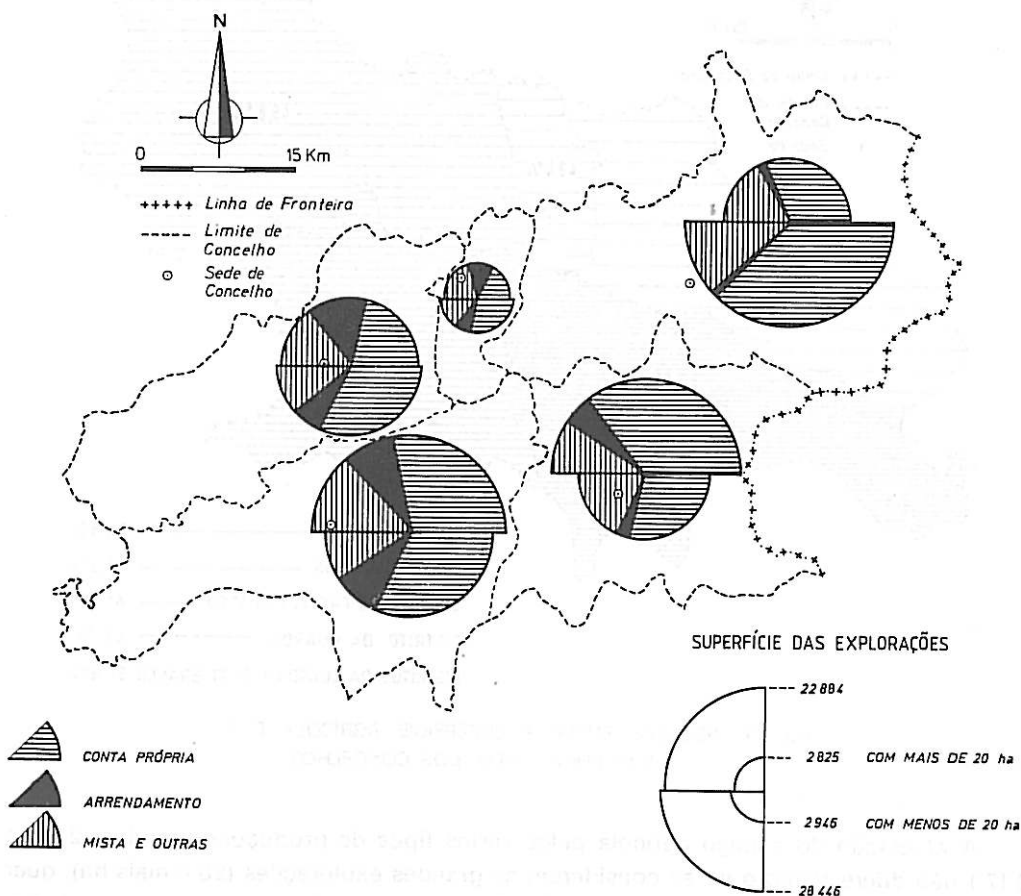


Fig. 2.8 - FORMAS DE EXPLORAÇÃO DA TERRA  
Superfície das explorações.



monte, Covilhã, Fundão e Penamacor dominam (em termos de superfície) os arrendamentos feitos por latifundiários (mais ou menos absentistas), no concelho de Sabugal os arrendatários são predominantemente pequenos proprietários, que frequentemente emigraram.

### 2.2.1.4. ECONOMIA DAS EXPLORAÇÕES

Condições naturais como relevo, solo e clima condicionam a agricultura dos cinco concelhos, pelo que a percentagem de solo agricultado relativamente à superfície total é baixa, variando entre um mínimo de 41,3% no concelho da Covilhã e um máximo de 59,4% no concelho do Fundão; nos distritos da Guarda e Castelo Branco aquela mesma relação é de 47 e 61% respectivamente (fig. 2.9.).

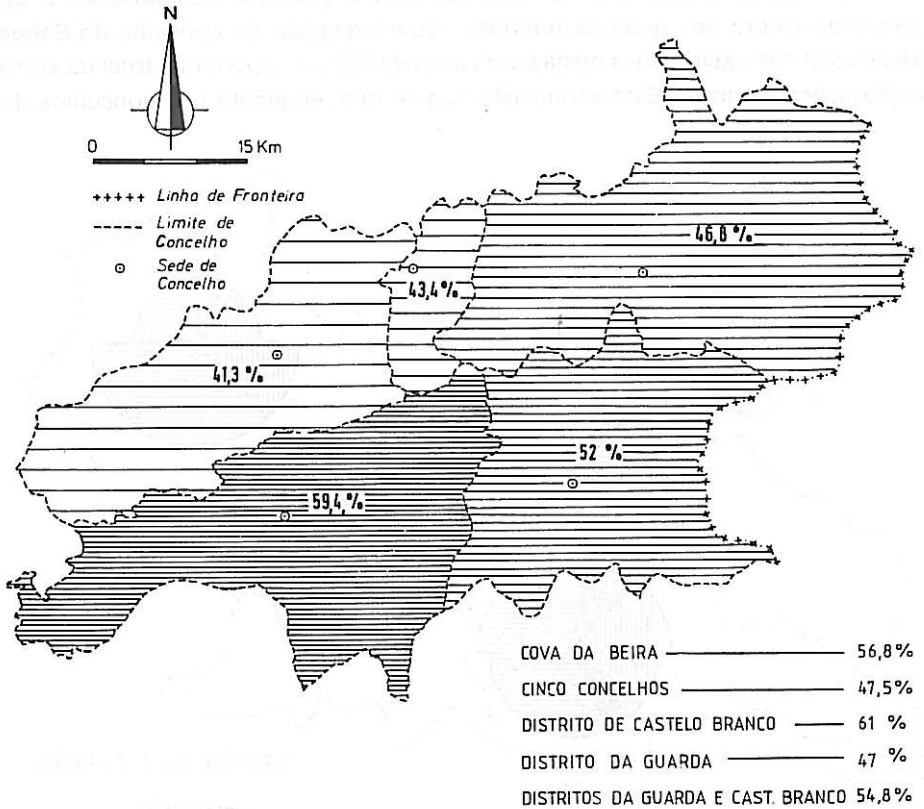


Fig. 2.9 - RELAÇÃO ENTRE A SUPERFÍCIE AGRÍCOLA E A SUPERFÍCIE TOTAL DOS CONCELHOS

A afectação do espaço agrícola pelos vários tipos de produções (quadros 2.16. e 2.17.) não difere muito quer se considerem as grandes explorações (20 e mais ha), quer as pequenas (inferiores a 20ha) fig. 2.10.. Penamacor constitui uma excepção, já que neste concelho a área ocupada pelos alqueves é proporcionalmente maior no caso das grandes explorações. As culturas arvenses, pousios e alqueves, ocupavam, em 1968, num

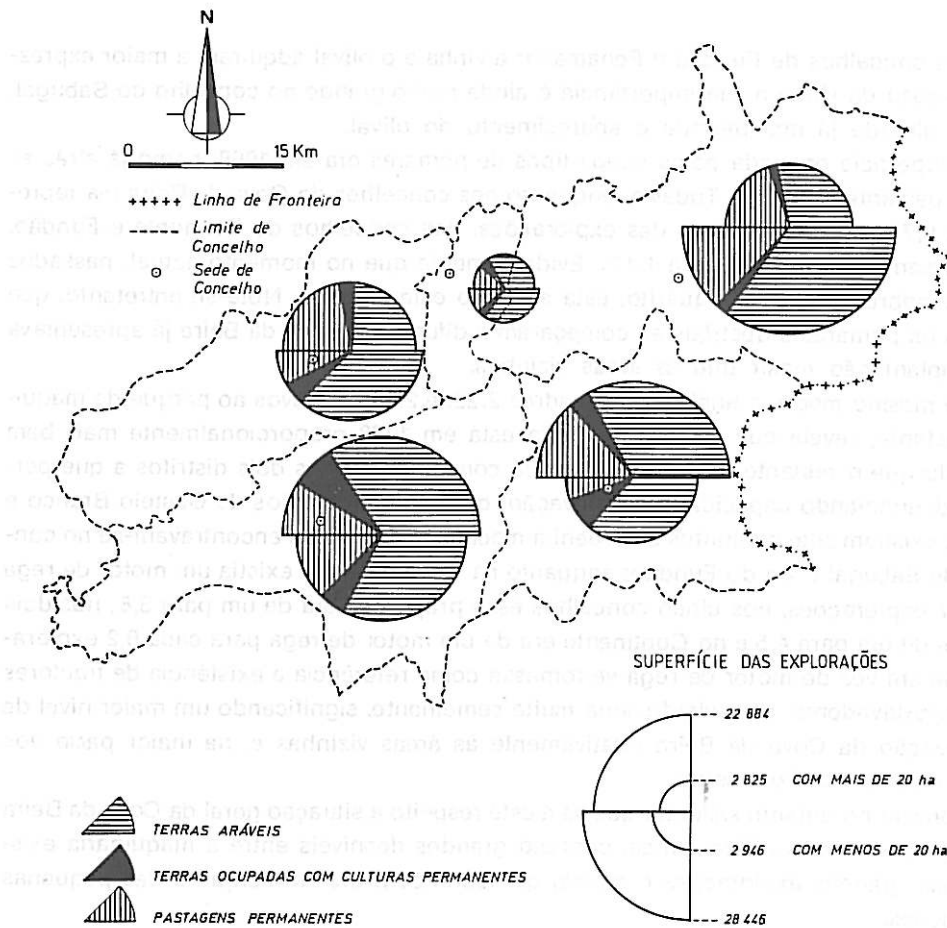


Fig. 2.10 - SUPERFÍCIE DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS SEGUNDO A UTILIZAÇÃO DA TERRA

e noutro caso, a maior parte da superfície das explorações, sendo relativamente pouco importante a área correspondente às culturas permanentes como a vinha, o olival e os pomares. À ocupação florestal corresponde uma percentagem significativa das explorações, ao contrário do que sucede com as pastagens permanentes, que só nos concelhos de Sabugal e Penamacor tinham maior expressão.

Uma análise mais detalhada da ocupação das terras aráveis já permite notar algumas diferenças na organização da superfície agrícola entre as grandes e pequenas explorações (quadros 2.18. e 2.19.). Se nos dois casos a produção de cereais é feita em regime extensivo (daí a enorme superfície dos pousios e alqueves) ocupando a maior parte dos terrenos aráveis, as hortas assumem maior relevo na afectação do solo agrícola no conjunto das pequenas propriedades.

Pela extensão que ocupa, o olival é, no conjunto das culturas permanentes (quadros 2.20. e 2.21.), a mais importante (6 148,8 ha), logo seguida pela vinha (4 488,2 ha), enquanto os pomares existentes em 1968 nos cinco concelhos da Cova da Beira não atingiam senão 978 ha.

Nos concelhos de Fundão e Penamacor a vinha e o olival adquirem a maior expressão; no caso da vinha a sua importância é ainda muito grande no concelho do Sabugal, onde a altitude já mal permite o aparecimento do olival.

A superfície ocupada pelos vários tipos de pomares era em 1968, como já atrás se referiu, bastante reduzida. Todavia, enquanto nos concelhos de Cova da Beira ela representava 0,7% do total da área das explorações, nos concelhos de Belmonte e Fundão, essa percentagem elevava-se a 1,1%. Evidentemente que no momento actual, passados 15 anos sobre a data do Inquérito, esta situação está alterada. Note-se entretanto, que quando os pomares industriais se começaram a difundir, a Cova da Beira já apresentava uma implantação maior que as áreas vizinhas.

Do mesmo modo, a análise dos quadros 2.22. e 2.23., relativos ao parque de máquinas existente, revela que a Cova da Beira está em 1968 proporcionalmente mais bem equipada que o restante território dos cinco concelhos ou dos dois distritos a que pertence, denunciando capacidade de inovação: quando nos distritos de Castelo Branco e Guarda existiam sete conjuntos de ordenha mecânica, dois deles encontravam-se no concelho de Sabugal e no do Fundão; enquanto na Cova da Beira existia um motor de rega para 2,7 explorações, nos cinco concelhos essa proporção era de um para 3,8, nos dois distritos de um para 4,5 e no Continente era de um motor de rega para cada 6,2 explorações. Se em vez de motor de rega se tomasse como referência a existência de tractores ou motocultivadores, o resultado seria muito semelhante, significando um maior nível de mecanização da Cova da Beira relativamente às áreas vizinhas e, na maior parte dos casos, mesmo do Continente.

Convém no entanto salientar que se a este respeito a situação geral da Cova da Beira era mais favorável, verificavam-se, contudo grandes desníveis entre a maquinaria existente nas grandes explorações e aquela que se encontrava no conjunto das pequenas explorações.

A relativa abundância dos motores de rega verificada em 1968 na Cova da Beira já denunciava a importância do regadio e de que a maior densidade de hortas, prados temporários e produção de batata, anteriormente salientada, são o resultado mais directo. Com efeito, a análise dos quadros 2.24. e 2.25., mostra como a superfície regada da Cova da Beira é percentualmente maior que nos distritos da Guarda e Castelo Branco ou no Continente: 21% no caso da Cova da Beira, 18,3% no conjunto dos cinco concelhos, 13,9% no total dos dois distritos e 12,5% no Continente.

Penamacor é o concelho com mais carência de água, correspondendo a irrigação apenas a 6,8% do total da superfície agricultada, enquanto Belmonte é o concelho onde a percentagem total da área regada é maior - 32% (fig. 2.11). Verifica-se ainda que a proporção da superfície irrigada é maior no conjunto das pequenas propriedades, constituindo o concelho do Fundão o caso extremo: apenas 8,4 da superfície das explorações com mais de 20 hectares, enquanto, nas pequenas explorações o valor correspondente é de 33,7%.

A criação de gado, reveste-se duma importância fundamental no sistema económico da maioria das explorações agrícolas da área.

Decorrendo da análise dos quadros 2.26 e 2.27, verifica-se que ao nível do Continente, nos 37 anos que decorreram entre 1935 e 1972, assistimos à diminuição efectiva do

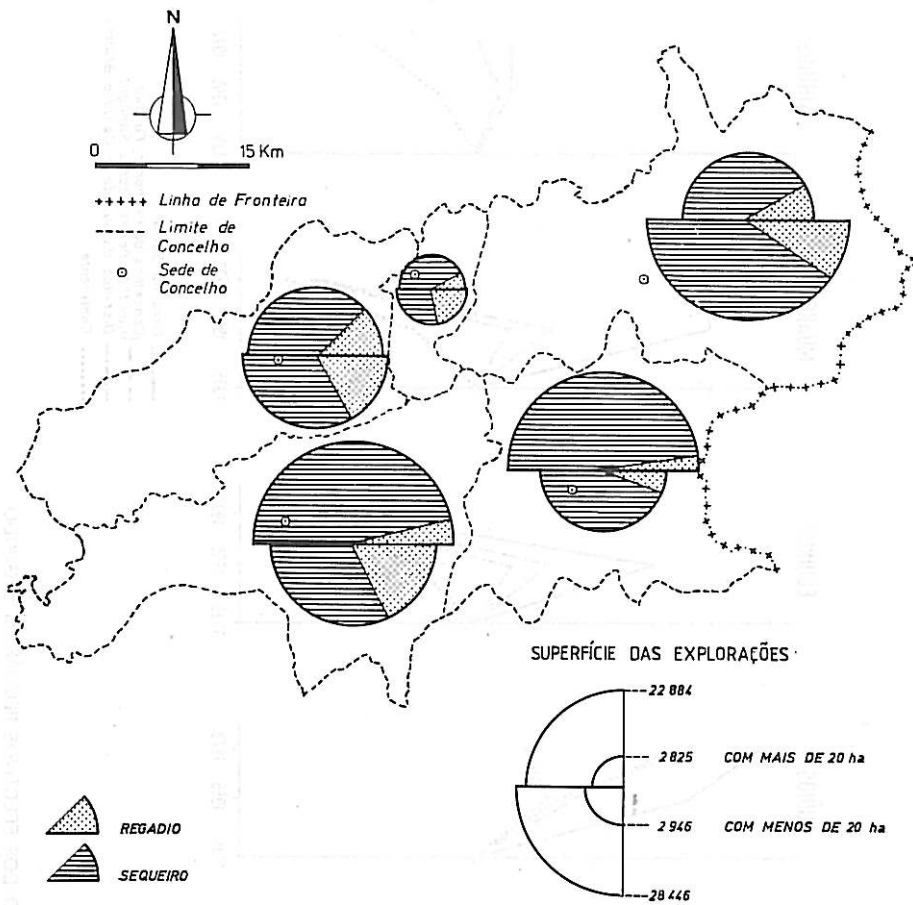


Fig. 2.11 - SUPERFÍCIE REGADA DAS EXPLORAÇÕES

número de cabeças de asininos, equinos e muares, assim como de gado miúdo (ovino e caprino). No entanto, o gado caprino conheceu entre 1955 e 1972 um ligeiro aumento, o que não se verificou com os ovinos que registaram perdas consideráveis. Os bovinos e os suínos pelo contrário, registaram forte incremento nos seus efectivos (fig. 2.12).

A evolução sofrida pelos efectivos pecuários nos distritos de Castelo Branco e Guarda não foi muito diferente da anteriormente descrita. Os ovinos e caprinos tiveram quebras significativas, assim como os equinos, muares e asininos no distrito da Guarda, enquanto no de Castelo Branco os muares e asininos ou mantiveram os mesmos efectivos ou conheceram ligeiro aumento. A evolução dos bovinos e dos suínos teve nestes dois distritos comportamento diverso: enquanto em Castelo Branco os bovinos decresceram e os suínos aumentaram, no da Guarda o fenómeno foi precisamente contrário.

No caso concreto da área da Cova da Beira, a evolução geral obedece genericamente ao enunciado anteriormente, existindo dissemelhanças que a análise ao nível de concelho faz realçar. O gado ovino e caprino, que detinha o maior número de cabeças entre as diferentes espécies, conheceu um forte decréscimo entre 1935 e 1972. Saliente-se, no entanto, que as perdas verificadas entre os caprinos foram sendo progressivas e

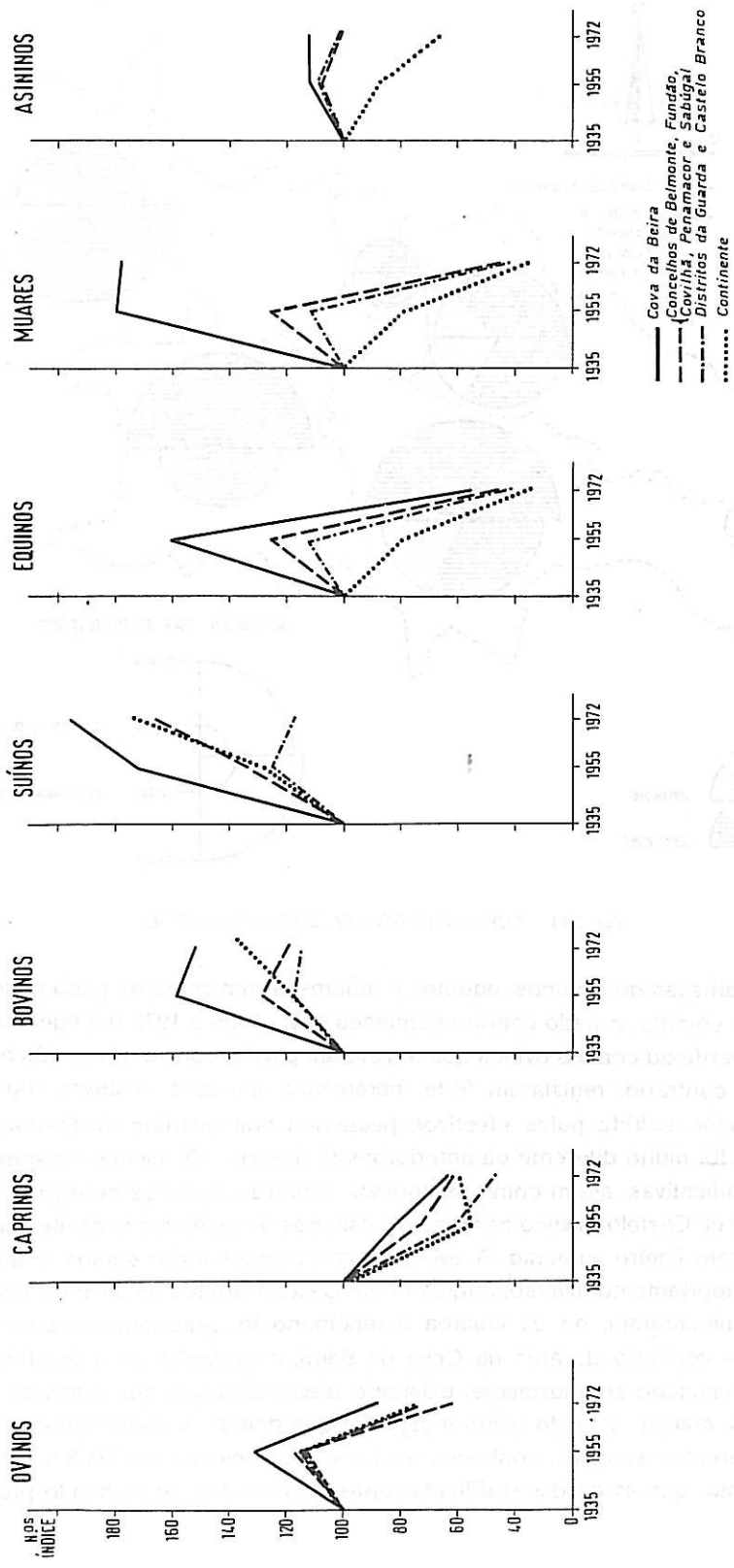


Fig. 2.12 - EVOLUÇÃO DOS EFECTIVOS PECUÁRIOS SEGUNDO AS ESPÉCIES

menos drásticas em qualquer dos cinco concelhos, enquanto os ovinos tiveram entre 1935 e 1955 ligeiros crescimentos em todos estes concelhos com excepção do Sabugal, para conhecerem no período seguinte uma quebra muito vincada. Estas espécies que conhecem normalmente a criação extensiva, debateram-se com o problema da diminuição das áreas de pastagens tradicionais, que terão sido ocupadas pela floresta. Os caprinos adaptaram-se melhor e conseqüentemente tiveram perdas menos significativas, enquanto os ovinos, espécie mais exigente na qualidade dos pastos, entraram em recessão. Associando-se a este facto está a dificuldade cada vez mais sentida em recrutar pastores conhecedores, que vão rareando, pois as pessoas mais novas não estão na disponibilidade de se sujeitarem ao tipo de vida do pastor tradicional.

Os suínos conheceram um crescimento geral em todos os concelhos desta área, muito especialmente no período posterior a 1955, o mesmo não acontecendo com os bovinos. Estes conheceram um crescimento efectivo em todos os concelhos no período de 1935 a 1955, para conhecer uma evolução diversa consoante os concelhos no período seguinte: diminuições ligeiras no Fundão e no Sabugal e mais consideráveis em Belmonte e Penamacor; saliente-se o concelho da Covilhã que foi o único concelho onde se verificou um aumento considerável.

Estas duas espécies, de criação predominantemente estabular, conheceram uma evolução que se traduziu numa mudança do modo de criação tradicional para outro orientado para o mercado. A esta mudança deve-se o aparecimento na área da Cova da Beira de pocilgas e vacarias com dimensões variáveis, a que correspondem modos de exploração diferentes que vão desde os tradicionais aos mais evoluídos e industriais. No caso dos bovinos, cuja importância como força de trabalho foi diminuindo, à produção de carne associou-se a de leite que originou o aparecimento de algumas ordenhas mecânicas.

As restantes espécies (equinos, muares e asininos) evidenciaram também nesta área, a tendência geral para a diminuição absoluta dos seus efectivos: no caso dos equinos e dos muares a quebra foi geral, mas mais vincada entre os equinos no período de 1955 a 1972; entre os asininos, verificavam-se ligeiras perdas no último período nos concelhos de Penamacor, Belmonte e Sabugal, enquanto nos concelhos da Covilhã e do Fundão se registaram variações positivas.

Esta evolução compreende-se por um conjunto de circunstâncias a que não é estranha a mecanização da agricultura que veio diminuir a dependência das explorações da força de trabalho animal. Por outro lado, o tipo de propriedade e o modo de produção mais arcaico que ainda existe em certas áreas da Cova da Beira faz com que a erosão dos efectivos destas espécies não seja maior, ao ponto de tornar a sua expressão insignificante e residual.

Do que acabamos de escrever ressalta a importância que o domínio pecuário tem para a área da Cova da Beira.

Este sector devia merecer um tratamento e estudo particular (a começar pelos pastos e variedades forrageiras a divulgar à comercialização e industrialização pecuários), de que beneficiariam muitas explorações agrícolas onde a criação de gado funciona como complemento doutras actividades.

### 2.2.1.5. DESTINO DA PRODUÇÃO

«Uma parte muito significativa da produção destina-se ao mercado (em 1968, 66,5% da superfície agrícola estava ocupada com culturas destinadas à comercialização) - quadros 2.28 e 2.29 - , cuja procura foi definindo ao longo dos tempos os principais tipos de uso do solo.

Esse mercado evidenciou sempre duas componentes maiores, uma local-regional, em que o vizinho centro urbano-industrial da Covilhã tem um papel dominante e outra nacional em que sobressai a atracção da aglomeração interna de Lisboa.

Nas vilas e aldeias desenvolveu-se desde muito cedo uma classe de transportadores/intermediários que controlam os circuitos de distribuição a vários níveis e que funcionam como elementos importantes na articulação com o mercado» (6), (7).

Mais recentemente outros mecanismos se desenvolveram, no sentido de se constituírem como sistema de recolha e comercialização dos produtos mais favorável ao agricultor, garantindo-lhe a possibilidade de desempenhar um papel mais eficaz, nomeadamente na fixação de preços.

Na Cova da Beira existem assim quatro Cooperativas que favorecem o escoamento de produtos como o vinho, o azeite e a fruta, reproduzindo no entanto, de um modo geral, os circuitos geográficos anteriormente definidos, constituindo Lisboa o principal mercado, sobretudo no caso da fruta.

As Adegas Cooperativas são duas. A que se localiza no Fundão começou a sua actividade em 1949 com cerca de 30 sócios, tendo em 1982, 1002 cooperantes inscritos. A sua área de influência abrange o Concelho de Fundão e parcialmente os de Idanha-a-Nova, Proença-a-Nova, Castelo Branco e Penamacor.

A Adegas Cooperativa da Covilhã, que é um pouco mais recente (1953), congregava em 1982 1 300 sócios, movimentando igualmente maior quantidade de uvas e de vinho, o que não é de surpreender, já que a maior mancha de vinhas da Cova da Beira se estende sobretudo em duas freguesias do concelho da Covilhã (Ferro e Peraboa); a Cooperativa abrange ainda os viticultores do concelho de Belmonte e de duas freguesias do concelho da Guarda.

A produção do azeite também originou a existência de um Lagar Cooperativo localizado no Fundão. Tendo iniciado a sua actividade em 1962, conta presentemente com 576 sócios os quais entregam em média 36 000 toneladas de azeitona, a que corresponde cerca de 1 milhão de litros de azeite.

---

(6) «Estrutura Agrária e Inovação da Cova da Beira», in Desenvolvimento Regional, nº 13, C.C.R.C. 1981.

(7) «Para esta classe de almocreves — feirantes — comerciantes, deverá ter contribuído a grande densidade de judeus que aqui se concentraram desde o século XV e que apesar de interditos, poucos anos depois, mantiveram grande coesão e práticas cripto-judaicas, até à actualidade. Como noutras áreas do interior, o comércio, os transportes, o artesanato e os serviços eram das principais actividades destas comunidades», Id. Ib..

QUADRO 2.30.

QUANTIDADE DE UVAS TRANSFORMADAS NAS ADEGAS COOPERATIVAS DO FUNDÃO E DA COVILHÃ

ANOS	ADEGA COOPERATIVA DA COVILHÃ	ADEGA COOPERATIVA DO FUNDÃO		
	UVAS (KG)	UVAS (KG)	VINHO (LITROS)	AGUARD. BAGACEIRA (LITROS)
1980	6 331 501	2 786 494	2 333 120	30 484
1981	5 685 808	2 086 651	1 692 941	20 456
1982	7 266 434	3 164 105	—	—

Existem ainda na área abrangida pelo projecto de irrigação 36 lagares particulares. Se por um lado os Lagares e Adegas Cooperativas podem dar um efectivo apoio ao produtor, por outro, o atraso com que efectivam os pagamentos aos associados, que nalguns casos ultrapassa 1 ano, cria-lhes limitações, acrescentando ainda o facto de, frequentemente, estas associações não colocarem os seus produtos no mercado retalhista, mas nos armazenistas, funcionando assim como mais um elo na cadeia produtor-consumidor duplamente viciada pelos baixos preços praticados na área da produção e os altos preços verificados na área do consumo.

O facto destas Cooperativas funcionarem como vulgares intermediários compromete assim o eminente papel social que deveriam desempenhar no processo da distribuição e comercialização dos produtos.

Outro caso em que isso acontece diz respeito à Cooperativa dos Fruticultores da Cova da Beira a qual apresenta do ponto de vista deste estudo um interesse muito particular dada a sua íntima relação com um dos factos que interessava estudar: a adopção e difusão da produção industrial de fruta.

Fundada em 1962 por alguns dos maiores produtores de fruta existentes na área (correspondendo aliás aos grandes responsáveis pelo início da produção «industrial» de fruta, numa área onde tradicionalmente esta sempre se produziu), a Cooperativa tem vindo a conhecer um processo de expansão acompanhando, como é natural a difusão dos pomares na Cova da Beira. Em 1979 o seu número de sócios era de 158, a que correspondiam 511,5ha de pomares, isto é 53,3% da área total de pomar existente na área do projecto. Fora da área do projecto havia em 1979, 58 sócios «efectivos» (8) com uma área de pomar de 163 ha, isto é a 26,9% do número total de cooperantes correspondia 24,2% do total da área de pomar declarado na cooperativa.

(8) Referimo-nos àqueles sócios que todos os anos entregam a fruta na Cooperativa. uma vez que com alguns isso nem sempre acontece.



Sendo a comercialização de fruta o principal objectivo desta Cooperativa, tem-se verificado nos últimos anos tentativas no sentido de diversificar as suas valências e assim prestar um maior apoio, sobretudo ao pequeno agricultor, na colocação de outros produtos. Estas tentativas passaram pelo projecto de comercializar cidra e transformar industrialmente produtos hortícolas. Contudo a recente entrada em funcionamento de uma antiga unidade de produção de polpa de tomate (a qual faliu, mas que neste momento produz essencialmente concentrado de sumos), localizada muito proximamente, compromete de certo modo a viabilidade de diversificação de valências da Cooperativa dos Fruticultores. A Concentra é o nome dessa nova unidade tecnologicamente bastante avançada, que produz quase exclusivamente para mercados externos essências obtidas da fruta de refugo.

O matadouro de Alcains, a 30 Km do Fundão, constitui outra unidade que pode e deve absorver muita da produção de gado existente na Beira Baixa e Cova da Beira.

Do que atrás foi dito, pode verificar-se que a Cova da Beira é uma área cujo contacto com o mercado está razoavelmente assegurado sendo os maiores problemas os que se relacionam com a fixação de preços no produtor.

Se, ao iniciarmos esta breve análise sobre os instrumentos existentes capazes de escoar a produção, focámos a importância que representa a proximidade da Covilhã, não poderemos deixar de referir a feira que semanalmente, às segundas feiras, transforma o Fundão numa autêntica bolsa de valores dos produtos agrícolas, tornando este centro o elemento estruturador mais importante, a nível subregional, da organização dos fluxos económicos relacionados com a produção agrícola, sem contar com o papel que desempenha na comercialização dos produtos do pequeno agricultor.

Finalmente deve ainda referir-se que uma parte significativa da produção agropecuária não entra explicitamente nos circuitos económicos, uma vez que é consumida directamente por aqueles que a produziram. Os quadros 2.28., 2.29., embora se refiram a 1968, mostram como num número muito elevado de explorações (71,1%) mais de 50% da produção não entra nestes circuitos.

## 2.2.2. A COVA DA BEIRA

A área a beneficiar pelo Plano de Regadio da Cova da Beira compreende 14429 hectares distribuídos por 27 freguesias dos concelhos de Belmonte, Covilhã, Fundão, Penamacor e Sabugal.

O quadro 2.31 mostra a relação existente entre a área dessas freguesias e a área total dos concelhos a que pertencem, relação essa que varia dos 100% verificados no concelho de Belmonte até aos cerca de 14% nos concelhos de Penamacor e Sabugal. Por outro lado, também varia a percentagem da área regada nos diversos sublocos que constituem o Plano de Rega (cf. fig. 1.3).

Estes sublocos constituem compartimentos da área de rega e foram definidos pela Direcção Geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos do M.H.O.P. com base no faseamento do Projecto.

QUADRO 2.32.

SUPERFÍCIE A BENEFICIAR PELO PLANO DE REGA  
DA COVA DA BEIRA

SUBLOCO	N.º DE FREGUESIAS	ÁREA TOTAL DAS FREGUESIAS (ha)	ÁREA A REGAR	
			(ha)	%
MEIMOA	6	19 643	3 944	20,1
FUNDÃO	10	16 059	5 213	32,5
COVILHÃ	9	25 212	5 102	20,2
SABUGAL	2	4 037	170	4,2
TOTAL	27	64 951	14 429	22,4

A existência de um relatório elaborado por um grupo de trabalho da responsabilidade conjunta do Ministério da Agricultura e Pescas e Ministério da Habitação e Obras Públicas (9), bem como os elementos fornecidos pela Brigada Agronómica da Cova da Beira (B.A.C.B.) na pessoa do Sr. Eng.º Lopes Courinha, cuja disponibilidade e incentivo muito nos ajudaram, permitem uma caracterização mais pormenorizada da agricultura praticada na Cova da Beira.

Antes de iniciarmos essa caracterização, cabe aqui referir que os elementos disponíveis dizem respeito não à área das 27 freguesias, mas apenas a 31 596 ha, correspondentes à área dos prédios total ou parcialmente atingidos pelo regadio, ou seja 48,7% da área das 27 freguesias.

O quadro 2.33. da responsabilidade da B.A.C.B. diz respeito às formas de exploração da terra, o número de explorações, número de prédios e números médio de prédios por exploração (figs. 2.13. e 2.14.). Num total de 6 127 explorações, 3 852 são exploradas por conta própria (62,8%), 1 059 estão arrendadas (17,3%), 1 144 são mistas e em 72 explorações (1,2%) subsistem formas mais tradicionais de exploração, como o sistema de parceria.

Como o regadio vai ser implementado a partir do bloco da Meimoa, passando depois ao do Fundão e a seguir ao da Covilhã, considerou-se haver interesse em discriminar para cada um destes blocos a distribuição relativa das formas de exploração da terra, chegando-se assim ao seguinte quadro.

(9) *Aproveitamento Hidro Agrícola da Cova da Beira. Aspectos técnicos e Económicos-Sociais* — MAP-MHOP — Grupo de Trabalho para a Cova da Beira. Outubro 1977.

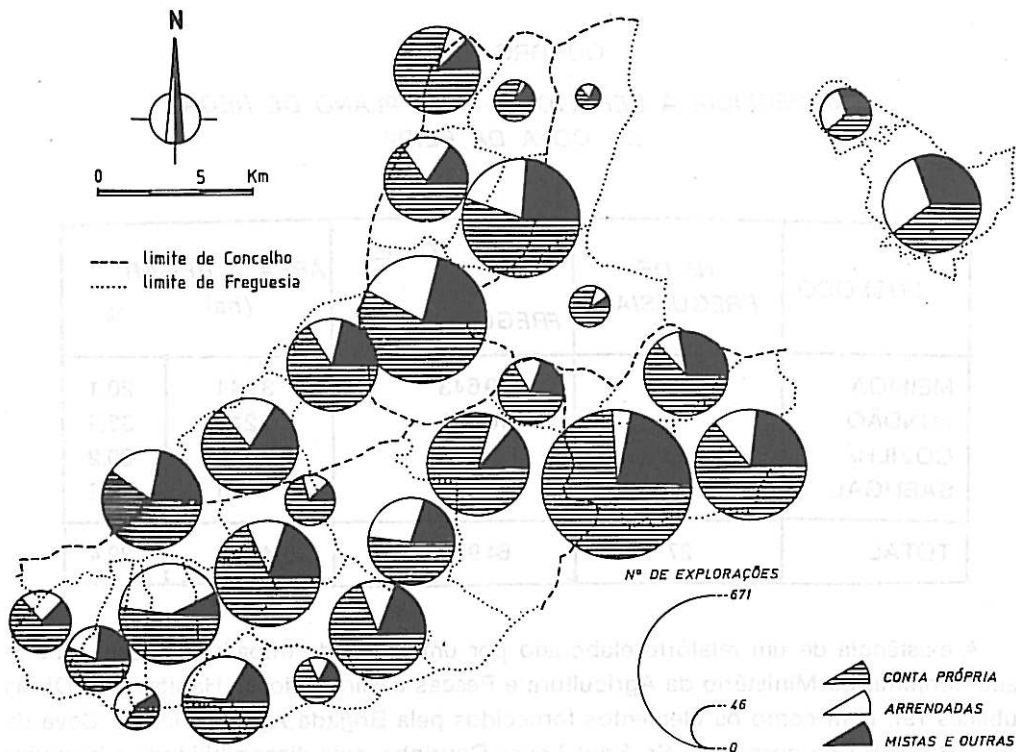


Fig. 213 - FORMAS DE EXPLORAÇÃO DA TERRA NAS FREGUESIAS DA COVA DA BEIRA

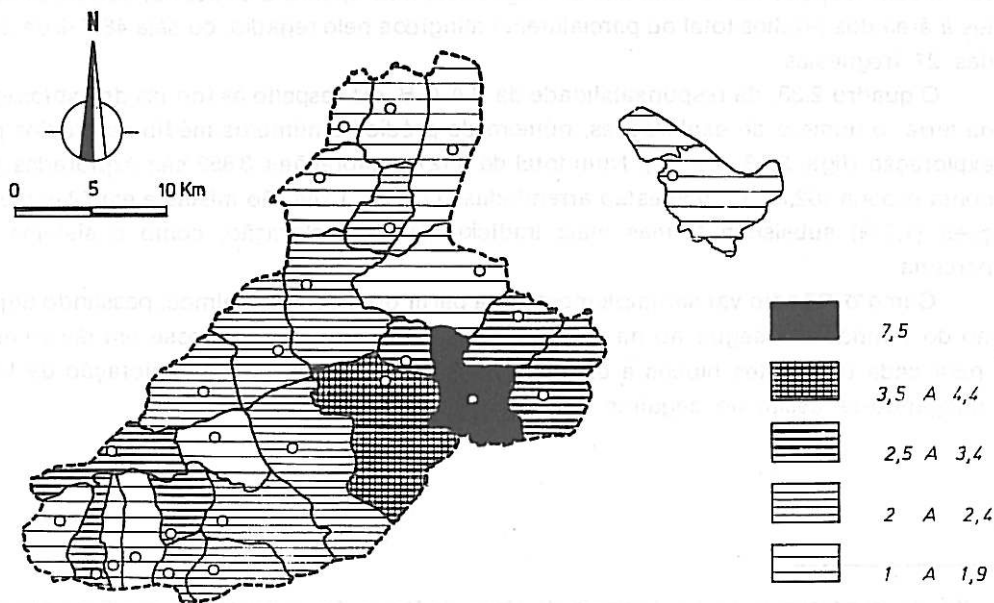


Fig. 214 - NÚMERO MÉDIO DE PRÉDIOS POR EXPLORAÇÃO NAS FREGUESIAS DA COVA DA BEIRA

QUADRO 2.34.

## FORMAS DA EXPLORAÇÃO DA TERRA

SUBLOCO	NÚMERO DE EXPLORAÇÕES	CONTA PRÓPRIA		ARRENDAMENTOS		MISTAS		OUTRAS	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
MEIMOA	1937	1324	68,4	198	10,2	415	21,4	—	—
FUNDÃO	1885	1123	59,6	381	20,2	305	16,2	—	—
COVILHÃ	1938	1238	63,9	325	16,8	339	17,5	36	1,8
SABUGAL	367	147	40,1	109	29,7	75	20,4	36	9,8

Da sua análise pode concluir-se que as explorações por conta própria predominam no subloco da Meimoa (68,4%), onde o arrendamento só abrange 10,2% das explorações. No subloco do Fundão verifica-se a mais alta percentagem de explorações constituídas exclusivamente por prédios arrendados, 20,2%, logo seguido pelo subloco da Covilhã com 16,8%.

Estes valores vêm confirmar a tendência já enunciada no capítulo anterior quanto à forma de exploração por arrendamento na área do regadio. Esta situação é mais corrente nesta área e nas freguesias com maior tendência para a urbanização, localizadas na proximidade dos aglomerados urbanos do Fundão e Sabugal, como acontece nas freguesias de Donas (31,5%), Telhado (25,0%), Aldeia de Joanes (57,6%) e Fundão (40,5%), por um lado, e Sabugal (29,8%) e Quintas de S. Bartolomeu (29,2%), por outro.

Contrariamente, no Colmeal da Torre (7,9%) e nas freguesias do sector oriental da área estudada, Casteleiro (10,9%), Benquerença (3,7%), Maçainhas (4,9%) e Vale da Senhora da Póvoa (9,2%), onde as explorações por conta-própria assumem maior relevo.

Lamentavelmente não possuímos para estas explorações (quadro 2.33.) elementos que nos permitam avaliar da sua extensão; temos no entanto o valor obtido para a média de prédios por exploração. Os seus valores mais elevados observam-se nas freguesias de Benquerença (7,4 prédios por exploração), Escarigo (3,1), Salgueiro (4,4) e Meimoa (3,4) evidenciando uma dispersão maior dos prédios rústicos necessariamente prejudicial à rentabilidade daquelas explorações (fig. 2.14.).

Relacionando o parcelamento das explorações com a respectiva forma de exploração, verifica-se no subloco da Meimoa, uma estreita correspondência entre a média elevada de prédios por exploração e a baixa percentagem de explorações arrendadas (casos das freguesias de Benquerença, Meimoa, Salgueiro, Vale da S<sup>a</sup> da Póvoa e Escarigo), o que leva a pensar que nas outras áreas em que o processo de arrendamento de terras está mais generalizado ele constitui um factor de emparcelamento da terra. Do mesmo modo, a forma mista de exploração pretende obviar em muitos casos à fragmentação de propriedade ou à sua reduzida extensão.

Da leitura do mesmo quadro (2.33) verifica-se que 50% das formas que consideramos de parceria se localizam nas duas freguesias do subloco do Sabugal, enquanto os restantes casos se distribuem pelas freguesias do concelho de Belmonte e ainda Bendada e Peraboa, respectivamente dos concelhos de Sabugal e Covilhã.

Analisando agora os tipos de empresas agrícolas, classificadas segundo o «contributo que cabe ao trabalho familiar no resultado da empresa bem como a parte de vendas e autoconsumo neste resultado» (10), verifica-se que 2683 explorações são de subsistência, 895 a tempo parcial, 1843 familiares, 98 patronais e 403 são consideradas mistas (quadro 2.35, figura 2.15).

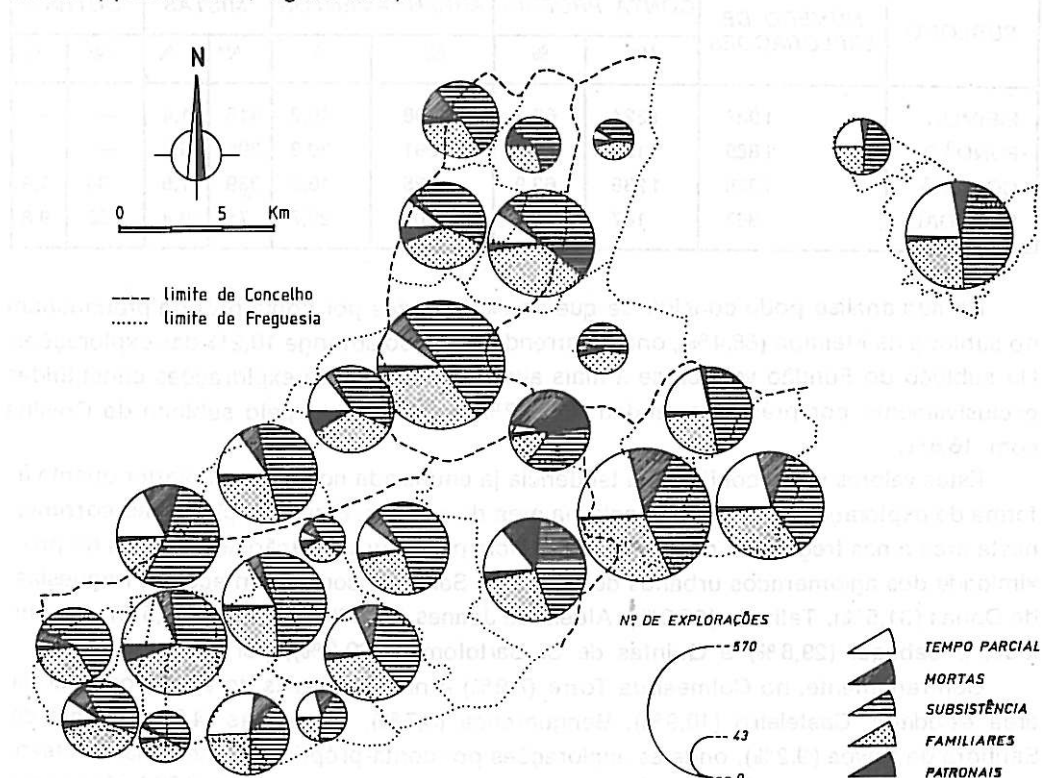


Fig. 2.15 - TIPOS DE EXPLORAÇÃO DA TERRA NAS FREGUESIAS DA COVA DA BEIRA

As explorações de subsistência, que representam 45,3% do número total, são aquelas onde os resultados obtidos «não são suficientes para remunerar de maneira satisfatória o trabalho familiar nem a sua estrutura consegue o pleno emprego», sendo autoconsumida mais de 70% da sua produção. Apesar de não sabermos que área representam, o seu número é percentualmente mais baixo na área do Plano da Rega, do que acontecia para o conjunto dos concelhos de Fundão e Belmonte em que o autoconsumo era predominante em 73,3% das explorações.

As freguesias que apresentam uma percentagem de explorações de subsistência superior à média são Alcaria, Aldeia de Joanes, Capinha, Caria, Casteleiro, Colmeal da Torre, Ferro, Inguias, Maçainhas, Quintas de S. Bartolomeu, Sabugal, Telhado, Vale da Senhora da Póvoa e Valverde, constituindo um conjunto heterogéneo, que dificilmente permite avançar com hipóteses explicativas.

(10) Relatório citado.

As explorações a tempo parcial são aquelas em que «o agricultor e a sua família recebem rendimentos a partir de actividades exercidas no exterior, actividades essas compartilhadas com o trabalho agrícola ou a partir de transferências de reformas e pensões». As explorações deste tipo, encontram-se representadas nas freguesias de Donas, Fatela, Valverde, Fundão, Alcaide, Alcaria, Sabugal, Quintas de S. Bartolomeu, Benquerença, Meimoa e Vale da Senhora da Póvoa, com valores superiores aos da média da área do regadio. Observa-se esta situação tanto nas freguesias localizadas nas proximidades do Fundão e do Sabugal, lugares onde a possibilidade de emprego fora do sector agrícola é maior como naquelas onde a população envelhecida adquire grande significado e o trabalho agrícola é complemento das reformas e pensões.

Nas explorações familiares «o resultado da produção assegura a manutenção da família na maior parte dos casos a níveis inferiores de rendimento», sendo superior a 30 % do resultado final da exploração, o valor dos produtos colocados no mercado. O grupo de freguesias em que a existência de explorações familiares se regista numa proporção superior à média coincide, em larga medida, com o conjunto de freguesias em que se verificavam as mais altas percentagens de explorações por conta própria: Belmonte, Bendada, Casteleiro, Colmeal da Torre, Fatela, Fundão, Meimoa e Peraboa.

As explorações patronais, que ocorrem em número menos expressivo, são, «caracterizadas pelo não exercício do trabalho executado pelo agregado familiar do empresário». Embora, como nos outros casos, não seja possível apresentar o valor correspondente à superfície que representam, nota-se, a título exemplificativo, que a 4 dessas explorações no subloco do Fundão, correspondiam 36 % da área total.

Finalmente, as explorações mortas, 6,8 % do número total, são explorações abandonadas, sobretudo devido à emigração. Escarigo constitui o caso mais extremo com 46,6 % de explorações abandonadas, o que é um valor elevado, mesmo na área em que se inclui: Benquerença, 10,2 %; Meimoa, 8,6 % e Salgueiro, 12,6 %.

São escassos os elementos disponíveis que permitam avançar na caracterização pormenorizada (idade, habilitações literárias, etc.) do agricultor da Cova da Beira. No relatório já citado distinguiram-se três grandes grupos de agricultores consoante o nível etário a que pertencem: mais de 65, 50-64 e 25-49 anos. O primeiro, que corresponde aos dirigentes mais idosos, representa 33 % do total dos agricultores que exerciam à data do levantamento; este mesmo estrato etário representava, em 1968, nos concelhos de Belmonte e Fundão, 28 % do total e no conjunto dos cinco concelhos 27 %, pelo que se confirma a hipótese apresentada no primeiro capítulo, de que, face ao surto emigratório verificado na área, a população tenderia a tornar-se mais envelhecida.

A este grupo de dirigentes, que na sua maioria (80 %) são analfabetos, correspondem em larga medida as explorações de subsistência (50 % o subloco da Meimoa). Apesar do obstáculo que representam pela sua natural resistência à inovação (pela idade e pela falta de preparação técnica) desempenham um papel socialmente útil uma vez que mantêm em funcionamento, se bem que a níveis muito fracos de produtividade, explorações que de outro modo poderiam ficar abandonadas.

Com idades compreendidas entre 50 e 65 anos existe um grupo numeroso, representando 44 % do total e correspondendo de um modo geral a explorações de tipo familiar se

bem que muitos deles acumulem o trabalho da sua exploração com outra actividade, quer como assalariados agrícolas eventuais, quer trabalhando em ramos estranhos à agricultura. Entretanto, o analfabetismo ainda apresenta nesta classe etária um valor muito elevado (62%).

Representando 26% do total de dirigentes, os agricultores do estrato etário dos 25 aos 49 anos, constituem a maioria dos dirigentes mais jovens. Para obstar problemas aos das suas explorações mal dimensionadas, sem dinheiro para investir, muitos deles recorreram a um segundo emprego (59%). A taxa de analfabetismo embora superior à média do País é, neste grupo, mais baixa (34%), tendo 63% a instrução primária.

Por último, importa salientar a transformação operada com a emigração, nomeadamente ao nível da direcção das explorações agrícolas, em que muitas das funções sociais tradicionalmente desempenhadas pelos homens passaram a sê-lo por mulheres.

Assim, só no subloco da Meimoa, estas representam actualmente 27% do total dos empresários agrícolas, 10,2% no subloco do Fundão e 9,8% no da Covilhã.

O quadro 2.36. sintetiza o aproveitamento actual da área do Projecto (11) tendo havido a preocupação de os tornar comparáveis aos elementos já apresentados (quadro 2.37.). As diferenças entre a área a irrigar e a área complementar são evidentes. É ver por exemplo a expressão que tomam as culturas de regadio na área a beneficiar (31,2%) e na área complementar (1,5%); os pomares constituem outro elemento que distingue as duas áreas assim como a área improdutivo 0,08% na área a beneficiar, 40,4% na área complementar. Pela análise dos elementos do quadro 2.37. verifica-se que a área a irrigar é já neste momento intensamente cultivada e até a vinha e o olival têm aqui maior expressão.

A comparação entre o aproveitamento agrícola da área do Projecto e a dos concelhos onde aquela se inscreve, evidencia de um modo bastante claro a importância dos pomares (cerca de 6% da superfície agrícola) na área do Projecto; inversamente, a mata tem aqui uma expressão mínima comparando com as outras unidades.

---

(11) Como já foi dito, o relatório e os elementos colhidos na Brigada Agronómica da Cova da Beira da DGRAH basearam-se em trabalho de campo levado a cabo no período de 1974/1976.

## QUADROS





QUADRO 2.1

## EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE

ÁREA GEOGRÁFICA		1864	1878	1890	1900	1911	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1981*
CONCELHOS													
Belmonte	1	4743	5239	5694	6573	7261	7362	8190	9572	9848	9109	6357	6734
	2	100	111	120	139	153	155	173	202	208	192	134	142
Covilhã	1	29368	33998	47968	44427	48400	45583	49934	60608	68522	72957	61046	61447
	2	100	116	163	151	165	155	170	206	233	248	208	209
Fundão	1	26749	31170	32873	35248	39295	39571	42932	47575	49941	47593	34789	31906
	2	100	117	123	132	147	148	161	178	187	178	130	119
Penamacor	1	9027	10214	12351	13179	14999	14714	15724	17421	18860	16659	12494	9341
	2	100	113	137	146	166	163	174	193	209	185	138	104
Sabugal	1	25143	27760	30602	33047	35409	34750	33774	41909	43513	38062	23167	19174
	2	100	110	122	131	141	138	134	167	173	151	92	76
DISTRITOS													
Castelo Branco	1	159901	177440	206155	217179	243586	241574	262285	304592	324577	316536	252341	235862
	2	100	111	129	136	152	151	164	191	203	198	158	148
Guarda	1	214507	233202	251940	264531	274372	259386	259504	295663	307667	282606	213538	205103
	2	100	109	118	123	128	121	121	138	143	132	100	96
TOTAL DO CONTINENTE	1	3927392	4303664	4713319	5039744	5586053	5668232	6334507	7218882	7921913	8292975	8074975	9279377
	2	100	110	120	128	142	144	161	184	202	211	206	236

\* População presente - resultados preliminares

1 - Valor absoluto

2 - Número Índice (1864 = 100)

FONTE: X Recenseamento Geral da População, INE, 1960

XI Recenseamento Geral da População, INE, 1970

Resultados Preliminares dos Censos 1981, INE

QUADRO 2.2

## EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE

ÁREA GEOGRÁFICA		1864	1878	1890	1900	1911	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1981*
27 Freguesias (Cova da Beira)	1	24340	27536	30150	33410	36669	37126	39789	45354	48281	45568	33835	31792
	2	100	113	124	137	151	153	164	186	198	187	139	131
5 Concelhos	1	95030	108381	129488	132474	145364	141980	150554	174085	190684	184380	137853	128602
	2	100	114	136	139	153	149	158	183	201	194	145	135
2 Distritos	1	374408	410642	458095	481710	517958	500960	521789	600255	632244	599142	465879	440965
	2	100	110	122	129	138	134	139	160	169	160	124	118
Continente	1	3927392	4303664	4713319	5039744	5586053	5668232	6334507	7218882	7921913	8292975	8074975	9279377
	2	100	110	120	128	142	144	161	184	202	211	206	236

\* - 1981 - População Presente

1 - Valor absoluto

2 - Número Índice (1864 = 100)

FONTE: X Recenseamento Geral da População, INE, 1960

XI Recenseamento Geral da População, INE, 1970

Resultados Preliminares dos Censos 1981, INE

QUADRO 2.3

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE NAS FREGUESIAS DA COVA DA BEIRA

FREGUESIAS		1864	1878	1890	1900	1911	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1981*
ALCAIDE F	1	1 293	1 353	1 480	1 316	1 379	1 408	1 474	1 572	1 479	1 237	863	800
	2	100	105	115	102	107	109	114	122	114	96	67	62
ALCARIA F	1	573	674	718	968	1 156	1 147	1 105	1 336	1 425	1 510	1 067	954
	2	100	126	134	180	215	214	206	249	265	281	199	178
ALDEIA DE JOANES F	1	328	466	451	627	619	616	668	725	667	665	565	734
	2	100	142	138	191	189	188	204	221	203	203	172	224
ALDEIA NOVA DO CABO F	1	810	1 026	892	965	1 065	1 052	1 044	1 067	1 104	1 128	796	613
	2	100	127	110	119	132	130	129	132	136	139	98	76
BELMONTE B	1	1 773	1 875	2 084	2 376	2 768	2 745	3 258	3 947	3 005	2 827	2 293	2 497
	2	100	106	118	134	156	155	184	223	170	160	129	141
BENDADA S	1	751	968	987	1 003	1 247	1 353	1 321	1 626	1 747	1 921	1 315	961
	2	100	129	131	134	166	180	176	217	233	243	175	128
BENQUERENÇA P	1	759	829	955	1 147	1 323	1 382	1 443	1 778	1 984	1 853	1 504	940
	2	100	109	126	151	174	182	190	234	261	244	198	124
CAPINHA F	1	1 014	1 223	1 432	1 431	1 506	1 500	1 683	1 920	1 806	1 540	918	861
	2	100	121	141	141	149	148	166	189	178	152	91	85
CARIA B	1	1 704	1 992	2 149	2 555	2 672	2 772	2 918	3 347	3 455	3 130	2 142	2 107
	2	100	117	126	150	157	163	171	196	203	184	126	124
CASTELEIRO S	1	846	890	1 035	1 205	1 290	1 250	1 288	1 487	1 578	1 294	885	712
	2	100	105	122	142	153	148	152	176	187	153	105	84
COLMEAL DA TORRE B a)	1	a)	a)	a)	a)	a)	a)	a)	a)	1 002	1 123	673	762
	2												
DONAS F	1	902	997	1 070	1 124	1 159	1 309	1 358	1 329	1 519	1 297	947	847
	2	100	111	119	125	129	145	151	147	168	144	105	94
ESCARIGO F	1	334	379	405	451	519	522	490	599	590	664	523	484
	2	100	114	121	135	155	156	147	179	177	199	157	145
FATELA F	1	1 095	1 282	1 473	1 569	1 558	1 532	1 876	2 151	2 214	2 255	1 592	1 013
	2	100	117	135	143	142	140	171	196	202	206	145	93
FERRO C	1	1 454	1 473	1 702	1 806	2 017	1 979	1 923	2 243	2 279	2 186	1 498	1 773
	2	100	101	117	124	139	136	132	154	157	150	103	122
FUNDÃO F	1	2 375	2 753	2 801	3 182	3 537	3 614	4 272	4 783	5 400	5 651	5 328	5 758
	2	100	116	118	134	149	152	180	201	227	238	224	242
INGUIAS B	1	746	820	826	985	1 055	1 055	1 256	1 431	1 568	1 280	878	896
	2	100	110	111	132	141	141	168	192	210	172	118	120
MAÇAINHAS B	1	520	552	635	657	766	790	758	847	818	749	536	472
	2	100	106	122	126	147	152	146	163	157	144	103	91
MEIMOA P	1	416	577	772	807	949	994	1 131	1 244	1 280	1 112	704	667
	2	100	139	186	194	228	239	272	299	308	267	169	160
PERABOIA C	1	809	802	921	1 069	1 219	1 198	1 470	1 449	1 746	1 775	1 212	1 123
	2	100	99	114	132	151	148	182	179	216	219	150	139

CONTINUA

QUADRO 2.3 CONTINUAÇÃO

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE NAS FREGUESIAS DA COVA DA BEIRA

FREGUESIAS		1864	1878	1890	1900	1911	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1981*
PEROUISEU F	1	1 115	1 362	1 459	1 560	1 650	1 866	1 667	1 943	2 004	1 711	1 099	951
	2	100	122	131	140	148	167	150	174	180	154	99	85
QUINTAS DE S. BARTOLOMEU S	1	479	555	577	662	730	806	577	789	900	681	410	320
	2	100	116	121	138	152	168	121	165	188	142	86	67
SABUGAL S	1	1 550	1 595	1 986	2 309	2 504	2 312	2 569	3 050	3 238	2 908	2 251	2 223
	2	100	103	128	149	162	149	166	197	209	188	145	143
SALGUEIRO F	1	879	992	1 151	1 224	1 302	1 197	1 448	1 516	1 850	1 733	1 209	1 010
	2	100	113	131	139	148	136	165	173	211	197	138	115
TELHADO F	1	880	1 051	991	1 014	1 040	1 102	981	1 108	1 260	1 104	735	697
	2	100	119	113	115	118	125	112	126	143	126	84	79
VALE DA SRA. DA PÓVOA P	1	387	472	537	593	682	731	832	981	1 094	975	636	398
	2	100	122	139	153	176	189	215	254	283	252	164	103
VALVERDE F	1	545	578	661	805	957	894	979	1 086	1 269	1 359	1 296	1 265
	2	100	106	121	148	176	164	180	199	233	249	238	232
COVA DA BEIRA (TOTAL DAS 27 FREGUESIAS)	1	24 340	27 536	30 150	33 140	36 669	37 126	39 789	45 354	48 281	45 568	33 853	31 792
	2	100	113	124	137	151	153	164	186	198	187	139	131

\* - População presente - resultados preliminares

1 - Valor absoluto

2 - Número índice (1864 = 100)

a) Freguesia criada em 1949, constituída por lugares da freguesia de Belmonte

FONTES: X Recenseamento Geral da População, INE, 1960

XI Recenseamento Geral da População, INE, 1970

Resultados Preliminares dos censos 1981, INE

B - Concelho de Belmonte

C - Concelho da Covilhã

F - Concelho do Fundão

P - Concelho de Penamacor

S - Concelho do Sabugal

QUADRO 2.4

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR CLASSES DE LUGARES NAS FREGUESIAS DA COVA DA BEIRA

ANOS	POPULAÇÃO		Nº DE LUGARES COM MAIS DE 250 HAB.	ISOLADOS E ATÉ 249 HAB.	250 A 499 HAB.		500 A 999 HAB.		1 000 A 1 999 HAB.		MAIS DE 2 000 HAB.	
				POPULAÇÃO	POP.	Nº L.	POP.	Nº L.	POP.	Nº L.	POP.	Nº L.
1911	1	36 670	34	6 287	2 545	7	11 742	17	11 503	8	4 593	2
	2	100		100	100	100	100	100	100	100	100	100
1940	1	45 176	37	9 183	3 207	8	12 182	16	14 971	11	5 633	2
	2	123		109	146	126	114	103	194	130	138	123
1960	1	45 497	39	11 296	4 919	13	11 435	15	11 629	9	6 218	2
	2	124		115	180	193	186	97	88	101	113	135
1970	1	33 845	32	10 328	4 243	12	9 566	15	5 475	4	4 270	1
	2	192		94	164	166	171	82	88	48	50	93

1 - Valores absolutos

2 - Números índice

FONTES: X Recenseamento Geral da População, INE, 1960

XI Recenseamento Geral da População, INE, 1970

QUADRO 2.5

EVOLUÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO E DOS LUGARES POR CATEGORIAS DE LUGARES SEGUNDO O NÚMERO DE HABITANTES

CONCELHOS DISTRITOS E REGIÃO	ANOS	TOTALS		POPULAÇÃO E LUGARES SEGUNDO O Nº DE HAB.													
		DA POPULAÇÃO EM LUGARES E ISOLADOS	DE LUGARES	ATÉ 500		500 A 999		1 000 A 1 999		2 000 A 5 000		MAIS DE 5 000					
				POPULAÇÃO	Nº DE LUGARES	POPULAÇÃO	Nº DE LUGARES	POPULAÇÃO	Nº DE LUGARES	POPULAÇÃO	Nº DE LUGARES	POPULAÇÃO	Nº DE LUGARES				
Belmonte	1940	9 563	13	2 040	7	4 000	4	3 319	2								
	1960	9 109	23	2 369	18	1 949	3	2 955	2								
	1970	6 450	26	2 545	24	645	1	2 300	2								
Covilhã	1940	60 434	104	8 624	79	7 555	10	18 276	13								
	1960	72 957	219	11 115	190	8 735	12	16 563	12								
	1970	60 730	170	10 125	148	6 535	10	11 860	9								
Fundão	1940	43 732	79	10 606	50	10 884	15	15 592	12								
	1960	47 593	100	10 411	72	11 673	16	11 864	10								
	1970	35 100	116	10 050	95	12 340	18	3 010	2								
Penamacor	1940	17 241	13	99	1	3 394	4	9 747	7								
	1960	16 659	14	160	2	4 027	5	6 664	5								
	1970	12 290	14	365	3	4 435	6	6 895	5								
Sabugal	1940	41 487	88	10 765	59	13 123	19	9 976	7								
	1960	38 062	96	13 160	72	11 272	16	8 347	6								
	1970	23 573	94	13 533	83	5 980	9	3 560	2								
Cast. Branco	1940	293 984	776	115 867	607	84 171	124	49 125	35								
	1960	282 797	920	119 436	770	76 237	112	38 530	28								
	1970	207 337	783	107 897	695	45 435	68	21 850	14								
Guarda	1940	299 670	1 026	99 889	895	48 576	66	72 390	53								
	1960	316 536	1 380	109 475	1 262	47 454	65	60 958	47								
	1970	249 256	1 237	96 007	1 143	43 860	64	32 650	26								
Região Centro	1940	2 254 149	10 492	1 238 237	9 710	378 796	555	227 695	180								
	1960	2 445 653	12 630	1 319 321	11 741	425 764	619	229 110	173								
	1970	2 175 850	11 744	1 214 241	11 018	359 515	537	186 375	140								

FONTES: X Recenseamento Geral da População, INE, 1960  
 XI Recenseamento Geral da População, INE, 1970

QUADRO 2.6

REPARTIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTORES DE ACTIVIDADE

ÁREA GEOGRÁFICA	ANOS	PRIMÁRIO		SECUNDÁRIO		TERCIÁRIO		TOTAL DA POPULAÇÃO ACTIVA	POPULAÇÃO RESIDENTE	% DA POP. ACTIVA NA POP. TOTAL
		NÚMERO	%	NÚMERO	%	NÚMERO	%			
CONCELHOS										
Belmonte	1960	2 169	68.2	529	16.6	481	15.2	3 179	9 109	34.9
	1970	1 335	61.0	280	12.8	575	26.2	2 190	6 522	33.6
Covilhã	1960	9 247	33.2	12 922	46.5	5 643	20.3	27 812	72 952	38.1
	1970	5 610	23.3	12 650	52.6	5 800	24.1	24 060	62 014	38.8
Fundão	1960	11 020	65.7	3 298	19.7	2 445	14.6	16 763	47 593	35.2
	1970	6 610	56.3	2 025	17.2	3 105	26.5	11 740	34 958	33.6
Penamacor	1960	3 874	71.6	746	13.8	789	14.6	5 409	16 659	32.5
	1970	2 660	67.9	585	15.0	670	17.1	3 915	12 615	31.0
Sabugal	1960	9 827	81.0	970	8.0	1 333	11.0	12 130	38 062	31.9
	1970	5 120	73.8	670	9.7	1 150	16.5	6 940	23 732	29.2
DISTRITOS										
Cast. Branco	1960	66 447	57.6	28 874	25.0	20 072	17.4	115 393	316 536	36.5
	1970	44 190	49.5	23 965	26.8	21 185	23.7	89 340	255 575	34.9
Guarda	1960	64 685	67.8	16 464	17.3	14 275	14.9	95 424	282 606	33.8
	1970	41 280	59.5	14 085	20.3	13 975	20.2	69 340	213 538	32.5

FONTES: X Recenseamento Geral da População, INE, 1960  
 XI Recenseamento Geral da População, INE, 1970

QUADRO 2.7

REPARTIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTORES DE ACTIVIDADE

ÁREA GEOGRÁFICA	ANOS	PRIMÁRIO		SECUNDÁRIO		TERCIÁRIO		POPULAÇÃO ACTIVA - TOTAL -	POPULAÇÃO RESIDENTE	% DA POP. ACTIVA NA POP. TOTAL
		NÚMERO	%	NÚMERO	%	NÚMERO	%			
Núcleo da Cova da Beira (Concelhos de Fundão e Belmonte)	1960	13 189	66.1	3 827	19.2	2 926	14.7	19 942	56 702	35.2
	1970	7 945	57.0	2 305	16.6	3 680	26.4	13 930	41 480	33.6
Total dos 5 Concelhos	1960	36 137	55.3	18 465	28.3	10 691	16.4	65 293	184 375	35.4
	1970	21 335	43.7	16 210	33.2	11 300	23.1	48 845	139 841	34.9
Total dos 2 Distritos	1960	131 132	62.2	45 338	21.5	34 347	16.3	210 817	599 142	35.2
	1970	85 470	53.9	38 050	24.0	35 160	22.1	158 680	469 113	33.8
Continente	1960	1 372 422	43.9	903 485	28.9	850 339	27.2	3 126 245	8 292 975	37.7
	1970	939 845	31.5	963 035	32.2	1 085 290	36.3	2 988 170	8 074 975	37.0

FONTES: X Recenseamento Geral da População, INE, 1960  
 XI Recenseamento Geral da População, INE, 1970

QUADRO 2.8

NÚMERO DE EXPLORAÇÕES E BLOCOS; SUPERFÍCIE DAS EXPLORAÇÕES, NÚMERO MÉDIO DE BLOCOS POR EXPLORAÇÃO  
SUPERFÍCIE MÉDIA DAS EXPLORAÇÕES E DOS BLOCOS

ÁREA GEOGRÁFICA	EXPLORAÇÕES			BLOCOS			
	NÚMERO	SUPERFÍCIE (HA)	SUPERFÍCIE MÉDIA (HA)	NÚMERO	Nº DE BLOCOS P/ EXPLORAÇÃO	SUPERFÍCIE MÉDIA (HA)	
<b>CONCELHOS</b>							
Belmonte	1	40	2 825.99	70.65	364	9.83	7.76
	2	1 315	2 946.00	2.24	4 495	3.41	0.66
	3	1 355	5 771.99	4.26	4 859	3.59	1.19
Covilhã	1	153	10 910.45	71.31	955	6.24	11.42
	2	4 140	11 763.30	2.84	16 945	4.09	0.69
	3	4 293	22 673.75	5.28	17 900	4.17	1.27
Fundão	1	327	22 884.75	69.98	1 692	5.85	13.53
	2	7 615	17 853.40	2.34	21 465	2.82	0.83
	3	7 942	40 738.15	5.13	23 157	2.92	1.76
Penamacor	1	175	22 331.13	127.61	1 570	10.26	14.22
	2	2 645	10 344.20	3.91	12 700	4.80	0.81
	3	2 820	32 675.33	11.59	14 270	5.06	2.29
Sabugal	1	230	10 367.47	45.08	5 219	22.79	1.99
	2	7 060	28 446.65	4.03	58 005	8.21	0.49
	3	7 290	38 814.12	5.32	63 224	8.67	0.61
<b>DISTRITOS</b>							
Cast. Branco	1	2 633	277 507.40	105.40	37 895	15.53	7.32
	2	41 815	131 564.30	3.15	237 210	5.67	0.55
	3	44 448	409 071.70	9.20	275 105	6.19	1.49
Guarda	1	2 368	93 866.21	39.64	37 624	16.69	2.45
	2	41 490	165 722.05	3.99	256 000	6.17	0.65
	3	43 858	259 588.26	5.92	293 624	6.70	0.88

- 1 - Explorações com 20 ou mais hectares  
2 - Explorações com menos de 20 hectares  
3 - Total das Explorações

FONTE: Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, INE, 1968

QUADRO 2.9

NÚMERO DE EXPLORAÇÃO E BLOCOS; SUPERFÍCIE DAS EXPLORAÇÕES, NÚMERO MÉDIO DE BLOCOS POR EXPLORAÇÃO  
SUPERFÍCIE MÉDIA DAS EXPLORAÇÕES E DOS BLOCOS

ÁREA GEOGRÁFICA	EXPLORAÇÕES			BLOCOS			
	NÚMERO	SUPERFÍCIE (HA)	SUPERFÍCIE MÉDIA (HA)	NÚMERO	Nº DE BLOCOS P/ EXPLORAÇÃO	SUPERFÍCIE (HA)	
Núcleo da Cova da Beira (Concelhos de Fundão e de Belmonte)	1	367	25 710.74	70.06	2 056	6.31	12.51
	2	8 930	20 799.40	2.33	25 960	2.91	0.80
	3	9 297	46 510.14	5.00	28 016	3.01	1.66
Total dos 5 Concelhos	1	925	69 319.79	79.94	9 800	11.38	7.07
	2	22 775	71 353.55	3.13	113 610	4.99	0.63
	3	23 700	140 673.34	5.94	123 410	5.21	1.14
Total dos 2 Distritos	1	5 001	371 373.61	74.26	75 519	16.09	4.92
	2	83 305	297 286.35	3.57	493 210	5.92	0.60
	3	88 306	668 659.96	7.57	568 729	6.44	1.18
Continente	1	29 801	3 050 010.34	102.35	406 328	15.07	7.51
	2	781 855	1 924 146.55	2.46	4 756 100	6.07	0.40
	3	811 656	4 974 156.89	6.13	5 162 428	6.36	0.96

- 1 - Explorações com 20 ou mais hectares  
2 - Explorações com menos de 20 hectares  
3 - Total das Explorações

FONTE: Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, INE, 1968

QUADRO 2.10

## ESTRUTURA ETÁRIA DO PESSOAL DIRIGENTE DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS

ÁREA GEOGRÁFICA	Nº TOTAL DE EXPLORAÇÕES	MENOS DE 35 ANOS		35 - 44 ANOS		45 - 54 ANOS		55 - 64 ANOS		MAIS DE 64 ANOS	
		HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H
<b>CONCELHOS</b>											
Belmonte	1	40	1	16	15	8	8	12	12	3	3
	2	1 315	85	75	230	230	280	250	350	290	370
	3	1 355	86	76	246	245	288	258	362	302	373
Covilhã	1	153	9	8	31	29	27	27	42	41	44
	2	4 140	385	270	685	560	885	775	1 145	990	1 040
	3	4 293	394	278	716	589	912	802	1 187	1 031	1 084
Fundão	1	327	19	14	61	58	78	71	81	74	88
	2	7 615	685	480	1 265	950	1 635	1 400	1 885	1 565	2 145
	3	7 942	704	494	1 326	1 008	1 713	1 471	1 966	1 639	2 233
Penamacor	1	175	7	7	22	21	55	52	54	52	37
	2	2 645	140	95	465	370	565	495	720	605	755
	3	2 820	147	102	487	391	620	547	774	657	792
Sabugal	1	230	6	5	28	28	53	52	72	62	71
	2	7 060	555	395	1 100	855	1 495	1 260	1 975	1 605	1 935
	3	7 290	561	400	1 128	883	1 548	1 312	2 047	1 667	2 006
<b>DISTRITOS</b>											
Cast. Bran.	1	2 633	100	89	429	411	619	587	746	692	739
	2	41 815	3 255	2 650	7 365	6 455	9 500	8 515	10 920	9 370	10 775
	3	44 448	3 355	2 739	7 794	6 866	10 119	9 102	11 666	10 062	11 514
Guarda	1	2 368	85	78	333	317	596	559	794	729	560
	2	41 490	3 615	2 860	7 200	6 260	9 425	8 325	11 080	9 235	10 170
	3	43 858	3 700	2 938	7 533	6 577	10 021	8 884	11 874	9 964	10 730

- 1 - Explorações com 20 ou mais hectares  
 2 - Explorações com menos de 20 hectares  
 3 - Total de explorações

FONTE: Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, INE, 1968

QUADRO 2.11

## ESTRUTURA ETÁRIA DO PESSOAL DIRIGENTE DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS

ÁREA GEOGRÁFICA	Nº TOTAL DE EXPLORAÇÕES	MENOS DE 35 ANOS		35 - 44 ANOS		45 - 54 ANOS		55 - 64 ANOS		MAIS DE 65 ANOS	
		HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H
Núcleo da Co va da Beira	1	367	20	15	77	73	86	79	93	86	91
	2	8 930	770	555	1 495	1 180	1 915	1 650	2 235	1 855	2 515
	3	9 297	790	570	1 572	1 253	2 001	1 729	2 328	1 941	2 606
5 Concelhos	1	925	42	35	158	151	221	210	261	241	243
	2	22 775	1 850	1 315	3 745	2 965	4 860	4 180	6 075	5 055	6 245
	3	23 700	1 892	1 350	3 903	3 116	5 081	4 390	6 336	5 296	6 488
Distritos de Cast. Branco e Guarda	1	5 001	185	167	762	728	1 215	1 146	1 540	1 421	1 299
	2	83 305	6 870	5 510	14 565	12 715	18 925	16 840	22 000	18 605	20 945
	3	88 306	7 055	5 677	15 327	13 443	20 140	17 986	23 540	20 026	22 244
Continente	1	29 801	1 725	1 624	5 163	4 968	7 736	7 302	8 253	7 642	6 924
	2	781 855	85 300	69 570	157 765	136 445	185 390	160 085	187 205	154 770	166 195
	3	811 656	87 025	71 194	162 928	141 413	193 126	167 387	196 058	162 412	173 119

- 1 - Explorações com 20 ou mais hectares  
 2 - Explorações com menos de 20 hectares  
 3 - Total de explorações

FONTE: Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, INE, 1968



QUADRO 2.12

## HABILITAÇÕES LITERÁRIAS DO PESSOAL DIRIGENTE DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS

ÁREA GEOGRÁFICA	TOTAL DE EXPLORAÇÕES	ANALFABETOS		SABE LER E ESCREVER		CURSO SECUNDÁRIO			CURSO MÉDIO E SUPERIOR		
		Nº TOTAL	%	Nº TOTAL	%	AGRIC. Nº TOTAL	NÃO AGR. Nº TOTAL	%	AGR.	NÃO AGR.	%
CONCELHOS	1	40	17,5	30	75,0	1	—	2,50	1	1	5,00
	2	1 315	58,6	520	39,5	—	10	0,76	—	15	1,14
	3	1 355	57,3	550	40,6	1	10	0,81	1	16	1,25
Covilhã	1	153	30,7	95	62,1	—	3	2,0	5	3	5,23
	2	4 140	63,8	1 460	35,3	—	10	0,24	15	15	0,72
	3	4 293	62,6	1 555	36,2	—	13	0,30	20	18	0,89
Fundão	1	327	37,9	184	56,3	2	4	1,86	5	8	4,04
	2	7 615	61,7	2 875	37,8	10	25	0,30	40	35	1,75
	3	7 942	59,9	3 059	38,5	12	29	0,52	45	43	1,11
Pensamacor	1	175	87	74	42,3	—	5	2,85	2	7	5,14
	2	2 645	61,8	965	36,5	5	15	0,76	10	15	0,95
	3	2 820	61,1	1 039	36,8	5	20	0,88	12	22	1,20
Sabugal	1	230	87	37,8	60,0	—	1	0,43	—	4	1,74
	2	7 060	51,9	3 320	47,0	—	30	0,42	40	—	0,57
	3	7 290	51,5	3 458	47,4	—	31	0,43	40	4	0,60
DISTRITOS	1	2 633	32,2	1 588	60,3	6	70	2,89	28	88	4,41
	2	41 815	53,9	18 775	44,9	20	150	0,41	165	180	0,83
	3	44 448	52,6	20 363	45,7	26	220	0,55	193	268	1,04
Guarda	1	368	30,8	1 491	62,9	4	44	2,03	5	95	4,20
	2	41 490	46,9	21 480	51,8	5	200	0,49	85	275	0,87
	3	43 858	45,9	22 971	52,5	9	244	0,58	90	370	1,05

1 - Explorações com 20 ou mais hectares

2 - Explorações com menos de 20 hectares

3 - Total de explorações

QUADRO 2.13

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS DO PESSOAL DIRIGENTE DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS

ÁREA GEOGRÁFICA	TOTAL DE EXPLORAÇÕES	ANALFABETOS		SABE LER E ESCREVER		CURSO SECUNDÁRIO			CURSO MÉDIO E SUPERIOR			
		Nº TOTAL	%	Nº TOTAL	%	AGRIC. TOTAL	NÃO AGR. TOTAL	%	AGRIC. TOTAL	NÃO AGR. TOTAL	%	
Núcleo da Cova da Beira (Concelho de Belmonte e Concelho do Fundão)	1	367	131	35,7	214	58,3	3	4	1,9	6	9	4,1
	2	8 930	5 400	60,5	3 395	38,0	10	35	0,5	40	50	1,0
	3	9 297	5 531	59,5	3 609	38,8	13	39	0,6	46	59	1,1
Total dos 5 Concelhos	1	925	352	38,1	521	56,3	3	13	1,7	13	23	3,9
	2	22 775	13 345	58,6	9 140	40,1	15	90	0,5	105	80	0,8
	3	23 700	13 697	57,8	9 661	40,8	18	103	0,5	118	103	0,9
Total dos 2 Distritos	1	5 001	1 582	31,6	3 079	61,6	10	114	2,5	33	183	4,3
	2	83 305	41 970	50,4	40 255	48,3	25	350	0,5	250	455	0,8
	3	88 306	43 552	49,3	43 334	49,1	35	464	0,5	283	638	1,0
Continente	1	29 801	8 342	28,0	18 835	63,2	119	887	3,4	480	1 138	5,4
	2	781 855	342 905	43,9	429 810	55,0	450	3 830	0,6	1 185	3 675	0,6
	3	811 656	351 247	43,3	448 645	55,3	569	4 717	0,7	1 665	4 813	0,8

- 1 - Explorações com 20 ou mais hectares  
 2 - Explorações com menos de 20 hectares  
 3 - Total de explorações

FONTE: Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, INE, 1968

QUADRO 2.14

FORMAS DE EXPLORAÇÃO DA TERRA

ÁREA GEOGRÁFICA	CONTA PRÓPRIA		ARRENDAMENTO		MISTAS (Conta Própria e Arrendamento)		OUTRAS FORMAS DE EXPLORAÇÃO		TOTAL DAS EXPLORAÇÕES			
	Nº EXP.	SUP. (HA)	Nº EXP.	SUP. (HA)	Nº EXP.	SUP. (HA)	Nº EXP.	SUP. (HA)	Nº EXP.	SUP. (HA)		
CONCELHOS	Belmonte	1	15	1 088.48	7	555.84	18	1 181.67	-	-	40	2 825.99
		2	910	1 846.10	170	449.25	225	636.15	10	14.50	1 315	2 946.00
		3	925	2 934.58	177	1 005.09	243	1 817.82	10	14.50	1 355	5 771.99
	Covilhã	1	75	4 784.70	44	3 049.90	31	2 916.85	3	159.00	153	10 910.45
		2	2 830	7 791.50	575	1 496.00	690	2 356.80	45	119.00	4 140	11 763.30
		3	2 905	12 576.20	619	4 545.90	721	5 273.65	48	278.00	4 293	22 673.75
	Fundão	1	178	12 823.85	49	4 108.63	98	5 882.31	2	70.00	327	22 884.79
		2	4 885	11 403.85	1 665	3 239.95	1 045	3 173.15	20	36.50	7 615	17 853.45
		3	5 063	24 227.70	1 714	7 348.58	1 143	9 055.46	22	106.50	7 942	40 738.24
Penamacor	1	96	16 094.83	28	2 117.30	51	4 119.00	-	-	175	22 331.13	
	2	1 675	6 006.45	220	575.60	740	3 700.35	10	61.80	2 645	10 344.20	
	3	1 771	22 101.28	248	2 692.90	791	7 819.35	10	61.80	2 820	32 675.33	
Sabugal	1	160	6 485.65	6	467.41	64	3 414.41	-	-	230	10 367.47	
	2	5 375	21 442.70	160	289.65	1 475	6 649.20	50	65.10	7 060	28 446.65	
	3	5 535	27 928.35	166	757.06	1 539	10 063.61	50	65.10	7 290	38 814.12	
DISTRITOS	Castelo Branco	1	1 805	154 881.41	302	47 088.12	505	70 478.19	20	5 059.70	2 632	277 507.42
		2	33 030	103 608.40	4 030	9 274.75	4 635	18 247.75	120	361.40	41 815	131 564.30
		3	34 835	258 561.81	4 332	56 362.87	5 140	88 725.94	140	5 421.10	44 447	409 071.72
	Guarda	1	1 637	62 481.97	162	7 701.47	545	22 441.08	24	1 241.69	2 368	93 866.21
		2	25 605	106 696.40	5 165	11 556.45	10 185	46 006.30	535	1 462.90	41 490	165 722.05
		3	27 242	169 178.37	5 327	19 257.92	10 730	68 447.38	559	2 704.59	43 858	259 588.26

- 1 - Explorações com 20 ou mais hectares  
 2 - Explorações com menos de 20 hectares  
 3 - Total de explorações

FONTE: Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, INE, 1968

QUADRO 2.15

FORMAS DE EXPLORAÇÃO DA TERRA

ÁREA GEOGRÁFICA	CONTA PRÓPRIA		ARRENDAMENTO		MISTAS (Conta Própria e Arrendamento)		OUTRAS FORMAS DE EXPLORAÇÃO		TOTAL DAS EXPLORAÇÕES		
	Nº EXP.	SUP. (HA)	Nº EXP.	SUP. (HA)	Nº EXP.	SUP. (HA)	Nº EXP.	SUP. (HA)	Nº EXP.	SUP. (HA)	
Núcleo da Cova da Beira (Concelhos de Fundão e Belmonte)	1	193	13 912.33	56	4 664.47	116	7 063.98	2	70.00	367	25 710.78
	2	5 795	13 249.95	1 835	3 689.20	1 270	3 809.30	30	51.00	8 930	20 799.45
	3	5 988	27 162.28	1 891	8 353.67	1 366	10 873.28	32	121.00	9 297	46 510.23
Total dos 5 Concelhos	1	524	41 277.51	134	10 299.08	262	17 514.24	5	229.00	925	69 319.83
	2	15 675	48 490.60	2 790	8 050.45	4 175	16 515.65	135	296.90	22 775	71 353.60
	3	16 199	89 768.11	2 824	16 349.53	4 437	34 029.89	140	525.90	23 700	140 873.43
Total dos 2 Distritos	1	3 442	217 363.38	464	54 789.59	1 050	92 919.27	44	6 301.39	5 000	371 373.63
	2	58 635	210 376.80	9 195	20 831.20	14 820	64 254.05	655	1 824.30	83 305	297 286.35
	3	62 077	427 740.18	9 659	75 620.79	15 870	157 173.32	699	8 125.69	88 305	668 659.98
Continente	1	20 073	1 562 706.42	2 645	388 509.10	6 196	1 037 044.46	750	61 750.36	29 801	3 050 010.34
	2	497 450	1 258 599.45	119 145	197 940.00	149 545	424 577.15	15 715	43 029.95	781 855	1 924 146.55
	3	517 523	2 821 305.87	121 790	586 449.10	155 741	1 461 621.61	16 465	104 780.31	811 656	4 974 156.89

1 - Explorações com 20 ou mais hectares

2 - Explorações com menos de 20 hectares

3 - Total das explorações

FONTE: Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, INE, 1968

QUADRO 2.16

EXPLORAÇÕES E SUPERFÍCIES, SEGUNDO A UTILIZAÇÃO DA TERRA

ÁREA GEOGRÁFICA	TOTAL DAS EXPLORAÇÕES CON-TERRA			TERRAS ARÁVEIS			TERRAS OCUPADAS CULT. PERMANENTES		TERRA OCUPADA COM PASTAGENS PERMANENTES			TERRA COM EXPL. FLORESTAIS	
	Nº DE EXPL.	SUPERFÍCIE (HA)	Nº DE EXPL.	SUPERFÍCIE (HA)		Nº DE EXPL.	SUPERFÍCIE (HA)	Nº DE EXPL.	SUPERFÍCIE (HA)	SUPERFÍCIE (HA)		Nº DE EXPL.	SUPERFÍCIE (HA)
				TERRA LIMPA	SOB COBERTO					TERRA LIMPA	SOB COBERTO		
CONCELHOS	1	37	2 825.99	34	1 876.05	17.46	29	233.08	1	0.45	-	26	344.08
	2	1 315	2 946.00	1 270	1 977.45	54.80	725	522.05	25	36.5	-	470	394.90
	3	1 352	5 771.99	1 304	3 853.50	72.26	754	755.13	26	36.95	-	496	738.98
Covilhã	1	153	10 910.45	168	4 796.15	326.40	76	864.68	18	202.30	2.50	85	2 130.47
	2	4 140	11 763.30	4 065	6 115.15	486.10	945	1 054.00	215	231.25	21.25	2 160	3 566.30
	3	4 293	22 673.73	4 193	10 911.30	812.50	1 021	1 918.68	233	433.55	23.75	2 245	5 696.77
Fundão	1	289	22 884.79	286	12 003.94	3 539.41	181	3 254.90	57	789.05	70.50	170	3 938.33
	2	7 615	17 853.45	7 400	10 654.20	876.00	1 753	1 965.60	160	190.25	38.75	2 535	3 836.50
	3	7 904	40 738.24	7 686	22 658.14	4 415.41	1 936	5 220.50	217	979.30	109.25	2 705	7 774.83
Penamacor	1	153	22 331.13	150	13 157.33	1 557.87	117	1 575.52	63	1 557.58	431.0	85	5 478.56
	2	2 645	10 344.20	2 565	7 021.10	678.30	1 370	1 708.80	365	332.85	116.00	675	926.50
	3	2 798	32 675.33	2 715	20 178.43	2 236.17	1 487	3 284.32	428	1 890.43	547.00	760	6 405.06
Sabugal	1	229	10 367.47	228	5 711.49	114.18	165	396.58	208	1 132.80	32.80	211	2 797.43
	2	7 060	28 446.65	7 005	19 458.35	454.05	3 950	1 105.50	4 055	3 187.70	89.25	4 160	4 426.95
	3	7 289	38 814.12	7 233	25 169.84	568.23	4 115	1 502.08	4 263	4 320.50	122.05	4 371	7 224.38
DISTRITOS	1	4 339	277 507.42	2 407	130 607.99	45 204.32	1 512	29 163.17	392	12 042.72	4 890.05	1 127	55 423.34
	2	41 815	131 564.30	40 765	65 826.60	9 076.55	12 820	17 491.50	1 150	1 657.00	239.85	14 060	23 201.60
	3	44 254	409 071.72	43 172	196 434.59	56 280.87	14 332	46 654.67	1 542	13 699.72	5 129.90	15 187	78 624.94
Castelo Branco	1	2 253	93 866.21	2 217	52 338.98	1 914.95	1 778	16 387.56	1 353	7 282.57	330.22	1 389	14 244.24
	2	41 490	165 722.05	40 415	106 591.00	5 623.90	20 070	23 237.80	11 175	11 082.45	538.65	18 295	22 128.55
	3	43 743	259 588.26	42 632	158 929.98	7 544.85	21 848	39 625.36	12 528	18 305.02	868.87	19 684	36 372.79

1 - Explorações com 20 ou mais hectares  
 2 - Explorações com menos de 20 hectares  
 3 - Total de Explorações

FONTE: Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, INE, 1968

QUADRO 2.17

## EXPLORAÇÕES E SUPERFÍCIES, SEGUNDO A UTILIZAÇÃO DA TERRA

ÁREA GEOGRÁFICA	TOTAL DAS EXPLORAÇÕES COM TERRA		TERRAS ARÁVEIS			TERRAS OCUFADAS COM CULT. PERMANENTES		TERRA OCUPADA COM PASTAGENS PERMANENTES			TERRA COM EXPL. FLORESTAIS	
	Nº DE EXPL.	SUPERFÍCIE (HA)	Nº DE EXPL.	SUPERFÍCIE (HA)		Nº DE EXPL.	SUPERFÍCIE (HA)	Nº DE EXPL.	SUPERFÍCIE (HA)		Nº DE EXPL.	SUPERFÍCIE (HA)
				TERRA LÍMPA	SOB COBERTO				TERRA LÍMPA	SOB COBERTO		
Núcleo da Cova da Beira	1	326	320	13 879,99	3 556,87	210	3 487,98	58	789,50	196	4 282,41	
Concelhos de Belmonte e Fundão	2	8 930	8 670	12 631,65	930,80	2 480	2 487,65	185	226,75	3 005	4 231,40	
	3	9 256	8 990	26 511,64	4 487,67	2 690	5 975,63	243	1 016,25	3 201	8 513,81	
Total dos 5 Concelhos	1	861	846	37 544,96	5 555,32	568	6 324,76	347	3 682,18	577	14 688,87	
	2	22 775	22 285	45 226,25	2 549,25	8 745	6 355,95	5 167	3 978,55	10 000	13 151,15	
	3	23 636	23 131	82 771,21	8 104,57	9 313	14 680,71	5 514	7 660,73	10 577	27 840,02	
Total dos 2 Distritos	1	4 692	4 624	182 946,97	47 119,27	3 290	45 550,73	1 745	19 265,29	5 220,27	2 516	69 667,58
	2	83 305	81 180	172 417,60	14 706,45	32 890	40 729,30	12 325	12 739,45	778,50	32 355	45 330,15
	3	87 997	85 804	355 364,57	61 825,72	36 180	86 289,03	14 070	32 004,74	5 998,71	34 871	114 997,13
Continente	1	26 949	26 115	1 404 266,55	640 989,57	16 649	291 466,80	6 976	91 901,43	75 830,04	12 755	622 331,72
	2	781 855	748 115	1 074 871,10	159 312,90	284 545	304 606,40	62 920	51 436,90	2 981,80	306 200	327 624,95
	3	808 804	774 230	2 479 137,65	800 302,47	301 394	596 073,20	69 896	143 338,33	78 811,84	318 955	949 956,67

1 - Explorações com 20 ou mais hectares

2 - Explorações com menos de 20 hectares

3 - Total de Explorações

FONTE: Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, INE, 1968

QUADRO 2.18

Ocupação das Terras Aráveis

ÁREA GEOGRÁFICA	CULTURAS ARVENSES		HORTAS		PRADOS TEMPORÁRIOS		POUSIOS		RESTANTES TERRAS ARÁVEIS		SUPERFÍCIE TOTAL DAS TERRAS ARÁVEIS (HA)	SUPERFÍCIE TER. ARÁV. / SUP. TOTAL EXPLOR. %
	Nº EXPLOR.	SUP. (HA)	Nº EXPLOR.	SUP. (HA)	Nº EXPLOR.	SUP. (HA)	Nº EXPLOR.	SUP. (HA)	Nº EXPLOR.	SUP. (HA)		
<b>CONCELHOS</b>												
Belmonte	1 33	921.32	31	16.83	8	127.77	25	620.05	9	207.54	1 893.51	67.0
	2 1 020	1 244.55	1 030	138.20	70	45.20	435	472.25	145	132.05	1 032.25	35.0
	3 1 053	2 165.87	1 061	155.03	78	172.97	460	1 092.30	154	339.59	2 925.76	50.7
Covilhã	1 143	3 415.29	117.	407.17	20	237.05	65	862.04	22	201.00	5 212.55	47.7
	2 4 835	6 843.55	2 345	1 134.20	235	156.05	550	551.25	285	221.00	8 906.05	75.7
	3 4 978	10 258.84	2 462	1 541.37	255	393.10	615	1 413.29	307	422.00	14 118.60	62.3
Fundão	1 272	7 582.79	243	395.96	81	2 015.86	154	4 756.59	44	792.15	15 543.35	67.9
	2 6 430	6 713.35	6 015	2 136.95	680	552.40	1 825	1 953.95	260	173.35	11 530.20	64.6
	3 6 702	14 296.14	6 258	2 532.91	761	2 588.26	1 979	6 710.54	304	965.70	26 873.55	66.0
Penamacor	1 147	5 283.02	128	217.92	19	875.60	104	2 930.41	11	5 408.25	14 715.20	65.9
	2 2 205	4 347.80	1 945	1 078.55	95	151.00	1 060	1 977.55	55	144.50	7 699.40	74.4
	3 2 352	9 630.82	2 073	1 296.47	104	1 026.60	1 164	4 907.96	66	5 552.75	22 414.60	68.6
Sabugal	1 220	2 328.70	218	146.05	66	277.89	215	2 670.72	89	402.31	5 825.67	56.2
	2 6 005	9 302.80	6 130	1 571.90	625	604.25	4 305	7 280.85	1 400	1 152.60	19 912.40	70.0
	3 6 225	11 631.50	6 348	1 717.95	691	882.14	4 520	9 951.57	1 489	1 554.91	25 738.07	66.3
<b>DISTRITOS</b>												
Castelo Branco	1 2 292	61 416.93	1 894	4 227.23	530	22 962.03	1 359	70 748.10	321	16 658.02	176 812.31	63.7
	2 33 800	41 570.20	32 680	12 860.65	2 285	3 189.70	9 790	15 486.65	300	1 785.95	74 903.16	56.9
	3 36 092	102 987.13	34 584	17 087.88	2 815	26 161.73	11 149	86 234.73	621	18 243.97	251 715.47	61.5
Guarda	1 2 161	26 578.87	1 603	3 115.62	446	2 061.55	1 652	19 075.24	415	3 422.65	54 253.93	57.8
	2 36 560	64 738.60	23 960	10 568.90	2 865	2 912.05	16 010	27 509.85	5 700	6 491.50	112 220.90	67.7
	3 38 711	91 317.47	25 563	13 684.52	3 311	4 973.60	17 662	46 585.09	6 115	9 914.15	166 474.83	64.1

1 - Explorações com 20 ou mais hectares  
 2 - Explorações com menos de 20 hectares  
 3 - Total de Explorações

FONTE: Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, INE, 1968

QUADRO 2.19

## OCUPAÇÃO DAS TERRAS ARÁVEIS

ÁREA GEOGRÁFICA	CULTURAS ARVENSES		HORTAS		PRADOS TEMPORÁRIOS		POUSIOS		RESTANTES TERRAS ARÁVEIS		SUPERFÍCIE TOTAL DAS TERRAS ARÁVEIS (HA)	SUPERFÍCIE TER. ARÁV./ SUP. TOTAL EXPLOR. %	
	Nº EXPLOR.	SUP. (HA)	Nº EXPLOR.	SUP. (HA)	Nº EXPLOR.	SUP. (HA)	Nº EXPLOR.	SUP. (HA)	Nº EXPLOR.	SUP. (HA)			
Núcleo da Cova da Beira	1	305	8 504.11	247	412.79	89	2 143.63	179	5 376.64	53	999.69	17 436.86	67.8
	2	7 450	7 957.90	7 045	2 275.15	750	597.60	2 260	2 426.20	405	305.60	12 563.55	60.4
	3	7 755	16 462.11	7 319	2 687.94	839	2 741.23	2 439	7 802.84	458	1 305.29	29 999.31	64.5
Total dos 5 Concelhos	1	815	19 531.12	737	1 183.93	194	3 534.17	563	11 839.81	175	7 011.25	43 190.28	62.3
	2	20 495	28 452.05	17 465	6 059.80	1 695	1 508.90	8 175	12 235.85	2 145	1 823.70	49 080.30	68.8
	3	21 310	47 983.17	18 202	7 243.73	1 889	5 043.07	8 738	24 075.66	2 320	8 834.95	92 270.58	65.6
Distritos de Castelo Branco e Guarda	1	4 433	87 995.80	3 497	7 342.85	976	25 023.58	3 011	84 823.34	736	19 880.67	231 066.24	62.2
	2	70 370	106 308.80	56 650	23 429.55	5 150	6 111.75	25 800	42 996.50	6 000	8 277.45	187 124.06	63.0
	3	74 803	194 304.60	60 147	30 772.40	6 126	31 135.33	28 811	132 819.84	6 736	28 158.12	418 190.30	62.5
Continente	1	24 977	908 136.60	14 612	31 355.86	4 126	206 420.36	15 310	810 179.08	3 260	89 164.22	2 045 256.12	67.1
	2	674 765	899 987.15	342 465	89 036.05	20 215	18 444.30	110 925	185 332.75	46 420	41 393.15	1 234 184.00	64.1
	3	699 742	1 808 123.75	357 077	120 381.91	24 341	224 865.26	126 235	995 511.83	49 660	130 557.37	3 279 440.12	65.1

1 - Explorações com 20 ou mais hectares

2 - Explorações com menos de 20 hectares

3 - Total de Explorações

FONTE: Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, INE, 1968

QUADRO 2.20

CULTURAS PERMANENTES

ÁREA GEOGRÁFICA	TOTAL			OLIVAL			FOMAR						VINHA		CONSOciações		
	SUP. (HA)		Nº EXP.	SUP. (HA)		Nº EXP.	FRUNIDEIAS		POMOIDEIAS		CONSOciações.		Nº EXP.	SUP. (HA)		Nº EXP.	SUP. (HA)
	Nº EXP.			Nº EXP.			Nº EXP.		Nº EXP.		Nº EXP.			Nº EXP.			
CONCELHOS	1	60	2 825,99	17	42,76		2	6,00	7	25,22	1	1,00	26	147,90	4	9,60	
	2	1 313	2 946,00	180	61,85		5	12,50	30	45,25	-	-	650	372,20	40	28,25	
	3	1 355	5 771,99	197	104,61		6	18,50	37	70,47	1	1,00	676	520,10	44	37,85	
Castelo Branco	1	153	10 910,45	41	340,50		4	10,00	5	24,00	7	23,20	51	266,78	12	71,50	
	2	4 140	11 763,30	345	296,20		5	2,50	25	27,50	70	86,50	580	498,40	100	140,40	
	3	4 293	22 673,75	386	636,70		9	12,00	10	26,50	37	109,70	631	765,18	112	211,90	
Évora	1	327	22 884,75	139	2 187,25		15	42,90	9	41,00	34	140,60	5	48,40	105	528,05	
	2	7 615	17 853,40	1 165	1 004,50		35	24,25	5	7,50	70	84,25	25	39,00	840	536,35	
	3	7 942	40 738,15	1 304	3 191,75		50	67,13	14	48,50	104	224,85	30	87,40	945	1 064,40	
Funchal	1	175	22 331,13	84	1 118,98		3	2,10	-	4	7,07	4	8,04	89	295,07	13	144,26
	2	2 645	10 344,20	600	822,50		5	2,85	-	10	5,50	10	4,50	1 055	814,95	60	58,50
	3	2 820	32 675,33	684	1 941,48		8	4,95	-	14	12,57	14	12,54	1 144	1 110,02	73	202,76
Lisboa	1	229	10 367,47	15	89,45		2	6,00	-	13	50,00	2	5,00	161	224,03	3	22,10
	2	7 060	28 446,65	260	218,80		5	2,50	-	25	44,50	20	15,50	3 840	799,45	40	24,75
	3	7 289	38 814,12	275	308,25		7	8,50	-	38	94,50	22	20,50	4 001	1 023,48	43	46,85
Distritos	1	2 633	277 507,40	1 242	23 806,70		99	389,53	22	74,00	81	421,24	90	612,39	573	2 326,88	
	2	41 815	131 584,30	8 325	11 679,50		155	101,45	30	25,30	145	170,00	845	659,35	4 520	2 984,70	
	3	44 448	409 071,70	9 567	35 486,20		254	490,98	52	99,30	226	591,24	935	1 271,74	5 093	5 311,58	
Guarda	1	2 368	93 866,21	70	4 982,34		20	136,95	127	572,74	197	859,64	1 506	7 552,81	384	2 109,98	
	2	41 490	165 722,05	5 290	4 974,30		70	68,25	45	39,00	260	338,45	670	829,05	16 250	14 017,55	
	3	43 858	259 588,26	5 960	9 956,64		99	241,35	65	175,95	387	931,19	867	1 088,69	17 756	21 570,36	

- 1 - Explorações com 20 ou mais hectares
- 2 - Explorações com menos de 20 hectares
- 3 - Total de Explorações

FONTE: Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, INE, 1968



QUADRO 2.21

CULTURAS PERMANENTES

ÁREA GEOGRÁFICA	TOTAL			OLIVAL			CITRINOS			PRUNOIDEAS			POMÓIDEAS			CONSOCAÇÕES			VINHA			CONSOCAÇÕES OLIVAL + VINHA + FONAR																																																																				
	Nº EXP.	SUP. (HA)		Nº EXP.	SUP. (HA)		Nº EXP.	SUP. (HA)		Nº EXP.	SUP. (HA)		Nº EXP.	SUP. (HA)		Nº EXP.	SUP. (HA)		Nº EXP.	SUP. (HA)		Nº EXP.	SUP. (HA)																																																																			
		1	2		3	1		2	3		1	2		3	1		2	3		1	2		3	1	2	3	1	2	3																																																													
Núcleo da Cova da Beira (Comunidades de Funchal e de Belmonte)	1	367	25 710,74	156	2 230,01	16	43,50	11	47,00	41	165,82	61	165,82	6	69,40	131	675,95	41	276,30	2	8 930	20 799,40	1 345	1 066,35	1 501	3 296,36	296	3 778,94	2 550	2 403,85	2 846	6 182,79	80	95,20	15	22,50	160	207,00	100	139,50	25	39,00	1 490	908,55	210	298,00	1 621	1 584,50	1 41	141,25	141	295,32	31	88,40	70	351,59	19	185,64	6 965	3 021,35	7 397	4 483,18	479	1 035,81	208	993,98	287	1 472,03	2 079	9 879,69	657	3 642,41	403	528,45	1 515	1 488,40	20 770	17 002,25	4 030	4 822,40	22 849	26 881,94	8 885	59 278,79	20 960	151 612,80	26 280	27 093,00	28 790	46 164,50
Total dos 5 Concelhos	3	23 699	140 673,34	2 846	6 182,79	80	95,20	31	93,50	160	207,00	230	536,59	144	231,14	7 397	4 483,18	479	1 035,81	208	993,98	287	1 472,03	2 079	9 879,69	657	3 642,41	403	528,45	1 515	1 488,40	20 770	17 002,25	4 030	4 822,40	22 849	26 881,94	8 885	59 278,79	20 960	151 612,80	26 280	27 093,00	28 790	46 164,50																																													
Total dos 2 Distritos	3	88 306	668 659,96	15 357	45 442,84	353	732,33	117	275,25	613	1 528,45	1 802	2 960,43	1 402	2 960,43	22 849	26 881,94	4 687	4 864,81	208	993,98	287	1 472,03	2 079	9 879,69	657	3 642,41	403	528,45	1 515	1 488,40	20 770	17 002,25	4 030	4 822,40	22 849	26 881,94	8 885	59 278,79	20 960	151 612,80	26 280	27 093,00	28 790	46 164,50																																													
Continente	3	811 656	4 974 156,89	98 929	289 272,24	13 383	11 624,95	1 782	2 607,45	5 400	3 792,20	17 094	27 786,46	17 094	27 786,46	209 845	210 891,59	28 790	46 164,50	208	993,98	287	1 472,03	2 079	9 879,69	657	3 642,41	403	528,45	1 515	1 488,40	20 770	17 002,25	4 030	4 822,40	22 849	26 881,94	8 885	59 278,79	20 960	151 612,80	26 280	27 093,00	28 790	46 164,50																																													

1 - Explorações com 20 ou mais hectares

2 - Explorações com menos de 20 hectares

3 - Total de Explorações

FUN.: Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, INE, 1968

QUADRO 2.22

EQUIPAMENTO MECÂNICO

ÁREA GEOGRÁFICA	TOTAL DE EXPLO- RAÇÕES		MOTORES REGA		TRACTO- RES	MOTO- CULTI- VADO- RAS	DEBULHADORAS		CELFEIRAS		CHARRUAS		GRADES		ENFAR- DAEI- RAS	CONJ. ORDERHAS MECÂN.
	1	2	COMBUS. INTERNO	ELEC- TRICO			SIMPLES	C/ DES. MILHO	DEBULHA- DEIRAS	ATA- DEIRAS	TRACTOÇÃO MECÂN.	TRACTOÇÃO ANIMAL	TRACTOÇÃO MECÂN.	TRACTOÇÃO ANIMAL		
Belmonte	1	40	79	10	19	2	3	4	3	1	27	48	18	42	1	-
	2	1 315	785	45	15	5	10	10	-	1	25	425	20	330	-	-
	3	1 355	864	55	34	7	13	14	3	1	52	473	38	372	1	-
Covilhã	1	153	181	44	48	6	13	17	13	8	46	120	42	113	-	-
	2	4 160	810	85	35	6	65	5	10	-	20	665	20	695	-	-
	3	4 293	1 003	129	83	6	78	22	23	8	66	785	62	808	-	-
Fundão	1	327	373	38	68	23	19	14	1	11	64	286	65	308	-	1
	2	7 615	2 095	95	5	5	5	5	-	-	5	1 245	5	1 165	-	-
	3	7 942	2 468	133	73	28	24	19	1	11	69	1 531	70	1 473	-	1
Penamacor	1	175	83	10	30	3	6	4	3	3	45	135	31	112	1	14
	2	2 645	440	10	10	-	20	15	-	-	-	960	-	885	-	5
	3	2 820	523	20	30	3	26	19	3	3	45	1 095	31	997	1	19
Sabugal	1	230	199	25	18	-	10	5	1	3	28	219	19	201	-	2
	2	7 060	1 125	45	35	10	10	10	1	15	45	2 380	15	2 275	-	-
	3	7 290	1 324	70	53	10	20	15	1	18	73	2 599	34	2 476	-	2
Castelo Branco	1	2 633	542	202	364	44	75	144	27	40	431	3 061	383	2 077	21-	3
	2	41 815	8 430	515	120	15	140	205	10	15	80	11 095	85	9 745	-	-
	3	44 448	8 972	717	484	59	215	349	37	55	511	14 157	418	11 822	21	3
Guarda	1	2 368	1 237	114	190	9	82	16	7	35	225	2 081	156	1 349	5	4
	2	41 490	9 525	480	255	40	380	145	5	45	255	13 360	205	12 495	5	4
	3	43 858	10 762	594	445	49	462	161	12	100	480	15 441	361	13 844	5	4

1 - Explorações com 20 ou mais hectares  
 2 - Explorações com menos de 20 hectares  
 3 - Total de Explorações

FONTE: Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, INE, 1968

QUADRO 2.23

EQUIPAMENTO MECÂNICO

ÁREA GEOGRÁFICA	TOTAL DE EXPLO- RAÇÕES	MOTORES REGA		TRACTO- RES	MOTO- CULTI- VADO- RAS	DEBULHADORAS		CEIFEIRAS		CHARRUAS		GRANDES		ENFAR- DADEI- RAS	CURS. ORDEMAM- NTO
		COMBUS. INTERIO	ELÉC- TRICO			C/ DES. MILHO	DEBULHA- DEIRAS	ATA- DEIRAS	TRACÇÃO MECÂN.	TRACÇÃO ANIMAL	TRACÇÃO MECÂN.	TRACÇÃO ANIMAL	TRACÇÃO MECÂN.		
Núcleo da Cova da Beira	1	452	48	87	25	22	18	4	12	91	334	83	350	1	1
	2	2 280	140	20	10	15	15	-	-	30	1 670	25	1 495	-	-
	3	3 332	188	107	35	37	33	4	12	121	2 004	108	1 845	1	1
Total dos 5 Concelhos	1	927	127	183	34	51	44	21	26	210	808	175	776	2	1
	2	5 255	280	90	20	110	45	10	15	95	5 675	60	5 350	-	-
	3	6 182	407	273	54	161	89	31	41	305	6 483	235	6 126	2	1
Total dos 2 Distritos	1	1 779	316	554	53	157	160	34	75	656	5 162	539	4 426	26	7
	2	17 955	995	375	53	520	350	15	80	335	34 455	200	32 240	-	-
	3	19 734	1 311	899	108	677	510	49	155	991	29 597	829	25 666	26	7
Continente	1	13 556	4 929	8 628	724	1 594	1 020	1 137	1 612	8 951	43 584	6 532	28 414	1 217	187
	2	116 595	48 945	8 325	1 480	3 355	5 645	480	1 015	6 845	238 430	5 515	226 880	710	240
	3	130 151	53 874	16 953	2 204	4 949	6 665	1 617	2 627	15 796	282 014	12 047	275 264	1 927	427

1 - Explorações com 20 ou mais hectares

2 - Explorações com menos de 20 hectares

3 - Total de Explorações

FONTE: Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, INE, 1968

QUADRO 2.24

EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS COM REGADIO

ÁREA GEOGRÁFICA	EXPLORAÇÕES				SUPERFÍCIE (HA)			
	TOTAL	COM REGADIO		TOTAL	COM REGADIO			
		Nº	%		SUP. REGADA	%		
CONCELHOS	Belmonte	1	37	33	89.2	2 825.99	480.49	17.0
		2	1 315	975	74.1	2 946.00	1 367.20	46.4
		3	1 352	1 008	74.6	5 771.99	1 847.69	32.0
	Covilhã	1	153	149	97.4	10 910.45	2 646.01	24.3
		2	4 140	3 710	89.6	11 763.30	4 041.55	34.4
		3	4 293	3 859	89.9	22 637.75	6 687.56	29.5
	Fundão	1	289	277	95.8	22 884.79	1 914.65	8.4
		2	7 615	5 625	73.9	17 853.45	6 021.75	33.7
		3	7 904	5 902	74.7	40 738.24	7 936.40	19.5
Penamacor	1	153	136	89.5	22 331.13	998.07	4.5	
	2	2 645	1 480	56.0	10 344.20	1 225.50	11.8	
	3	2 798	1 616	57.8	32 675.33	2 223.57	6.8	
Sabugal	1	229	227	99.1	10 367.47	1 664.40	16.1	
	2	7 060	4 235	60.0	28 446.65	5 330.65	18.7	
	3	7 289	4 462	61.2	38 814.12	6 995.05	18.0	
DISTRITOS	Castelo Branco	1	2 439	2 144	87.9	277 507.42	16 327.12	5.9
		2	41 815	26 570	63.5	131 564.30	24 381.90	18.5
		3	44 254	28 714	64.9	409 071.72	40 709.02	10.0
	Guarda	1	2 253	2 022	89.7	93 866.21	13 659.64	14.6
		2	41 490	31 045	74.8	165 722.05	38 436.10	23.2
		3	43 743	33 067	75.6	259 588.26	52 095.74	17.6

- 1 - Explorações com 20 ou mais hectares  
 2 - Explorações com menos de 20 hectares  
 3 - Total de Explorações

FONTE: Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, INE, 1968

QUADRO 2.25

EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS COM REGADIO

ÁREA GEOGRÁFICA	EXPLORAÇÕES				SUPERFÍCIE (HA)		
	TOTAL	COM REGADIO		TOTAL	COM REGADIO		
		Nº	%		SUP. REGADA	%	
Núcleo da Cova da Beira (Concelhos do Fundão e de Belmonte)	1	326	310	95.1	25 710.78	2 305.14	9.3
	2	3 930	6 600	73.9	20 799.45	7 388.95	35.5
	3	9 256	6 910	74.7	46 510.23	9 784.09	21.0
Total dos 5 Concelhos	1	861	822	95.5	69 319.83	7 703.62	11.1
	2	22 775	16 025	70.4	71 353.60	17 986.65	25.2
	3	23 636	16 847	71.3	140 677.43	25 690.27	18.3
Total dos 2 Distritos	1	4 692	4 166	88.8	371 373.63	29 986.76	8.1
	2	83 305	57 615	69.2	297 286.35	62 818.00	21.1
	3	87 997	61 781	70.2	668 659.98	92 804.76	13.9
Continente	1	26 949	18 585	69.0	3 050 010.34	196 349.70	6.4
	2	781 855	496 080	63.4	1 924 146.55	424 820.90	22.1
	3	808 804	514 665	63.6	4 974 156.89	621 170.60	12.5

- 1 - Explorações com 20 ou mais hectares  
 2 - Explorações com menos de 20 hectares  
 3 - Total de Explorações

FONTE: Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, INE, 1968

QUADRO 2.26

EFFECTIVOS PECUÁRIOS

ÁREA GEOGRÁFICA		EQUINOS	MUARES	ASININOS	BOVINOS	OVINOS	CAPRINOS	SUÍNOS
CONCELHOS								
Belmonte	A	200	39	398	495	8 734	1 252	1 618
	B	236	64	550	787	9 887	1 147	2 675
	C	63	70	454	679	6 433	991	3 253
Covilhã	A	516	204	1 386	1 800	17 211	36 815	6 334
	B	574	151	1 139	2 394	20 447	14 680	5 988
	C	343	142	1 354	3 026	14 956	9 413	8 911
Fundão	A	316	92	1 712	2 426	34 855	18 278	5 828
	B	589	318	1 803	3 819	47 079	14 028	10 121
	C	219	311	1 906	3 758	32 031	11 593	11 346
Penamacor	A	211	92	1 861	2 012	19 449	16 387	2 803
	B	204	164	2 339	2 285	25 733	13 613	2 096
	C	76	106	1 946	1 365	8 795	13 342	4 098
Sabugal	A	718	358	4 131	7 634	38 580	20 909	4 230
	B	864	316	4 406	8 495	35 833	13 967	5 750
	C	209	108	3 827	8 399	11 483	8 754	7 006
DISTRITOS								
Castelo Branco	A	2 536	2 889	14 857	22 106	279 797	189 262	59 159
	B	2 818	3 988	15 937	24 063	349 180	123 500	66 281
	C	1 096	3 923	16 045	21 572	253 177	117 369	82 284
Guarda	A	3 757	4 706	21 432	24 677	273 623	74 870	32 312
	B	4 243	5 952	23 671	30 799	277 678	68 310	47 617
	C	1 622	4 304	20 523	32 323	156 802	45 130	44 901

A - 1935  
B - 1955  
C - 1972

FONTE: Arrolamento Geral do Gado, INE, 1972

QUADRO 2.27

EFFECTIVOS PECUÁRIOS

ÁREA GEOGRÁFICA		EQUINOS		MUARES		ASININOS		BOVINOS		OVINOS		CAPRINOS		SUÍNOS	
			1		1		1		1		1		1		1
Cova da Beira	A	516	100	214	100	2 110	100	2 921	100	43 589	100	19 530	100	7 446	100
	B	825	160	382	179	2 353	112	4 606	158	56 966	131	15 175	78	12 796	172
	C	282	55	381	178	2 360	112	4 437	152	38 464	88	12 584	64	14 599	196
5 Concelhos	A	1 961	100	868	100	9 488	100	14 367	100	118 829	100	93 641	100	20 813	100
	B	2 467	125	1 013	117	10 237	108	17 780	124	138 979	117	57 435	61	27 630	133
	C	910	46	737	85	9 487	100	17 227	120	73 698	62	44 093	47	34 614	166
2 Distritos	A	6 293	100	7 595	100	36 289	100	46 783	100	553 420	100	764 132	100	91 471	100
	B	7 061	112	9 940	131	39 608	109	54 842	117	626 858	113	1 918 10	73	113 898	125
	C	2 718	43	8 227	108	36 568	107	53 895	115	409 979	74	162 499	62	107 185	117
Continente	A	86 126	100	119 932	100	268 434	100	777 503	100	3 223 685	100	1 256 881	100	1 138 648	100
	B	68 175	79	126 286	105	232 497	87	903 862	116	3 592 912	112	707 107	56	1 418 615	125
	C	30 333	35	87 016	73	177 385	66	1 071 556	138	2 420 194	75	741 023	59	1 977 236	174

A - 1935  
B - 1955  
C - 1972

1 - Números Índice

FONTE: Arrolamento Geral do Gado, INE, 1972

QUADRO 2.28

EXPLORAÇÕES E SUPERFÍCIES SEGUNDO O DESTINO DA PRODUÇÃO

ÁREA GEOGRÁFICA	VENDA		AUTO CONSUMO		Z Nº DE EXPLORAÇÕES		Z DA SUPERFÍCIE		
	Nº DE EXPLORAÇÕES	SUPERFÍCIE (HA)	Nº DE EXPLORAÇÕES	SUPERFÍCIE (HA)	VENDA	AUTOCONSUMO	VENDA	AUTOCONSUMO	
CONCELHOS									
Belmonte	1	37	2 792.78	3	33.21	92.5	7.5	98.8	1.2
	2	520	2 025.25	795	920.75	39.5	60.5	68.7	31.3
	3	557	4 818.03	798	953,96	41.1	58.9	83.5	16.5
Covilhã	1	130	9 454.45	23	1 456,50	80,4	19,6	86,7	13,3
	2	1 055	4 821.30	3 085	6 942.00	25,5	74,5	41,0	59,0
	3	1 185	14 275.75	3 108	8 398.00	27,6	72,4	63,0	37,0
Fundão	1	233	19 920.79	94	2 954.00	71,3	28,7	87,1	12,9
	2	1 690	6 873.55	5 925	10 979.90	22,2	77,8	38,5	61,5
	3	1 923	26 794.34	6 019	13 933.90	24,3	75,7	65,8	34,2
Penamacor	1	94	17 145.28	81	5 185.85	53,7	46,3	76,8	23,2
	2	365	2 650.15	2 280	7 694.05	13,8	86,3	25,6	74,4
	3	459	19 795.43	2 361	12 879.90	16,3	83,7	60,6	39,4
Sabugal	1	164	7 913.23	66	2 454.24	71,3	28,7	76,3	23,7
	2	1 485	11 118,75	5 575	17 327,90	21,0	79,0	39,1	60,9
	3	1 649	19 031.98	5 641	19 782.14	22,6	77,4	49,0	51,0
DISTRITOS									
Castelo Branco	1	1 511	226 471.43	1 122	51 035.99	57,4	42,6	81,6	18,4
	2	8 200	38 435,10	33 615	93 129.20	19,6	80,4	29,2	70,6
	3	9 711	264 906,53	34 737	144 165.19	21,9	78,1	64,8	35,2
Guarda	1	1 492	68 901.44	876	24 964.77	63,0	37,0	73,4	26,6
	2	13 165	75 552.30	28 325	90 169.75	31,7	68,3	45,6	54,4
	3	14 657	144 453.74	29 201	115 134.52	33,4	66,5	55,6	44,4

- 1 - Explorações com 20 ou mais hectares  
 2 - Explorações com menos de 20 hectares  
 3 - Total de Explorações

FONTE: Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, INE, 1968

QUADRO 2.29

EXPLORAÇÕES E SUPERFÍCIES SEGUNDO O DESTINO DA PRODUÇÃO

ÁREA GEOGRÁFICA	VENDA		AUTOCONSUMO		Z DO Nº EXPLORAÇÕES		Z DA SUPERFÍCIE		
	Nº DE EXPLORAÇÕES	SUPERFÍCIE (HA)	Nº DE EXPLORAÇÕES	SUPERFÍCIE (HA)	VENDA	AUTOCONSUMO	VENDA	AUTOCONSUMO	
Núcleo da Cova da Beira (Con. Belm. + Con. Fun.)	1	270	12 247.23	97	2 981.21	73.6	26.4	80.4	19.6
	2	2 210	6 846.55	6 720	11 900.65	24.8	75.2	36.5	63.5
	3	2 480	19 093.78	6 817	14 887.86	26.7	73.3	56.2	43.8
Total dos 5 Concelhos	1	658	57 226.53	267	12 083.30	71.1	28.9	82.6	17.4
	2	5 115	27 489.00	17 660	43 864.60	22.5	38.5	38.5	61.5
	3	5 775	84 715.53	17 927	55 947.90	24,4	60,2	60,2	39,8
Total dos 2 Distritos	1	3 003	295 372.87	1 998	76 000.76	60,0	40,0	79,5	20,5
	2	21 365	113 987.40	61 940	183 298.95	25,7	74,3	38,3	61,7
	3	24 378	409 360.27	63 938	259 299.71	27,6	72,4	61,2	38,8
Continente	1	21 348	2 703 682.29	8 453	346 238.05	71,6	28,4	88,7	11,3
	2	213 415	822 920.75	568 440	1 094 225.80	27,3	72,7	43,1	56,9
	3	234 763	3 533 603.04	576 893	1 440 553.85	28,9	71,1	71,1	28,9

- 1 - Explorações com 20 ou mais hectares  
 2 - Explorações com menos de 20 hectares  
 3 - Total de Explorações

FONTE: Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, INE, 1968

QUADRO 2.31

SUPERFÍCIE DOS CONCELHOS E DAS FREGUESIAS ABRANGIDOS PELO  
PLANO DE REGA DA COVA DA BEIRA

CONCELHOS	SUPERFÍCIE (HA)	FREGUESIAS	SUPERFÍCIE (HA)	% EM RELAÇÃO À SUPERFÍCIE DO CONCELHO
BELMONTE	11 456	Belmonte	2 732	23.8
		Caria	4 615	40.3
		Comcal da Torre	731	6.4
		Inguias	1 505	13.1
		Maçaínhas	1 873	16.4
		TOTAL DAS 5 FREGUESIAS	11 456	100.0
COVILHÃ	55 643	Ferro	2 719	4.9
		Peraboa	3 060	5.5
		TOTAL DAS 2 FREGUESIAS	5 779	10.4
FUNDÃO	70 165	Alcaide	1 695	2.4
		Alcaria	2 151	3.1
		Aldeia de Joanes	799	1.1
		Aldeia Nova do Cabo	969	1.4
		Capinha	5 192	7.4
		Donas	808	1.2
		Escarigo	932	1.3
		Fatela	3 304	4.7
		Fundão	1 791	2.6
		Peroviseu	1 339	1.9
		Salgueiro	5 649	8.0
		Telhado	1 752	2.5
		Valverde	1 451	2.1
				TOTAL DAS 13 FREGUESIAS
PENAMACOR	56 005	Benquerença	2 778	5.0
		Meimoa	3 049	5.4
		Vale da Sra. da Póvoa	2 046	3.7
		TOTAL DAS 3 FREGUESIAS	7 873	14.1
SABUGAL	82 670	Bendada	3 604	4.3
		Casteleiro	4 373	5.3
		Quintas de S. Bartolomeu	880	1.1
		Sabugal	3 157	3.8
		TOTAL DAS 4 FREGUESIAS	12 014	14.5
TOTAL DOS 5 CONCELHOS	275 939	TOTAL DAS 27 FREGUESIAS	64 954	23.5

FONTE: Comissão Nacional do Ambiente

QUADRO 2.33

FORMAS DE EXPLORAÇÃO DA TERRA; NÚMERO DE PRÉDIOS E NÚMERO MÉDIO DE PRÉDIOS POR EXPLORAÇÃO NAS FREGUESIAS DA COVA DA BEIRA

FREGUESIA	EXPLORAÇÕES								PRÉDIOS		
	CONTA-PRÓPRIA		ARRENDAMENTO		MISTOS		OUTRAS FORMAS		TOTAIS	MÉDIA POR EXPLORAÇÃO	
	NÚMERO	%	NÚMERO	%	NÚMERO	%	NÚMERO	%	NÚMERO		
Alcaide (F)	43	68.2	9	14.3	11	17.5	-	-	63	131	2.0
Alcaria (F)	181	60.3	53	17.7	66	22.0	-	-	300	871	2.9
Aldeia de Joanes (F)	22	33.3	38	57.6	6	9.1	-	-	66	108	1.6
Aldeia Nova do Cabo (F)	66	56.4	23	19.7	28	23.9	-	-	117	297	2.5
Belmonte (B)	133	65.2	38	18.6	28	13.7	5	2.5	204	365	1.8
Bendada (S)	7	63.6	2	18.2	-	-	2	18.2	11	12	1.1
Benquerença (P)	495	73.8	25	3.7	151	22.5	-	-	671	4 959	7.4
Capinha (F)	127	51.8	68	27.8	50	20.4	-	-	245	537	2.2
Caria (B)	271	57.4	98	20.8	84	17.8	19	4.0	472	1 029	2.2
Casteleiro (S)	37	80.4	5	10.9	4	8.7	-	-	46	75	1.6
Colmeal da Torre (B)	172	79.6	17	7.9	23	10.6	4	1.9	216	406	1.9
Donas (F)	103	51.5	63	31.5	34	17.0	-	-	200	398	2.0
Escarigo (F)	83	66.9	17	13.7	24	19.4	-	-	124	389	3.1
Fatela (F)	197	69.1	32	11.2	56	19.7	-	-	285	684	2.4
Ferro (C)	178	65.2	52	19.0	43	15.8	-	-	273	537	2.0
Fundão (F)	159	52.3	123	40.5	22	7.2	-	-	304	520	1.7
Inguia (B)	221	55.4	79	19.8	96	24.1	3	0.7	399	1 089	2.7
Maçainhas (B)	49	80.3	3	4.9	8	13.1	1	1.7	61	99	1.6
Meimoa (P)	242	64.0	47	11.4	89	23.6	-	-	378	1 272	3.4
Peraboa (C)	170	66.4	31	12.1	53	20.7	2	0.8	256	559	2.2
Peroviseu (F)	56	70.9	14	17.7	9	11.4	-	-	79	149	1.9
Quintas de S. Bartolomeu (S)	29	40.3	21	29.2	15	20.8	7	9.7	72	100	1.4
Sabugal (S)	118	40.0	88	29.8	60	20.4	29	9.8	295	400	1.4
Salgueiro (F)	247	78.9	22	7.0	44	14.1	-	-	313	1 391	4.4
Telhado (F)	78	62.9	31	25.0	15	12.1	-	-	124	211	1.7
Vale da Senhora da Póvoa (P)	130	63.1	19	9.2	57	27.7	-	-	206	800	3.9
Valverde (F)	238	68.6	41	11.8	68	19.6	-	-	347	885	2.6
TOTAL DAS 27 FREGUESIAS	3 852	62.8	1 059	17.3	1 144	18.7	72	1.2	6 127	18 273	3.0

(B) - Freguesia do Concelho de Belmonte

(P) - Freguesia do Concelho de Penamacor

(C) - Freguesia do Concelho da Covilhã

(S) - Freguesia do Concelho do Sabugal

(F) - Freguesia do Concelho do Fundão

FONTE: Brigada Agronómica da Cova da Beira (B.A.C.B.)

QUADRO 2.35

TIPOS DE EXPLORAÇÃO AGRÍCOLA

FREGUESIA	SUBSISTÊNCIA		TEMPO PARCIAL		FAMILIAR		PATRONAIS		MORTAS		TOTAL
	NÚMERO	%	NÚMERO	%	NÚMERO	%	NÚMERO	%	NÚMERO	%	NÚMERO
Alcaide (F)	27	44.3	13	21.3	13	21.3	4	1.6	7	11.5	61
Alcaria (F)	162	53.7	52	17.2	49	16.2	4	1.3	35	11.6	302
Aldeia de Joanes (F)	35	50.0	5	7.2	26	37.1	3	4.3	1	1.4	70
Aldeia Nova do Cabo (F)	45	38.8	11	9.5	48	41.4	2	1.7	10	8.6	116
Belmonte (B)	93	44.7	22	10.6	77	37.0	12	5.8	4	1.9	208
Bendada (S)	19	44.2	3	7.0	19	44.2	1	2.3	1	2.3	43
Benquerença (P)	209	36.7	124	21.7	178	31.2	1	0.2	58	10.2	570
Capinha (F)	127	54.5	26	11.2	62	26.6	5	2.1	13	5.6	233
Caria (B)	235	50.2	47	10.0	157	33.6	6	1.3	23	4.9	468
Casteleiro (S)	26	47.3	1	1.8	24	43.6	3	5.5	1	1.8	55
Colmeal da Torre (B)	99	50.8	2	1.0	67	34.4	2	1.0	25	12.8	195
Donas (F)	77	38.9	54	27.3	49	24.7	-	0.0	18	9.1	198
Escarigo (F)	77	37.0	5	2.4	28	13.5	1	0.5	97	46.6	208
Fatela (F)	101	37.0	52	19.0	93	34.1	4	1.5	23	8.4	273
Ferro (C)	135	49.5	41	15.0	74	27.1	5	1.8	18	6.6	273
Fundão (F)	91	29.0	61	19.4	133	42.4	16	5.1	13	4.1	314
Inguia (B)	159	47.3	31	9.2	127	37.8	5	1.5	14	4.2	336
Maçainhas (B)	38	61.3	-	0.0	18	29.0	-	0.0	6	9.7	62
Meimoa (P)	132	36.8	75	20.9	120	33.4	1	0.3	31	8.6	359
Peraboa (C)	97	39.1	37	14.9	102	41.2	5	2.0	7	2.8	248
Peroviseu (F)	31	43.7	5	7.0	23	23.4	5	7.0	7	9.9	71
Quintas de S. Bartolomeu (S)	34	47.2	16	22.2	18	25.0	-	0.0	4	5.6	72
Sabugal (S)	139	47.1	64	21.7	73	24.8	3	1.0	16	5.4	295
Salgueiro (F)	142	43.6	46	14.1	91	27.9	6	1.8	41	12.6	326
Telhado (F)	73	59.8	3	2.5	39	32.0	2	1.6	5	4.1	122
Vale da Senhora da Póvoa (P)	102	49.8	45	21.9	55	26.8	1	0.5	2	1.0	205
Valverde (F)	178	54.4	54	16.5	80	24.5	4	12.2	11	3.4	327
TOTAL DAS 27 FREGUESIAS	2 683	45.3	895	15.1	1 843	31.1	98	1.7	403	6.8	5 922

(B) - Freguesia do Concelho de Belmonte

(P) - Freguesia do Concelho de Penamacor

(C) - Freguesia do Concelho da Covilhã

(S) - Freguesia do Concelho do Sabugal

(F) - Freguesia do Concelho do Fundão

FONTE: Brigada Agronómica da Cova da Beira



QUADRO 2.36

## APROVEITAMENTO ACTUAL DA ÁREA DO PROJECTO SEM ALBUFEIRAS

	ÁREA A BENEFICIAR		ÁREA COMPLEMENTAR	
	HA	%	HA	%
Culturas arvenses de sequeiro	4758.655	32.95	4220.626	24.79
Culturas arvenses de regadio	4502.971	31.17	259.899	1.54
Horta	226.069	1.57	28.421	0.17
Vinha	726.466	5.03	362.449	2.11
Olival	1810.729	12.54	858.789	5.00
Pomar	861.580	5.96	88.167	0.05
Matas	78.404	0.54	2416.426	14.08
Incultos	1453.891	10.06	1844.037	10.74
Improdutivos	11.325	0.08	6941.074	40.66
Área Social	15.016	0.10	146.790	0.86
TOTAL	14445.106	100.00	17166.678	100.00

FONTE: Brigada Agronómica da Cova da Beira

QUADRO 2.37

## COMPARAÇÃO ENTRE O APROVEITAMENTO ACTUAL DA ÁREA DO PROJECTO E OS RESULTADOS DO INQUÉRITO ÀS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS

% DO TOTAL	ÁREA DO PROJECTO		CONCELHO DE BELMONTE E FUNDÃO	BELMONTE + COVILHÃ + FUNDÃO + PENAMACOR + SABUGAL	DISTRITO CAST. BRANCO E GUARDA
	ÁREA A BENEFICIAR	ÁREA COMPLEMENTAR			
(Horta)	1.56	0.17	5.8	5.2	4.6
Terras Aráveis	65.7	24.2	57.0	58.8	53.2
Vinha	5.03	2.11	3.4	3.2	4.02
Olival	12.5	5.11	7.1	4.4	6.8
Pomares	5.96	0.05	1.1	0.7	0.8
Mata	0.54	14.08	18.3	19.3	17.2

QUADRO 2.38

EFFECTIVOS PECUÁRIOS NA COVA DA BEIRA

FREGUESIA	EQUINOS			MÓIARES			ASINIÇOS			BOVINOS			OVINOS			CAPRINOS			SUÍNOS					
	1935	1955	1972	1935	1955	1972	1935	1955	1972	1935	1955	1972	1935	1955	1972	1935	1955	1972	1935	1955	1972			
	Alcaide	12	8	12	66	66	59	71	48	54	375	159	540	377	182	157	228	170	194	228	170	194		
Alcaria	21	31	7	52	31	16	71	77	73	2650	1892	1085	329	107	166	265	318	592	265	318	592			
Aldeia de Joanes	8	4	4	32	6	5	34	58	121	521	255	595	36	10	50	134	164	431	10	50	134	431		
Aldeia Nova do Cabo	6	14	7	50	29	15	35	81	168	261	802	597	104	94	72	129	251	280	94	72	129	251	280	
Belmonte	63	61	14	127	62	43	211	218	267	4184	2554	1820	519	250	323	649	830	940	250	323	649	830	940	
Benlinda	31	25	5	140	188	203	148	226	187	2390	2186	1308	673	656	667	302	347	535	656	667	302	347	535	
Benquerença	15	27	7	270	382	273	217	318	188	1326	1863	1658	674	446	278	419	579	579	446	278	419	579	579	
Capinha	11	18	7	202	178	190	139	146	150	3444	3657	3066	1095	1306	300	528	629	629	1306	300	528	629	629	
Carta	86	94	17	145	209	157	126	279	154	2493	4817	3016	290	566	336	587	874	946	566	336	587	874	946	
Casteloiro	36	13	8	175	135	195	182	162	156	2315	3174	1299	1328	676	641	255	237	302	676	641	255	237	302	
Colmeal da Torre	-	10	1	-	170	97	-	79	42	-	629	140	-	84	51	-	423	296	84	51	-	423	296	
Donas	3	7	2	2	5	7	70	86	178	275	311	25	110	39	34	115	62	307	39	34	115	62	307	
Escarigo	6	10	6	46	72	76	24	59	35	186	1454	274	374	288	196	63	155	297	288	196	63	155	297	
Fatela	20	31	16	106	93	127	174	192	236	1645	1836	1343	1283	399	948	322	460	916	399	948	322	460	916	
Ferro	50	66	38	172	146	118	83	90	206	2346	1514	1824	691	218	285	554	360	752	218	285	554	360	752	
Fundo	41	17	4	83	23	13	171	266	433	2596	1677	1518	622	129	149	442	440	572	129	149	442	440	572	
Inguais	40	48	24	61	57	91	98	140	138	1151	1360	1260	145	74	191	221	295	678	74	191	221	295	678	
Nacainhas	11	23	7	65	52	66	60	71	78	806	527	187	298	173	90	161	253	193	173	90	161	253	193	
Neima	11	13	1	185	246	126	168	186	115	852	1664	684	1082	374	690	120	173	153	374	690	120	173	153	
Peraboa	42	62	21	111	145	135	80	96	151	2243	2146	1870	332	58	121	342	319	834	58	121	342	319	834	
Peroviseu	12	36	17	140	165	134	22	75	28	476	1984	1169	537	511	470	302	585	503	511	470	302	585	503	
Quintas de S. Bartolomeu	1	2	-	56	67	67	160	185	185	564	295	283	178	204	159	99	203	203	204	159	99	203	203	
Subgal	34	27	8	225	159	151	376	181	393	1749	805	881	1494	207	260	532	722	898	207	260	532	722	898	
Salgueiro	30	55	16	110	104	138	125	204	202	2215	2773	4426	890	740	930	247	315	796	740	930	247	315	796	
Telhado	13	31	10	72	91	89	44	79	85	3581	808	253	382	416	194	122	272	378	416	194	122	272	378	
Vale da Senhora da Póvoa	-	-	-	-	125	-	20	-	104	-	223	-	303	-	303	-	237	-	303	-	303	-	237	-
Valverde	11	7	3	29	17	11	81	150	150	1028	1175	520	142	41	39	191	282	323	41	39	191	282	323	
TOTAL	615	740	265	2722	2898	2727	2970	3762	4297	43016	42586	31858	14974	7803	9339	6488	9355	13968	7803	9339	6488	9355	13968	

FONTE: Arrolamento Geral de Gados e Animais de Capoeira, INE, 1935  
 Gado e Animais de Capoeira, INE, 1955  
 Arrolamento Geral do Gado, INE, 1972



### **3. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA**



O estudo da difusão de inovações na agricultura e da estrutura da comunicação entre os agricultores da Cova da Beira constituíram os principais objectivos do nosso trabalho. Esta dupla finalidade pressupunha a obtenção de elementos que permitissem caracterizar não só o agricultor e a sua exploração, mas também os momentos privilegiados em que tivesse havido a adopção de uma nova atitude, como por exemplo a aquisição de alfaias tecnicamente mais evoluídas ou a substituição de uma cultura por outra.

Assim, com a finalidade de caracterizar o agricultor, no inquérito que realizamos perguntava-se não só a idade, as habilitações literárias e a constituição do agregado familiar, mas também as cidades que já tinha visitado, se tinha vivido sempre no mesmo lugar, na tentativa de encontrar razões explicativas para diferentes atitudes face às inovações (12). De facto, a receptividade às inovações depende de numerosos factores, desde a escolaridade até ao conhecimento de outras localidades, outras maneiras de viver e de explorar a terra.

O estudo do fenómeno da difusão das inovações pressupõe a existência simultânea de elementos de localização espacial e temporal pelo que o inquérito contemplou estas preocupações; para as inovações que foram seleccionadas (diferentes variedades de pomar e de máquinas), perguntava-se o local onde tinham sido adquiridas e quando as tinham comprado.

Este inquérito permite igualmente saber alguns aspectos da exploração, como a sua área total, o seu parcelamento, a área irrigada, o apetrechamento técnico, o pessoal ao serviço, o número de cabeças de gado, o seu equipamento mecânico e algumas das culturas que praticam.

Para se definir a estrutura da comunicação foi colocada uma questão a cada um dos inquiridos: quais seriam, na sua opinião, as cinco pessoas que fariam uma agricultura mais modernizada e com sucesso.

O inquérito foi testado no Verão de 1978 e a maior parte do trabalho de campo decorreu em 1979, sendo de referir o bom acolhimento obtido pelos inquiridores em todos os lugares da Cova da Beira. Este facto, torna-se especialmente relevante quando, como é o caso, se trata de uma população que a propósito de um regadio «que nunca mais vem» foi já submetida a grande número de inquéritos.

---

(12) Cf. com o modelo de inquérito reproduzido em anexo, no final do trabalho.

Estes efectuaram-se em todas as freguesias que vão ter parte da área beneficiada pelo regadio projectado, com excepção de Maçainhas, Sabugal e Quintas de S. Bartolomeu. Outros inquéritos foram feitos fora desta área (Teixoso, Vale Formoso, Orjais e Boidobra), por aí residirem agricultores que possuem explorações que estão dentro do futuro perímetro de rega (fig. 3.1).

Em função do objectivo do trabalho, o inquérito era dirigido, sobretudo, aos agricultores que, localmente, fossem reconhecidos como mais empreendedores do ponto de vista agrícola; apesar do seu número (269) representar apenas 4,5% dos 6 000 empresários agrícolas existentes na área do regadio (4,2%, 5,2% e 4,9% no caso dos sublocos da Meimoa, do Fundão e da Covilhã, respectivamente), a sua representatividade, para o grupo que se pretendia caracterizar, é muito maior.

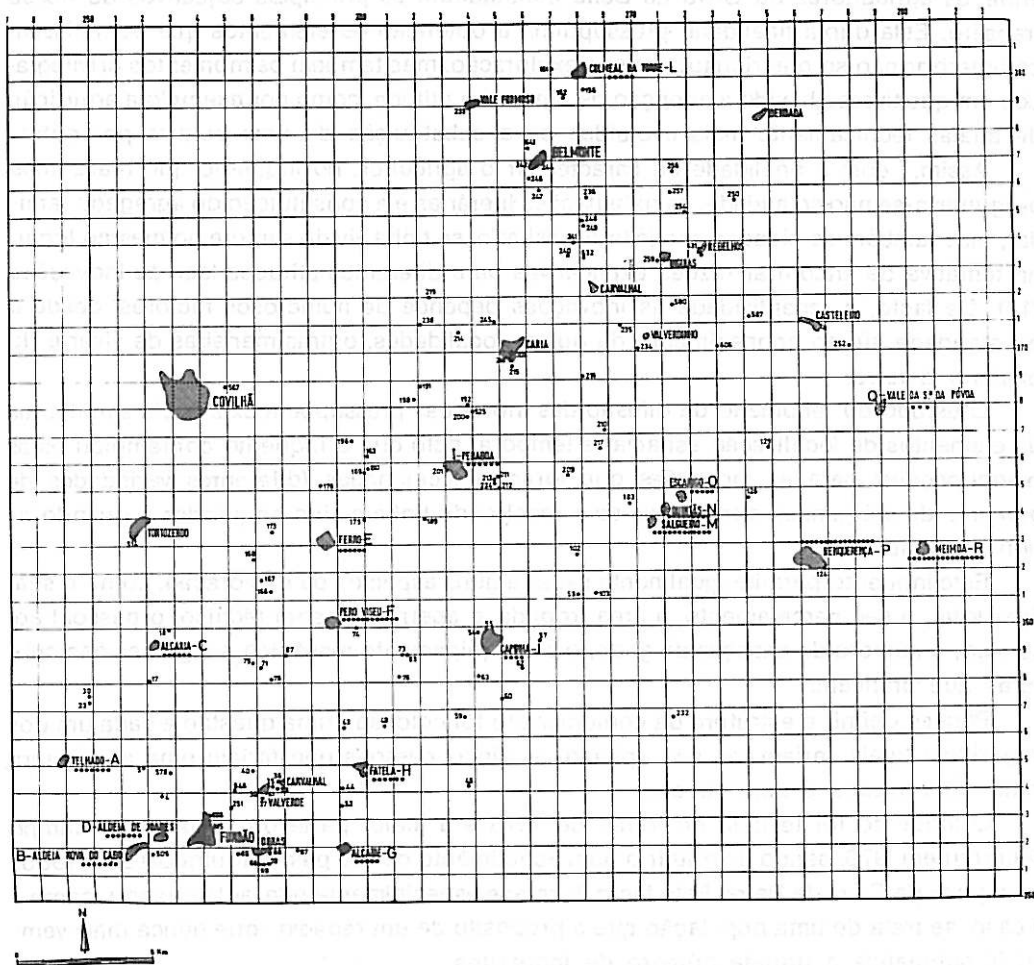


Fig. 3.1 - LOCALIZAÇÃO DOS INQUÉRITOS EFECTUADOS

O inquérito abrange 1 195 activos ligados directamente à agricultura, dos quais só 232 constituíam trabalhadores permanentes assalariados, evidenciando-se o carácter eminentemente familiar da maior parte das explorações. O contributo do trabalho familiar é muito semelhante nos sublocos do Fundão e Meimosa, sendo menor no da Covilhã, onde quase 30% dos activos das explorações inquiridas são pessoas exteriores ao agregado familiar (quadro 3.1).

A idade média dos inquiridos é de 52 anos, variando entre 51 e 54 consoante, valores que correspondem aos sublocos da Meimosa e da Covilhã ou do Fundão. O quadro 3.2 e a respectiva figura (3.2), permitem analisar a distribuição dos inovadores por idade e áreas. Enquanto em 1968 os dirigentes com 65 e mais anos representaram 28% do total, na amostra inquirida o mesmo estrato etário correspondia apenas a 13,7%.

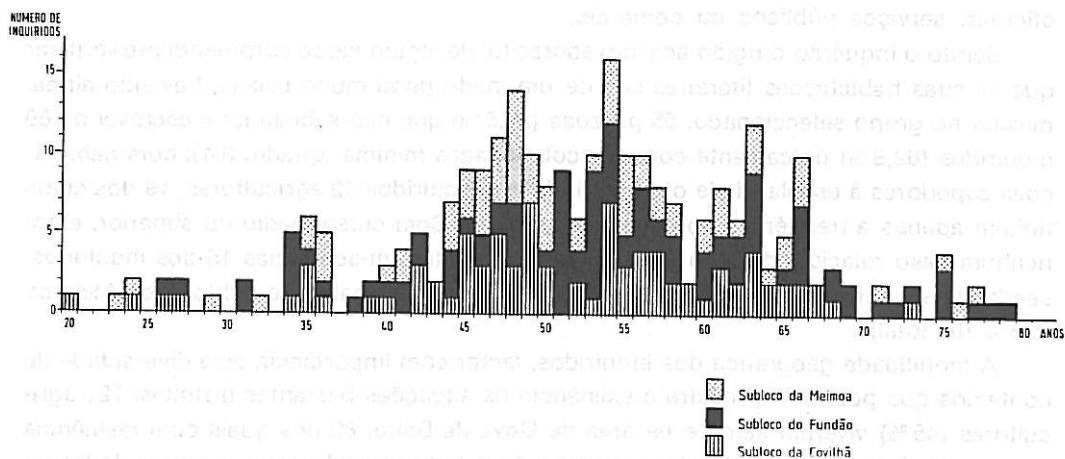


Fig. 3.2 - ESTRUTURA ETÁRIA DOS AGRICULTORES INQUIRIDOS

Com idades compreendidas entre os 50 e os 64 anos são 115 os inquiridos, representando 42,7% do total, percentagem mais próxima da que foi verificada para o mesmo grupo etário no total dos dirigentes inquiridos em 1974 pela Brigada Agronómica (44%). No grupo de empresários com idades entre 25 e 49 anos nota-se já uma grande diferença entre a percentagem obtida na mesma área pela Brigada Agronómica (26%) e a dos inovadores inquiridos (35,3%).

Apesar do inquérito se dirigir aos gestores de explorações agrícolas justificava-se a pergunta sobre a profissão principal, na tentativa de detectar possíveis relações existentes entre a agricultura por eles praticada e outros sectores de actividade susceptíveis de constituírem eventualmente veículos privilegiados de informação técnica com impacto na agricultura.

O inquérito revelou que 84,4% dos inquiridos se dedicam em regime de exclusividade à agricultura, embora com diferentes estatutos (quadro 3.3). O maior quantitativo (147) corresponde aos agricultores, isto é, aqueles que gerem explorações em que a superfície de terra própria, supera a área das terras alugadas.



É no subloco da Meimoa que este grupo tem a sua maior expressão (65%), sendo menor no do Fundão (42,7%), ao contrário do que acontece com o grupo constituído pelos rendeiros.

Consideramos rendeiros aqueles gestores em cujas explorações a superfície de terra própria é inferior à superfície da terra alugada. Na nossa amostra verificou-se que os rendeiros têm maior representatividade no subloco do Fundão, constituindo 36,5% dos inquiridos nessa área, situação diversa do que acontece no subloco da Meimoa (16,3%). Ao contrário dos rendeiros que são totalmente responsáveis pela direcção das explorações que têm a cargo, os feitores executam a gestão das explorações segundo as directivas dos proprietários. Na nossa amostra significaram apenas 2,6% do total.

Foram 52 os casos em que os dirigentes das explorações agrícolas tinham associada outra actividade, desde o exercício de profissões liberais, até aos empregos em pequenas oficinas, serviços públicos ou comércio.

Sendo o inquérito dirigido aos inovadores foi de algum modo surpreendente verificar que as suas habilitações literárias são de um modo geral muito baixas, havendo ainda, mesmo no grupo seleccionado, 55 pessoas (20,5%) que não sabiam ler e escrever e 169 inquiridos (62,8%) unicamente com a escolaridades mínima (quadro 3.4); com habilitações superiores à escolaridade obrigatória foram inquiridos 42 agricultores, 19 dos quais tinham apenas a frequência do ensino secundário. Com curso médio ou superior, e em nenhum caso relacionado com a agricultura, encontraram-se apenas 15 dos inquiridos, sendo de salientar que a sua representação (3%) é mais baixa no subloco da Meimoa (5,6% do total).

A mobilidade geográfica dos inquiridos, factor com importância pela diversidade de contactos que possibilita, mostra a existência de situações bastantes distintas: 121 agricultores (45%) viveram sempre na área da Cova da Beira, 82 dos quais com residência sempre na mesma localidade; dos restantes, 81 já tinham vivido noutras partes do País e 66 (24,5%) nas ex-colónias ou no estrangeiro (emigrantes).

Se exceptuarmos esta última situação, a residência dos agricultores inquiridos tem sido, com maior intensidade dentro do distrito de Castelo Branco, o que mostra a reduzida mobilidade que as populações rurais têm.

As viagens encaradas como oportunidades de se aprenderem novas realidades e potencialmente constituírem fontes de enriquecimento cultural originaram uma questão posta aos inquiridos, cujos resultados, segundo aquele ponto de vista foram relativamente significativos (quadro 3.6); com efeito, dos nossos inquiridos, só 25 (9,3%) conhecem unicamente a Cova da Beira e a cidade da Guarda e de Castelo Branco, cidades onde por vezes necessitam ir, por motivos burocráticos. Oito inquiridos declararam que já tinham viajado na Região Centro e, de um modo geral, estas deslocações contêm Fátima no seu itinerário, que por vezes inclui a visita à Feira Agrícola de Santarém; aliás, a deslocação motivada unicamente para visitar uma feira agrícola foi pouco mencionada pelos agricultores da Cova da Beira. Aqueles que declararam conhecer todo o país e até o «estrangeiro» correspondem em geral aos que cumpriram o serviço militar ou estiveram emigrados, excepção feita a um pequeno grupo de inquiridos que tendo participado num curso para cooperativas, tiveram na sequência do mesmo a visita a um país estrangeiro.

As 249 explorações inquiridas repartem-se por 14426 ha que se encontram distribuídos por 1766 prédios dos quais apenas 3498 ha (24,2%) são irrigados (quadro 3.7). Isto significa que em média as explorações abrangidas pelo inquérito efectuado, possuem uma dimensão de 53,6 ha (13 dos quais irrigados) e 6,6 parcelas, o que equivale a 8,2 ha por parcela.

Existem, no entanto, variações significativas consoante os sublocos em que se reparte a zona a irrigar. Assim, o subloco da Meimoa, onde a superfície média das explorações é de 62,6 ha, caracteriza-se por um forte parcelamento (11,3 parcelas por exploração) e por uma menor superfície irrigada (17,7%); nos subloco do Fundão e da Covilhã, apesar da superfície média das explorações ser muito diferente (32,7 e 67,5 ha respectivamente), apresentam maiores semelhanças quanto ao parcelamento (3,6 e 5,5 parcelas por exploração) e a superfície irrigada (27,5% e 27,9%).

Estes valores obtidos através do nosso inquérito vêm confirmar a situação atrás descrita através dos elementos apurados pela Brigada Agronómica da Cova da Beira.

Os elementos contidos no referido quadro relativos à forma de exploração da terra permitem distinguir diversas situações consoante as áreas consideradas: no subloco da Meimoa 50% dos agricultores inquiridos trabalham unicamente a terra que lhes pertence, que corresponde a 37,6% da superfície total das explorações inquiridas neste subloco. No entanto, é aqui que o peso da terra própria é maior, já que no Fundão e na Covilhã, onde o número de explorações a cultivar exclusivamente terra própria é ligeiramente menor, a respectiva superfície é de 31,7% e 27,2%. Nestes últimos blocos as explorações mistas são as que assumem maior relevo (53,5% e 52,8%), enquanto o arrendamento é mais representativo (25,8%) no subloco da Meimoa que nos do Fundão (14,8%) e da Covilhã (20,0%).

As explorações onde a totalidade da terra cultivada é alugada, têm maiores dimensões médias nos sublocos da Meimoa (107,8 ha) e da Covilhã (139,4 ha) que no do Fundão (25,5 ha). Com excepção deste bloco, pode concluir-se que, dum modo geral, as maiores explorações agrícolas são as arrendadas.

O equipamento mecânico (quadro 3.8) existente nas explorações agrícolas (229 atomizadores, 74 motocultivadores, 273 tractores, 717 motores de rega, 44 debulhadoras e 27 máquinas de ordenha) é bastante numeroso, comparando com outras áreas do país. A média destes valores mostra que a representatividade de certas máquinas é elevada, particularmente os motores de rega (2,6 por exploração), os tractores e os atomizadores (respectivamente 1,0 e 0,85 por exploração). O número das restantes máquinas consideradas têm menor expressão.

Se considerarmos a utilização que estas máquinas deviam ter para que a sua rentabilidade fosse máxima, poderemos concluir que o parque existente nestas explorações se encontra inflacionado relativamente às necessidades de agricultura praticada. Podemos apontar como razões explicativas para este facto, uma certa intensificação que se verificou na agricultura, a escassez de mão-de-obra motivada pela emigração, e ainda a aquisição destas máquinas ter funcionado, em determinada altura, como uma forma de investimento.

A distribuição do equipamento mecânico e a sua relação com a superfície das explorações permite concluir que é no subloco da Meimoa que esta relação apresenta os valores mais elevados, quando comparados, com os do Fundão e da Covilhã. Este facto vem

confirmar ser naquela área que a agricultura se pratica numa forma menos evoluída.

A pecuária assume um papel de relevo na economia destas explorações agrícolas, onde a sua presença é praticamente constante, podendo variar, no entanto, as espécies representadas.

O gado bovino (1 175 cabeças) encontra-se num maior número de explorações (170), sendo no subloco da Covilhã que o número de cabeças por exploração é maior (8,4).

Os suínos, que se encontram igualmente representados num elevado número de explorações (119), tem maior número de efectivos por exploração na Meimoa (36,3); nos blocos da Covilhã e do Fundão este animal é criado em pequena escala, para autoconsumo na Meimoa a sua criação é mais frequente e em unidades maiores.

O gado miúdo, encontra-se diferentemente representado na Cova da Beira. Os caprinos com 1 293 cabeças têm no bloco da Meimoa a sua maior representatividade. Os ovinos que ocorrem em 82 explorações totalizando 14 607 animais adquirem maior expressão no subloco da Covilhã.

Do exposto pode-se concluir que a pecuária, sobretudo o gado ovino é bovino, assume particular relevo no subloco da Covilhã.

O pomar merece-nos uma atenção particular pois, na área deste estudo, a sua extensão e importância económica é considerável. A macieira, é de todas as espécies cultivadas a que se encontra mais difundida, tanto quanto ao número das explorações (147) e de hectares (540), como ao número de pés existentes (cf. quadro 3.10). O pessegueiro e a pereira situam-se nos lugares imediatos. A representação da cerejeira é menor e encontra-se muito mais localizada.

Enquanto a maçã, o pêssego e a pera adquirem maior expressão no subloco da Covilhã (os maiores pomares da área encontram-se em Caria e na área de Belmonte), seguindo-se-lhe o do Fundão, grande parte da produção de cereja, que requer uma aptidão climática mais específica, faz-se, por esta razão, na área do Fundão.

## **QUADROS**



QUADRO 3.1

NÚMERO DE PESSOAS ABRANGIDAS PELO INQUÉRITO

SUBLOCOS	Nº DE IN- QUÉRITOS	AGREGADO FAMILIAR				PESSOAL AO SERVIÇO			TOTAL
		HOMENS	MULHERES	FILHOS	OUTROS	TRACTOR.	PASTORES	OUTROS	
Meimoa	80	78	76	129	3	8	6	35	335
Fundão	96	94	85	136	14	8	10	31	378
Covilhã	93	90	88	159	11	38	38	58	482
TOTAL	269	262	249	424	28	54	54	124	1 195

QUADRO 3.2

IDADE DO DIRIGENTE DA EXPLORAÇÃO

SUBLOCOS	ATÉ 34 ANOS	35-44	45-54	55-64	+65 ANOS	TOTAL	IDADE MÉDIA (ANOS)
Meimoa	4	11	34	22	9	80	51
Fundão	8	12	34	23	19	96	54
Covilhã	5	12	40	27	9	93	51
TOTAL	17	35	108	72	37	269	52

QUADRO 3.3

PROFISSÃO PRINCIPAL

SUBLOCOS	0	1	2	3	4	5	6	7
Meimoa	13	52	6	-	5	-	1	3
Fundão	35	41	4	3	5	3	5	-
Covilhã	25	54	-	1	2	3	4	4
TOTAL	73	147	10	4	12	6	10	7

0 - Rendeiro  
 1 - Agricultor  
 2 - Operário de indústria  
 3 - Empresário industrial  
 4 - Empregado do terciário  
 5 - Quadro do terciário (prof. liberal)  
 6 - Empresário do terciário  
 7 - Feitor

QUADRO 3.4

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS

SUBLOCOS	0	1	2	3	4	5	6	7
Meimoa	15	3	10	44	4	2	-	2
Fundão	25	2	13	35	8	1	1	8
Covilhã	15	1	2	59	7	1	3	5
TOTAL	55	6	25	138	19	4	4	15

0 - Analfabeto  
 1 - Sabe ler  
 2 - Saber ler e escrever  
 3 - Possui exame do 2º grau (4ª classe)  
 4 - Frequência de curso do ensino secundário  
 5 - Liceu completo  
 6 - Frequência de curso médio ou superior  
 7 - Curso médio ou superior

QUADRO 3.5

RESIDÊNCIA DO DIRIGENTE DA EXPLORAÇÃO

SUBLOCOS	0	1	2	3	4	5	6	7
Meimoa	19	1	2	2	11	16	5	24
Fundão	36	3	9	1	4	26	4	13
Covilhã	27	2	11	8	6	19	10	10
TOTAL	82	6	22	11	21	61	19	47

- 0 - Sempre no mesmo local
- 1 - Sempre na mesma freguesia
- 2 - Sempre no mesmo concelho
- 3 - Sempre na Cova da Beira
- 4 - Sempre no mesmo distrito
- 5 - Sempre no mesmo país
- 6 - Já viveu nas ex-colónias
- 7 - Já viveu no estrangeiro

QUADRO 3.6

CIDADES VISITADAS

SUBLOCOS	0	1	2	3	4
Meimoa	3	-	5	39	32
Fundão	17	5	2	47	25
Covilhã	5	3	5	43	37
TOTAL	25	8	12	129	94

- 0 - Dos distritos de Guarda e Castelo Branco
- 1 - Dos anteriores e outras da Região Centro
- 2 - As anteriores e Santarém ou outras com fins agro-pecuários
- 3 - As anteriores e Lisboa e Porto
- 4 - As anteriores e do estrangeiro

CARACTERIZAÇÃO DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS INQUIRIDAS

1. EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS

SUBLOCOS	TOTAL	SÓ COM PRÉDIOS PRÓPRIOS	SÓ COM PRÉDIOS ARRENDADOS	EXPLORAÇÃO MISTA
Meimoa	80	41	12	27
Fundão	96	47	18	31
Covilhã	93	44	9	40
TOTAL	269	132	39	98

2. DIMENSÃO (NÚMERO DE HA) DAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS

SUBLOCOS	TOTAL	SÓ COM PRÉDIOS PRÓPRIOS		SÓ COM PRÉDIOS ARRENDADOS		EXPLORAÇÃO MISTA	
			%		%		%
Meimoa	5 009	1 883	37.6	1 293	25.8	1 833	36.6
Fundão	3 137	995	31.7	463	14.8	1 679	53.5
Covilhã	6 280	1 707	27.2	1 255	20.0	3 318	52.8
TOTAL	14 426	4 585	31.8	3 011	20.9	6 830	47.3

3. PARCELAMENTO (NÚMERO DE PRÉDIOS)

SUBLOCOS	TOTAL	SÓ COM PRÉDIOS PRÓPRIOS	SÓ COM PRÉDIOS ARRENDADOS	EXPLORAÇÃO MISTA
Meimoa	907	555	39	313
Fundão	349	167	45	137
Covilhã	510	264	22	224
TOTAL	1 766	986	106	674

4. ÁREA DE REGADIO

SUBLOCOS	TOTAL		SÓ COM PRÉDIOS PRÓPRIOS		SÓ COM PRÉDIOS ARRENDADOS		EXPLORAÇÃO MISTA	
	1	2	1	2	1	2	1	2
Meimoa	310	886	195	325	24	261	91	300
Fundão	214	862	106	410	24	108	84	344
Covilhã	307	1 750	161	518	11	252	135	980
TOTAL	831	3 498	462	1 253	59	621	310	1 624

1. Número de parcelas irrigadas
2. Número de hectares irrigados

5. VALORES MÉDIOS

SUBLOCOS	TOTAL				
	SUP. MÉDIA DAS EXPLORAÇÕES	Nº MÉDIO DE PARCELAS P/ EXPLORAÇÃO	SUP. MÉDIA DAS PARCELAS	% PARCELAS IRRIGADAS	% HA IRRIGADOS
Meimoa	62.6	11.3	5.5	34.2	17.7
Fundão	32.7	3.6	8.9	61.3	27.5
Covilhã	67.5	5.5	12.3	60.2	27.9
TOTAL	53.6	6.6	8.2	47.1	24.3



QUADRO 3.8  
EQUIPAMENTO MECÂNICO

SUBLOCOS	ATOMIZADORES		MOTOCULTIVADORES		TRACTORES		MOTORES DE REGA		DEBULHADORAS		MÁQUINAS DE ORDENHA	
		%		%		%		%		%		%
Meimoa	43	18.8	3	4.1	75	27.5	161	22.5	15	34.1	4	14.8
Fundão	43	18.8	40	54	60	22	230	32.1	9	20.5	4	14.8
Covilhã	143	62.4	31	41.9	138	50.5	326	45.4	20	45.4	19	70.4
TOTAL	229	100.0	74	100.0	273	100.0	717	100.0	44	100.0	27	100.0

SUPERFÍCIE MÉDIA POR MÁQUINA AGRÍCOLA

SUBLOCOS	HECTARES IRRIGADOS	HECTARES IRRIGADOS	TOTAL HA
	ATOMIZADOR	MOTOR REGA	TRACTOR
Meimoa	20.6	5.5	66.8
Fundão	20.1	3.7	52.3
Covilhã	12.3	5.4	45.5
TOTAL	15.3	4.9	52.8

QUADRO 3.9

EFFECTIVOS PECUÁRIOS

SUBLOCOS	OVINOS				CAPRINOS				BOVINOS				SUÍNOS			
	Nº EXP. COM GADO	EFFECTIVOS		Nº EXP. COM GADO	EFFECTIVOS		Nº EXP. COM GADO	EFFECTIVOS		Nº EXP. COM GADO	EFFECTIVOS		Nº EXP. COM GADO	EFFECTIVOS		
		TOTAL	%		TOTAL	%		TOTAL	%		TOTAL	%		TOTAL	%	
																Nº CABEÇAS P/ EXPL. C/ GADO
Meimoa	20	3 548	24.3	177.4	37	879	68.0	23.8	50	277	23.6	5.5	34	1 235	74.6	36.3
Fundão	22	3 392	23.2	154.2	21	369	28.5	17.6	62	411	35.0	6.6	50	163	9.9	3.3
Covilhã	40	7 667	52.5	191.7	11	45	3.5	4.1	58	487	41.4	8.4	35	257	15.5	7.3
TOTAL	82	14 607	100.0	178.1	69	1 293	100.0	18.7	170	1 175	100.0	6.9	119	1 655	100.0	13.9

QUADRO 3.10.

DIMENSÃO DOS POMARES DE FRUITA

SUBLOCOS	NAÇA		PÊRA		PÊSSEGO		CEREJEJA					
	1	Nº DE PÉS	1	Nº DE PÉS	1	Nº DE PÉS	1	Nº DE PÉS				
									Nº HA	Nº HA	Nº HA	Nº HA
Meimoa	39	23 140	55	11	366	-	13	4 700	7	2	1 110	3
Fundão	59	57 778	143	23	10 705	21	21	8 710	25	28	18 579	52
Covilhã	49	182 589	342	22	34 467	56	34	48 061	91	11	1 118	7
TOTAL	147	263 507	540	56	45 538	77	68	61 471	123	41	20 807	60

1 - Número de Explorações onde se efectua a cultura



#### **4. DIFUSÃO DE INOVAÇÕES**



#### 4.0. INTRODUÇÃO

As alterações introduzidas na estrutura económica e social da agricultura da Cova da Beira, e as consequentes modificações nos padrões de utilização do solo, não foram senão a resultante a nível local das grandes transformações que Portugal sofreu a partir do início dos anos 60. Claro está que a situação herdada do período antecedente constitui um factor determinante na definição dos novos padrões; assim, a dimensão das explorações agrícolas, a estrutura fundiária, as culturas pré-existentes e as técnicas de cultivo, influenciaram as formas de adaptação às novas solicitações. De entre estas avultaram as decorrentes das variações na procura de produtos e de mão-de-obra por parte dos mercados centrais, com a consequente penetração em maior escala da economia de mercado.

Correlativamente, verificou-se também um maior recurso ao crédito bancário, tanto para equipamentos como para o lançamento de culturas, o que acentuou o grau de dependência e de penetração das leis do mercado. Assim se fecha o ciclo de interrelações que vão da fuga de mão-de-obra (emigração) à mecanização, com todas as transformações tecnológicas, sociais e espaciais, que isso implicou.

Todo este processo, que continua em curso, teve uma importante componente de comunicação entre as pessoas. Ao longo da área e em conexão com o exterior estabeleceram-se fluxos de informação, através dos meios de comunicação social ou de meios pessoais, que ora contribuíram para acelerar ou para travar o que podemos considerar como uma onda de difusão de inovações.

O veículo de comunicação e a probabilidade de aderir a uma inovação relaciona-se directamente com o grau de risco que a mesma comporta. Assim, a informação indirecta (comunicação de massas) é mais actuante quando o risco é reduzido ou porque os valores em causa são mínimos ou porque existem garantias do exterior (Estado ou empresas). Quando o risco é grande, o que em regra acontece sempre que se substituem culturas ou formas de cultivo, os contactos pessoais e a influência do «vizinho» (informação directa) têm uma importância decisiva, senão mesmo única. O mesmo se observa consoante a inovação a adoptar se circunscreva ao consumo ou à produção.

Por outro lado, a rede de transportadores intermediários que se desenvolveu na área muito antes deste processo, controlando os circuitos de distribuição a vários níveis, terá funcionado como elemento importante na articulação com o mercado e também nos processos de difusão de inovações (13).

Também a existência de condições físicas favoráveis (solo e clima), devidamente articuladas com as variações da procura, fizeram com que se sucedessem as inovações de culturas. Assim surge a batata, ainda no século passado, substituindo a castanha, seguindo-se-lhe o trigo que beneficiou de campanhas públicas de promoção tanto no século passado como nos anos 30 e 40 do presente; o milho que primeiro substituiu outros cereais de Verão é mais tarde orientado para a forragem em consequência do desenvolvimento da criação de gado. As árvores de fruto, que neste estudo serão objecto duma análise mais pormenorizada, aparecem em vagas sucessivas, começando pela maçã, pera e cereja, que apresentam grande incremento sobretudo a partir de 1960, em virtude duma campanha de promoção e de facilidades de créditos, lançados pelo Fundo de Fomento Frutícola.

A nível imediato, a evolução tecnológica registada na Cova da Beira liga-se essencialmente à falta de mão-de-obra provocada pelos movimentos migratórios, que apresentam dois aspectos: saída para o estrangeiro, predominantemente França e Alemanha e a deslocação orientada para os grandes centros do litoral. Numa fase inicial o processo foi activado pelo Estado através de facilidades ao crédito para aquisição de equipamento. Não deixaram de ter alguma influência factores mais localizados, como a existência de uma burguesia terratenente ilustrada, com intensos contactos com o exterior, além do prestígio que significava e significa a aquisição de maquinaria agrícola.

É neste contexto, e depois do aparecimento dos motores de rega ainda nos anos 20 deste século, que surgem os tractores e as máquinas debulhadoras, acompanhando a expansão do trigo; seguem-se-lhe o atomizador mecânico e a máquina de ordenha, correlativos, respectivamente, da expansão/modernização das culturas frutíferas e das novas formas de produção animal.

Tem-se evidenciado uma tendência para as novas culturas, sobretudo de árvores de fruto, serem predominantemente iniciativas dos chefes de exploração com terra própria, enquanto aos rendeiros cabe sobretudo a inovação no domínio das tecnologias mecânicas.

Actualmente, e segundo a carta agrícola, na área a beneficiar, coexistem culturas arvenses de sequeiro e regadio, desde que haja possibilidades de rega, estremes ou associados ao olival, vinha, também estreme ou associada ao olival, e pomares de macieiras, pereiras e pessegueiros.

Os sistemas culturais distribuem-se consoante a fertilidade do solo, a dimensão dos prédios e o tipo de empresa. Os mais representativos são as culturas arvenses de sequeiro, ocupando 33% da superfície, as culturas arvenses de regadio imperfeito ou regional com respectivamente 20% e 12,7%, o olival (12,5%), o pomar (6,0%) e a vinha (5,0%).

A fraca representação do pomar, em termos de ocupação do solo, liga-se ao carácter inovador de que esta cultura se reveste, em relação à batata, milho e trigo, as culturas tradicionais. No entanto, devemos referir que tanto a dimensão da propriedade como o

(13) Cf. pág. 38 - (6 e 7)

regime da posse da terra, também terão funcionado como um entrave à expansão do pomar.

A mudança de tecnologia (máquinas agrícolas) prende-se a montante e/ou a juzante com as culturas e a forma como são praticadas.

É neste contexto que iremos estudar a introdução de árvores de fruto e de máquinas agrícolas na Cova da Beira, bem como a sua difusão no tempo e no espaço. Para isso servimo-nos do inquérito directo por nós lançado, que fornece para cada tipo de fruta e de máquina, por exploração, o número (de pés ou de unidades) e o ano de plantio ou de aquisição. A partir destes dados foi possível seleccionar as freguesias inovadoras e conhecer o papel que desempenharam na difusão das inovações na área envolvente.

#### 4.1. ÁRVORES DE FRUTO

No que se refere às árvores de fruto, verificamos que 81 % dos inquiridos fazem plantação de macieiras, 21 % têm pessegueiros, enquanto apenas 18 % e 17 % se dedicam à pereira e cerejeira, respectivamente. Note-se que nestra amostra se encontram dois tipos distintos de plantação: o pomar propriamente dito, visando a comercialização em maior ou menor escala e a plantação de árvores isoladas, regra geral delimitando os campos, com destino ou autoconsumo; exceptuam-se as cerejeiras, que mesmo em número reduzido têm a produção orientada para o mercado.

O primeiro tipo é mais vulgar para a maçã e pessego, enquanto o segundo se verifica sobretudo para a pera e cereja, muito embora se tenham começado a verificar recentemente algumas alterações. É o que já vem a assistir-se com a cereja, cuja área de implantação está a ser alargada, substituindo pomares de maçã (ex: Aldeia de Joanes e Aldeia Nova do Cabo) ou outro tipo de culturas. A excessiva produção de maçãs, relativamente à capacidade do mercado, leva a que em condições edafo-climáticas apropriadas se faça a conversão dos pomares de maçã, para pomares de cerejeiras. Por outro lado, factores como a qualidade, duração, a fácil manipulação e os hábitos de consumo, terão ainda concorrido para a expansão da cerejeira. A pera e o pessego surgem também como alternativa à maçã, principalmente nas áreas pouco propícias à cereja, embora funcionando como culturas subsidiárias.

Na análise que se segue, retirou-se o quartil inferior dos agricultores com cada tipo de pomar, considerando-se, desta forma, apenas aqueles em que a primeira plantação foi superior a 50 macieiras, igual ou superior a 50 pessegueiros, igual ou superior a 20 cerejeiras e superior a 15 pereiras. Procurou-se assim eliminar o efeito de distorção dos plantios isolados, que na maior parte dos casos não significam inovação, mas apenas continuação da produção tradicional.

A representação gráfica do desenvolvimento cronológico de cada uma daquelas culturas, patente nas figs. 41 e seguintes, mostra-nos que enquanto na maçã o ciclo de difusão parece encontrar-se na fase de travagem, na cereja encontra-se ainda numa fase de expansão inicial. Note-se que entre 1970-76, o número de explorações que detêm



NÚMERO DE  
EXPLORAÇÕES

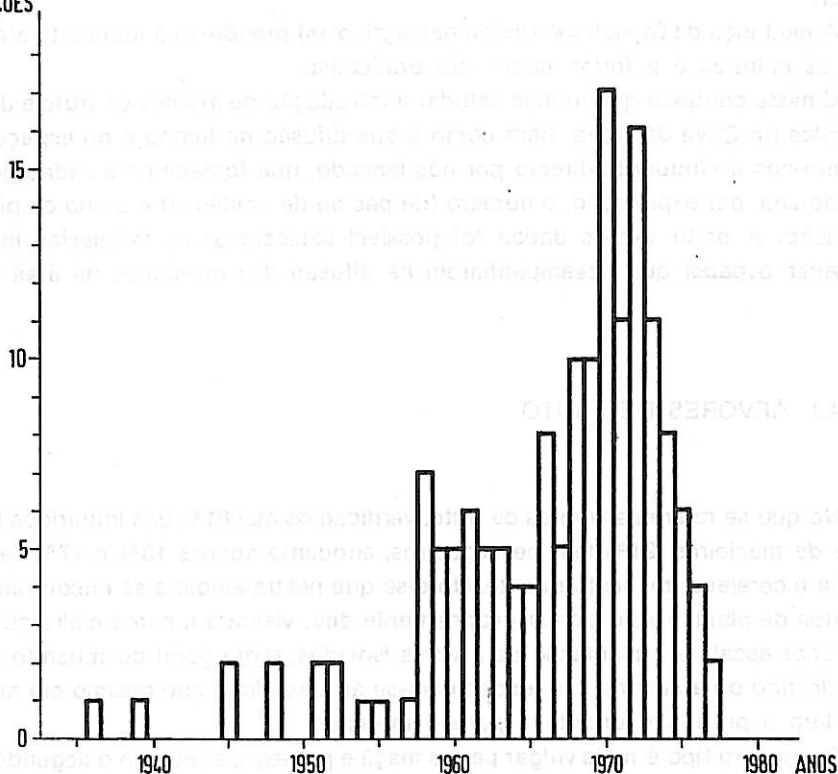


Fig. 4.1 - INTRODUÇÃO DO POMAR DE MAÇÃ

pomar de cereja é equivalente ao das que entre 1950-60 possuíam pomar de maçã. Isto não significa que se possa esperar para a cereja expansão idêntica à da maçã, já que nem as condições da área, nem a capacidade do mercado o permitiriam.

A pera e o pessego, embora apareçam durante os anos 60, ou mesmo antes, em algumas explorações, apresentam contudo um maior incremento a partir de 1970, que aliás é um ano de grande expansão dos pomares em geral.

A curva cumulativa elaborada para a difusão do pomar de macieiras sugere a existência de um típico fenómeno de difusão, já numa fase adiantada (fig. 4.2.). Nela podemos individualizar três estádios. A inclinação inicial é muito fraca, significando que, durante o período 1949-56, o número de aderentes foi baixo, pois somente 15 agricultores adoptaram a inovação. Na etapa intermédia, 1959-74, a inclinação da curva é bastante pronunciada revelando um crescimento no número de adesões (113 agricultores).

Após o 25 de Abril observa-se uma nítida retracção na plantação de novos pomares, embora mantendo em 1974 e 1975 níveis idênticos aos dos anos 60, sobretudo devido a plantações feitas por pequenos proprietários.

A distribuição espacial e temporal do pomar, evidencia a existência de dois núcleos inovadores distintos, um a sul, junto ao Fundão, e outro, menos definido, correspondendo

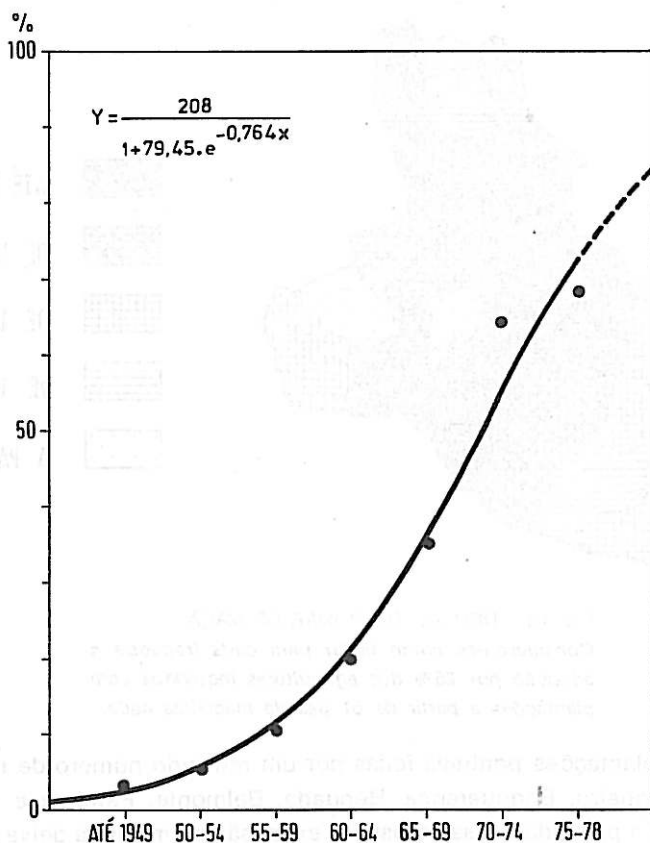


Fig. 4.2 - CURVA CUMULATIVA DA ADESÃO AO POMAR DE MAÇÃ

ao sector central e setentrional da Cova da Beira (fig. 4.3.). É essencialmente na maçã que esta situação se torna mais evidente, enquanto na cereja, pera e pessego apenas o primeiro núcleo tem idêntico comportamento. Daqui se poderá inferir que são as freguesias do Fundão, Aldeia Nova do Cabo e vizinhas, que apresentam maior capacidade inovadora.

A difusão espacial daquelas árvores faz-se a partir dos referidos núcleos para as freguesias vizinhas ou para aquelas com que o grupo inovador mantém relações preferenciais. Assim, até 1959, 37% das freguesias da Cova da Beira possuíam pomares de maçã, estando em 1964, mais de 50% abrangidas pela inovação. As freguesias atingidas no período 1960-64 são adjacentes aos núcleos iniciais: Telhado, no sector sul, e Colmeal da Torre, Inguias, Casteleiro e Capinha nos sectores central e setentrional. Em 1974 quase toda a área tinha absorvido a inovação, com excepção das freguesias de Vale da Senhora da Póvoa e Escarigo que vieram a aderir após 1975.

Saliente-se o papel preponderante que a freguesia de Caria teve no processo de difusão da macieira, sobretudo no sector central e norte, o que não é possível retirar desta análise cartográfica. Isto deve-se, em grande medida, ao facto de a Casa Conde de Caria possuir o maior pomar de macieiras da Cova da Beira, cuja plantação data de 1961.

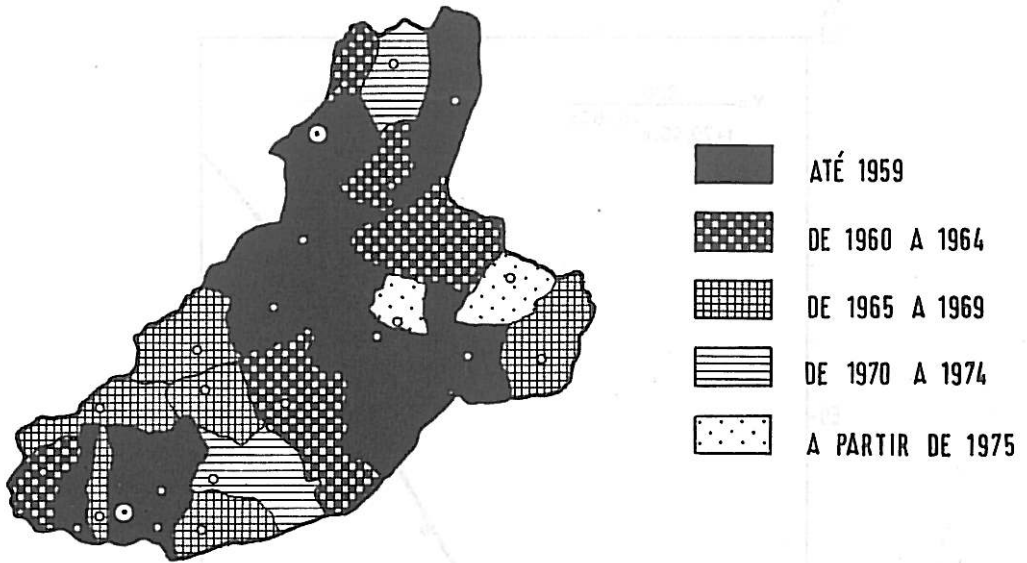


Fig. 4.3 - DIFUSÃO DO POMAR DE MAÇÃ  
 Considerou-se como limiar para cada freguesia a adoção por 25% dos agricultores inquiridos com plantações a partir de 51 pés de macieiras cada.

Antecederam-na plantações pontuais feitas por um reduzido número de inovadores nas freguesias de Salgueiro, Benquerença, Bendada, Belmonte, Peraboa e mesmo Caria.

Refira-se que a partir da nossa amostra a expansão da macieira deixa de se verificar, estando mesmo em regressão nalgumas áreas, enquanto a cerejeira se encontra em plena fase de difusão (cf. fig. 4.4.), ocorrendo novas plantações, desde que as condições ecológicas o permitam, caso de Monte do Bispo, na freguesia de Caria, esperando-se a próxima adesão da freguesia de Vale da Senhora da Póvoa.

As freguesias inovadoras da cerejeira (até 1959), concentram-se no extremo sul da Cova da Beira - Fundão, Aldeia Nova do Cabo e Alcaide (encostas Norte da Serra da Gardunha), alastrando no período seguinte (1960-64) para duas freguesias vizinhas

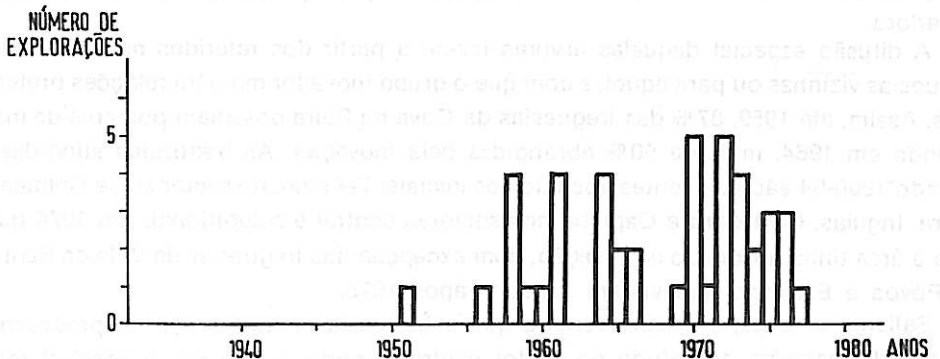


Fig. 4.4 - INTRODUÇÃO DO POMAR DE CEREJEJA

(Telhado e Alcária) e para Caria e Belmonte, localizadas na área central da Cova da Beira (cf. fig. 4.5.). A partir daquela data verifica-se uma quebra no avanço de plantações de cerejeira - apenas as freguesias de Aldeia de Joanes e Salgueiro aderiram à inovação entre 1965 e 1974. É principalmente depois de 1975 que se começa a difundir por toda a área o pomar de cereja, atingindo duas freguesias na secção norte da área (Bendada e Inguias), duas no sector centro-oriental (Escarigo e Benquerença) e duas no extremo Sul (Fatela e Donas). Esta expansão liga-se, por um lado, ao aumento da procura de cerejas e ao alto rendimento que pequenas plantações originam e, por outro lado, ao facto do consumo de maçã ter chegado a uma fase de saturação, o que favorece a expansão da cereja.

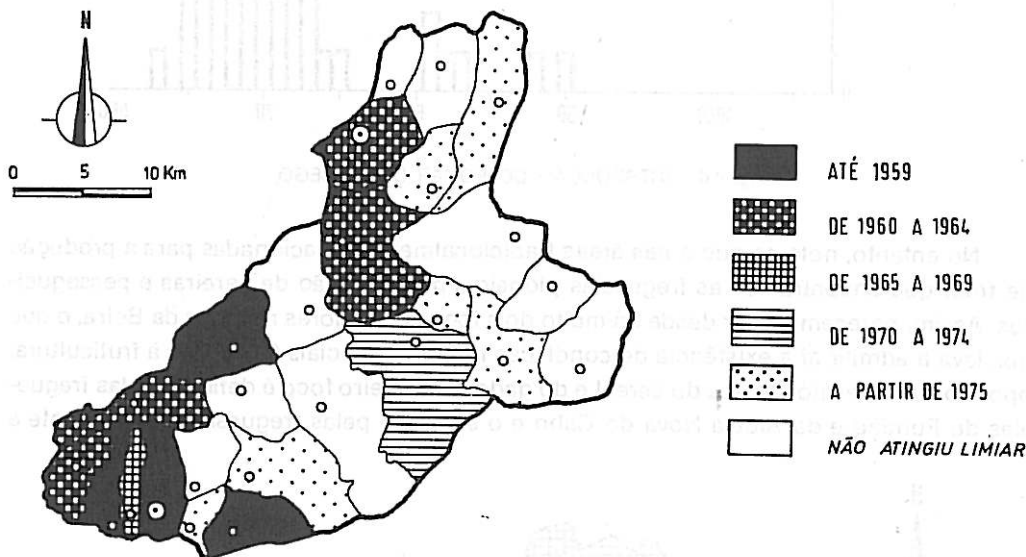


Fig. 4.5 - DIFUSÃO DO POMAR DE CEREJA

*Considerou-se como limiar para cada freguesia a adopção por 25% dos agricultores inquiridos com plantações a partir de 20 pés de cerejeiras cada.*

Os pomares de pessego (figs. 4.6. e 4.7.) e pera (figs. 4.8. e 4.9.), tal como já referimos, têm, na área, menos importância que os de maçã ou cereja, pois são tipos de fruta que não exigem condições ambientais tão específicas como a cereja e consequentemente, encontram-se representados em qualquer área do país. O pessego, como podemos observar, difunde-se mais rapidamente que a pera, estando em 1969 cerca de metade das freguesias da área (12) a praticar aquela cultura, o que no caso da pera só se verifica no período 1970-74. Tanto num caso como noutro e até 1978, nenhum daqueles pomares tem representação assinalável no total da área. Resta referir que as freguesias que aderem após 1975 se localizam no sector oriental da área: Escarigo, Benquerença e Vale da Senhora da Póvoa, no caso do pessego; Escarigo, Vale da Senhora da Póvoa e Inguias, no caso da pera.

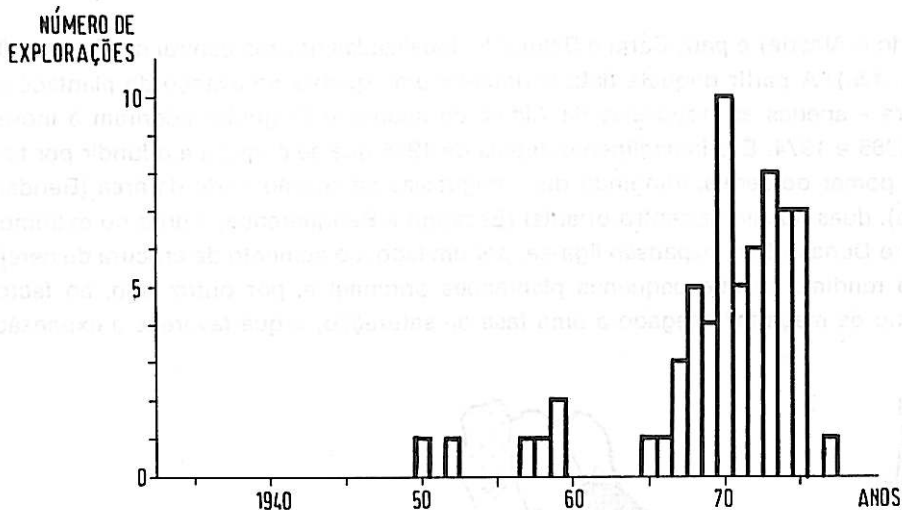


Fig. 4.6 - INTRODUÇÃO DO POMAR DE PESSEGO

No entanto, note-se que é nas áreas tradicionalmente vocacionadas para a produção de fruta que encontramos as freguesias pioneiras na plantação de pereiras e pessegueiros. Assim, parecem existir desde há muito dois focos inovadores na Cova da Beira, o que nos leva a admitir aí a existência de condições naturais e sociais favoráveis à fruticultura, opondo esses territórios aos do cereal e do gado. O primeiro foco é definido pelas freguesias do Fundão e da Aldeia Nova do Cabo e o segundo pelas freguesias de Belmonte e

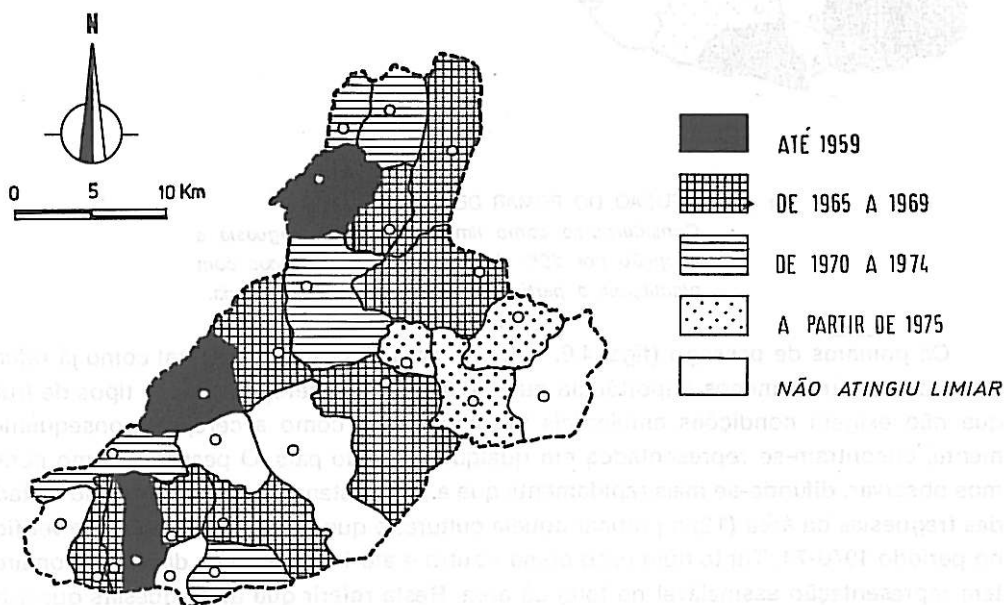


Fig. 4.7 - DIFUSÃO DO POMAR DE PESSEGO

*Considerou-se como limiar para cada freguesia a adoção por 25% dos agricultores inquiridos com plantações a partir de 50 pés de pessegueiros cada.*

NÚMERO DE  
EXPLORAÇÕES

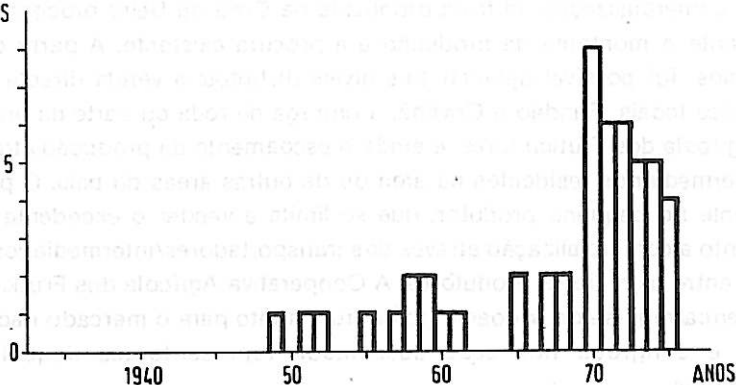


Fig. 4.8 - INTRODUÇÃO DO POMAR DE PERA

Caria. Enquanto no primeiro núcleo assumem importância capital para a prática do pomar, as condições edafo-climáticas (topografia, exposição, solos e clima) aliadas ao tipo de explorações, no segundo o factor essencial corresponde à existência de grandes baixas irrigadas (vale aluvionar do Zêzere). Num e noutro caso terá sido também relevante a facilidade, que aí se estabeleceu desde muito cedo, de contactar com o exterior através de alguns comerciantes ou de proprietários com maior capacidade de inovação.

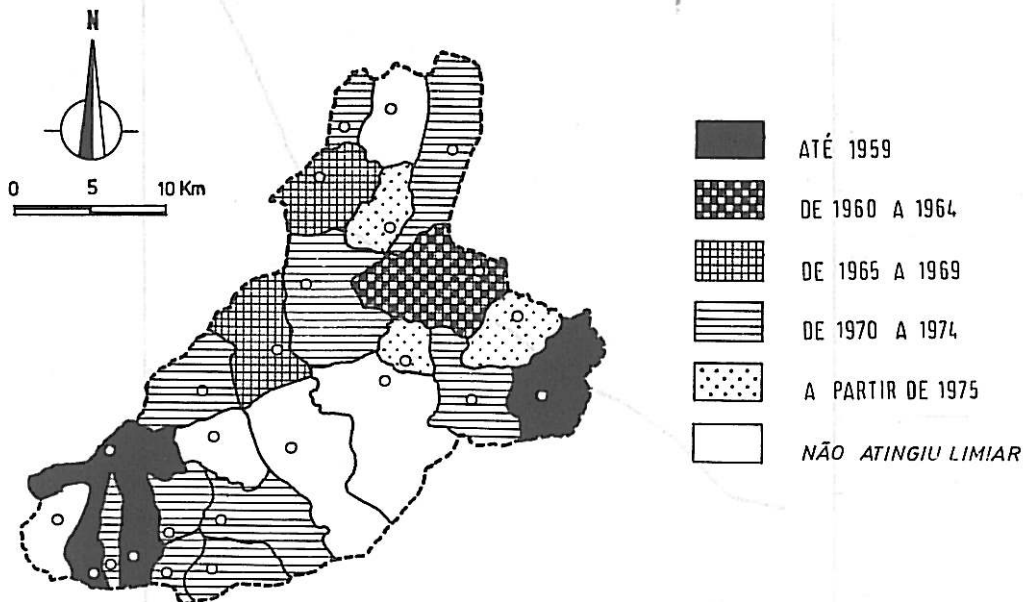


Fig. 4.9 - DIFUSÃO DO POMAR DE PERA

*Considerou-se como limiar para cada freguesia a adopção por 25% dos agricultores inquiridos com plantações a partir de 16 pés de pereiras cada*

A comercialização da fruta produzida na Cova da Beira processa-se a vários níveis, consoante o montante da produção e a procura existente. A partir da amostra de que dispomos, foi possível detectar três níveis distintos: a venda directa pelo produtor nos mercados locais, Fundão e Covilhã, a entrega de toda ou parte da produção à Cooperativa Agrícola dos Fruticultores, e ainda o escoamento da produção através de comerciantes/intermediários residentes na área ou de outras áreas do país. O primeiro tipo é mais frequente no pequeno produtor, que se limita a vender o excedente do auto-consumo, enquanto a comercialização através dos transportadores/intermediários está mais generalizada entre os maiores produtores. A Cooperativa Agrícola dos Fruticultores da Cova da Beira encarrega-se do escoamento da fruta, tanto para o mercado nacional como estrangeiro, e congrega nos seus associados representantes daqueles dois tipos de agricultores.

A curva cumulativa, que representa a percentagem de agricultores, com as respectivas áreas de pomares, inscritos na Cooperativa (fig. 4.10 e 4.11), mostra-nos que a adesão àquele organismo associativo se fez gradualmente a partir de 1967, data em que entrou

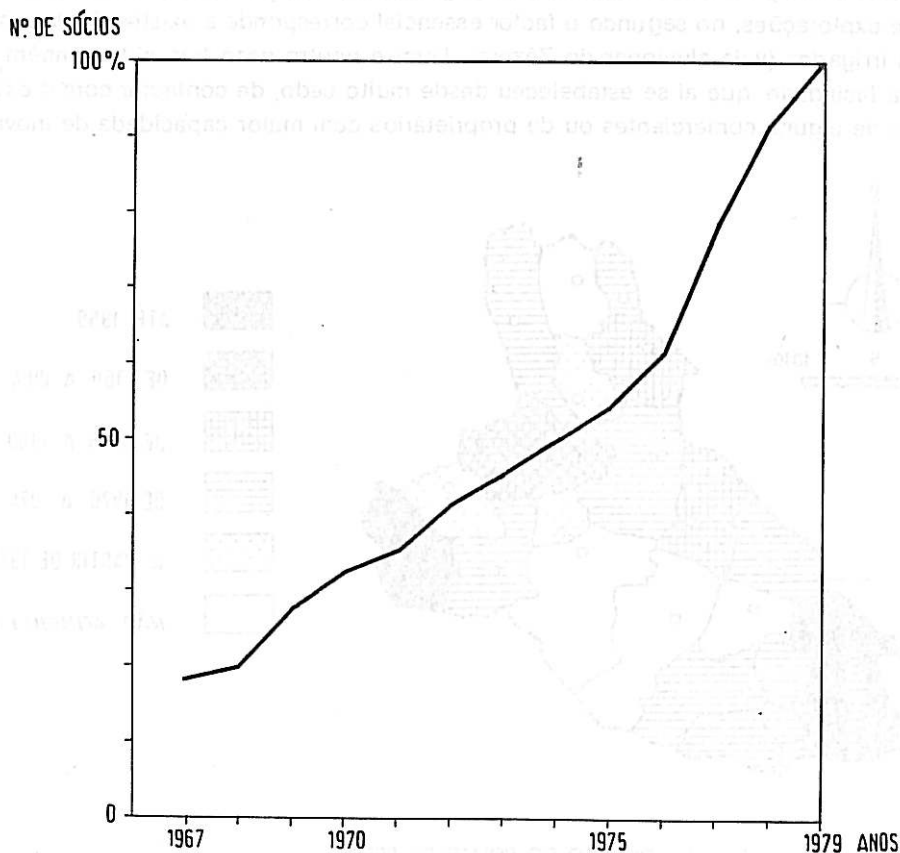


Fig. 4.10 - ADESÃO DOS AGRICULTORES À COOPERATIVA DE FRUTICULTORES DA COVA DA BEIRA

em funcionamento com 48 inscrições. Note-se que os anos de 1974 e 1975, embora mantendo níveis de adesão idênticos aos dos anos anteriores, marcam uma ruptura da estrutura existente. Assim, enquanto até 1974 a média de adesões de novos associados e respectivas áreas de cultivo se situavam em 18 sócios e 4 ha., depois daquela data verifica-se um aumento no número médio de sócios (25) e um decréscimo no número médio de ha. (1.8). Daqui se conclui que enquanto os primeiros associados da cooperativa foram os médios e, nalguns casos, grandes produtores de fruta, os que aderiram após 1974 são regra geral pequenos produtores (fig. 4.11.).

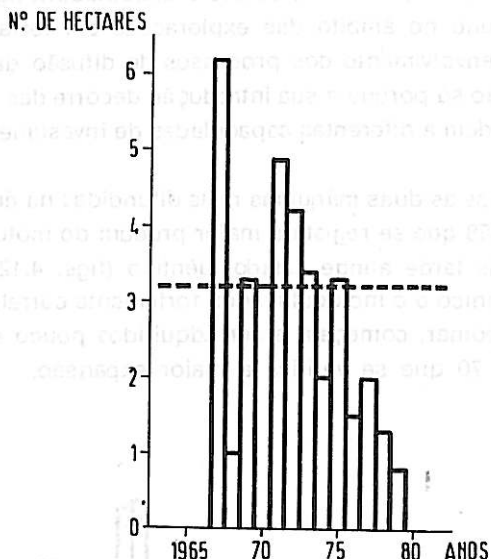


Fig. 4.11 - NÚMERO MÉDIO DE HECTARES POR AGRICULTOR ADERENTE

É importante referir que o aparecimento da Cooperativa de Fruticultores da Cova da Beira coincidiu com a fase de maior expansão da fruta na área, provavelmente por iniciativa dos grandes produtores que ali viram uma forma favorável de garantir o escoamento dos seus produtos. Só após o 25 de Abril de 1974 o pequeno agricultor começa a ter acesso à Cooperativa, não só porque surgiram alterações nos circuitos de comercialização, mas também em virtude do apoio que o Estado começou a dar àquelas organizações, o que incentivou o pequeno agricultor a aderir, uma vez que lhe era garantido o escoamento da produção.

#### 4.2. MÁQUINAS AGRÍCOLAS

Tendo em conta o parque de máquinas detectado nas explorações inquiridas, verifica-se que somente o motor de rega está generalizadamente difundido na área em estudo: das 337 explorações inquiridas (★), 335 (99,0%) têm pelo menos um motor de

(★) Este número de inquéritos contempla para além dos 269 já referidos, os efectuados numa segunda fase, com o objectivo de testar a informação inicialmente colhida.



rega. As primeiras aquisições registadas pelo nosso inquérito, verificaram-se em 1930. O tractor, que é a segunda máquina mais representada, encontra-se em 55,8% das explorações, seguindo-se-lhe o atomizador e o motocultivador, que aparecem, respectivamente, em 48,6% e 20,4% das explorações.

Algumas das máquinas mais específicas, como a debulhadora de cereais e a ordenha mecânica, surgem apenas em 13,9% e 8,0% das explorações inquiridas, respectivamente. A segunda aparece pela primeira vez na Cova da Beira em 1963 apoiando as novas formas de criação animal; ainda antes, em 1948, ocorre a debulhadora ligada ao cereal, cultura que se mantém sobretudo no âmbito das explorações em terra de renda.

Os estados de desenvolvimento dos processos de difusão daquelas máquinas não são contemporâneos, não só porque a sua introdução decorre das formas de cultivo, mas ainda porque correspondem a diferentes capacidades de investimento e a distintas estruturas agrícolas.

Considerando apenas as duas máquinas mais difundidas na área de estudo, verifica-se que é a partir de 1958 que se regista a maior procura do motor de rega, enquanto o tractor só 10 anos mais tarde atinge estado idêntico (figs. 4.12. e 4.13.).

O atomizador mecânico e o motocultivador, fortemente correlacionados com a introdução e expansão do pomar, começam a ser adquiridos pouco antes de 1960, embora tenha sido a partir de 70 que se verifica a maior expansão.

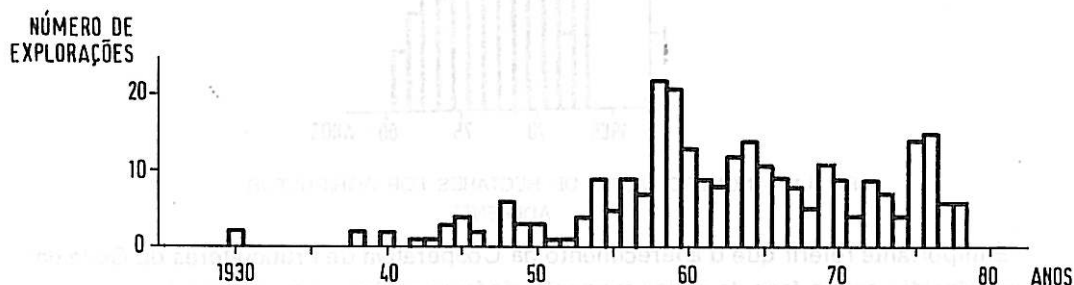


Fig. 4.12 - INTRODUÇÃO DO MOTOR DE REGA

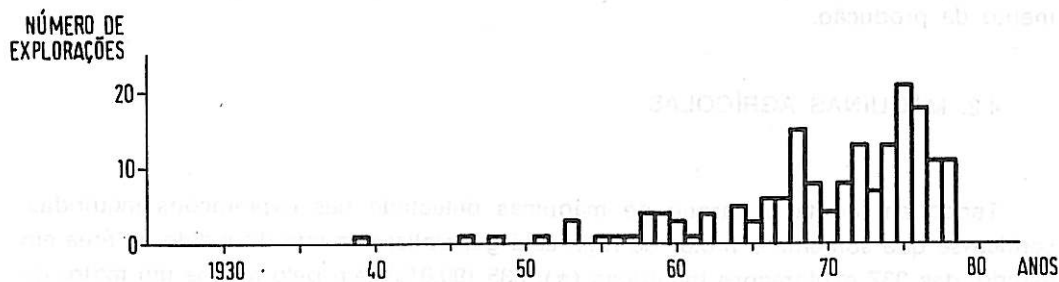


Fig. 4.13 - INTRODUÇÃO DO TRACTOR

O motocultivador nunca atinge níveis de representação que se assemelhem aos encontrados para o atomizador, não só porque este tem uma utilização mais polivalente, mas ainda porque é na maior parte dos casos substituído pelo tractor. Tal como já referimos, a debulhadora de cereais é bastante anterior à ordenha mecânica, mas enquanto esta última tem uma expressão mais reduzida e foi adquirida pela maioria das explorações, sobretudo depois de 1974, a primeira apresenta uma procura mais equilibrada ao longo do tempo (figs. 4.14. a 4.17.).

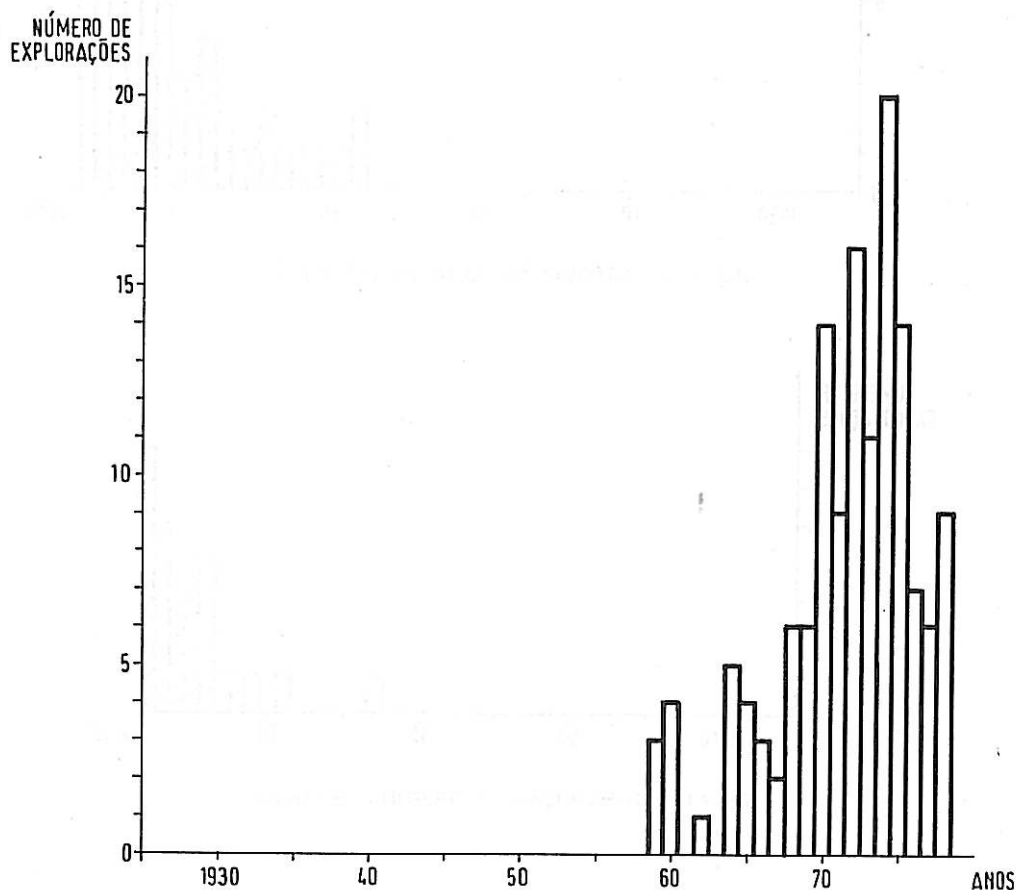


Fig. 4.14 - INTRODUÇÃO DO ATOMIZADOR

No caso da introdução e difusão temporal das máquinas agrícolas, os anos de 1974-75 foram decisivos para um maior apetrechamento das explorações. Em consonância com o processo político vivido, os agricultores, proprietários e rendeiros, investiram as suas poupanças ou recorreram ao crédito para adquirirem bens móveis.

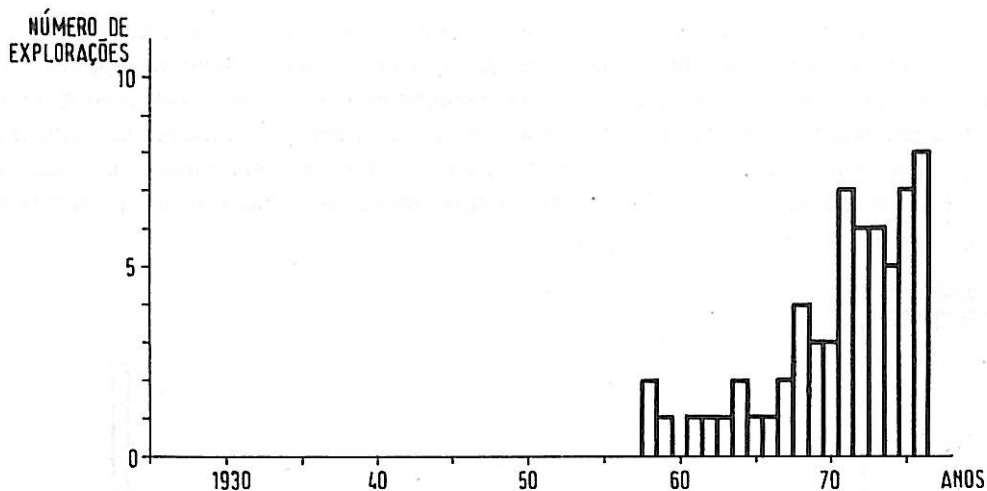


Fig. 4.15 - INTRODUÇÃO DO MOTOCULTIVADOR

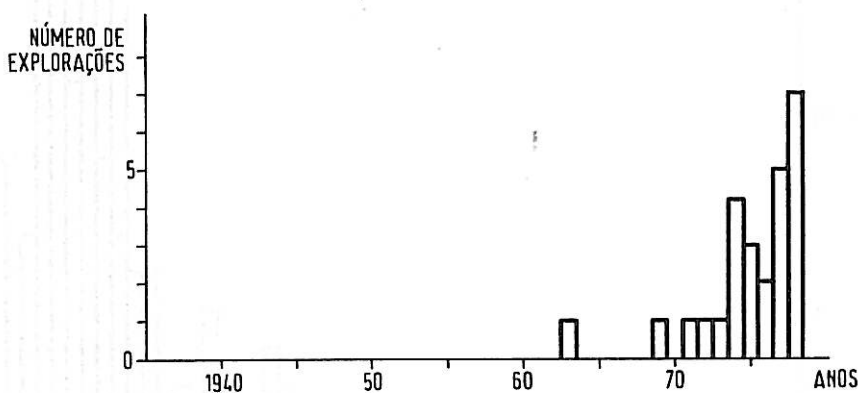


Fig. 4.16 - INTRODUÇÃO DA ORDENHA MECÂNICA

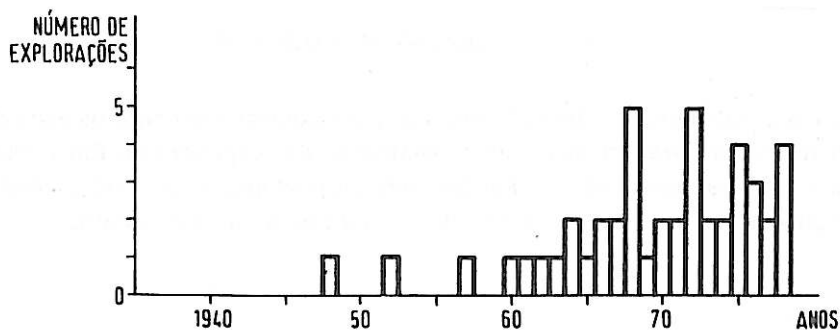


Fig. 4.17 - INTRODUÇÃO DA DEBULHADORA

Atendendo a que as máquinas com maior representação na Cova da Beira são o motor de rega e o tractor, foi elaborada a curva cumulativa dos aderentes a cada uma delas, donde se infere que o processo de difusão do motor de rega se aproximou da saturação, enquanto no tractor a curva revela ainda tendência para o crescimento (figs. 4.18. e 4.19.).

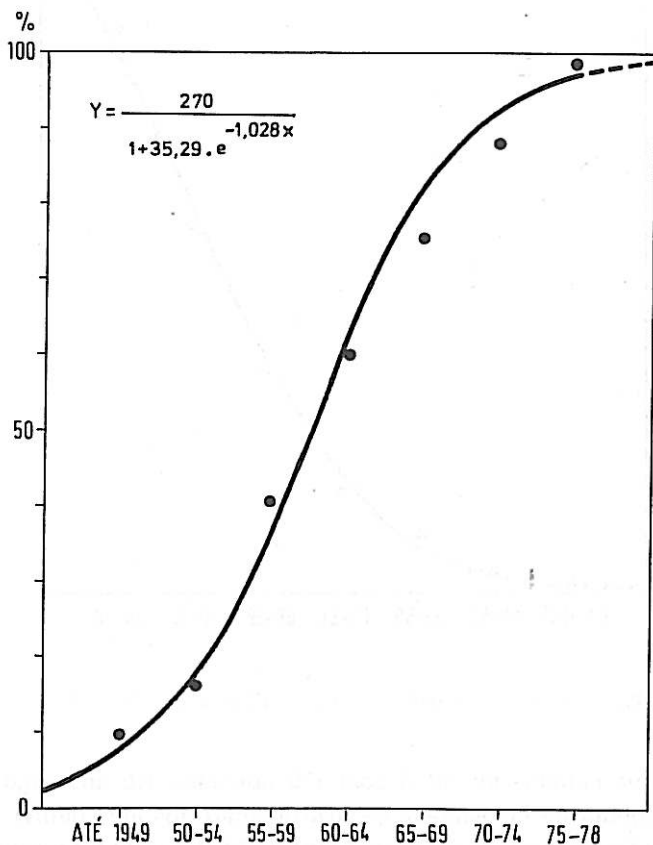


Fig. 4.18 - CURVA CUMULATIVA DA ADESÃO AO MOTOR DE REGA

Assim, se para a primeira destas máquinas se observa um aumento contínuo de aderentes até 1964, ano em que a procura começa a diminuir, para o tractor, segundo a nossa amostra, o número de adesões apresenta-se sempre crescente até 1978.

O estudo da evolução da compra de tractores no período 1969-78, elaborado a partir de elementos fornecidos pelas unidades de comercialização do Fundão, mostra-nos que a procura registada se apresenta equilibrada até 1974, ano a partir do qual se dá um

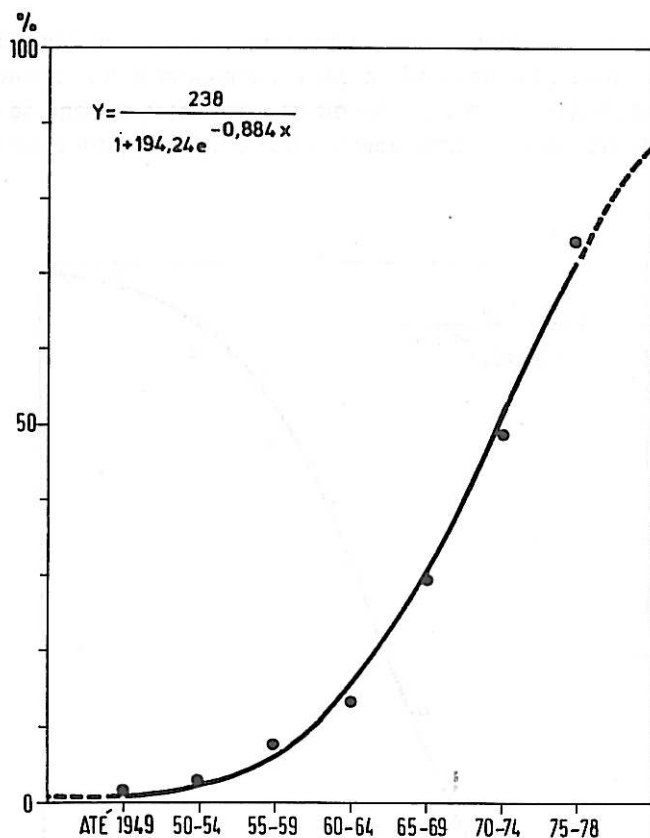


Fig. 4.19 - CURVA CUMULATIVA DA ADESÃO AO TRACTOR

aumento brusco que culmina em 1976 com 170 unidades. No ano seguinte começa a verificar-se uma quebra na capacidade de investimento dos agricultores, chegando-se, em 1978, a níveis idênticos aos observados antes de 74 (fig. 4.20.). As causas fundamentais das oscilações verificadas coincidem com as que foram apontadas para o acréscimo verificado no apetrechamento mecânico das explorações a partir de 25 de Abril.

Para a análise da difusão espacial das máquinas que temos vindo a referir, considerámos como adesão à inovação em cada freguesia, o momento em que 25% dos inquiridos tinham adquirido uma das máquinas. Os padrões espaciais de difusão, apresentam-se distintos, conforme se verifica nas figuras 4.21. e seguintes, pois enquanto para o motor de rega e debulhadora o processo se desenvolveu a partir de dois ou três núcleos periféricos, nas outras máquinas (tractor, atomizador, motocultivador e ordenha mecânica) processou-se a partir dum único núcleo com dimensão territorial variável.

As máquinas agrícolas com maior representação espacial na área em estudo são o motor de rega, o tractor e o atomizador, abrangendo respectivamente 100%, 96,3% e 85,2% do total de freguesias. O facto de se tratar de máquinas essenciais para uma maior rendibilidade das culturas praticadas em toda a área (cereais, batata, vinha e pomar), contribui para a sua ampla distribuição espacial.

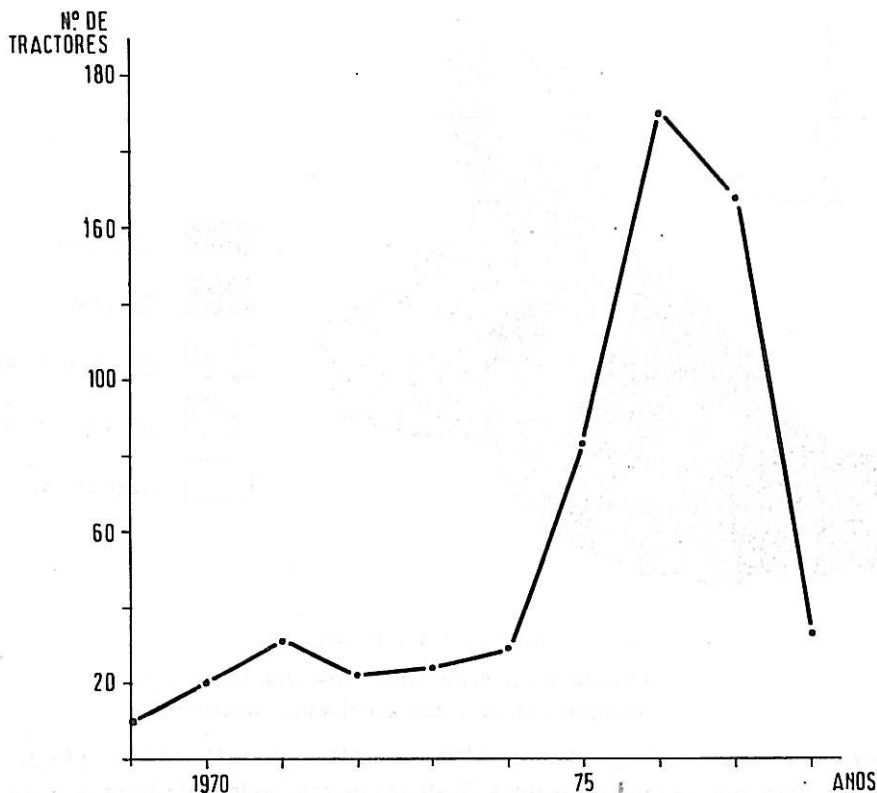


Fig. 4.20 - TRACTORES ADQUIRIDOS EM UNIDADES COMERCIAIS DO FUNDÃO

No que respeita ao motor de rega (fig. 4.21), as primeiras freguesias, em que 25% dos inquiridos adquire esta máquina, são Donas, Alcaide, Escarigo e Bendada, estando por certo as duas primeiras directamente relacionadas com a difusão do pomar. Na fase seguinte, 1950-54, as freguesias atingidas ligam-se directa ou indirectamente aos focos iniciais, relacionando-se tanto com culturas de pomar (Valverde e Fundão), como com culturas arvenses e batata (Capinha e Peraboa). Em 1959 somente quatro freguesias não tinham atingido o mínimo de 25% de inquiridos com motor de rega, o que veio a verificar-se em 1964, ano em que a área se encontra completamente coberta.

Relativamente ao tractor (fig. 4.22.), não só os núcleos iniciais estão mais concentrados que os do motor de rega, como ainda o processo de difusão apresenta maior continuidade espacial.

A partir de 1959, ano em que apenas os inquiridos das freguesias de Casteleiro, Bendada e Vale da Senhora da Póvoa tinham atingido o nível dos 25%, a inovação alastra a Caria no período seguinte (1960-64). Esta freguesia desempenha um papel importante no processo de difusão desta máquina, em virtude de aí se ter localizado a primeira unidade de venda de tractores da Cova da Beira. É a partir dali que a inovação alastra para Norte e para Sul, atingindo respectivamente Belmonte, Colmeal da Torre, Peraboa, Capinha, Salgueiro, Fatela.

A terceira e quarta fases do processo de difusão que tiveram lugar respectivamente de 1970-74 e depois de 1975, prosseguem a partir daquelas freguesias cobrindo a restante

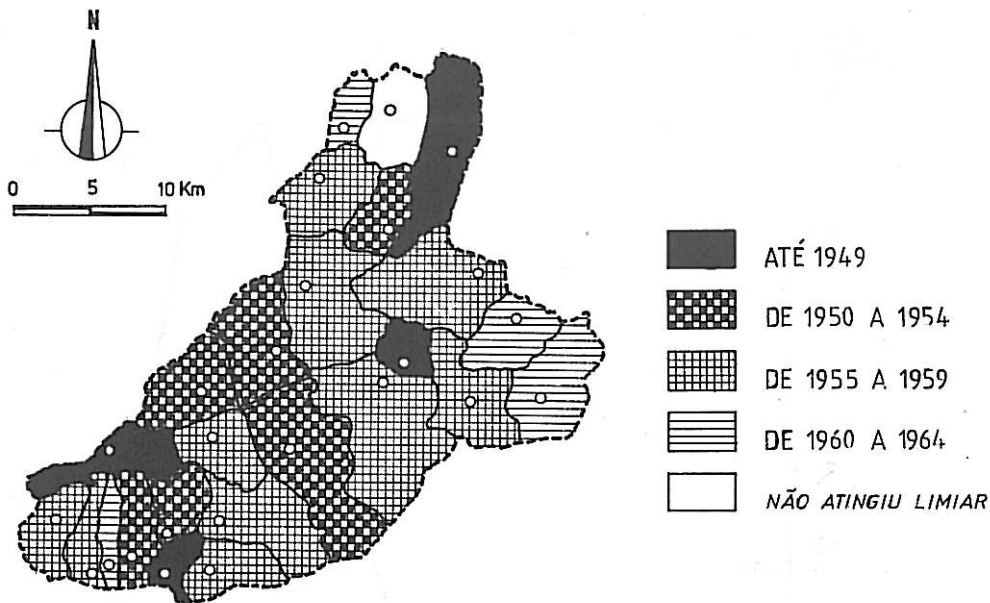


Fig. 421 - DIFUSÃO DO MOTOR DE REGA

*Considerou-se como limiar para cada freguesia a adopção por 25% dos agricultores inquiridos.*

área, com excepção das freguesias de Meimoa e Maçainhas. Neste exemplo verifica-se como regra geral que as freguesias mais afastadas do núcleo inicial são as que mais tarde adoptaram a inovação.

Directamente ligado à cultura da batata e ao pomar, surge o atomizador (fig. 4.23.), que aparece pela primeira vez antes de 1959, na freguesia de Bendada. A sua difusão na

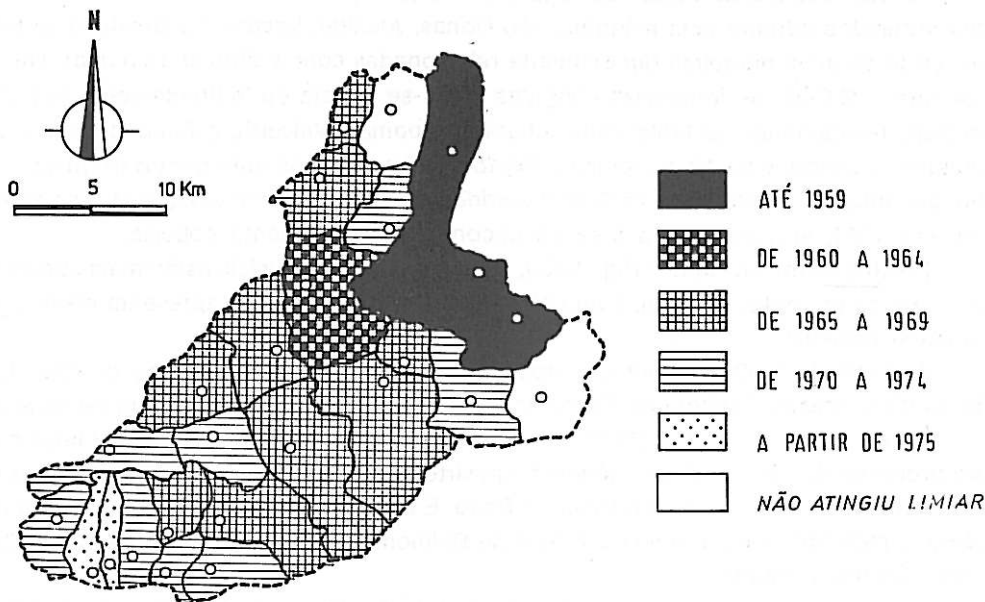


Fig. 422 - DIFUSÃO DO TRACTOR

*Considerou-se como limiar para cada freguesia a adopção por 25% dos agricultores inquiridos.*

área em estudo, processa-se lentamente, sendo atingidas as freguesias de Valverde e Casteleiro até 1964 e as de Belmonte e Caria até 1970. As três últimas são vizinhas próximas do núcleo inicial, pertencendo Valverde ao sector Sul da área. Em qualquer dos casos a existência, desde muito cedo, de pomares de maçã terá sido factor determinante no aparecimento do atomizador. No entanto, é no período 1970-74, que esta máquina começa a generalizar-se, alastrando indistintamente às freguesias onde predominantemente se cultiva a batata, o cereal ou o pomar: são atingidos 25% dos inquiridos do Fundão, Aldeia, de Joanes, Aldeia Nova do Cabo e Alcaide ligadas ao núcleo de Valverde, e 25% dos de Colmeal da Torre, Inguias, Escarigo, Salgueiro, Ferro, Peraboa e Meimoa, que apresentam maiores afinidades culturais e nalguns casos proximidade física com o núcleo definido no sector Norte.

Depois de 1975, o atomizador estende-se a algumas freguesias dos sectores Norte (Maçainhas) e Centro-Sul (Alcaria, Peroviseu, Capinha) da área, ficando apenas por atingir o Telhado, Fatela, Benquerença e Vale da Senhora da Póvoa.

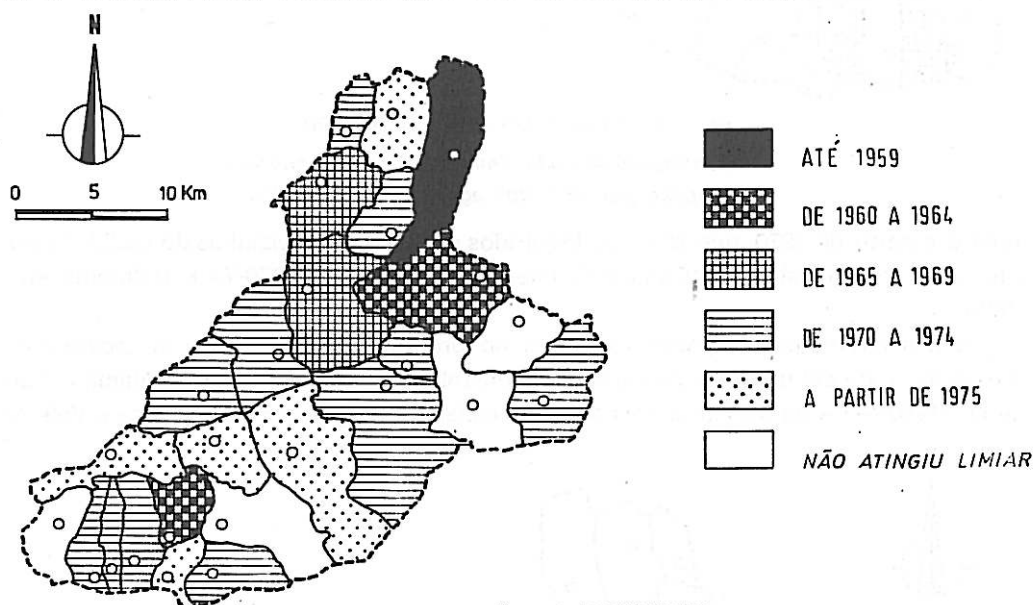


Fig. 423 - DIFUSÃO DO ATOMIZADOR

*Considerou-se como limiar para cada freguesia a adoção por 25% dos agricultores inquiridos.*

As máquinas agrícolas espacialmente menos difundidas são o motocultivador (fig. 4.24), a ordenha mecânica (fig. 4.25) e a debulhadora de cereais (fig. 4.26), representadas respectivamente em 44,4%, 3,7% e 25,9% das freguesias em estudo. O motocultivador tem o seu núcleo inicial (até 1959) na freguesia de Casteleiro, e a sua segunda fase de expansão verifica-se no período 1965-69, cobrindo algumas freguesias do extremo Sul da Cova da Beira, completamente desligadas do núcleo inicial (Fundão, Aldeia de Joanes e Dornas); este conjunto de unidades administrativas terá funcionado como pólo secundário de difusão, o que poderá estar relacionado com a forte incidência da pequena propriedade, veiculando a inovação às freguesias vizinhas nos períodos seguintes: Valverde e Ferro entre 1970 e 1974 e Alcaide, Alcaria e Peroviseu depois de 1975. Entretanto, foi



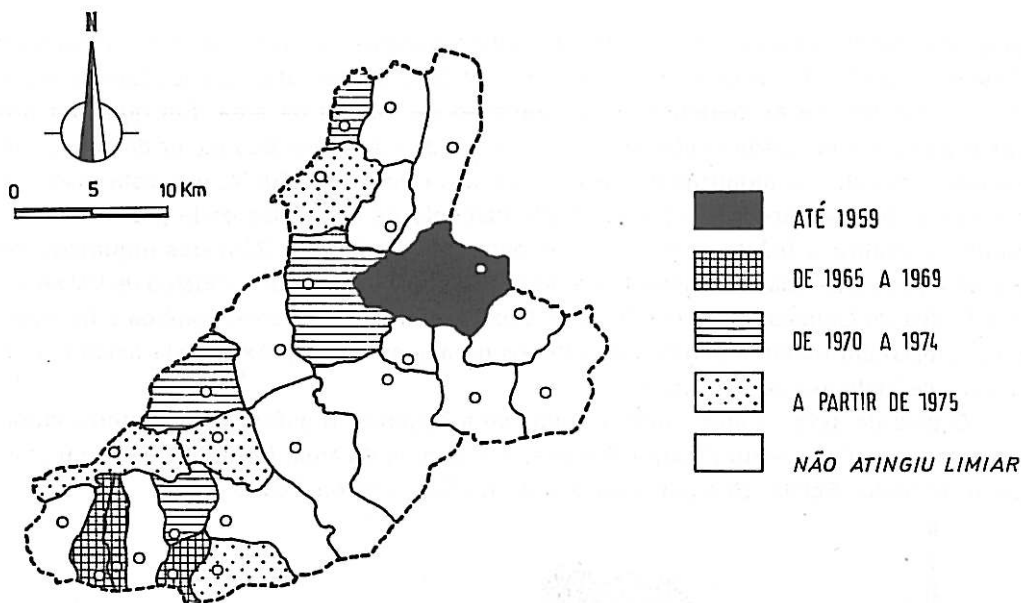


Fig. 4.24 - DIFUSÃO DO MOTOCULTIVADOR

*Considerou-se como limiar para cada freguesia a adopção por 25% dos agricultores inquiridos.*

apenas a partir de 1970, que 25% dos inquiridos das freguesias vizinhas do núcleo inicial, adquirem aquela máquina (Caria e Colmeal da Torre entre 1970-74 e Belmonte após 1975).

A descontinuidade espacial verificada no processo de difusão do motocultivador repete-se no da debulhadora de cereais. No entanto, o aparecimento desta última é mais tardio (1960-64) e dá origem a dois núcleos iniciais: as freguesias de Bendada e Vale da

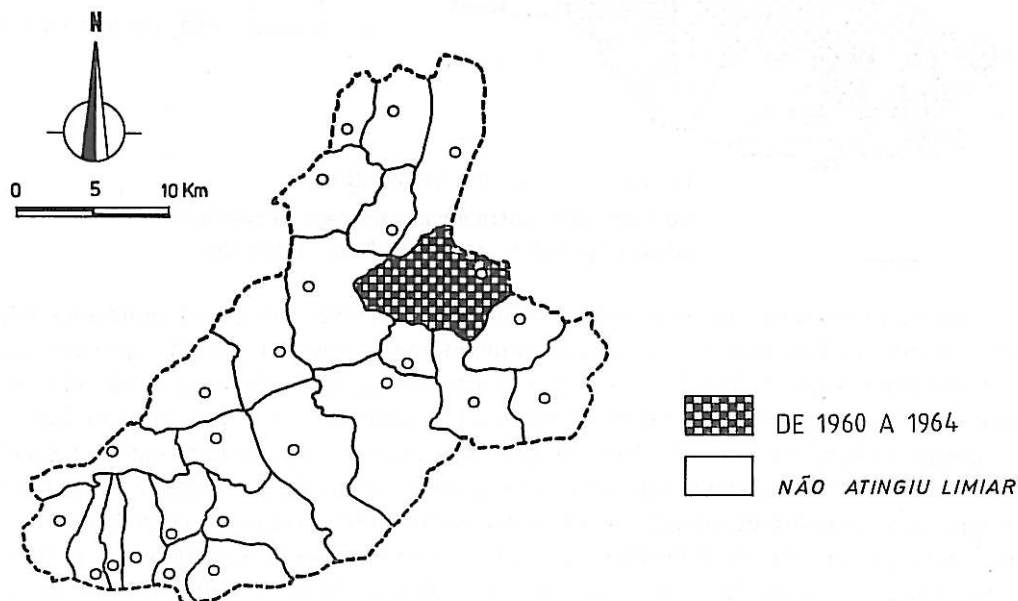


Fig. 4.25 - DIFUSÃO DA ORDENHA MECÂNICA

*Considerou-se como limiar para cada freguesia a adopção por 25% dos agricultores inquiridos.*

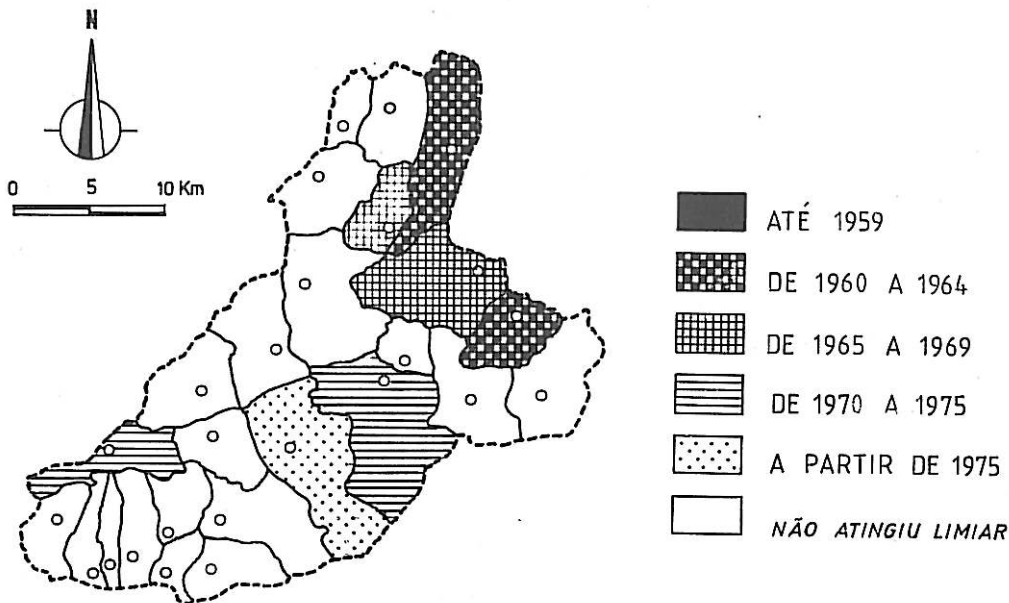


Fig. 4.26 - DIFUSÃO DA DEBULHADORA

*Considerou-se como limiar para cada freguesia a adopção por 25% dos agricultores inquiridos.*

Senhora da Póvoa. É na continuidade destas (Casteleiro e Inguias) que aquela máquina se difunde no período seguinte, observando-se no entanto que as freguesias atingidas depois de 1970, não têm contiguidade espacial com os núcleos inovadores. Assim, foi no Salgueiro, Alcaria e Capinha que se detectou o aparecimento de 25% dos inquiridos com debulhadora de cereais, entre 1970-74 e depois de 1975, respectivamente.

Na sequência da análise que tem sido feita, resta referir que a aquisição de máquinas de ordenha mecânica têm sido pontual, na medida em que se trata de um investimento que só é rendível a partir dum número considerável de cabeças de gado. A única freguesia em que 25% dos inquiridos adquiriram aquela máquina, foi o Casteleiro no período de 1960-64. De momento, e com base no limiar considerado para a difusão das máquinas, 25% das adopções, não se verifica o seu aparecimento em qualquer outra freguesia. No entanto convém referir que existem 27 ordenhas mecânicas na Cova da Beira, 20 das quais (74%), foram adquiridas depois de 1975.

Os factores determinantes no processo de difusão das máquinas agrícolas, foram o efeito de vizinhança associado, à introdução de novas culturas e formas de cultivo e às alterações na economia pecuária, bem como a implantação na área ou em centros próximos, de comerciantes e oficinas de reparação das mesmas.



## **5. ESTRUTURA EMPRESARIAL**



## 5.0. INTRODUÇÃO

Este capítulo pretende, por um lado, mostrar a estrutura das empresas agrícolas geridas pelos agricultores inquiridos e, por outro lado, evidenciar os aspectos mais relevantes das relações estruturais dessas empresas. Num e noutro caso recorre-se à *análise Q* como linguagem mais apropriada para descrever aqueles fenómenos.

Esta análise é feita a dois níveis distintos, correspondentes a um dos atributos mais decisivos para a estrutura das empresas agrícolas — a idade dos empresários. Assim, consideram-se dois grupos etários: agricultores com idade até 45 anos e agricultores com idade igual ou superior a 52 anos. Eliminou-se, pois um grupo intermédio, de molde a precisar melhor as diferenças existentes entre os dois níveis etários.

A introdução de alguns parâmetros mínimos (*slicings*=corte) para determinados elementos da estrutura empresarial permitiu retirar desta análise empresas que pela dimensão reduzida representavam situações atípicas no conjunto inquirido.

Este capítulo aparece subdividido em duas partes. Na primeira analisa-se o *pano de fundo* da estrutura produtiva, ou seja, o conjunto de elementos que conjugados determinam a produção (ou *tráfego* na terminologia da *análise Q*), que é o objecto de estudo da segunda parte.

Pelo seu papel decisivo e pelo seu significado em termos de difusão de inovações, dentro do pano de fundo será dado relevo particular à análise do equipamento mecânico.

Em qualquer dos casos (meios de produção e produção) são definidas, a um tempo, as relações estruturais entre componentes do pano de fundo ou da produção e, a outro, as relações estruturais entre os agricultores, decorrentes do equipamento disponível ou da produção.

A análise Q, também designada por Dinâmica de Poliedros foi criada e desenvolvida por Atkin (14) no início dos anos setenta e difundida entre nós por Peter Gould (15). No dizer deste autor não se trata mais de uma técnica, mas sobretudo de uma linguagem com grande capacidade para descrever relações complexas. Embora possa apresentar semelhanças com algumas técnicas multivariadas, a Dinâmica de Poliedros ou Análise Q, distingue-se delas sobretudo por não forçar a informação a adaptar-se ao formato de funções — o que permite não destruir a informação. Na realidade, nas análises multivariadas ao reduzir-se a dimensionalidade da matriz de dados, na maior parte dos casos através de uma simples matriz de correlação, destrói-se a estrutura inicial, rica de relações entre um grande número de variáveis.

O conteúdo dos inquéritos efectuados permite definir fundamentalmente dois tipos de estruturas — *complexos simpliciais*; um, que relaciona os inquiridos a partir dos atributos das suas explorações, outro a estrutura da comunicação pessoal. Ao primeiro tipo correspondem duas estruturas, definindo uma o pano de fundo das explorações (área, estrutura fundiária, equipamento disponível, nível de instrução e de informação, formas de comercialização), outra que define o tráfego (culturas e criação de gado), cujo suporte é a primeira estrutura. Ao segundo tipo, corresponde a estrutura construída a partir da ideia que os inquiridos fazem relativamente à relevância das opiniões de outros agricultores.

Os agricultores que compõem o pano de fundo, o tráfego e a estrutura da comunicação (complexos simpliciais), vão dispor-se nas respectivas estruturas em função da identidade que observam a partir das respostas obtidas. Assim, por exemplo, quanto maior for o número de características em comum entre dois agricultores inquiridos, maior é a ligação que se estabelece entre eles no *pano de fundo*, ou, por outras palavras, maior é a sua proximidade estrutural.

Podem assim estabelecer-se agrupamentos de agricultores (ou explorações agrícolas) que contactam directamente ou através de intermediários ou, ainda, permanecem isolados.

A cada estrutura assim definida corresponde outra, o *conjugado*, que estabelece a relação entre características e atributos a partir da sua ocorrência nos inquiridos. Quanto maior for a identidade entre as respostas, mais próximos se encontrarão os elementos em cada uma das estruturas «conjugados», organizando-se do mesmo modo que nos complexos simpliciais.

Cada estrutura constrói-se através de um progressivo aumento de complexidade, definida a partir do número de dimensões em jogo e, conseqüentemente, do número de vértices (*simplexes* — atributos, características ou indivíduos) que aparecem a cada nível. Quanto maior o número de dimensões (Q) ou seja, nos nossos casos, o número de atributos, características ou indivíduos citados em comum, mais simples serão as estruturas, já

---

(14) ATKIN, R.H. — *Mathematical Structure in Human Affairs*, Heinemann, London, 1976.

(15) GOULD, P. — *Dinâmica de Poliedros — Uma introdução para cientistas sociais, geógrafos e planeadores*. Lisboa, C.E.G., 1979, E.P.R.U., nº 9. (Este trabalho constituiu uma iniciação a este método, teve a sua primeira edição em português, a que se seguiram edições em inglês e japonês).

que existirá um número mais reduzido de vértices em condições de nela se inserirem. Pelo contrário, reduzindo o número de dimensões (Q), aumenta o número de vértices e a probabilidade de se estabelecerem relações entre si, o que incrementará a complexidade.

## 5.1. O PANO DE FUNDO

Inicialmente considerámos 29 elementos como susceptíveis de definir o pano de fundo da agricultura na Cova da Beira (Quadro 5.1). As variáveis consideradas recobrem aspectos relacionados com a estrutura de propriedade e posse da terra, com o equipamento mecânico, o sistema de irrigação, as formas de comercialização e as habilitações literárias dos empresários. A idade, tal como se referiu, constitui a referência separadora dos agricultores que são sujeitos à análise.

Dada a estrutura da propriedade e o regime de posse da terra existente na área, só serão contemplados os agricultores que obedeçam a pelo menos uma das seguintes condições mínimas: possuírem 3 parcelas próprias, 8 ha próprios ou 1 ha arrendado, valores

QUADRO 5.1.

AS VARIÁVEIS DO PANO DE FUNDO

- 1 - Idade
- 2 - Alfabetização
- 3 - Parcelas próprias
- 4 - Hectares próprios
- 5 - Parcelas arrendadas
- 6 - Hectares arrendados
- 7 - Pequena represa
- 8 - Poço
- 9 - Rio
- 10 - Rega por aspersão
- 11 - Gota a gota
- 12 - Motocultivador
- 13 - Tractor
- 14 - Tracção animal
- 15 - Ordenha Mecânica
- 16 - Debulhadora
- 17 - Atomizador manual
- 18 - Atomizador mecânico
- 19 - Cooperativa
- 20 - Grossista
- 21 - Fábricas
- 22 - Feiras e mercados
- 23 - Vizinho
- 24 - Conselhos técnicos
- 25 - Rádio
- 26 - Televisão
- 27 - Outros
- 28 - Escolaridade
- 29 - Motor de rega



que correspondem a um slicing a, 50%. Por outras palavras, apenas foram seleccionadas as explorações que possuíam mais de 1 ha arrendado e, das explorações com terra própria, escolheu-se não só a metade superior definida em termos de superfície (8 ou mais hectares), como a metade superior definida pelo número das parcelas (3 ou mais).

A existência nas referidas explorações agrícolas, de um equipamento mecânico diversificado relaciona-se, por um lado, com a idade e as habilitações literárias do chefe de exploração e, por outro, com a estrutura da propriedade e o regime de posse e uso da terra. O motor de rega e o tractor são as máquinas mais divulgadas em cada um dos escalões etários considerados, seguindo-se-lhes, o atomizador (manual e mecânico), o motocultivador e, por último, a debulhadora de cereais e a ordenha mecânica (quadro 5.2).

QUADRO 5.2.

OCORRÊNCIA DOS PRINCIPAIS ELEMENTOS DO PANO DE FUNDO  
ENTRE OS AGRICULTORES INQUIRIDOS

	MAIS NOVOS (56)		MAIS VELHOS (67)	
	Nº DE AGRICULT.	% DO TOTAL	Nº DE AGRICULT.	% DO TOTAL
Alfabetização	52	94,6	43	65,7
Motor de rega	54	98,2	59	89,6
Poço	50	91,1	57	86,6
Rio	7	14,3	17	26,9
Represa	10	19,6	15	23,9
Hectares próprios	20	37,5	40	61,2
Hectares arrendados	27	50,0	26	40,3
Atomizador manual	21	39,3	17	26,9
Atomizador mecânico	9	17,9	18	28,4
Motocultivadores	6	12,5	14	22,4
Tractor	48	87,5	37	55,2
Cooperativa	6	12,5	20	31,3

Ao considerarmos o sistema de irrigação como um conjunto de variáveis susceptíveis de caracterizar o pano de fundo dos agricultores da Cova da Beira, temos de ter em conta dois aspectos principais: a origem da água e o tipo de rega praticado. Relativamente à origem da água, a utilização do poço é a forma mais generalizada. A captação de água de rios ou de pequenas represas aí construídas, aparece em muito menor escala, pois depende directamente da localização das explorações agrícolas. Tendo em conta o tipo de rega que se pratica, que por seu lado decorre em grande parte da facilidade de aprovisionamento de água, verificamos que o que se encontra mais generalizado é a rega tradi-

cional. A rega por aspersão é usada apenas por quatro agricultores de cada um dos grupos etários, enquanto o da gota a gota, além de não ser utilizado, é praticamente desconhecido.

De entre as quatro formas de comercialização consideradas no inquérito (Cooperativa, grossista, feiras e mercados, venda directa para as fábricas), a que se encontra mais divulgada, tanto nos agricultores mais novos como nos mais velhos, é a que tem lugar através da Cooperativa Agrícola dos Fruticultores da Cova da Beira; são os mais idosos aqueles que a utilizam em maior número (21 em 68), pois o pomar é a produção agrícola que predominantemente praticam. Pela mesma razão, também a comercialização através de grossistas tem maior representação naquele grupo etário. A venda directa da produção em feiras e mercados é pouco utilizada pelos agricultores considerados (4 no grupo dos mais jovens e 7 nos mais idosos), assim como a venda directa para as fábricas (16) (1 nos mais jovens e 2 nos mais idosos).

#### 5.1.1. A ESTRUTURA BÁSICA

A análise do pano de fundo revela a existência de um conjunto de 12 variáveis que definem a estrutura mais elementar e essencial das explorações inquiridas: alfabetização dos chefes (17), superfície própria, superfície de renda, utilização da água de rios, de pequenas represas ou de poços, motor de rega, tractor, atomizador manual ou mecânico, motocultivador e associação na Cooperativa.

Considerando o grupo dos agricultores mais jovens verifica-se que os elementos com maiores níveis de ocorrência são o motor de rega (98,2%), a alfabetização (94,6%), o poço (91,1%) e o tractor (87,5%); em contrapartida alguns elementos — geralmente relacionados com a produção frutícola — têm representação muito reduzida (associação na Cooperativa, motocultivador, rega a partir dos rios, atomizador mecânico). No que respeita ao grupo de agricultores com mais de 52 anos são menores os desníveis na frequência com que ocorrem aqueles 12 elementos básicos. Outra das diferenças essenciais na frequência dos elementos constituintes das estruturas definidas por agricultores jovens e velhos, reside na estrutura de posse da terra: maior incidência de terra própria nos mais velhos e de terra arrendada nos mais jovens. Este assunto voltará a ser focado, quando se analisar a importância que o regime da posse da terra assume na estrutura produtiva.

Nas estruturas representativas do pano de fundo de cada um daqueles grupos etários, figs. 5.1. e 5.3., as ligações entre as variáveis em questão, têm diferentes graus de

---

(16) Esta situação alterou-se, no que respeita à fruta de refugo, posteriormente à elaboração dos inquéritos, com a entrada em funcionamento da fábrica de concentrados de fruta, já mencionada no capítulo 2.

(17) «Pelo menos saber ler e escrever».

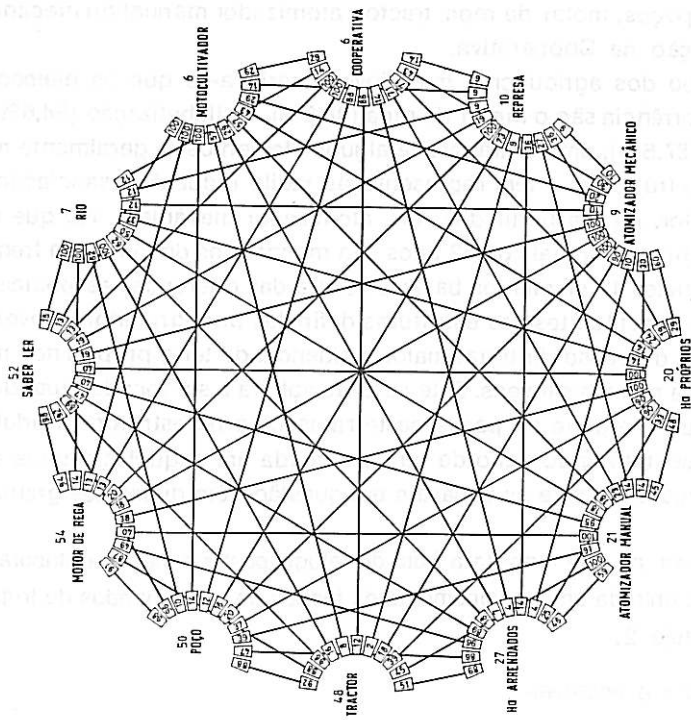


Fig. 5.1 - RELAÇÃO ENTRE OS ELEMENTOS PRINCIPAIS DO PANO DE FUNDO  
 Estrutura definida pelos agricultores mais novos.

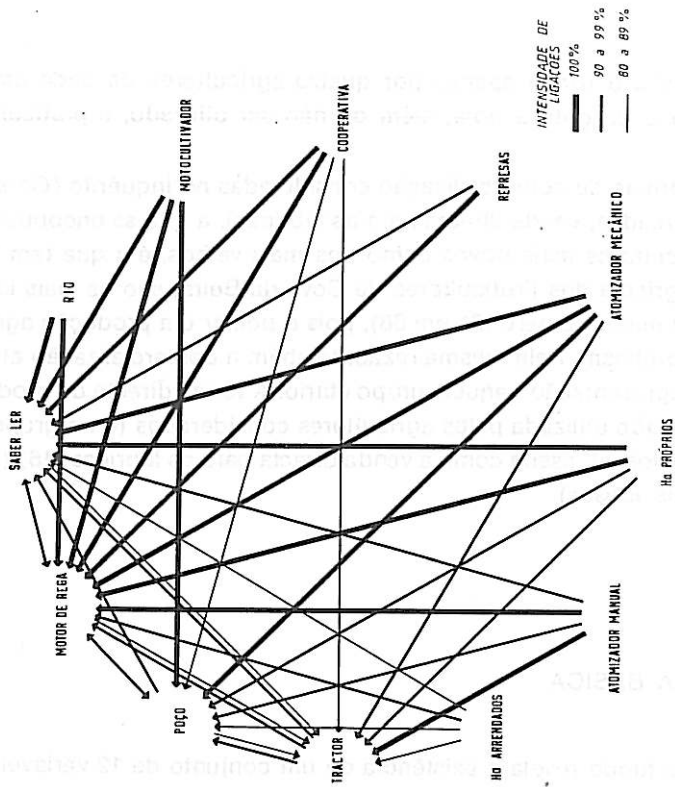


Fig. 5.2 - LIGAÇÕES ESSENCIAIS DEFINIDAS PELOS AGRICULTORES MAIS NOVOS

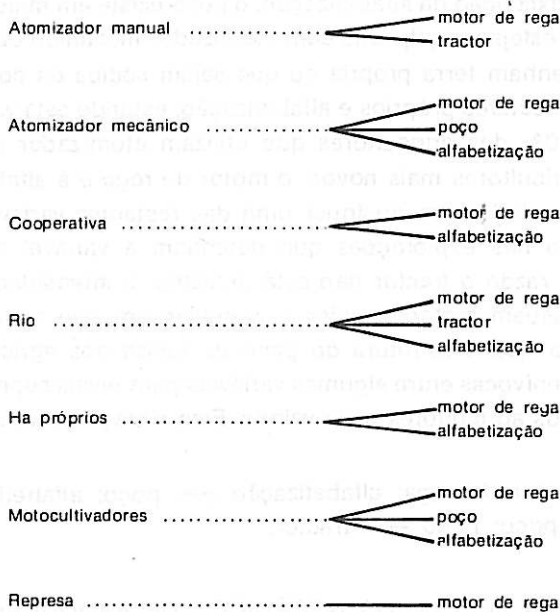
intensidade. Esta intensidade (número de agricultores que detêm simultaneamente cada par de variáveis) é apresentada em percentagem, calculada relativamente ao total dos que possuem cada uma das variáveis.

Para uma melhor compreensão daquelas relações destacaram-se as ligações de intensidade mais forte (superior a 80%), o que faz ressaltar as relações fundamentais das respectivas estruturas (figs. 5.2. e 5.4.).

Começando por analisar apenas as ligações de mais forte intensidade (100%), verifica-se que as que se estabelecem no grupo dos mais velhos, são mais simples do que as que se registam no dos mais jovens. Assim, nos primeiros (ver também o quadro 5.4) apenas o motor de rega aparece em simultâneo com outras variáveis — nas explorações agrícolas equipadas com atomizador manual e mecânico, nas que se abastecem de água directamente do rio e ainda naquelas cujos chefes são sócios da cooperativa; nos segun-

QUADRO 5.3.

LIGAÇÕES ESSENCIAIS A 100% DEFINIDAS PELOS AGRICULTORES MAIS NOVOS



dos (quadro 5.3) para além do motor de rega também a alfabetização, o poço e o tractor se encontram conectados a 100% com outras variáveis. Neste caso, todas as empresas agrícolas que utilizem atomizador manual, possuem motor de rega e tractor, que por sua vez, juntamente com o motor de rega e a alfabetização, se encontra presente nas explorações que detêm a variável rio; todos os agricultores que possuem atomizador mecânico ou motocultivador além de saberem ler e escrever utilizam água de poço próprio e motor de rega; esta máquina e as habilitações literárias aparecem nas explorações agrícolas cujos empresários são sócios da cooperativa ou detentores de terra própria. Resta apenas acrescentar que todas as explorações agrícolas que possuem represa, utilizam o motor de rega para a elevação de água.

QUADRO 5.4.

LIGAÇÕES ESSENCIAIS A 100% DEFINIDAS PELOS AGRICULTORES MAIS VELHOS

Atomizador manual .....	_____	motor de rega
Atomizador mecânico .....	_____	motor de rega
Cooperativa .....	_____	motor de rega
rio .....	_____	motor de rega

Alargando a nossa análise às ligações que se estabelecem com intensidade superior a 80%, verifica-se que a situação já descrita para os agricultores mais velhos, apresenta pequenas alterações: o motor de rega aparece em todas as explorações que detenham as restantes variáveis à excepção da alfabetização; o poço existe em mais de 80% das explorações agrícolas que estejam equipadas com atomizador mecânico ou manual e entre os agricultores que detenham terra própria ou que sejam sócios da cooperativa; de entre estes, 80% possuem hectares próprios e alfabetização, estando esta variável também presente em mais de 80% dos agricultores que utilizam atomizador mecânico.

No caso dos agricultores mais novos, o motor de rega e a alfabetização aparecem sempre em simultaneidade com qualquer uma das restantes variáveis; o poço só não aparece representado nas explorações que detenham a variável água do rio ou de represa; pela mesma razão o tractor não está presente, à intensidade considerada, nas explorações que possuem motocultivador e naquelas em que aparece a represa.

Saliente-se ainda que a estrutura do pano de fundo dos agricultores mais novos evidencia relações biunívocas entre algumas variáveis para níveis superiores a 80%, o que não aconteceu para os agricultores mais velhos. Esta situação verifica-se nos seguintes casos:

alfabetização ↔ motor de rega; alfabetização ↔ poço; alfabetização ↔ tractor;  
 motor de rega ↔ poço; poço ↔ tractor.

### 5.1.2. ESTRUTURA DOS MEIOS MECÂNICOS DE PRODUÇÃO

A análise Q aplicada ao conjunto dos elementos mecânicos do pano de fundo, revelou que é ao nível Q<sub>3</sub> que melhor se definem as relações estruturais desses elementos (figs. 5.5. e 5.6.). A este nível são excluídas as máquinas que não ocorreram em pelo menos 4 explorações. Por outro lado, as relações entre cada par de elementos do equipamento mecânico só se verificam desde que pelo menos 4 agricultores os possuam em comum.

Tanto para os mais novos como para os mais velhos, o motor de rega e o tractor são as duas máquinas mais difundidas, constituindo como que o eixo fundamental do equipamento mecânico das explorações. Com uma dimensionalidade francamente inferior,

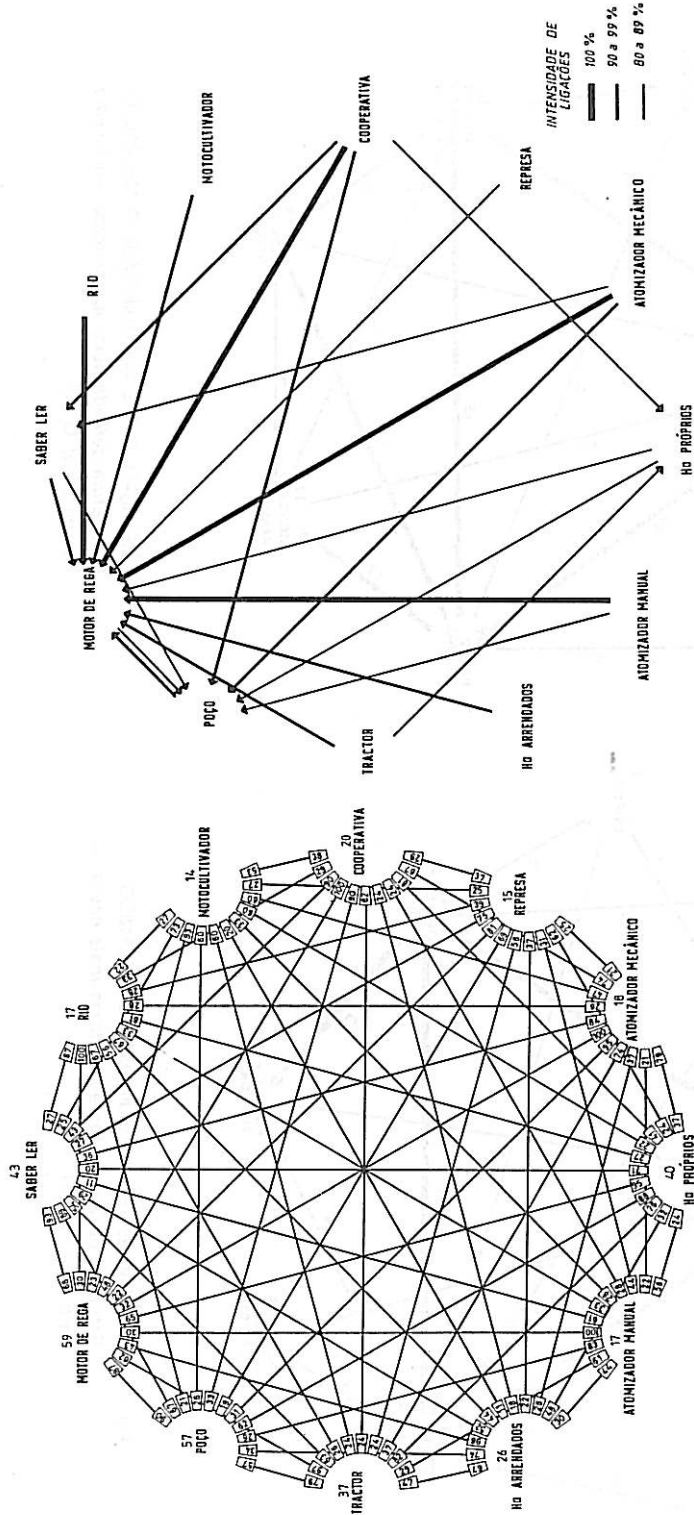


Fig. 5.4 - LIGAÇÕES ESSENCIAIS DEFINIDAS PELOS AGRICULTORES MAIS VELHOS

Fig. 5.3 - RELAÇÃO ENTRE OS ELEMENTOS PRINCIPAIS DO PANO DE FUNDO  
*Estrutura definida pelos agricultores mais velhos.*

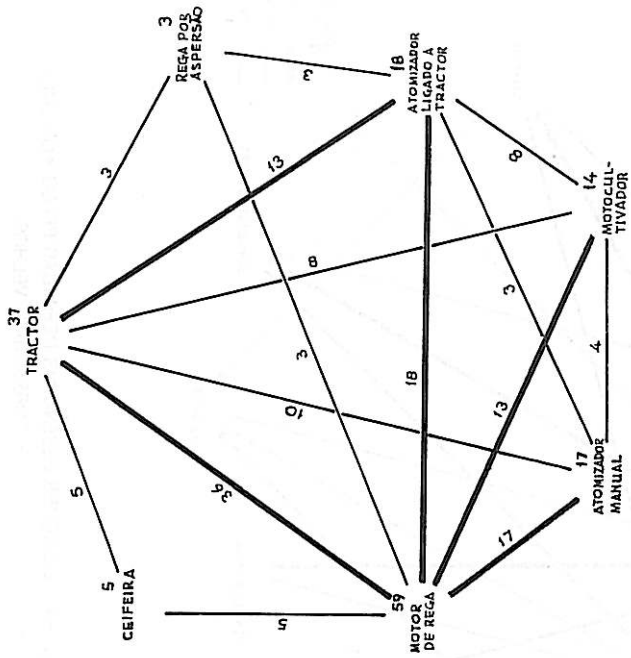


Fig. 55 - RELAÇÃO ENTRE O EQUIPAMENTO MECÂNICO  
Estrutura definida pelos agricultores mais novos —  
corte 50%; Q (3).

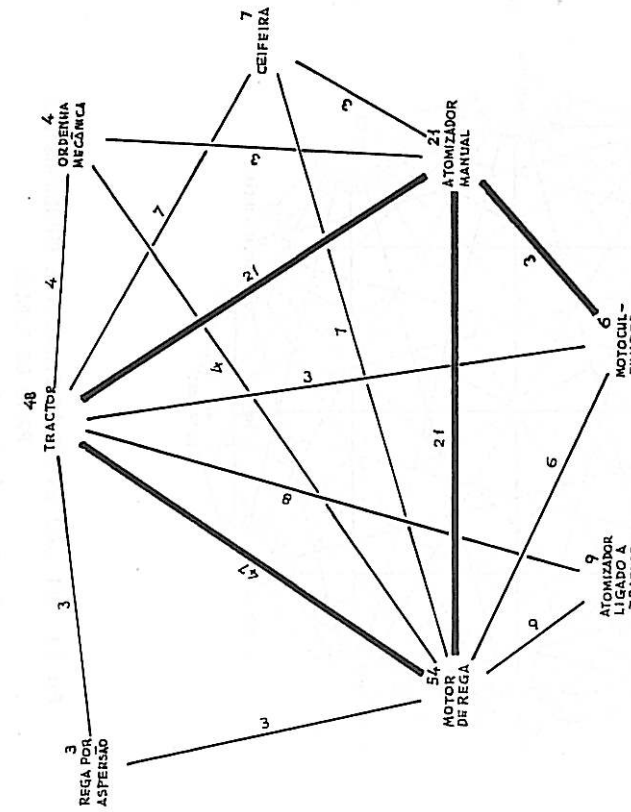


Fig. 56 - RELAÇÃO ENTRE O EQUIPAMENTO MECÂNICO  
Estrutura definida pelos agricultores mais velhos —  
corte 50%; Q (3).

seguem-se-lhe os atomizadores, manuais ou mecânicos. Constitui-se deste modo o triângulo básico do equipamento mecânico, que no caso dos agricultores mais jovens é formado pelo motor de rega, tractor e atomizador manual e nos mais velhos pelo motor de rega, tractor e atomizador mecânico (associado ao tractor).

O motor de rega (que ocorre 54 vezes entre os mais novos e 59 entre os mais velhos), está representado em 98,2% e 89,6% das respectivas explorações, encontrando-se actualmente numa fase de saturação, tendo atingido a sua máxima expansão. A grande utilização que actualmente tem e a generalizada difusão que conheceu, atestam bem a importância que a água assume no contexto agrícola da Cova da Beira. Apenas a necessidade de melhoria do acesso à água, por parte dos agricultores pode justificar tal disseminação. A sua introdução desempenhou um papel chave na produção agrária da área, tornando-se a primeira máquina a conhecer uma profusão generalizada, o que teve importantes consequências. O motor de rega começou por marcar a ruptura com o regadio tradicional, aumentando a superfície regada com menor dispêndio de tempo e consequente aumento de rendimento. Permitiu ainda diversificar e aumentar alguns tipos de culturas: a batata a princípio, os pomares, o milho híbrido e o tomate, numa fase mais tardia.

O tractor ( $\sigma^{48}$ ,  $\sigma^{37}$ ) embora menos representado, existe em 87,5% das explorações dos agricultores mais novos e apenas em 56,7% das que pertencem aos mais velhos. Parece, nas circunstâncias actuais, tender também para a saturação; de facto, a relação existente entre o seu número e a dimensão das explorações, sugere já uma subutilização do parque de tractores. Esta situação explica-se em grande medida por, em determinado momento, a aquisição destas máquinas ter representado uma forma de investimento. Noutros casos, a sua aquisição significava maior prestígio para a exploração, bem como uma maior autonomia, mormente quanto ao cumprimento do calendário agrícola. Importa ter em conta a mobilidade que uma exploração ganha quando adquire um tractor. No entanto, a natureza e declive do terreno e o parcelamento da propriedade impõe em certas áreas da Cova da Beira fortes restrições ao seu uso.

Conjugando-se com estas limitações a exigua dimensão económica de certas explorações e, sobretudo as exigências específicas de certo tipo de culturas dá-se o aparecimento do motocultivador. Esta máquina ( $\sigma^6$ ,  $\sigma^{14}$ ) com uma representatividade muito maior entre os agricultores mais idosos (está representada em 20,8% destas explorações e em 10,7% das que pertencem aos novos), pelo enquadramento e ligações que estabelece nas estruturas definidas, ocorre predominantemente nas explorações orientadas para o cultivo do pomar. Onde este facto está mais patente é na estrutura definida pelos agricultores mais idosos, em que o motocultivador mantém ligações preferenciais com o tractor e com o atomizador ligado ao tractor, equipamento destinado quase exclusivamente ao pomar.

Os atomizadores encontram maior expressão entre os agricultores mais idosos: 50,7% das suas explorações possuem-no, ocorrendo o que se encontra ligado ao tractor 28,4% e o manual em 26,1% das suas explorações; entre os agricultores mais novos a situação é diferente, pois o atomizador manual (39,3%) é mais representativo que o ligado ao tractor (17,9%). A ocorrência e a aptidão específica destas máquinas (espalhar pesticidas e sulfato nos pomares, batata e vinha) revela a maior propensão que existe nas explorações orientadas pelos mais idosos para o cultivo de pomares e de vinha.



A ceifeira ( $\sigma^7, \sigma^5$ ), a ordenha ( $\sigma^4$ ) e a rega por aspersão ( $\sigma^3, \sigma^3$ ) têm uma ocorrência pouco importante e um significado distinto consoante os casos. A ceifeira, com maior expressão entre os mais novos (14,3%) que nos mais velhos (9%), está na mesma situação que a ordenha mecânica, que não ocorre entre estes últimos agricultores em número suficiente, para figurar na análise que se efectua a este nível (Q=3). Esta situação deve-se ao facto de os agricultores mais jovens, predominantemente rendeiros, orientarem a sua produção para culturas que permitam uma rápida reconversão do capital investido — cereais e criação de gado. Este facto é bem ilustrado através da introdução recente da rega por aspersão ( $\sigma^3, \sigma^3$ ), que ocorre o mesmo número de vezes nos dois casos, estando contudo a ser aplicada em culturas distintas: forragens no caso dos agricultores mais novos e pomares no dos mais velhos.

### 5.1.3. RELAÇÃO ENTRE AS EMPRESAS AGRÍCOLAS ATRAVÉS DO PANO DE FUNDO

As ligações entre os agricultores mais novos, consoante o seu grau de afinidade, definida a partir das variáveis do pano de fundo (corte a 50%, Q (9), componente (1) — figs. 5.7. e 5.8.), evidencia a existência de três subconjuntos que formam a estrutura principal. A esta associa-se outro com quatro elementos ( $\sigma^9_{202}, \sigma^{15}_4, \sigma^9_{110}, \sigma^8_{121}$ ) situados perifericamente, prefazendo um total de 21 agricultores.

O primeiro grupo é formado por seis agricultores —  $\sigma^{10}_{126}, \sigma^{10}_{216}, \sigma^{11}_{212}, \sigma^{11}_{198}, \sigma^{11}_{208}$  e  $\sigma^{12}_{241}$  — residentes nas povoações situadas no sector Norte da área estudada, Caria, Casteleiro, Carvalhal, Belmonte, Vale Formoso e Peraboia. Três possuem ordenha mecânica, quatro, atomizadores ligados ao tractor e três encontram-se associadas à Cooperativa de Fruta da Cova da Beira. Estas explorações têm a dimensão média de 39.1 ha de terra em regime de posse própria e um tractor para cada 24,2 ha.

O grupo formado por estes seis agricultores, destaca-se dos restantes por cultivarem apenas terra própria, apresentando-se ainda com maior número e variedade de máquinas agrícolas. São ainda estes agricultores que no conjunto dos 21, mostram o nível de escolaridade mais elevado.

Os agricultores que formam os outros dois subconjuntos ( $\sigma^{12}_{198}, \sigma^{10}_5, \sigma^{11}_{212}, \sigma^{11}_{210}, \sigma^{11}_{174}, \sigma^9_{218}$  e  $\sigma^{11}_{115}, \sigma^9_{91}, \sigma^{10}_{181}, \sigma^{10}_{213}, \sigma^{10}_{11}$ ) embora possuam algumas parcelas de terra própria são predominantemente rendeiros e as explorações que dirigem têm uma dimensão média de 51,4 ha e 35 ha respectivamente. Nenhum daqueles agricultores possui atomizador mecânico ou está ligado à cooperativa de fruticultores e apenas um, utiliza a ordenha mecânica. É fundamentalmente em relação ao regime da posse da terra e ao equipamento mecânico que se registam diferenças significativas entre os subconjuntos mais importantes da estrutura.

Importa ainda salientar que a distribuição espacial daqueles rendeiros se apresenta mais difusa que a dos empresários, pois estes formam um núcleo definido no sector Norte da área, registando-se maior incidência dos rendeiros nos sectores Central (Peraboia, Ferro, Caria e Salgueiro) e meridional (Telhado e Aldeia de Joanes).

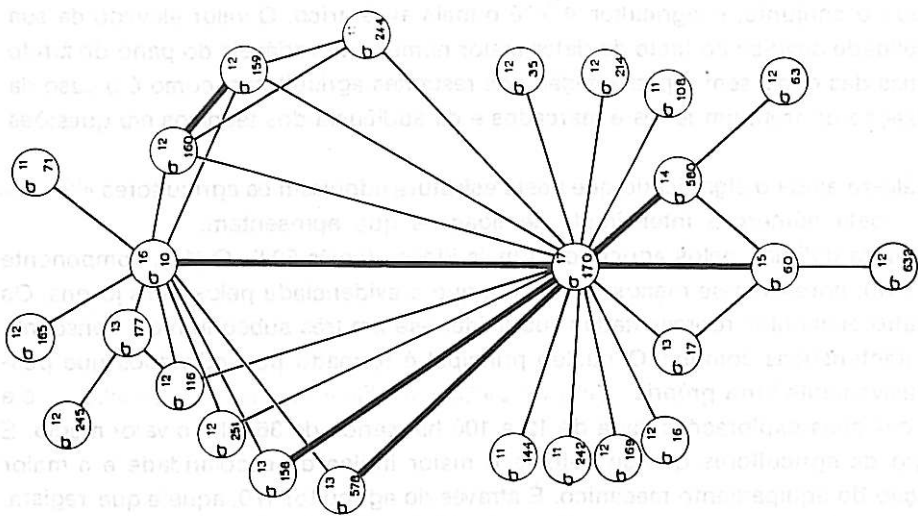


Fig. 5.8 - RELAÇÃO ENTRE OS AGRICULTORES MAIS VELHOS  
Estrutura definida pelo plano de fundo — corte 50%;  
Q (1); Comp. (2).

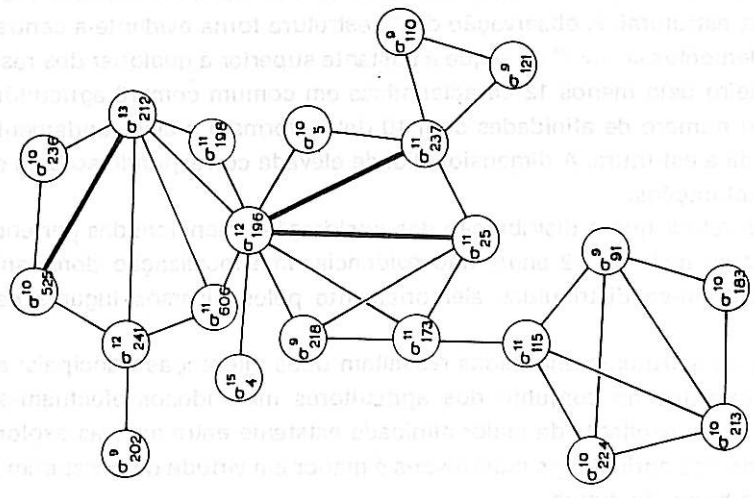


Fig. 5.7 - RELAÇÃO ENTRE OS AGRICULTORES MAIS NOVOS  
Estrutura definida pelo plano de fundo — corte 50%;  
Q (19); Comp. (1).

Os restantes quatro agricultores, ligam-se à estrutura principal, através daquele com quem detêm maiores afinidades. Assim, o  $\sigma^9_{202}$ , liga-se através do  $\sigma^{12}_{241}$  ao grupo dos proprietários, enquanto os outros elementos, ( $\sigma^{13}_1$ ,  $\sigma^9_{110}$  e  $\sigma^9_{121}$ ) se vão ligar aos grupos onde predominam os rendeiros.

Em todo o conjunto, o agricultor  $\sigma^{15}_4$  é o mais excêntrico. O valor elevado da sua dimensionalidade deve-se ao facto de deter maior número de variáveis do pano de fundo (16), algumas das quais sem representação nos restantes agricultores, como é o caso da comercialização de fruta em feiras e mercados e da audiência dos técnicos em questões agrícolas.

Assinale-se ainda o significado que nesta estrutura adquirem os agricultores  $\sigma^{12}_{196}$ ,  $\sigma^{13}_{212}$  e  $\sigma^{11}_{217}$ , pelo número e intensidade de ligações que apresentam.

A estrutura definida pelos agricultores mais idosos (corte 50%, Q (11), componente (2) — fig. 5.8.), apresenta-se menos conectada que a evidenciada pelos mais jovens. Os vinte e quatro elementos representados subdividem-se em três subconjuntos, consoante as suas características comuns. O núcleo principal é formado por indivíduos que possuem exclusivamente terra própria ( $\sigma^{11}_{244}$ ,  $\sigma^{12}_{114}$ ,  $\sigma^{12}_{160}$ ,  $\sigma^{12}_{172}$ ,  $\sigma^{12}_{116}$ ,  $\sigma^{12}_{251}$ ,  $\sigma^{11}_{158}$ ,  $\sigma^{13}_{578}$ ,  $\sigma^{16}_{10}$  e  $\sigma^{17}_{170}$ ) e a dimensão das suas explorações varia de 12 a 100 ha, sendo de 36,9 ha o valor médio. É neste grupo de agricultores que se detecta o maior índice de escolaridade e a maior diversificação do equipamento mecânico. É através do agricultor 170, aquele que regista o maior número de elementos do pano de fundo (18 das 29 variáveis), que se estabelece a ligação com o outro subconjunto ( $\sigma^{13}_{17}$ ,  $\sigma^{15}_{60}$ ,  $\sigma^{14}_{580}$ ) constituído por agricultores que são simultaneamente proprietários e rendeiros. A importância daquele agricultor (170) na estrutura definida é ainda atestada pelo número de agricultores (7) que se ligam apenas a ele. Destes, cinco são proprietários das explorações que dirigem ( $\sigma^{11}_{14}$ ,  $\sigma^{11}_{21}$ ,  $\sigma^{12}_{16}$ ,  $\sigma^{12}_{14}$ ,  $\sigma^{13}_{103}$ ) um, é exclusivamente rendeiro ( $\sigma^{12}_{214}$ ) e o outro ( $\sigma^{12}_{169}$ ) possui simultaneamente terra própria e arrendada. Os restantes cinco elementos deste terceiro subconjunto ( $\sigma^{12}_{165}$ ,  $\sigma^{11}_{71}$ ,  $\sigma^{12}_{245}$ ,  $\sigma^{12}_{632}$ ,  $\sigma^{12}_{63}$ )

, à semelhança dos sete anteriores, articulam-se através do indivíduo com quem têm maior proximidade estrutural. A observação desta estrutura torna evidente a centralidade que detêm dois elementos ( $\sigma^{17}_{170}$  e  $\sigma^{16}_{10}$ ), e que é bastante superior a qualquer dos restantes. Possuindo o primeiro pelo menos 12 características em comum com 18 agricultores e o segundo o mesmo número de afinidades com 10 deles, formam o eixo fundamental que mantém ligada toda a estrutura. A dimensionalidade elevada corresponde ao bom apetrechamento das explorações.

Importa ainda referir que a distribuição das explorações mencionadas pertencentes aos agricultores com mais de 52 anos, não evidencia uma localização dominante. As explorações encontram-se distribuídas aleatoriamente pelos diversos lugares da área estudada.

Comparando as estruturas analisadas ressaltam duas diferenças principais: as ligações entre os elementos do conjunto dos agricultores mais idosos efectuam-se com intensidade mais forte resultante da maior afinidade existente entre as suas explorações; a dimensionalidade dos agricultores mais jovens é menor em virtude de possuírem menos características do pano de fundo.

As estruturas reflectem evidentemente, as diferenças existentes entre os dois conjuntos de agricultores. Como já vimos, a diferença determinante está na posse da terra, possuindo os mais velhos, na sua maioria, exclusivamente terra própria. Este facto confere às suas explorações maior estabilidade.

## 5.2. O TRÁFEGO

Relacionando-se directamente com os meios de produção existentes (pano de fundo), suporte de toda a estrutura produtiva, a análise que seguidamente desenvolvemos procura descrever a produção agrícola (tráfego), componente fundamental para a definição da estrutura empresarial.

O inquérito que serviu de base a este estudo, contempla dez variáveis susceptíveis de caracterizar o tráfego, referindo-se tanto às culturas praticadas como à criação de gado. Estas variáveis não representam a totalidade da produção agrícola das empresas, mas apenas as culturas que têm ou tiveram em determinado momento, relativamente recente, um carácter inovador. Por isso, a nossa análise privilegia as culturas de pomar (maçã, pera, pêsego e cereja), o milho híbrido e a azeitona destinada à conserva, bem como os efectivos pecuários (ovinos, bovinos, suínos e caprinos).

No exemplo que seguidamente apresentamos desprezamos as explorações de menor dimensão, em virtude do corte (90%) utilizado na análise (fig. 5.9.). Assim, são apenas

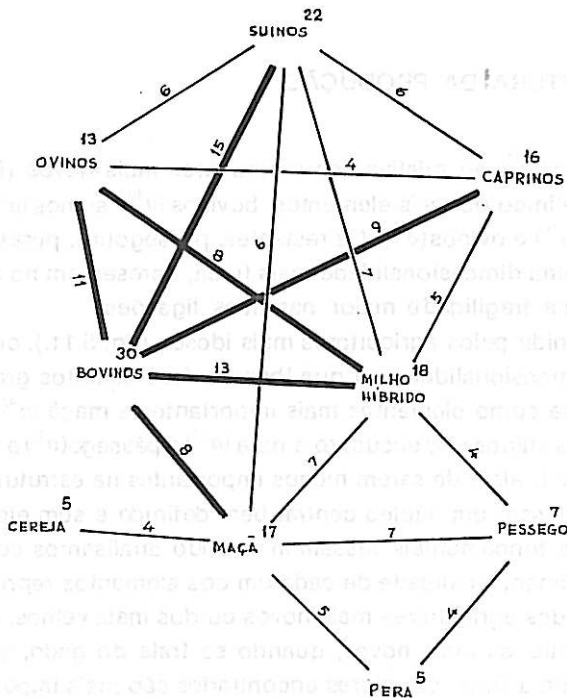


Fig. 5.9 - RELAÇÃO ENTRE A PRODUÇÃO ANIMAL E FRUTÍCOLA  
Corte 90%; Q (9); Comp. (1).

consideradas as explorações em que se verificam um dos seguintes valores mínimos: 180 ovinos, 6 bovinos, 4 suínos, 20 caprinos, 2 500 macieiras, 100 pereiras, 50 cerejeiras e 400 pessegueiros, ou seja, o decil superior para cada um destes casos (18).

A análise mostrou que é ao nível  $Q_9$  que melhor se visualizam as relações estruturais do tráfego. De facto, a este nível já aparecem conectados todos os elementos da estrutura e ainda é possível discernir as diferenças mais significativas.

Os elementos da estrutura produtiva (complexo conjugado), evidenciam dimensionalidades e intensidades de ligação variáveis. O milho híbrido, conhecido por um número maior de agricultores, desempenha, a este nível, um papel fundamental na estrutura. É ele que a mantém conexa, ligando-se com todos os elementos. Nesta estrutura é ainda possível destacar dois conjuntos bem definidos: um, formado pelos bovinos ( $\sigma^{27}$ ), ovinos ( $\sigma^7$ ) e caprinos ( $\sigma^{29}$ ) e outro pelo pêssego ( $\sigma^{26}$ ), pera ( $\sigma^{23}$ ) e cereja ( $\sigma^{25}$ ).

O valor da dimensionalidade apresentada pelos seis elementos é semelhante, muito embora o gado registre uma ligeira superioridade em virtude de, a este nível, a grande maioria dos agricultores fazerem a sua criação. A azeitona para conserva e o gado suíno, apesar de serem praticados por um elevado número de agricultores, estão ligados à estrutura apenas através do milho híbrido. A excentricidade da produção de azeitona é explicável pela sua concentração num sector restrito da área (freguesias de Benquerença e Meimoa), enquanto a posição semelhante dos suínos se apresenta, a este nível, de explicação difícil.

### 5.2.1. A ESTRUTURA DA PRODUÇÃO

A estrutura da produção relativa aos agricultores mais novos (fig. 5.10.) apresenta um núcleo central definido por seis elementos: bovinos ( $\sigma^{30}$ ) suínos ( $\sigma^{22}$ ) milho híbrido ( $\sigma^{18}$ ) maçã ( $\sigma^{17}$ ) caprinos ( $\sigma^{16}$ ) e ovinos ( $\sigma^{13}$ ). Os restantes, pêssego ( $\sigma^7$ ), pera ( $\sigma^5$ ) e cereja ( $\sigma^5$ ), para além de registarem uma dimensionalidade mais fraca, apresentam na estrutura uma posição excêntrica e uma fragilidade maior nas suas ligações.

A estrutura definida pelos agricultores mais idosos (fig. 5.11.), compreende elementos de diferentes dimensionalidades o que lhes confere distintos graus de importância. Assim, apresentam-se como elementos mais importantes a maçã ( $\sigma^{12}$ ) os bovinos ( $\sigma^{30}$ ) o milho híbrido ( $\sigma^{25}$ ) e os suínos ( $\sigma^{21}$ ), enquanto a pera ( $\sigma^{12}$ ) o pêssego ( $\sigma^{12}$ ) a cereja ( $\sigma^{13}$ ) os ovinos ( $\sigma^{12}$ ) e os caprinos ( $\sigma^7$ ), além de serem menos importantes na estrutura, apresentam uma configuração diversa, sem um núcleo central bem definido e sem elementos periféricos.

Dois diferenças fundamentais ressaltam quando analisamos comparativamente as duas estruturas. A dimensionalidade de cada um dos elementos representados é variável consoante tratamos dos agricultores mais novos ou dos mais velhos. O expoente adquire maior significado entre os mais novos, quando se trata do gado, sobretudo do suíno, ovino ou caprino. Para a fruta, os valores encontrados são mais importantes no caso dos mais velhos. A outra diferença diz respeito ao número e intensidade das ligações: nos

---

(18) Quando o corte é a 50%, apenas se consideram os elementos de tráfego, que apresentam os seguintes valores mínimos: gado bovino, 2 cabeças e macieiras, 20 pés.

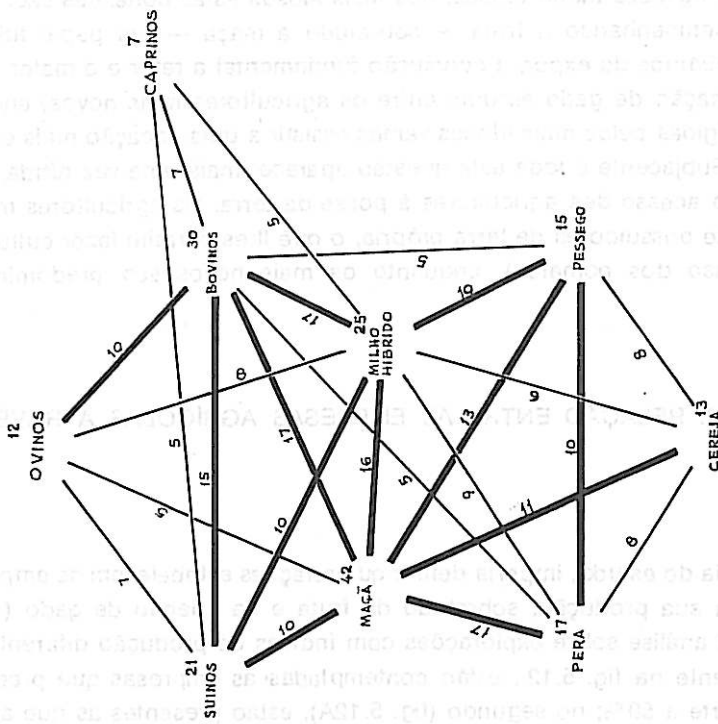


Fig. 5.11 - RELAÇÃO ENTRE A PRODUÇÃO ANIMAL E FRUTÍCOLA  
Estrutura definida pelos agricultores mais velhos —  
corte 50%; Q (4).

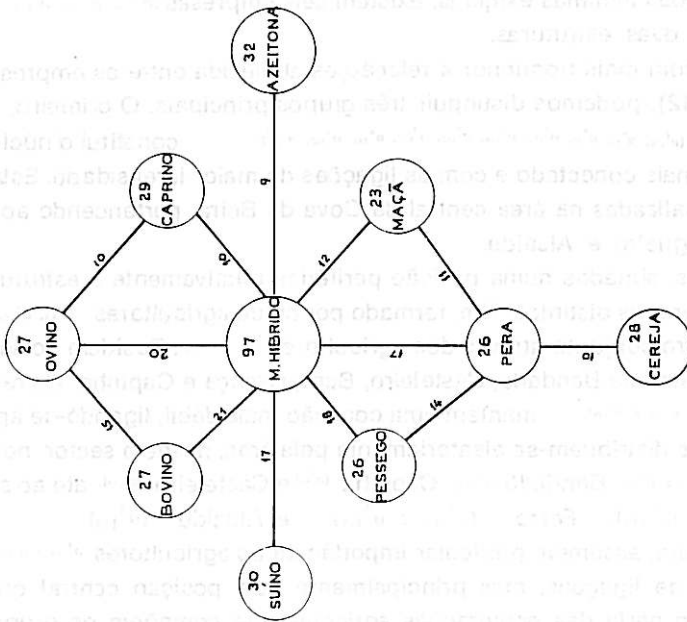


Fig. 5.10 - RELAÇÃO ENTRE A PRODUÇÃO ANIMAL E FRUTÍCOLA  
Estrutura definida pelos agricultores mais novos —  
corte 50%; Q (4).

mais novos existe maior conexão entre o gado, enquanto a fruta se situa numa posição periférica e com ligações muito ténues; nos mais idosos estas conexões são, em média, mais fortes, desempenhando a fruta — sobretudo a maçã — um papel fulcral.

Do que acabamos de expôr, a conclusão fundamental a reter é o maior desenvolvimento que a criação de gado assume entre os agricultores mais novos; enquanto nas explorações dirigidas pelos mais idosos vamos assistir a uma vocação mais determinada para o pomar. Subjacente a toda esta questão aparece, mais uma vez nítida, a situação relativamente ao acesso dos agricultores à posse da terra. Os agricultores mais velhos, são normalmente possuidores de terra própria, o que lhes permite fazer culturas de tipo permanente (caso dos pomares), enquanto os mais novos são predominantemente rendeiros.

## 5.2.2. RELAÇÃO ENTRE AS EMPRESAS AGRÍCOLAS ATRAVÉS DO TRÁFEGO

Na sequência do estudo, importa definir que relações estabelecem as empresas agrícolas através da sua produção, sobretudo da fruta e da criação de gado (= tráfego). Efectuou-se esta análise sobre explorações com índices de produção diferentes: no primeiro caso, patente na fig. 5.12., estão contempladas as empresas que preenchiam os requisitos do corte a 50%; no segundo (fig. 5.12A), estão presentes as que apresentem valores compatíveis com o corte a 90%. É evidente que as empresas que figuram no primeiro caso são de dimensão mais reduzida que as do segundo. No entanto, por preencherem as condições mínimas exigidas, existem seis empresas ( $\sigma^6_{170}$ ,  $\sigma^5_{612}$ ,  $\sigma^6_{128}$ ,  $\sigma^6_{102}$ ,  $\sigma^6_{181}$  e  $\sigma^5_{215}$ ) que figuram nas duas estruturas.

Analisando com mais pormenor a relação estabelecida entre as empresas de menor dimensão (fig. 5.12), podemos distinguir três grupos principais. O primeiro, formado por dez elementos ( $\sigma^6_{170}$ ,  $\sigma^6_{50}$ ,  $\sigma^5_{15}$ ,  $\sigma^5_{172}$ ,  $\sigma^6_{118}$ ,  $\sigma^5_{212}$ ,  $\sigma^5_{612}$ ,  $\sigma^6_{181}$ ,  $\sigma^6_{102}$ ,  $\sigma^5_{196}$ ), constitui o núcleo principal, encontrando-se mais conectado e com as ligações de maior intensidade. Estas empresas encontram-se localizadas na área central da Cova da Beira, pertencendo aos lugares de Caria, Ferro, Salgueiro e Alcaide.

Os restantes, situados numa posição periférica relativamente à estrutura principal, constituem dois grupos distintos. Um, formado por cinco agricultores ( $\sigma^5_{61}$ ,  $\sigma^5_{250}$ ,  $\sigma^6_{126}$ ,  $\sigma^6_{126}$ ,  $\sigma^5_{215}$ ), liga-se ao primeiro conjunto através dos agricultores  $\sigma^6_{50}$  e  $\sigma^5_{170}$ . Residem no sector oriental da área, nomeadamente Bendada, Casteleiro, Benquerença e Capinha. Os restantes agricultores ( $\sigma^5_{179}$ ,  $\sigma^5_{175}$ ,  $\sigma^5_{176}$  e  $\sigma^6_{139}$ ), mantêm uma conexão mais débil, ligando-se apenas ao  $\sigma^6_{170}$ . Estas explorações distribuem-se aleatoriamente pela área, desde o sector norte e leste — Benquerença ( $\sigma^6_{129}$  e  $\sigma^6_{133}$ ), Bendada ( $\sigma^5_{250}$ ), Capinha ( $\sigma^5_{61}$ ) e Casteleiro ( $\sigma^5_{215}$ ), até ao sector leste e sul — Meimoa ( $\sigma^6_{139}$ ), Ferro ( $\sigma^5_{166}$  e  $\sigma^5_{175}$ ) e Alcaide ( $\sigma^5_{179}$ ).

Nesta estrutura, assumem particular importância os agricultores  $\sigma^5_{179}$  e  $\sigma^6_{50}$ , não só pelo elevado número de ligações, mas principalmente pela posição central que detêm.

Analisando o perfil das explorações agrícolas que compõem os grupos definidos, verifica-se que evidenciam características e identidades próprias. No primeiro grupo, de dez agricultores, todos se dedicam ao cultivo de pomares, sobretudo de maçã e pêssego.

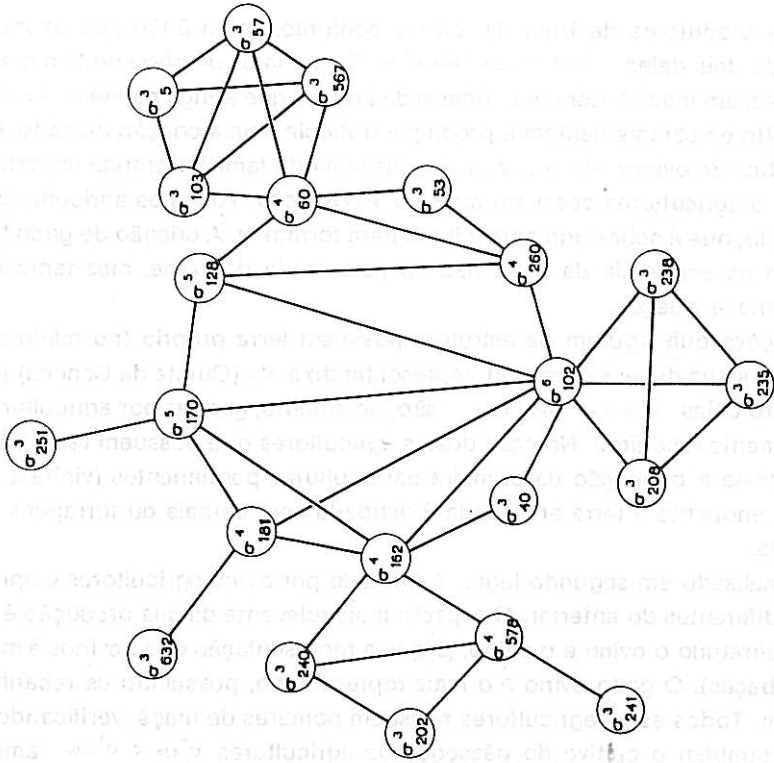


Fig. 5.12a - RELAÇÃO ENTRE OS AGRICULTORES  
Estrutura definida pelo tráfego (produção animal e frutícola) — corte 90%; Q (5); Comp. (1).

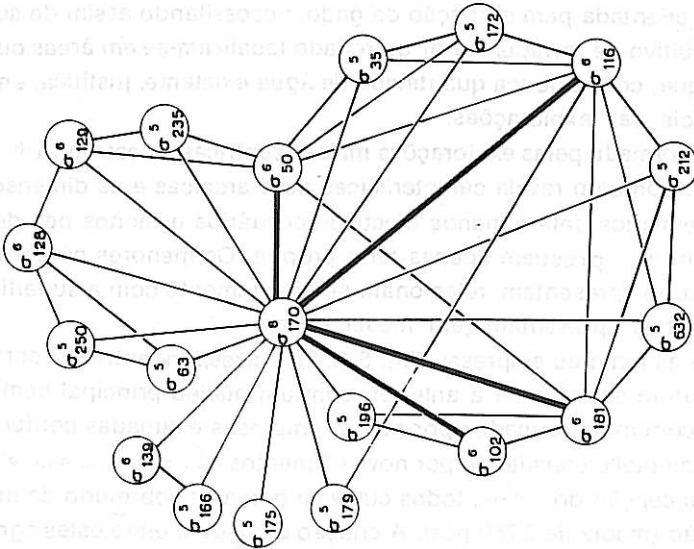


Fig. 5.12 - RELAÇÃO ENTRE OS AGRICULTORES  
Estrutura definida pelo tráfego (produção animal e frutícola) — corte 50%; Q (5); Comp. (1).



São os maiores produtores de fruta de todo o conjunto, com 2 180 pés de maçã em média, possuindo dois deles 5 000 ( $\sigma^6_{102}$ ) e 7 000 ( $\sigma^8_{170}$ ). Os pomares de pêsego têm dimensão inferior (1 185 pés em média), com um número de árvores que atinge os 3 000 ( $\sigma^3_{632}$ ) e os 4 000 ( $\sigma^6_{102}$ ).

Estes agricultores complementam a produção frutícola com a criação de gado. Quatro possuem rebanhos de ovinos ( $\sigma^6_{116}$ ,  $\sigma^6_{141}$ ,  $\sigma^6_{110}$  e  $\sigma^5_{196}$ ), assumindo também grande importância o gado bovino — 5 agricultores possuem mais de 10 cabeças. Todos os agricultores cultivam milho híbrido, que é sobretudo aproveitado para forragem. A criação de gado tem um papel de relevo na economia da área, não só pela venda da carne, mas também pela produção de leite e queijo.

As explorações que figuram na estrutura, possuem terra própria (no mínimo 8 ha, sendo de 35,7 ha a sua dimensão média), representando a  $\sigma^{102}$  (Quinta da Caneca) a única excepção. Quatro delas ( $\sigma^{172}$ ,  $\sigma^{632}$ ,  $\sigma^6_{141}$  e  $\sigma^5_{196}$ ) são, no entanto, geridas por agricultores que são simultaneamente rendeiros. No caso destes agricultores que possuem terra própria e de renda verifica-se a ocupação da primeira para culturas permanentes (vinha e sobretudo pomares), enquanto a terra arrendada é ocupada com cereais ou forragens para a criação de gado.

O grupo analisado em segundo lugar, é formado por cinco agricultores e apresenta características diferentes do anterior. O aspecto mais relevante da sua produção é a criação de gado, sobretudo o ovino e o suíno, já que a representação dos bovinos é modesta (média de 6 cabeças). O gado ovino é o mais representado, possuindo os rebanhos em média 265 reses. Todos estes agricultores possuem pomares de maçã, verificando-se no caso do  $\sigma^5_{235}$  também o cultivo do pêsego. Os agricultores  $\sigma^6_{128}$  e  $\sigma^6_{129}$ , ambos de Benquerença, são os únicos que colhem azeitona para conserva. As explorações deste grupo, possuem extensões maiores que as do anterior, sendo misto o regime da posse da terra. A sua maior extensão é facilmente compreensível, pois a sua produção encontra-se predominantemente orientada para a criação de gado, necessitando assim de superfícies mais vastas para o cultivo de forragens. Por outro lado localizam-se em áreas cujos solos são mais pobres, o que, com a pouca quantidade de água existente, justifica, em parte, o aumento da superfície das explorações.

O último grupo, formado pelas explorações mais excêntricas da estrutura ( $\sigma^{179}$ ,  $\sigma^5_{175}$ ,  $\sigma^5_{166}$  e  $\sigma^6_{139}$ ), é o que no conjunto revela características mais arcaicas e as dimensões mais exíguas. Os seus elementos detêm menos efectivos pecuários e menos pés de fruta e, com excepção do  $\sigma^5_{175}$ , possuem apenas terra própria. Os menores números que os agricultores deste grupo apresentam, relacionam-se directamente com a superfície reduzida que as explorações apresentam (em média 9 ha).

A relação entre as maiores empresas (fig. 5.12A), correspondentes ao corte a 90 %, apresenta uma estrutura semelhante à anterior, com um núcleo principal bem definido, distinguindo-se subconjuntos formados por menos empresas e situadas perifericamente.

O núcleo fundamental é constituído por nove elementos ( $\sigma^3_{40}$ ,  $\sigma^4_{181}$ ,  $\sigma^5_{170}$ ,  $\sigma^5_{128}$ ,  $\sigma^4_{60}$ ,  $\sigma^3_{53}$ ,  $\sigma^4_{260}$ ,  $\sigma^6_{102}$ ,  $\sigma^2_{162}$ ) onde, com a excepção do  $\sigma^{60+}$ , todos cultivam pomares sobretudo de maçã, com considerável extensão (média de 2 750 pés). A criação de gado é entre estes agricultores, bastante importante, existindo em todas as explorações a criação de gado bovino, que é em média de 16 cabeças. São igualmente significativos os rebanhos de ovinos e caprinos, que não se fazem representar somente nas explorações pertencentes ao  $\sigma^4_{260}$  e  $\sigma^4_{162}$ . A

dimensão das explorações que constituem este núcleo é obviamente elevada, existindo apenas dois casos ( $\sigma^6_{102}$  e  $\sigma^4_{260}$ ) em que são constituídas exclusivamente por terra própria.

Os subgrupos periféricos possuem afinidades comuns, articulando-se com o núcleo fundamental através dos agricultores com quem detem maior identidade.

Assim, o subgrupo  $\sigma^1_{103}$ ,  $\sigma^1_{157}$ ,  $\sigma^1_{357}$  e  $\sigma^1_{567}$  é constituído por grandes rendeiros em que a superfície de terra arrendada é em média de 115 ha. Dedicam-se essencialmente à criação de gado possuindo grande número de ovinos (média de 300 cabeças) e de bovinos (18 cabeças em média).

Por isso, a ligação ao núcleo principal processa-se através do agricultor  $\sigma^4_{60}$ , pois é este o elemento estruturalmente mais próximo.

Os elementos de subgrupo formado pelos agricultores  $\sigma^1_{208}$ ,  $\sigma^1_{218}$  e  $\sigma^1_{235}$ , possuem as mesmas quatro das dez características do tráfego. Cultivam apenas pomares de maçã e pêsego e fazem criação de ovinos (480 cabeças em média) e bovinos (12 cabeças em média). Assim, não admira que as suas explorações sejam formadas por terra própria e arrendada e que a dimensão média seja de 252 ha.

Os restantes seis agricultores não criam gado, mas possuem grandes pomares de maçã, pera, pêsego e, em três casos, cereja ( $\sigma^1_{178}$ ,  $\sigma^1_{251}$  e  $\sigma^1_{632}$ ). Também por isso não é de estranhar o facto de serem exclusivamente proprietários, sendo a superfície média das explorações de 37 ha.

A relação estabelecida entre os agricultores, através do tráfego apresenta-nos, tanto no caso dos maiores como no dos mais pequenos, uma estrutura semelhante. A principal diferença existente diz respeito à dimensionalidade pois é ligeiramente mais elevada no caso dos mais pequenos. Este facto revela que as maiores explorações evidenciam uma tendência para uma maior especialização, encontrando-se as suas produções orientadas ou para o pomar ou para a criação de gado.

### 5.3. ANÁLISE CONJUNTA DO PANO DE FUNDO E DO TRÁFEGO

Do que anteriormente expusemos ressalta uma relação bastante grande entre certos aspectos que se referem tanto ao tráfego como ao pano de fundo. O estudo conjunto de todas estas variáveis permite evidenciar diferenças no seu posicionamento, bem como a diferenciação verificada entre os agricultores mais novos e os mais velhos. A análise conjunta pode ser feita tanto a partir do quadro como das figs. 5.13, 5.14 correspondendo o valor 5 de Q aos mais novos e o de 8 aos mais velhos.

As diferenças mais notáveis resultantes da análise do quadro 5.5 sugerem que os agricultores mais novos, embora melhor qualificados (mais elevado grau de alfabetização e níveis de escolaridade mais altos), encontram barreiras à introdução de inovações, nomeadamente no domínio da produção frutícola, devido à dificuldade de acesso à posse da terra. De facto, entre os agricultores mais velhos é mais frequente a plantação de pomares, como já tínhamos notado anteriormente. No quadro seguinte registam-se os elementos em que há predominância de um e outro conjunto de agricultores.

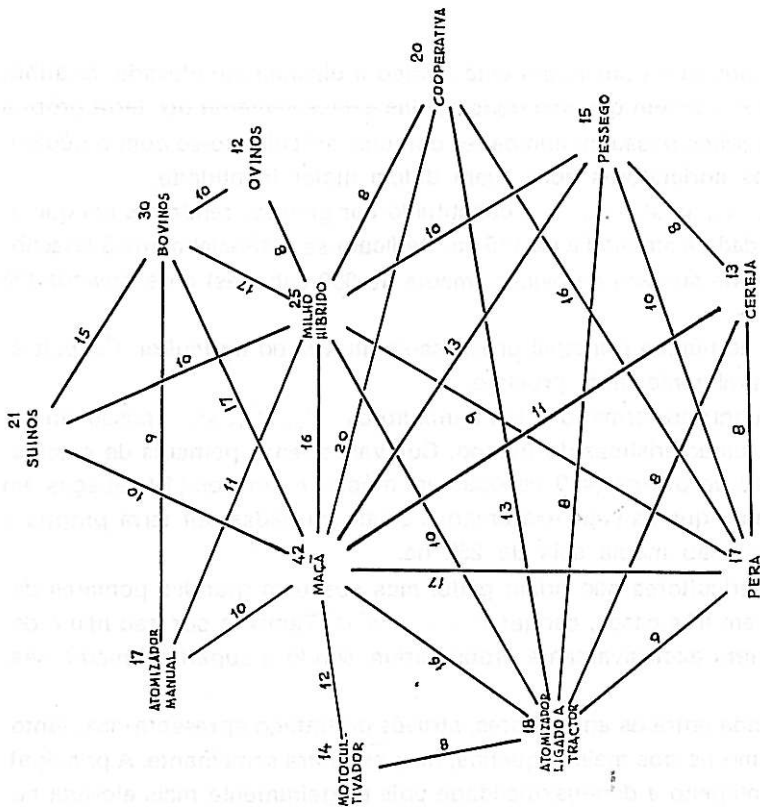


Fig. 5.13 - RELAÇÃO ENTRE O EQUIPAMENTO MECÂNICO E A PRODUÇÃO ANIMAL E FRUTÍCOLA  
Estrutura definida pelos agricultores mais novos — corte 50%; Q (5).

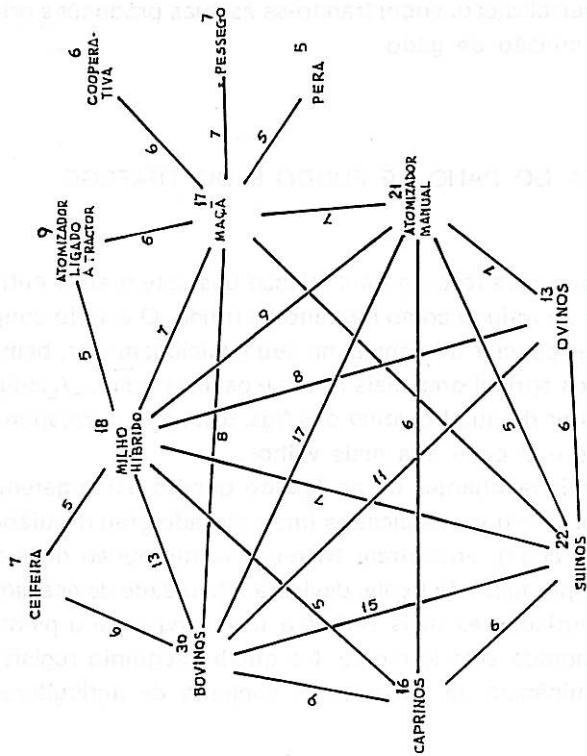


Fig. 5.14 - RELAÇÃO ENTRE O EQUIPAMENTO MECÂNICO E A PRODUÇÃO ANIMAL E FRUTÍCOLA  
Estrutura definida pelos agricultores mais velhos — corte 50%; Q (8).

*NÍTIDA SUPERIORIDADE DOS  
AGRICULTORES MAIS NOVOS*

Alfabetização  
Escolaridade  
Tractor  
Bovinos  
Terra arrendada  
Atomizador manual  
Suínos  
Caprinos  
Ovinos  
Ceifeira  
Ordenha

*NÍTIDA SUPERIORIDADE DOS  
AGRICULTORES MAIS VELHOS*

Terra própria  
Macieira  
Associação na cooperativa  
Atomizador mecânico  
Pereiras  
Pessegueiros  
Motocultivadores  
Comercialização c/ grossistas  
Cerejeiras

É interessante notar que o valor das variáveis relacionadas com a irrigação se equilibram nos dois conjuntos, o que se explica por corresponderem a valências distintas. Enquanto nos mais velhos está sobretudo orientada para a fruticultura, embora com significado também nas culturas do milho e da batata, nos mais novos destina-se particularmente à produção forrageira e, eventualmente à batata, sem excluir alguma fruticultura que possam fazer, sobretudo quando dispõem de terra própria.

As figs. 5.13 e 5.14 mostram como se articulam nos dois conjuntos de agricultores as respectivas estruturas. No dos agricultores mais velhos, a análise mostra que o nível Q (8) era o que melhor evidenciava os aspectos essenciais, na medida em que a esse nível aparece uma articulação forte de um elevado número de elementos; no caso dos mais novos, devido ao peso reduzido do sector frutícola, o poliedro com a leitura mais rica, situa-se a Q (5).

A fig. 5.13, mostra nitidamente dois conjuntos o mais importante ligado à criação de gado, milho híbrido e outros cereais (ceifeira ...) e outro, bastante incipiente, que tem na macieira o único nó significativo, ao qual se ligam os atomizadores, a pereira, o pessegueiro e a associação na cooperativa.

Entre os agricultores mais velhos (fig. 5.14) o peso da produção frutícola é maior, enquanto a criação de gado aparece entre os mais novos com mais peso do que os pomares. O que não tem peso neste conjunto é a produção cerealífera, pois esta produção é decerto a que melhor caracteriza a actividade tradicional dos rendeiros.

Deve ainda notar-se, na comparação das duas figuras, a grande diferença que assume a adesão à cooperativa num e noutro caso; os agricultores mais velhos, não só dominam a produção de fruta, como controlam numa proporção talvez ainda maior o principal instrumento de comercialização da mesma.

Esta análise vem reforçar que a estrutura da posse da terra constitui o factor mais influente na estrutura da produção e um forte condicionamento na introdução de algumas inovações. Os agricultores sem, ou com escassa terra própria, que são geralmente os mais jovens, devido à fraca estabilidade que esse estatuto lhes confere, orientam as suas



produções de molde a não implicar investimentos cujo rendimento não seja reconvertível a prazo muito curto: cereais, gado, forragens, batata. Os seus investimentos mais significativos, além do gado e daquelas culturas, concentram-se na maquinaria, por vezes destinada a prestar serviços a terceiros, podendo ainda orientar-se para a aquisição de terra (quando a há disponível) ou para construção de habitações, quer na aldeia, quer na vila.

Importa realçar o maior nível de escolaridade e as provas já dadas na gestão das respectivas empresas por parte de muitos dos jovens rendeiros, sendo este um grupo de potenciais inovadores na agricultura da Cova da Beira. Se se mostrar que a produção frutícola constitui uma vocação a desenvolver nesta área, cremos que serão necessárias reformas que regulem o acesso à terra e os termos dos arrendamentos. Por outro lado, não nos podemos esquecer que mesmo a produção pecuária, para que se orientam favoravelmente os rendeiros, não poderá utilizar todas as potencialidades na situação actual. Como exemplo, refiram-se apenas alguns casos de importantes rendeiros, com provas de eficiência já comprovadas, que têm grandes limitações e deficiências de instalações (estábulos, celeiros, silos, etc. ...). De uma maneira geral a situação dos rendeiros é sempre limitativa ao investimento fixo e à inovação.



## **6. A CIRCULAÇÃO DA INFORMAÇÃO E A ESTRUTURA DA COMUNICAÇÃO**





## 6.0. INTRODUÇÃO

O conhecimento da realidade agrícola de qualquer área só é possível, quando as componentes que intervêm naquele processo se encontram equacionadas. Usualmente estudam-se as explorações agrícolas, as técnicas utilizadas, a produção, etc., desprezando-se, ou remetendo para segundo plano, aspectos fundamentais respeitantes à circulação da informação, particularmente a que se processa entre os dirigentes das explorações agrícolas. No nosso estudo, esta abordagem torna-se possível, a partir da última parte do questionário, onde se pedia a indicação de cinco agricultores cuja opinião o inquirido mais considerasse em assuntos relacionados com a actividade agrícola. A partir desta resposta podemos saber quais os agricultores que obtiveram o consenso mais amplo quanto à sua capacidade de gestão e inovação e à sua opinião de qualidade em assuntos agrícolas.

Esta pergunta deixa implícita uma relação entre o inquirido e os agricultores citados que se nos afigura importante, pois permite estabelecer relações entre os empresários dirigentes de explorações agrícolas com diferentes níveis de desenvolvimento. Por outro lado, dá ainda a possibilidade de compreender os mecanismos de circulação da informação e de comunicação a nível local, e as motivações que levaram ao estabelecimento daquelas relações.

O agricultor, quando é chamado a pronunciar-se sobre as pessoas, do mesmo meio, que maior influência exerceram nas suas decisões de carácter agrícola, está fortemente condicionado pela percepção desta realidade. Esta é apreendida de modo diferente, consoante os contactos que mantêm e o nível de instrução que dispõem.

Os contactos efectuam-se nos locais frequentados, relacionando-se em grande medida, com a sua actividade; o convívio quotidiano dentro das respectivas comunidades (lugares de residência); igualmente importantes são as deslocações que habitualmente efectuam às feiras da área, ao grémio ou à cooperativa, quer para a resolução de assuntos particulares quer para a comercialização de produtos; por último as deslocações, que começam a tornar-se mais frequentes, às feiras agrícolas e outros certames ligados a esta actividade, nomeadamente a Santarém.

Com a informação que possuem, os agricultores concebem o tipo de exploração que representa o seu modelo ideal, que imitariam, caso fosse possível. Normalmente correspondem às mais evolucionadas, quer em máquinas, quer no tipo de culturas praticadas (por exemplo os pomares), associando estes aspectos ao maior poder e prestígio económico das explorações. É neste contexto que devemos compreender as citações obtidas, pois coincidem, dum modo geral, com os agricultores que dirigem as explorações que qualitativamente se situam a um nível superior ao do inquirido.

A reconstituição da estrutura da comunicação interpessoal dos agricultores da Cova da Beira conseguiu-se a partir das suas citações quanto à procura de conselhos e informações de índole agrícolas.

Com base na informação assim adquirida elaborou-se a respectiva matriz contendo os 249 inquiridos e apenas 300 dos agricultores mais citados. Esta limitação fica a dever-se apenas à capacidade do computador utilizado.

Os resultados obtidos pela aplicação da análise — Q permite observar a relação entre os agricultores sob dois prismas: a partir do complexo simplicial, que relaciona os inquiridos e a partir do complexo conjugado, que relaciona os inovadores (= agricultores citados).

É sobre este último aspecto que nos vamos deter mais pormenorizadamente, pois afigura-se-nos ser o mais relevante.

É ainda objecto da nossa análise a relação que se estabelece entre os agricultores e os lugares, o que permite definir subáreas diferenciadas na Cova da Beira, cuja articulação se processa através de certos agricultores-chave.

## 6.1. RELAÇÃO ENTRE OS INQUIRIDOS

A definição da relação entre os agricultores inquiridos, possível a partir da estrutura que se encontra representada na fig. 6.1., permite avaliar o grau de consenso que existe entre eles. Os agricultores são referenciados pelo respectivo número de ordem, variando, consoante os casos, o número de ligações, a respectiva intensidade e a sua dimensionalidade.

A dimensionalidade representa, neste caso, o número de agricultores que cada inquirido citou, enquanto a intensidade das ligações representa, as citações que efectuaram em comum. As ligações representam, pois, o grau de afinidade quanto aos agricultores que consideram importantes; o seu valor será tanto maior quanto maior for a coincidência nas respostas. A partir das ligações existentes, elaborou-se a estrutura que corresponde ao complexo simplicial Q (2) — fig. 6.2, a partir da qual é possível avaliar o grau de consenso entre os inquiridos. A este nível — Q (2), só se verificam ligações entre um par de agricultores, quando citarem em comum os mesmos três nomes. Como esta coincidência só se verifica em alguns casos, nem todos os elementos se poderão apresentar conectados, justificando-se, desta forma, a fragmentação da estrutura pelas diversas componentes. A sua complexidade é variável, aumentando dos casos onde existem dois ou três elementos até aos que são constituídos por um número consideravelmente maior.



De entre os mais simples, destacamos os que são formados pelos agricultores que pertencem às aldeias do sector Sudoeste e Norte da Cova da Beira, nomeadamente, Alcaria, Aldeia de Joanes, Donas e Bendada, Belmonte e Caria. É de salientar o caso verificado na componente 1, cujos elementos pertencem a aldeias diferentes (Aldeia de Joanes, Aldeia Nova do Cabo e Telhado), mas as respectivas respostas coincidiram quanto aos agricultores mais importantes. Nas outras componentes, com um número maior de elementos, verificamos situações bem diversas.

Somente em dois casos, os agricultores que as constituem residem na mesma aldeia: todos os doze elementos da componente 37 pertencem à Meimoa e os 6 da componente 29 pertencem à Benquerença. Nestes casos, mas sobretudo no primeiro, o consenso quanto aos líderes agrícolas é muito forte, originando uma estrutura com os elementos muito conectados.

O grupo de 15 agricultores que formam a componente 40 repartem-se pelas aldeias de Ferro e Peraboa. Na respectiva estrutura as maiores afinidades verificam-se entre os elementos de cada uma destas aldeias, mantendo-se coesa graças aos agricultores  $\sigma_{180}^4$  e  $\sigma_{189}^4$ , que articulam os dois núcleos.

Situação perfeitamente oposta áquelas, verifica-se no sector norte da área estudada, mais aberto e permeável a influências que transcendem o âmbito da respectiva aldeia, e que se encontra representada através da componente 33. Os elementos que a constituem pertencem aos lugares de Caria, Casteleiro, Inguias, Teixoso, Belmonte, demonstrando a existência de um conjunto de agricultores considerados inovadores, susceptíveis de exercer influência em todos estes lugares.

Por último, importa referir a componente 14 que contém o maior número de elementos, e que pertence aos lugares da área central da Cova da Beira. A sua análise permite distinguir vários núcleos principais identificados com aldeias distintas. Os mais importantes são constituídos pelos agricultores dos três povos (Salgueiro, Quintãs e Escarigo), e pelos da Fatela e de Peroviseu. A ligação entre estes núcleos efectua-se através dum conjunto de agricultores da Capinha que fazem a ligação entre os do Salgueiro e os de Peroviseu e um agricultor do Salgueiro que assegura a ligação com os da Fatela.

As relações entre os agricultores inquiridos que atrás expusemos, denuncia a existência de compartimentos perfeitamente definidos, constituídos por um ou mais lugares. Os agricultores determinantes em cada um deles destacar-se-ão, no capítulo seguinte, pois a sua influência traduzir-se-á num número mais elevado de citações.

Do que ficou descrito importa ainda salientar a presença pouco significativa e dispersa de elementos pertencentes às aldeias do sector sudoeste da área, denunciando um consenso pouco generalizado quanto aos agricultores mais importantes.

Na Meimoa e na Benquerença, existe um consenso bastante forte quanto aos agricultores considerados inovadores, residentes nas respectivas aldeias, e não transcendendo daí, a sua influência, o que origina estruturas fechadas e desligadas das restantes. Esta situação está em perfeita oposição ao que se verifica com a componente 33, correspondente ao sector Norte da Cova da Beira.

O que descrevemos, prende-se, sobretudo, com a articulação de informação, que depende em grande medida do tipo de povoamento e da rede de comunicações existentes. Associam-se ainda outras características diferentes que os lugares evidenciam, como

a dispersão ou concentração do povoamento, a estrutura e a forma de exploração da terra, e a situação periférica de alguns lugares relativamente ao núcleo central da Cova da Beira.

A ligação entre os elementos e a sua posição na estrutura é outro aspecto importante. Nuns casos possuem um número elevado de ligações e encontram-se perfeitamente integrados nas estruturas, pois as suas respostas situam-se dentro do padrão mais comum ou seja, dentro do consenso mais generalizado.

Outro caso bem distinto deste é revelado pelos elementos marginais e que mantêm muitas vezes uma única ligação com a estrutura. Estes agricultores, situados perifericamente, fogem normalmente a um certo consenso local. Verificamos esta situação para alguns agricultores, sobretudo entre os mais importantes na área, onde o  $\sigma^2_{60}$  é apenas um exemplo. Não sendo marginalizados localmente, pois o número de citações é elevado, as suas respostas situam-se fora do consenso local. Facto explicável pelo tipo de informação que possuem, que é espacialmente mais vasta e de nível superior. Assim, não é de admirar que as suas respostas venham a recair em agricultores que vivem em lugares situados fora da Cova da Beira.

## 6.2. RELAÇÃO ENTRE OS INOVADORES

O estudo da relação entre os agricultores que foram citados, consegue-se a partir do complexo conjugado da matriz que contém a informação relativa à comunicação interpessoal dos agricultores. A análise desta estrutura afigura-se da maior importância, pois permite destacar os principais agricultores da Cova da Beira. Duma maneira geral os elementos representados constituem o conjunto de maior prestígio na área. A sua importância advem-lhes sobretudo da sua maior dimensão em termos de superfície e poder económico, a que se associam a sua capacidade inovadora e de gestão.

A fig. 6.2, mostra as três componentes principais da estrutura da comunicação do nível Q (2), para as explorações mais representativas. Os agricultores aí representados, são referenciados pelo respectivo número de ordem, apresentando também o valor da dimensionalidade. Este, representa o número de vezes que foi citado, o que permite hierarquizá-los consoante o seu grau de importância. As respectivas ligações são igualmente diferentes significando o seu valor, o número de vezes que os agricultores foram citados em comum.

É a análise da referida estrutura que permite definir quais os agricultores que podemos considerar determinantes. Os motivos pelo qual se destacam, são principalmente três: nuns é a elevada dimensionalidade que lhes confere maior relevo; noutros, é a sua posição de centralidade no desenho representativo do poliedro; por último a posição que ocupam, fazendo a ponte entre as diferentes partes da estrutura, assegurando a sua conexão.

De todos eles é o  $\sigma^{39}_{60}$ , da Capinha, que congrega todos estes aspectos, assumindo o principal papel na componente onde figuram o maior número de elementos. É com o  $\sigma^{23}_{50}$ ,

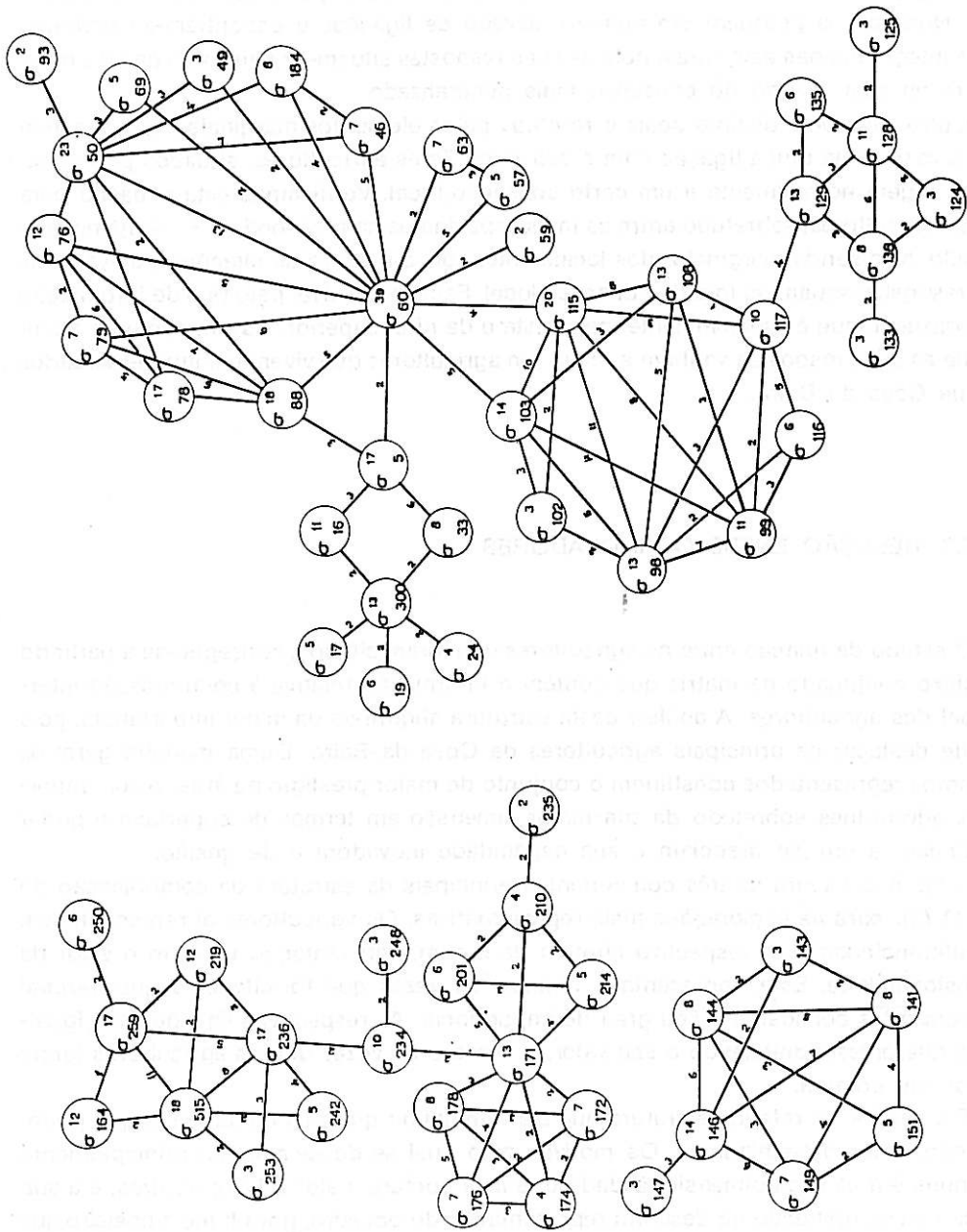


Fig. 6.2 - RELAÇÃO ENTRE OS INOVADORES Q (2); Comp. (2, 9 e 11).

residente na Fatela, que a sua ligação é mais intensa (13) definindo estes dois agricultores, o eixo principal do núcleo onde estão integrados. Encontram-se ainda associados a estes, outros agricultores residentes nas aldeias de Capinha, Salgueiro, Escarigo, Fatela, Peroviseu, Aldeia de Joanes, Telhado; Aldeia Nova do Cabo e Alcaide. É de salientar a individualidade que os agricultores da Benquerença conseguem manter, ligando-se apenas ao núcleo do Salgueiro, Escarigo, através do  $\sigma_{117}^{10}$ . Os agricultores  $\sigma_{115}^{20}$ ,  $\sigma_{116}^{14}$ ,  $\sigma_{117}^{17}$ ,  $\sigma_{118}^{14}$ ,  $\sigma_{119}^{10}$  e  $\sigma_{120}^{11}$  por qualquer um dos motivos atrás mencionados, assumem nesta estrutura uma importância que importa salientar.

A componente 11 contendo 19 elementos diferencia-se da anterior em vários aspectos. Os valores da dimensionalidade são numericamente inferiores, assim como o valor e a intensidade das suas ligações. Isto implica uma estrutura menos coesa, mais fragmentada e com mais elementos periféricos, portanto, mais frágil.

O primeiro dos dois conjuntos mencionados, corresponde aos sectores central e meridional (freguesias de Benquerença, Salgueiro e Capinha, Peroviseu, Fatela, Alcaria, Aldeia de Joanes, Telhado, Donas e Peraboa), o segundo ao sector setentrional (freguesias de Belmonte, Casteleiro, Caria, Inguias e Bendada) articulando-se com Ferro, Caria e Peraboa. As características dos agricultores que as formam são diferentes. O conjunto mais desenvolvido é fundamentalmente caracterizado por chefes de explorações bem equipadas e com bons níveis de rendimento agropecuário.

As ligações entre os inovadores do sector setentrional, sugerem, pelas respectivas localizações, um peso importante do factor circulação (conexo) e uma orientação mais determinada das suas explorações para o cultivo do pomar.

A outra componente (9) igualmente representada na figura, contém elementos que pertencem apenas ao lugar da Meimoa. Este lugar situado no extremo oriental da área, forma um conjunto isolado. Esta situação prende-se com o maior arcaísmo das suas explorações, com a menor capacidade inovadora e com o fraco nível de investimentos dos seus agricultores.

Apesar dos agricultores que figuram na estrutura analisada, dirigirem as explorações de nível mais elevado na Cova da Beira, a sua conexão não é perfeita. A desarticulação entre os seus elementos pelas várias componentes ainda é evidente, dificultando a comunicação entre eles. Esta análise vem demonstrar a necessidade de uma actuação que permita uma maior conexão da estrutura, condição necessária para uma mais fácil difusão de conhecimentos e inovações. Parece-nos ser este um campo de actuação que compete aos serviços de extensão rural, desempenhando deste modo uma tarefa extremamente útil.

### 6.3. COMUNICAÇÃO ENTRE OS AGRICULTORES

A definição dos canais de comunicação interpessoal, foi feita a partir de uma selecção de agricultores representativos de distintas situações. A sua escolha, que se baseou na localização geográfica das explorações, na dimensão e no regime da posse da terra,



recáfu sobre agricultores que vivem tanto em aldeias (19), como em quintas isoladas (20), com explorações de dimensão e regime de posse da terra variável. De uma maneira geral as explorações consideradas são as mais prestigiadas na Cova da Beira. A evidenciá-lo está o número elevado de vezes que foram citadas e o lugar privilegiado que ocupam na estrutura do complexo conjugado.

De entre os seleccionados distinguem-se cinco agricultores que são simultaneamente os mais citados e cujas explorações possuem maiores dimensões:  $\sigma_{53}$ ,  $\sigma_{50}$  e  $\sigma_{60}$ , pertencentes ao sector Sudoeste (Telhado, Fatela e Capinha) e o  $\sigma_{208}$ ,  $\sigma_{235}$  situados no sector norte da Cova da Beira (Caria e Valverdinho), (fig. 6.3).

O agricultor  $\sigma_{60}$  é de todos o que apresenta uma área de influência mais vasta que se estende desde o Salgueiro e Peroviseu a Fatela, Capinha e Alcaide. Segue-se-lhe o  $\sigma_{50}$  com um número de citações menor, correspondendo também a uma área de influência mais reduzida. A audiência do  $\sigma_{53}$  é espacialmente mais restrita, confinando-se apenas à área sul — Fundão, Telhado, Aldeia de Joanes e Aldeia Nova do Cabo.

No sector norte da área, são os agricultores  $\sigma_{208}$ ,  $\sigma_{235}$  os que evidenciam maior audiência. A sua influência é predominante a norte do Ferro e da Peraboa, especialmente nos lugares de Caria, Carvalhal-Valverdinho, Rebelhos, Belmonte e Belmonte-Gare.

Desde já podemos salientar a inexistência de agricultores que polarizem, em termos de opinião, toda a área da Cova da Beira. Existem dois compartimentos bem definidos quanto à estrutura da comunicação entre os agricultores: um situado a sul e outro a norte, o que corresponde dum modo geral à organização das audiências dos dois grupos de agricultores atrás citados.

Dentre os restantes agricultores seleccionados ( $\sigma_{212}$ ,  $\sigma_{214}$ ,  $\sigma_{188}$ ,  $\sigma_{144}$ ,  $\sigma_{98}$ ,  $\sigma_{128}$ ,  $\sigma_{79}$  e  $\sigma_{88}$ ), se exceptuarmos o  $\sigma_{162}$  que reside perto do Colmeal da Torre (ver fig. 6.4.), localizam-se na área central da Cova da Beira, fazendo a transição entre os sectores atrás referidos. Apesar do número das suas citações ser, nalguns destes casos, idêntico aos que atrás se observou, assumem um significado diferente pois o seu âmbito espacial é muito mais restrito. As audiências que polarizam limitam-se à aldeia onde residem ou às que lhes são mais próximas, existindo casos em que a influência apenas se faz sentir nas quintas que se encontram dispersas na sua periferia. Do exposto ficou evidente a existência de vários níveis de audiência entre os agricultores. Um, que corresponde aos dois primeiros grupos descritos, cujo âmbito transcende muito os lugares vizinhos; outro, constituído pelos agricultores cuja influência se faz sentir unicamente nas aldeias respectivas e nas que se situam mais próximas. Importa ainda referir o  $\sigma_{144}$ , pois é o caso representativo dos que, apesar do número relativamente elevado de citações, vêem a sua liderança manifestar-se apenas na aldeia a que pertencem.

---

(19) Aldeia de Joanes ( $\sigma_{53}$ ), Fatela ( $\sigma_{50}$ ) Caria ( $\sigma_{208}$ ) Benquerença ( $\sigma_{128}$ ), Meimoa ( $\sigma_{144}$ ), Salgueiro ( $\sigma_{98}$ ) e Pero Viseu ( $\sigma_{88}$ ).

(20) Quinta do Anascer — Benquerença ( $\sigma_{128}$ ); Quinta do Brejo — Pero Viseu ( $\sigma_{79}$ ); Quinta do Panasco ( $\sigma_{212}$ ) e Quinta de França ( $\sigma_{214}$ ) em Caria; Quinta do Freixo — Ferro ( $\sigma_{169}$ ); Quinta do Carvalhal — Capinha ( $\sigma_{60}$ ); e Quinta do Valverdinho — Casteleiro ( $\sigma_{235}$ )

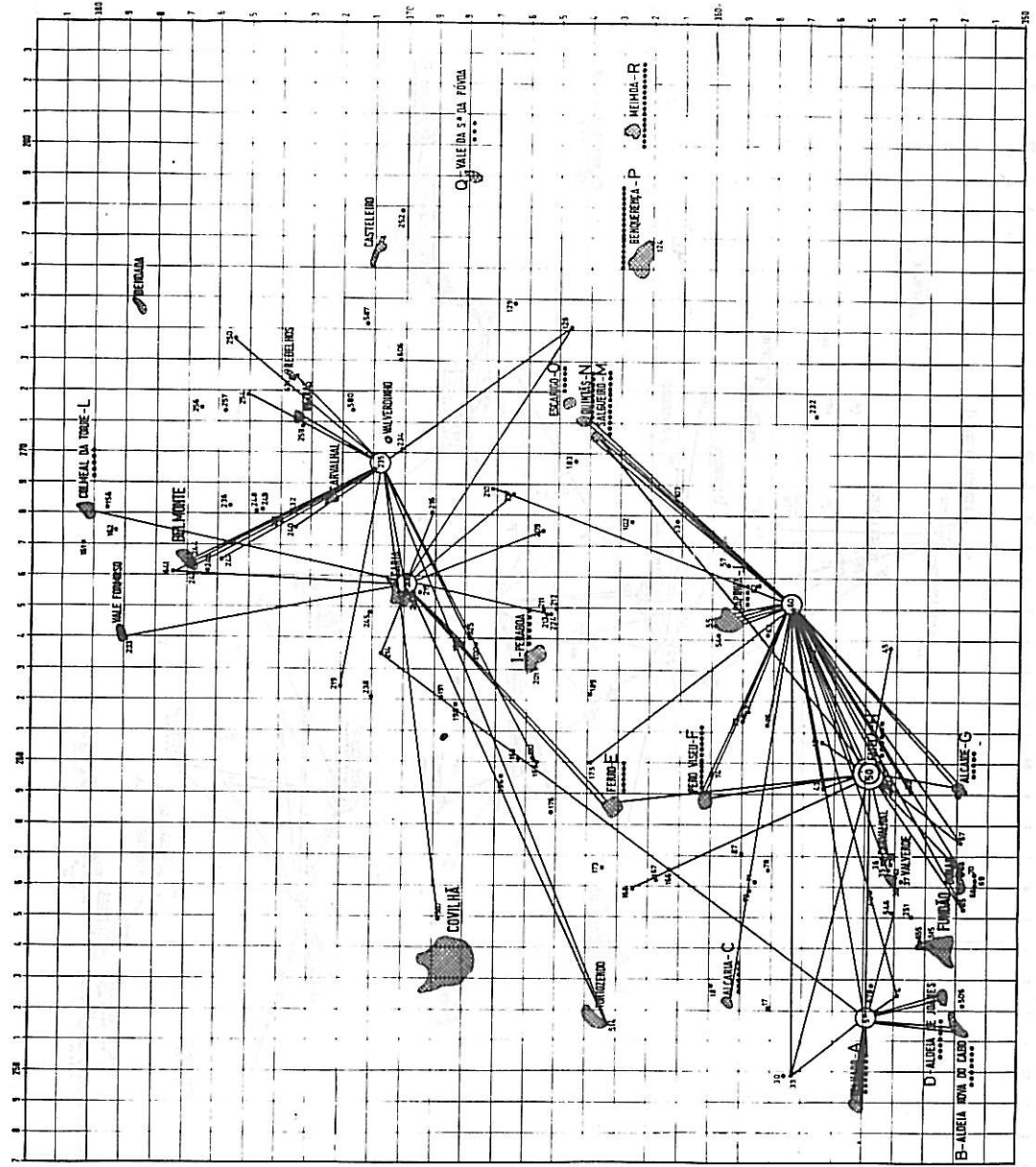


Fig. 6.3 - A AUDIÊNCIA DOS AGRICULTORES MAIS IMPORTANTES NA COVA DA BEIRA

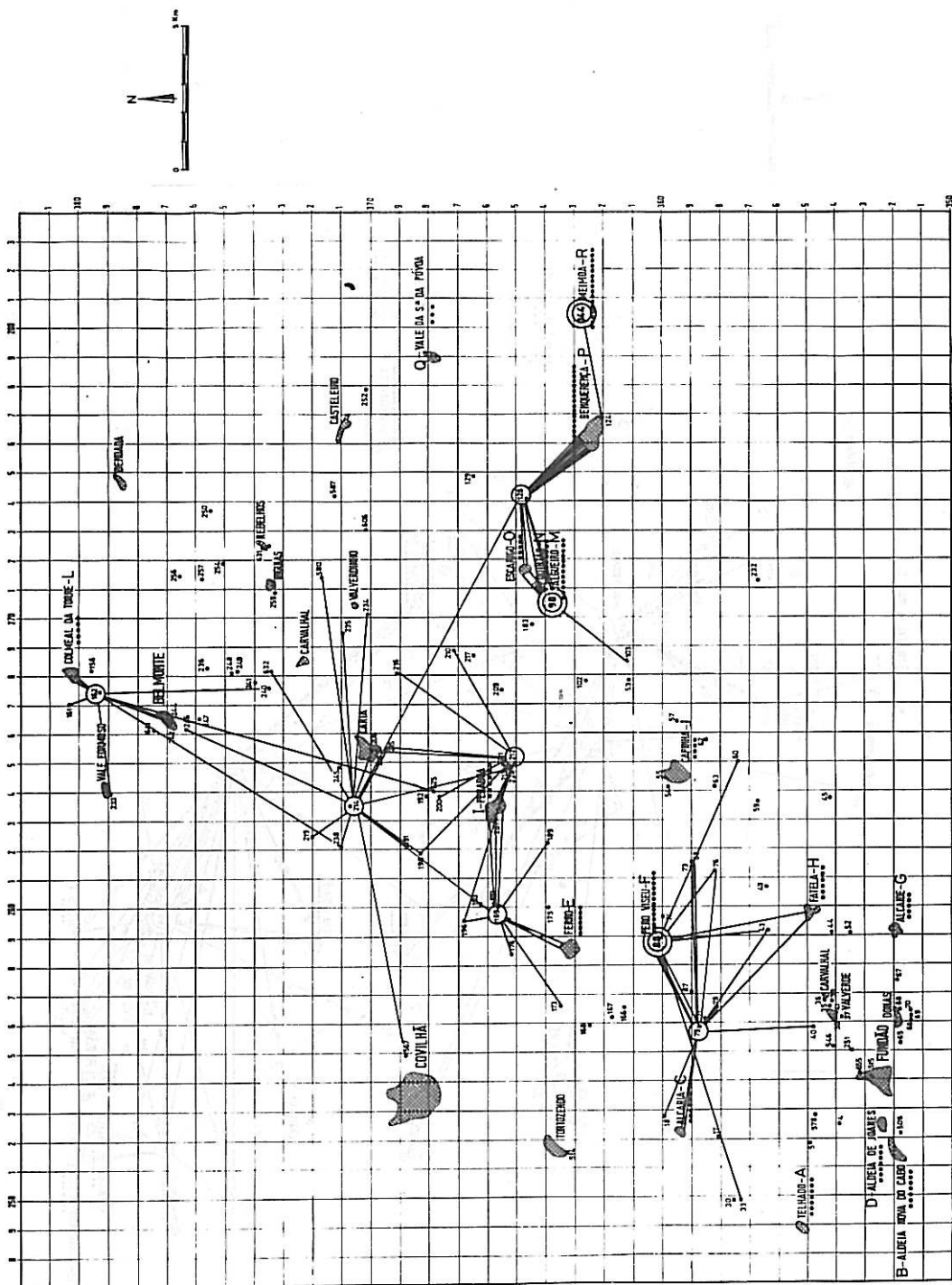


Fig. 64 - A AUDIÊNCIA DOS AG RICULTORES MAIS IMPORTANTES NA COVA DA BEIRA

Por último, é importante destacar o modo como, a diferença que existe entre a organização das audiências de comunicação dos sectores ocidental e oriental, se manifesta na Cova da Beira. Os agricultores do primeiro sector caracterizam-se por maior capacidade emissora, são mais abertos e com maior acessibilidade à recepção de informações, até porque delas necessitam, uma vez que se encontram integrados numa economia de mercado. A conjugação destes factores origina maior interacção entre as pessoas e menos barreiras à circulação da comunicação, o que lhes permite organizar uma área de influência mais vasta.

No sector oriental, o padrão mais generalizado é oposto deste, o que coincide com maior escassez de recursos naturais (pobreza dos solos e carências de água) aí existentes.

#### 6.4. RELAÇÃO ENTRE OS LUGARES

Na sequência directa do estudo da conexão verificada entre os agricultores, surge a relação entre os lugares (fig. 6.5.). Esta análise baseia-se na matriz que contém toda a informação relativa às citações de todos os agricultores. Para a sua elaboração referenciaram-se todos os inquiridos e todos os citados nos respectivos lugares.

Submetendo a matriz assim obtida à análise Q, conseguiram-se os resultados referentes ao complexo simplicial, que destaca a relação existente entre os lugares onde se efectuaram inquéritos, e ao complexo conjugado, que nos mostra a relação entre os lugares onde residem os agricultores considerados inovadores.

O complexo conjugado, representado na fig. 6.6 permite considerar alguns dos pontos mais sensíveis na introdução de inovações no espaço da Cova da Beira. As figuras destacam dum modo evidente os sectores Norte e Sul da área. Neste último assumem maior relevo como centros emissores de informação a Capinha, a que se lhe segue o Fundão, Fatela e Peroviseu. No sector norte, o Teixoso, o Casteleiro e a Covilhã são os principais polos difusores. A articulação entre os dois sectores faz-se entre os lugares de Caria e Covilhã — Tortosendo e Belmonte, pertencentes ao norte, e Capinha, Fatela e Fundão do Sul. Embora com menos nitidez configura-se ainda um terceiro sector, a nascente, que em parte corresponde ao eixo Capinha-Salgueiro-Quintãs-Escarigo-Benquerença-Meimoa-Vale da Senhora da Póvoa

São estes lugares, onde residem os agricultores mais importantes, que servem de modelo para os restantes. Por isso, são estes os pontos nevrálgicos onde seria mais vantajoso investir quando se pretender difundir inovações de índole agrícola no espaço da Cova da Beira.

A partir do complexo simplicial foi possível elaborar as figuras 6.7 e 6.8, onde os vértices dos poliedros, são os lugares onde residem os agricultores inquiridos.

A sua dimensionalidade representa números diferentes de lugares onde os agricultores inquiridos fizeram citações, enquanto a intensidade das suas ligações é equivalente ao número de lugares que foram citados em comum.

Na figura que representa a análise a Q (3) encontram-se os lugares mencionados pelo menos quatro vezes pelos agricultores da mesma aldeia. A estrutura encontra-se ainda desconexa com dois núcleos bem definidos, correspondendo um à área Norte e outro à área Central e Sudoeste da Cova da Beira. A este nível, muitos lugares que apenas



- LEGENDA -

----- limite da área a beneficiar pelo projecto da COVA DA BEIRA

ESCALA :



Fig. 6.5 - LUGARES ONDE SE EFECTUARAM INQUÉRITOS

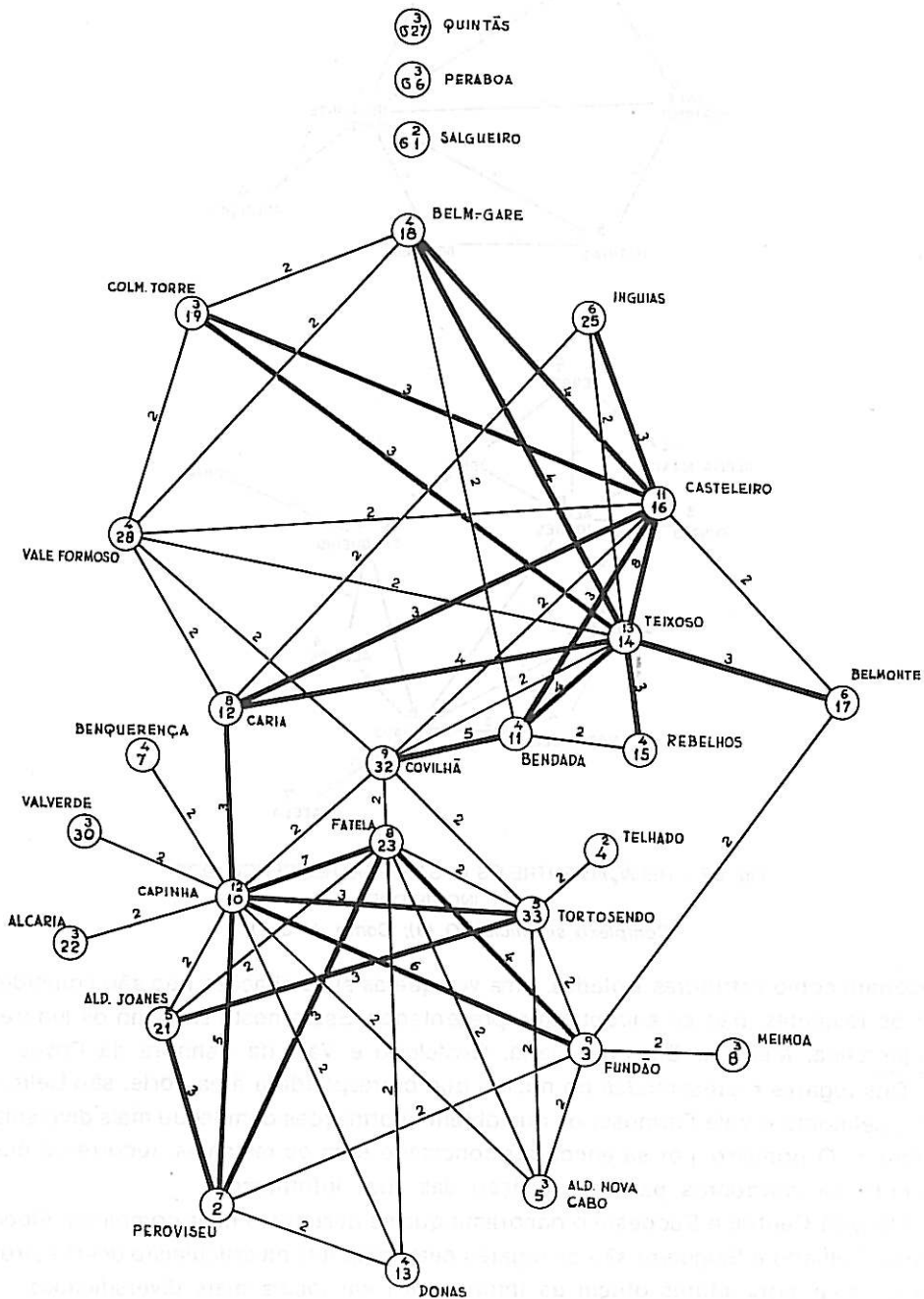


Fig. 6.6 - RELAÇÃO ENTRE OS LUGARES DE RESIDÊNCIA DOS INOVADORES  
 Complexo conjugado; Q (2); Comp. (2).

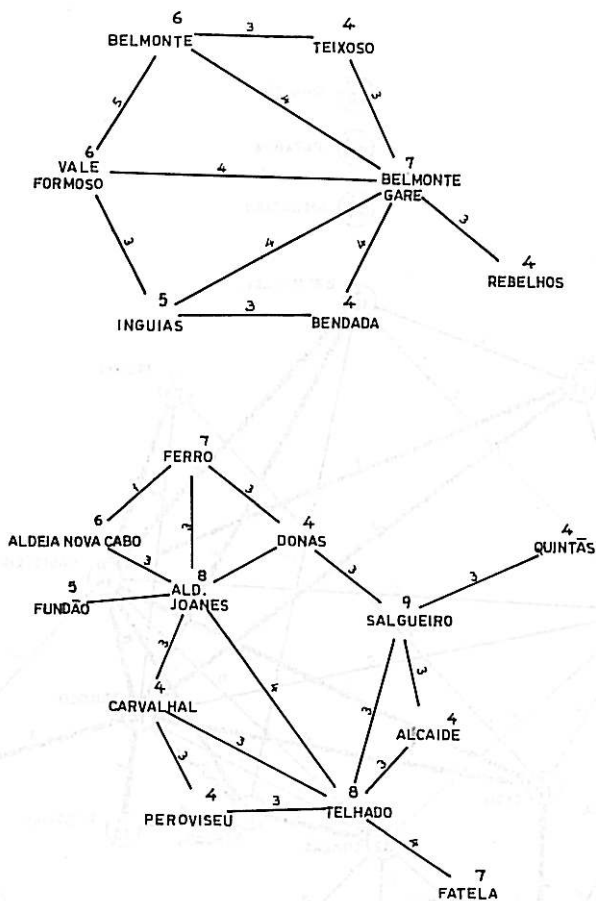


Fig. 6.7 - RELAÇÃO ENTRE OS LUGARES DE RESIDÊNCIA DOS INQUIRIDOS  
Complexo simplicial; Q (3); Comp. (1 e 5).

funcionam como estruturas isoladas, uma vez que as suas citações não são coincidentes com os restantes, não se encontram representados. Estão nesta situação os lugares de Benquerença, Meimoa, Capinha, Caria, Casteleiro e Vale da Senhora da Póvoa.

Dos lugares representados no núcleo que corresponde à área norte, são Belmonte-Gare, Belmonte e Vale Formoso, os que obtêm informações dum leque mais diversificado de fontes. O primeiro, por se encontrar conectado com os restantes, recorre ao mesmo conjunto de inovadores para a aquisição das suas informações.

Na área Central e Sudoeste o panorama que se desenha é mais complexo. Aldeia de Joanes, Telhado e Salgueiro são os lugares determinantes na articulação desta estrutura, pois os seus agricultores obtêm as informações em locais mais diversificados.

A estrutura seguinte (fig. 6.8), executada a um nível mais baixo - Q (2), apresenta, por isso, um número de lugares mais elevado e, logicamente, maior conexão entre eles. Dum modo geral é ainda evidente o princípio anteriormente enunciado, quanto à compartimentação da Cova da Beira e à importância dos lugares dentro dos respectivos sectores,

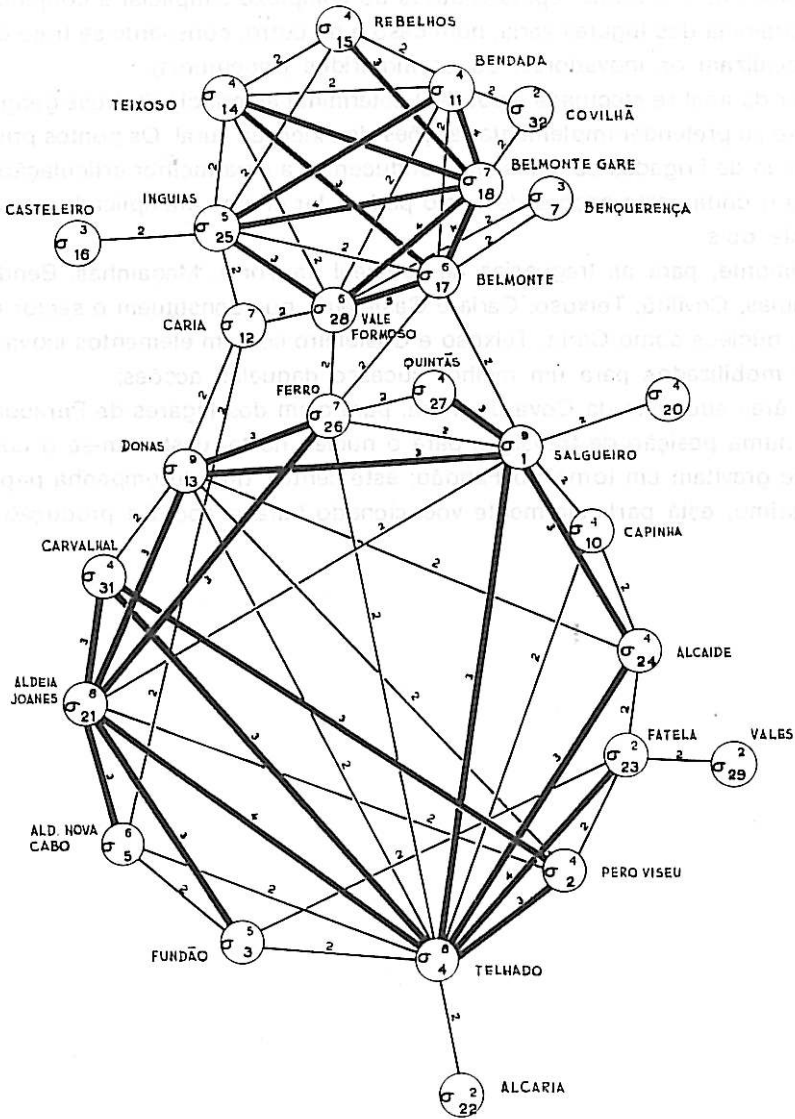


Fig. 6.8 - RELAÇÃO ENTRE OS LUGARES DE RESIDÊNCIA DOS INQUIRIDOS  
 Complexo simplicial; Q (2); Comp. (1).



através da comunicação estabelecida entre os agricultores inquiridos. A ligação entre os sectores é feita neste caso por Donas, Aldeia Nova do Cabo, Ferro e Salgueiro do sector sul e Caria, Vale Formoso e Belmonte do sector Norte.

A análise das estruturas representativas do complexo simplicial e conjugado revela que a importância dos lugares varia, num caso e no outro, consoante se trate de lugares onde se localizam os inovadores, ou os inquiridos (receptores).

A partir da análise efectuada é possível determinar as principais áreas geográficas de actuação, se se pretender implementar acções de extensão rural. Os pontos privilegiados de localização de brigadas de extensão, conducentes a uma melhor articulação de todos os espaços e onde estas acções de apoio podem ter efeitos multiplicadores são fundamentalmente dois:

a) Belmonte, para as freguesias de Colmeal da Torre, Maçainhas, Bendada, Belmonte, Inguias, Covilhã, Teixoso, Caria e Casteleiro, que constituem o sector norte; por outro lado, núcleos como Caria, Teixoso e Casteleiro contém elementos inovadores que devem ser mobilizados para um melhor sucesso daquelas acções;

b) Na área sudoeste da Cova da Beira, para além dos lugares de Peraboa e Ferro, que estão numa posição de transição para o núcleo norte, destacam-se o conjunto de lugares que gravitam em torno do Fundão; este centro, que desempenha papel difusor importantíssimo, está particularmente vocacionado para o apoio à produção frutícola.

## **7. CONCLUSÕES**



1. A implementação do Projecto da Cova da Beira vai provocar alterações em vários domínios: estrutura fundiária, culturas, equipamentos, circuitos de comercialização e de transformação de produtos, obrigando mesmo à criação de novas formas de relacionamento e de associação entre os agricultores. A cooperação entre os agricultores e os serviços públicos terá de ser igualmente melhorada, pelo que vão ser necessárias importantes acções de extensão rural e de outras formas de apoio.

Por tudo isto, a obra a desenvolver nos domínios agrícola e social é de envergadura, o que implica conveniente programação, para melhor rendibilizar os recursos e meios disponíveis.

2. Do ponto de vista demográfico, a dinâmica recente desta área caracterizou-se por uma tendência para o decréscimo, já verificado com grande intensidade na década de 60 e no início da de 70, devido à emigração para a França e a Alemanha. Nos últimos anos deu-se um abrandamento no êxodo rural devido à falta de oportunidades emigratórias.

Na Cova da Beira cerca de 40% da população residente vive do sector agrícola, o que representa uma percentagem superior à nacional ( 25%), mas bastante inferior à média das áreas rurais tradicionais. Esta população agrícola evidencia alguns constrangimentos face à implementação de um processo de desenvolvimento, como sejam o grau de envelhecimento (20% tem mais de 65 anos de idade e apenas 14% menos de 15) e a elevada taxa de analfabetismo nos municípios de Belmonte e Fundão (43.3% dos maiores de 7 anos, em 1960, eram analfabetos); este valor não deve ter sofrido alteração, e considerando apenas a área rural, a taxa, não deve ser inferior a 50%. No que respeita aos chefes de explorações agrícolas, o inquérito de 1968 mostrou que 59.5% eram analfabetos e que 53.1% tinham mais de 55 anos de idade.

A população ainda está muito pouco urbanizada; apenas 5250 (17.3%) vivem nos dois núcleos urbanos, Fundão e Belmonte, o primeiro representando um importante papel subregional, como núcleo de comércio e serviços, particularmente orientado para o apoio à agricultura. Os rurais aglomeram-se em aldeias ou dispersam-se pelas quintas: 67% da população vive em aglomerações com mais de 200 habitantes e 16% isolados.

A estrutura do povoamento relaciona-se em certa medida com a estrutura da posse e uso do solo. Assim, os diferentes estratos de camponeses residem em geral nas aldeias; os grandes senhores, donos das quintas, vivem em geral nas cidades onde por vezes se dedicam a outras actividades; muitos têm terras arrendadas ou entregues a caseiros, feitores ou administradores, mantendo residência nas quintas ou nas aldeias e vilas mais próximas.

São grandes os contrastes sociais, bem marcados pelas diferenças nas explorações. Considerando aqueles dois municípios, verificou-se que em 9297 explorações, apenas 367 (4%) têm mais de 4 ha, mas que estas representam 55% da área agrícola total. A superfície média do conjunto das explorações é de 5 ha. Em média cada exploração é constituída por 3 parcelas, valor que duplica no caso das que têm mais de 20 ha. Temos, assim, grandes diferenças no acesso à terra e uma pulverização tanto na estrutura fundiária como na exploração agrícola.

Considerando apenas a parte que será abrangida pela irrigação, de um total de 5760 explorações, 15.1% são a tempo parcial, 45.4% são de subsistência e apenas 1.6% têm permanentemente trabalhadores assalariados.

A riqueza (relativa) da Cova da Beira fez com que se desse aí uma intensa luta pela posse da terra e um processo normal de acumulação, reflectido nos números expostos acima. Isto relaciona-se por certo com o facto de, desde muito cedo, uma parte significativa da produção se ter orientado para o mercado, cuja procura foi definindo ao longo do tempo os diferentes tipos de uso do solo. Esse mercado evidenciou sempre duas componentes maiores, uma local-regional em que o vizinho centro urbano-industrial da Covilhã tem um papel dominante, e outra nacional, em que sobressai a atracção da aglomeração urbana de Lisboa.

Tradicionalmente os principais produtos do mercado eram, por um lado, os cereais, o azeite e os resultantes do queijo, que destinavam ao mercado nacional, e, por outro lado, o vinho e os produtos frescos, mais dirigidos para o mercado local-regional.

Actualmente na Cova da Beira, em superfície ocupada, ainda dominam as culturas cerealíferas de sequeiro (cerca de 30% da superfície total), que apresentam rotações variadas, com feijão, forragens ou batata. As culturas de regadio ocupam cerca de 20% da superfície, mas metade dessa irrigação é considerada imperfeita ou incompleta, por falta de água, praticando-se apenas no início (milho) ou no fim (batata) do ciclo vegetativo. A vinha ocupa 4%, o olival 8%, os pomares 3% e a horta apenas 1%. Os terrenos incultos apresentam 21% da superfície total e a mata ou floresta 7.5%.

Se considerarmos apenas a superfície que vai ser irrigada, as proporções são um tanto diferentes, embora continuem a dominar os cereais de sequeiro (32.5%); a área irrigada imperfeitamente atinge 20% da superfície e a irrigada em melhores condições 12.5%.

3. A Cova da Beira tem evidenciado, desde longa data, capacidade inovadora, como ficou demonstrado no capítulo quatro.

É a partir dos anos 50 que começam a surgir os primeiros pomares na Cova da Beira, sendo no entanto 1970 o ano de grande incremento daquele tipo de cultivo. É a maçã, a fruta que mais cedo conhece a introdução e expansão (até 1960), enquanto a cereja, pera e pessego só atingem níveis significativos no período 70-75. Em termos espaciais é possível definir na área dois núcleos inovadores: um a sul, constituído pelas freguesias de Fundão e Aldeia Nova do Cabo e outro no sector norte formado pelas freguesias de Caria e de Belmonte.

A aquisição de máquinas agrícolas encontra-se directamente relacionada com a introdução de novas culturas e novas formas de cultivo. As máquinas com maior representação nas explorações inquiridas são o motor de rega e o tractor, sendo 1958 e 1968 respectivamente, os anos em que se regista maior número de aquisições.

O atomizador mecânico e o motocultivador, fortemente correlacionados com a expansão do pomar apresentam os maiores níveis de procura a partir de 1970.

A debulhadora de cereais e a ordenha mecânica são as máquinas com menor representação nas explorações inquiridas, 13.9% e 8.0%, respectivamente, sendo 1970 e 1975 os anos em que a sua procura começa a registar significado. Convém no entanto ressaltar que enquanto a primeira apresenta uma procura equilibrada no tempo, a partir de 1960, a segundo ocorre de uma forma mais concentrada a partir de 1970.

Os padrões espaciais de difusão daquelas máquinas são distintos: para o motor de rega e debulhadora o processo desenvolve-se a partir de dois ou três núcleos periféricos (freguesias de Donas, Alcaide, Bendada no caso do motor de rega e Bendada e Vale da Senhora da Póvoa no da debulhadora), enquanto nas outras máquinas (tractor, atomizador mecânico, motocultivador e ordenha mecânica) se desenrola a partir dum único núcleo, mais ou menos extenso territorialmente. São as freguesias de Casteleiro, Bendada e Vale da Senhora da Póvoa as primeiras no caso do tractor, a freguesia de Bendada no do atomizador mecânico, a de Casteleiro para o motocultivador, as de Bendada e Vale da Senhora da Póvoa para a debulhadora e Casteleiro no caso da ordenha mecânica. De referir o papel importantê deste conjunto de freguesias na remodelação mecânica das explorações agrícolas da Cova da Beira.

A facilidade com que algumas das inovações foram adoptadas na área permite concluir que existe uma grande sensibilização para articular, no tempo, as potencialidades locais com as perspectivas em termos de mercado.

4. A partir da análise efectuada podemos considerar separadamente dois grande grupos etários a que correspondem sensíveis diferenças nas respectivas estruturas empresariais. De um lado, o grupo dos mais novos, mais empreendedores, onde é frequente a ocorrência de alguns grandes rendeiros, com forte capacidade inovadora no domínio das máquinas e da criação de gado, mas que, devido ao facto de não possuírem terra própria, não assumem papel significativo no campo da inovação frutícola; do outro, um grupo etário mais idoso que controla a posse da terra e, por isso, é responsável pela maior parte da inovação no domínio da fruticultura.

Estes resultados sugerem que será importante criar condições que permitam uma melhor utilização do potencial inovador do estrato mais jovem, pois é neste grupo que se encontram muitos dos elementos fundamentais para o desenvolvimento do plano de irrigação.

5. As estruturas produtivas das explorações definidas a partir da criação de gado e do pomar apresentam semelhanças, não variando muito com a dimensão das mesmas. Todavia, verificou-se que as explorações de maior dimensão evidenciam tendência para

uma certa especialização, encontrando-se as suas produções orientadas para o pomar ou para a criação de gado. Entretanto, a principal diferenciação decorre, como já dissemos, da estrutura de posse da terra.

6. O inquérito efectuado aos chefes de exploração que já demonstraram alguma capacidade de inovação, revelou a existência de linhas bem marcadas, daquilo a que podemos chamar os circuitos pessoais de comunicação de informação agrícola. Estes circuitos, que constituem os canais localmente mais determinantes na introdução e difusão de inovações agrícolas, podem ser vistos segundo duas perspectivas: a nível individual, entre os agricultores, ou entre os diferentes lugares onde estes residem. Em ambos os casos existe uma relação simultânea, quer de emissores, quer de receptores de informação, que permitiu referenciar os agricultores que são determinantes no processo de circulação de informação.

Salientou-se a inexistência de agricultores que polarizem em termos de opinião toda a área da Cova da Beira. Verificou-se a existência de dois compartimentos bem definidos entre os agricultores: um situado a sul e outro a norte. Com menos nitidez detecta-se ainda um conjunto a nascente. No primeiro, assume maior relevo como centro emissor de informação o núcleo da Capinha, seguindo-se-lhe os do Fundão, Fatela e Peroviseu. No segundo, as localidades de Teixoso, Casteleiro e da Covilhã são os centros com maior potencial difusor. A articulação entre estes dois compartimentos faz-se através dos seguintes contactos privilegiados: Caria-Capinha-Fatela-Fundão-Peroviseu; Covilhã-Capinha, Covilhã-Fatela e Belmonte-Fundão. Estes lugares que servem de modelo para os restantes constituem pontos-chave para qualquer processo de difusão de inovações agrícolas.

Aqueles três sectores poderão corresponder a áreas de actuação para acções de extensão rural. Os pontos fundamentais de localização das brigadas de extensão rural que sugerimos são Belmonte para o sector norte e oriental, e Fundão, para o restante território.

**ANEXO**





Data: / / . Localização:

Freguesia:

Nº

1. Nome do inquirido:

Agregado Familiar - Composição -	Idade	Habilitações Literárias	Profissão Principal	Obs: - outras ocupações Nº empregados permanentes

2. A: O Chefe de família residiu sempre aqui?  S  N Onde? \_\_\_\_\_ Lugar \_\_\_\_\_ Tempo \_\_\_\_\_

2. B: Que cidades já visitou? \_\_\_\_\_

3. Caracterização da empresa agro-pecuária

	Nº de parcelas	Nº de ha		Ovinos	Caprinos	Suínos	Bovinos	Asininos	Cortiços	Anim. Ca-poeira	Coelhos
Terra Própria			Nº de Cabeças								
Terra alugada			Hã 5 anos tinha+ou-								

4. Máquinas	Atomizador	Motocultivador	Tractor	Motor de rega	Debulhadora de cereais	Máquina de ordenha
Potência ou capacidade						
Combustível						
Quando comprou						
Onde comprou						
Tipo culturas						
Tipo de uso						
Acessórios: Onde comprou						
Alfaias ant. utilizadas						
Observ.:						



7. Rega

Número de parcelas regadias?

Área regada?

Donde vem a água? Próprio  Público  Vizinho   
 Represa  Poço  Rio  Levada

Gravidade

Sistema de condução da água: Elevação   
 Elevação e gravidade

Como eleva a água .....

Quando iniciou este tipo de rega .....

Usa tubo de polivinilo?  S  N Desde quando? .....

Onde viu pela primeira vez o seu uso? .....

Quais as culturas irrigadas? .....

Qual o melhor sistema de rega .....

Há carência de água  S  N .....

Conhece a rega por aspersão  S  N E gota a gota  S  N

Obs.: .....

.....

.....

8. Vende azeitona para conserva?  S  N Desde quando .....

Porque começou .....

Para quem vende: Fabricante  Outros

Localização: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

9. Cultiva milho híbrido?

Desde quando? \_\_\_\_\_ Porque cultiva? .....

Porque nunca cultivou? .....

Porque desistiu de cultivar? .....

11. Indique cinco pessoas da região cuja opinião tem mais em conta em assuntos de agricultura:

	NOME	MORADA	PROFISSÃO
1 <sup>a</sup>			
2 <sup>a</sup>			
3 <sup>a</sup>			
4 <sup>a</sup>			
5 <sup>a</sup>			

Date	Description	Amount	Total

## AGRICULTORES INQUIRIDOS

<i>FREGUESIA</i>	<i>NÚMEROS DE ORDEM</i>
Aldeia de Joanes .....	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 507
Aldeia Nova do Cabo .....	10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 518, 519, 521, 528
Alcaria .....	17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24,
Telhado .....	25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34
Valverde .....	35, 36, 37, 38, 39, 40, 41
Fatela .....	42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52.
Capinha .....	53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64
Donas .....	65, 66, 67, 68, 69, 70
Peroviseu .....	71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90
Salgueiro .....	91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 183, 232
Escarigo .....	115, 116, 117, 118, 119
Benquerença .....	120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138
Meimoa .....	139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Colmeal da Torre .....	155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162
Ferro .....	163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176
Alcaide .....	177, 178, 179, 180, 181
Vale da Senhora da Póvoa ..	184, 185, 186, 187
Peraboa .....	189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202
Caria .....	208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 224, 245
Belmonte .....	236, 240, 241, 242, 244, 246, 247, 248, 249, 526, 641
Inguias .....	234, 237, 254, 256, 257, 258, 259, 632
Fundão .....	251, 260, 261, 262, 263, 264, 500, 506, 515, 546, 578, 655, 692
Bendada .....	250, 255, 580, 631
Casteleiro .....	235, 252, 587, 606
Vale Formoso .....	233, 525
Covilhã .....	513, 567, 569
Tortosendo .....	514
Teixoso .....	219, 228, 238, 266, 568

## ÍNDICE DE ASSUNTOS

0. NOTA DE APRESENTAÇÃO .....	5
1. INTRODUÇÃO .....	9
2. A COVA DA BEIRA: CARACTERIZAÇÃO GERAL .....	17
2.1. População e Povoamento .....	19
2.1.1. Evolução da População .....	19
2.1.2. Povoamento .....	23
2.1.3. Repartição da População Activa por Sectores .....	25
2.2. A Estrutura Agrária .....	26
2.2.1. O Conjunto dos Concelhos de Belmonte, Covilhã, Fundão, Penamacor e Sabugal .....	26
2.2.1.1. A Dimensão das Explorações Agrícolas .....	26
2.2.1.2. Os Dirigentes das Explorações .....	28
2.2.1.3. Formas de Exploração da Terra .....	30
2.2.1.4. A Economia das Explorações .....	32
2.2.1.5. Destino da Produção .....	38
2.2.2. A Cova da Beira .....	40
3. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA .....	75
4. DIFUSÃO DE INOVAÇÕES .....	91
4.0. Introdução .....	93
4.1. Árvores de Fruto .....	95
4.2. Máquinas .....	103



5. ESTRUTURA EMPRESARIAL E PRODUTIVA .....	115
5.0. Introdução .....	117
5.1. O Pano de Fundo .....	119
5.1.1. A Estrutura Básica .....	121
5.1.2. A Estrutura dos Meios Mecânicos de Produção .....	124
5.1.3. Relação entre as Empresas Agrícolas através do Pano de Fundo .....	128
5.2. O Tráfego .....	131
5.2.1. A Estrutura da Produção .....	132
5.2.2. Relação entre as Empresas Agrícolas através do Tráfego .....	134
5.3. Análise Conjunta do Pano de Fundo e do Tráfego .....	137
6. A CIRCULAÇÃO DA INFORMAÇÃO E A ESTRUTURA DA COMUNICAÇÃO .....	143
6.0. Introdução .....	145
6.1. Relação entre os Inquiridos .....	146
6.2. Relação entre os Inovadores .....	149
6.3. Comunicação entre os Agricultores .....	151
6.4. Relação entre os Lugares .....	155
7. CONCLUSÕES .....	161
8. ANEXO .....	167

## ÍNDICE DAS FIGURAS

1.1	Localização da Cova da Beira .....	11
1.2	Os concelhos e as Freguesias a Beneficiar pelo Projecto de Regadio .....	13
1.3	Área a Beneficiar .....	14
2.1	Evolução da População entre 1864 e 1981 .....	19
2.2	Evolução da População nas Freguesias da Cova da Beira .....	22
2.3	Distribuição da População por Lugares com mais de 250 Habitantes ..	24
2.4	Repartição da População Activa por Sectores de Actividade .....	25
2.5	Estrutura Etária dos Dirigentes das Explorações Agrícolas .....	28
2.6	Habilitações Literárias dos Dirigentes das Explorações Agrícolas .....	29
2.7	Formas de Exploração da Terra .....	30
2.8	Formas de Exploração da Terra .....	31
2.9	Relação entre a Superfície Agrícola e a Superfície Total dos Concelhos .....	32
2.10	Superfície das Explorações Agrícolas Segundo a Utilização da Terra .....	33
2.11	Superfície Regada das Explorações .....	35
2.12	Evolução dos Efectivos Pecuários Segundo as Espécies .....	36
2.13	Formas de Exploração da Terra nas Freguesias da Cova da Beira .....	42
2.14	Número Médio de Prédios por Exploração nas Freguesias da Cova da Beira .....	42
2.15	Tipos de Exploração da Terra nas Freguesias da Cova da Beira .....	44
3.1	Localização dos Inquéritos Efectuados .....	78
3.2	Estrutura Etária dos Agricultores Inquiridos .....	79
4.1	Introdução do Pomar de Maçã .....	96
4.2	Curva Cumulativa da Adesão ao Pomar de Maçã .....	97

4.3	Difusão do Pomar de Maçã .....	98
4.4	Introdução do Pomar de Cereja .....	98
4.5	Difusão do Pomar de Cereja .....	99
4.6	Introdução do Pomar de Pessego .....	100
4.7	Difusão do Pomar de Pessego .....	100
4.8	Introdução do Pomar de Pera .....	101
4.9	Difusão do Pomar de Pera .....	101
4.10	Adesão dos Agricultores à Cooperativa de Fruticultores da Cova da Beira .....	102
4.11	Número Médio de Hectares por Agricultor Aderente .....	103
4.12	Introdução do Motor de Rega .....	104
4.13	Introdução do Tractor .....	104
4.14	Introdução do Atomizador .....	105
4.15	Introdução do Motocultivador .....	106
4.16	Introdução da Ordenha Mecânica .....	106
4.17	Introdução da Debulhadora .....	106
4.18	Curva Cumulativa da Adesão ao Motor de Rega .....	107
4.19	Curva Cumulativa da Adesão ao Tractor .....	108
4.20	Tractores Adquiridos em Unidades Comerciais do Fundão .....	109
4.21	Difusão do Motor de Rega .....	110
4.22	Difusão do Tractor .....	110
4.23	Difusão do Atomizador .....	111
4.24	Difusão do Motocultivador .....	112
4.25	Difusão da Ordenha Mecânica .....	112
4.26	Difusão da Debulhadora .....	113
5.1	Relação entre os Elementos Principais do Pano de Fundo .....	122
5.2	Ligações Essenciais Definidas pelos Agricultores Mais Novos .....	122
5.3	Relação entre os Elementos Principais do Pano de Fundo .....	125
5.4	Ligações Essenciais Definidas pelos Agricultores Mais Velhos .....	125
5.5	Relação entre o Equipamento Mecânico .....	126
5.6	Relação entre o Equipamento Mecânico .....	126
5.7	Relação entre os Agricultores Mais Novos .....	129
5.8	Relação entre os Agricultores Mais Velhos .....	129
5.9	Relação entre a Produção Animal e Frutícola .....	131
5.10	Relação entre a Produção Animal e Frutícola .....	133
5.11	Relação entre a Produção Animal e Frutícola .....	133
5.12	Relação entre os Agricultores .....	135
5.12a	Relação entre os Agricultores .....	135
5.13	Relação entre o Equipamento Mecânico e a Produção Animal e Frutícola .....	138
5.14	Relação entre o Equipamento Mecânico e a Produção Animal e Frutícola .....	138



## ÍNDICE DOS QUADROS

2.1 Evolução da População Residente .....	49
2.2 Evolução da População Residente .....	49
2.3 Evolução da População Residente nas Freguesias .....	50
2.4 Distribuição da População pelos Lugares .....	51
2.5 Distribuição da População por Classes de Lugares nos Concelhos e Distritos .....	52
2.6 Repartição da População Activa por Sectores de Actividade .....	53
2.7 Repartição da População Activa por Sectores de Actividade .....	53
2.8 Número de Explorações e Blocos; Superfície das Explorações, Número Médio de Blocos por Exploração, Superfície Média das Explorações e dos Blocos .....	54
2.9 Número de Explorações e Blocos; Superfície das Explorações, Número Médio de Blocos por Exploração, Superfície Média das Explorações e dos Blocos .....	54
2.10 Estrutura Etária do Pessoal Dirigente das Explorações Agrícolas .....	55
2.11 Estrutura Etária do Pessoal Dirigente das Explorações Agrícolas .....	55
2.12 Habilitações Literárias do Pessoal Dirigente das Explorações Agrícolas	56
2.13 Habilitações Literárias do Pessoal Dirigente das Explorações Agrícolas	57
2.14 Formas de Exploração da Terra .....	57
2.15 Formas de Exploração da Terra .....	58
2.16 Explorações e Superfícies Segundo a Utilização da Terra .....	59
2.17 Explorações e Superfícies Segundo a Utilização da Terra .....	60
2.18 Ocupação das Terras Aráveis .....	61
2.19 Ocupação das Terras Aráveis .....	62
2.20 Culturas Permanentes .....	63
2.21 Culturas Permanentes .....	64
2.22 Equipamento Mecânico .....	65

2.23 Equipamento Mecânico .....	66
2.24 Explorações Agrícolas com Regadio .....	67
2.25 Explorações Agrícolas com Regadio .....	68
2.26 Efectivos Pecuários .....	68
2.27 Efectivos Pecuários .....	68
2.28 Explorações e Superfícies Segundo o Destino da Produção .....	69
2.29 Explorações e Superfícies Segundo o Destino da Produção .....	69
2.30 Quantidade de Uvas Transformadas nas Adeegas Cooperativas do Fundão e da Covilhã .....	39
2.31 Superfície dos Concelhos e das Freguesias Abrangidas pelo Plano de Rega da Cova da Beira .....	70
2.32 Superfície a Beneficiar pelo Plano de Rega da Cova da Beira .....	41
2.33 Formas de Exploração da Terra .....	71
2.34 Formas de Exploração da Terra nos Sublocos .....	43
2.35 Tipos de Exploração da Terra nas Freguesias da Cova da Beira .....	71
2.36 Aproveitamento Actual da Área do Projecto .....	72
2.37 Comparação entre o Aproveitamento Actual da Área do Projecto e os Resultados do Inquérito às Explorações Agrícolas .....	72
2.38 Efectivos Pecuários .....	73
3.1 Número de Pessoas Abrangidas pelo Inquérito .....	85
3.2 Idade do Dirigente da Exploração .....	85
3.3 Profissão Principal do Dirigente da Exploração .....	85
3.4 Habilitações Literárias do Dirigente da Exploração .....	85
3.5 Residência do Dirigente da Exploração .....	86
3.6 Cidades Visitadas .....	86
3.7 Caracterização das Explorações Agrícolas Inquiridas .....	87
3.8 Equipamento Mecânico; Superfície Média por Máquina .....	88
3.9 Efectivos Pecuários .....	89
3.10 Dimensão dos Pomares de Fruta .....	89
5.1 As Variáveis do Pano de Fundo .....	119
5.2 Ocorrência dos Principais Elementos do Pano de Fundo entre os Agricultores Inquiridos .....	120
5.3 Ligações Essenciais a 100% Definidas pelos Agricultores Mais Novos .....	123
5.4 Ligações Essenciais a 100% Definidas pelos Agricultores Mais Velhos .....	124
5.5 Estrutura Total (Tráfego + Pano de Fundo) — Corte 50% .....	140



Composto e impresso  
na Secção de OFFSET da  
Comissão de Coordenação  
da Região Centro  
Setembro 1983  
Tiragem: 1000 exemplares